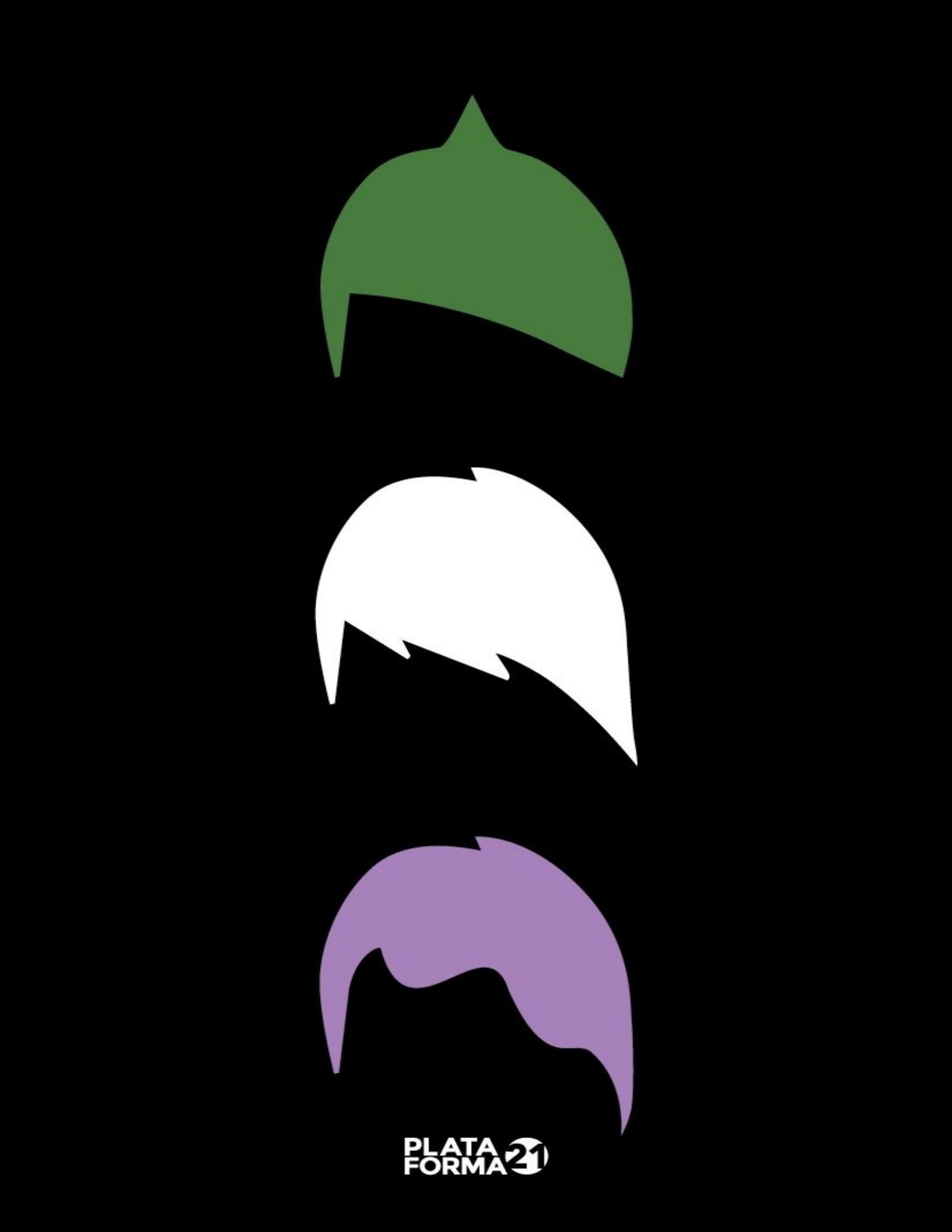

PLATA
FORMA
21

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Todos, nenhum: simplesmente humano

JEFF GARVIN



TODOS, NENHUM SIMPLESMENTE HUMANO

Tradução Guilherme Miranda

PLATAFORMA 21

TÍTULO ORIGINAL *Symptoms of being human*
© 2016 by Jeff Garvin. Publicado mediante acordo com o autor,
representado por BAROR INTERNATIONAL, INC., Armonk, Nova York, EUA.
© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

Star Books Digital

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago

EDITORA-ASSISTENTE Thaíse Costa Macêdo

REVISÃO Flávia Yacubian e Vanessa Gonçalves

DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt

PROJETO GRÁFICO Juliana Pellegrini

CAPA Ana Solt

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Garvin, Jeff

Todos, nenhum : simplesmente humano [livro eletrônico] / Jeff Garvin ; traduzido por Guilherme Miranda. – 1. ed. – São Paulo : Plataforma21, 2017. 2 MB; Epub

Título original: Symptoms of being human

ISBN 978-85-92783-10-5

1. Ficção norte-americana 2. Identidade (Filosofia) - Ficção juvenil 3. Identidade de gênero - Ficção juvenil 4. Papel sexual - Ficção juvenil II. Título.

16-00059 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Todos os direitos desta edição reservados à
VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.
Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana
CEP 04020-041 | São Paulo | SP
Tel.| Fax: (+55 11) 4612-2866
vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

Aos meus pais, que disseram que eu poderia ser tudo que eu quisesse quando crescesse.
Desculpa deixar vocês esperando.

NOVO POST: UM OU OUTRO

10 de outubro, 6h55

A primeira coisa que você vai querer saber sobre mim é: sou menino ou menina?

Paro de digitar e olho para o cursor, que pisca para mim sem parar, ironizando minha incapacidade de escrever um post idiota.

– Riley! – É minha mãe, me chamando com sua voz melódica. – Se ainda quiser chegar cedo, precisa descer pra tomar café!

Olho para o relógio. Na verdade, nem estou demoran-do *tanto* assim – mas quero fazer o reconhecimento do terreno enquanto a escola ainda estiver quase vazia.

– Já vou! – respondo, então clico em *delete*, fecho meu laptop e saio da cama.

Pelo menos, posso dizer à dra. Ann que tentei.

Paro na frente do espelho e observo. Não sei se esse visual vai me ajudar a ser invisível na escola nova, mas definitivamente exala um ar punk existencial, tipo "me importo muito, mas não tô nem aí", que é *tão* eu. Como toque final, abaixo a franja para esconder o máximo possível do meu rosto. Espero que funcione.

Quando chego na cozinha, minha mãe abre um grande sorriso.

– Primeiro dia! – exclama.

Abro um sorriso amarelo em resposta e, então, pego uma caixa de cereal do armário e sento à mesa na frente do meu pai.

– Já se preparou para conquistar Park Hills High? – ele pergunta. Então, tira os olhos do tablet e olha para mim. Seu sorriso diminui quando vê minha roupa.

Estou usando uma calça jeans e a antiga camiseta dos Ramones dele, que customizei para caber no meu corpo mais magro. Coturnos pretos – de couro sintético, ne-nhuma vaca foi ferida na fabricação das minhas botas – completam o conjunto. Estou feliz de não precisar mais usar uniforme – lembro como era sufocante ter que me prender à mesma identidade dia após dia, independentemente de como me sentia por dentro.

Mas a verdade é que não importa como me sinto – porque, seja lá com que roupa eu vá hoje, as pessoas vão esperar que eu esteja igual amanhã. Isso inclui meus pais.

Então minha única escolha é optar pelo neutro.

– Essa é a minha camiseta dos Ramones? – meu pai pergunta.

– Foi, num passado distante – respondo.

Ele limpa a garganta.

– Riley, tem certeza de que é assim que você quer se apresentar no seu primeiro dia?

Abro a boca, mas fecho sem dizer nada. Meu pai aponta para mim com a colher.

– A primeira impressão é a que fica.

Minha vontade é de gritar: *Até parece que eu não sei!* Em vez disso, respondo:

– Acho que estou limitando o risco das minhas apostas. Quero ver como os alunos se vestem na escola pública. Não quero exagerar e acabar parecendo idiota. – Meu pai parece considerar, depois concorda com a cabeça. Ao apelar para seu senso de estratégia, evito a Inquisição.

Por enquanto.

Dez minutos depois, nós três entramos na minivan da minha mãe. Aceitei deixar que meus pais me acompanhassem no primeiro dia, mas apenas sob a condição de que *não* fôssemos com o Lincoln preto de jeito nenhum. Não quero que ninguém veja a placa do governo no carro do meu pai e ligue os pontos entre Riley Cavanaugh e o *deputado* Cavanaugh. Pode ser paranoia, mas esse tipo de notoriedade é a última coisa de que preciso além de… enfim, além de todo o resto.

Saímos do condomínio fechado e entramos na Imperial Highway. Quanto mais perto da escola, mais frio sinto no estômago; não sei o que esperar. Na Coração Imaculado, era impossível que alguém como eu passasse despercebido; aquela escola era pequena e conservadora demais. Talvez as pessoas aqui tenham a mente mais aberta. Ou, quem sabe, talvez ninguém me note.

Finalmente, chegamos ao topo do Lions Ridge e dá para ver a Park Hills High School. É um monstro enorme de concreto em forma de U, cercado por portões de ferro fundido encrustados com dez anos de tinta verde acumulada.

– Ei – digo. – Pode parar e me deixar aqui mesmo.

– É uma ladeira íngreme, bebê – minha mãe comenta. – Vamos deixar você na entrada.

– Mãe, a gente já conversou sobre esse lance de "bebê".

– Certo – ela diz. – Desculpa.

– Na boa, gente, só quero ir andando.

– Então você quer fazer uma entrada triunfal – meu pai diz, com um leve sorriso orgulhoso.

Fico observando. Não teria como ele me entender de forma mais errada. Mas, se acreditar nisso vai impedir que transforme minha chegada num escândalo, prefiro fingir.

– Pois é. Acho que sim.

Minha mãe olha para mim pelo retrovisor, com olhos desconfiados, e tenho a impressão de que enxerga além da mentira. Ela começa a dizer algo, depois parece mudar de ideia e apenas morde os lábios. Meu pai para o carro no meio-fio e se vira para me encarar.

– Você é inteligente e sabe se virar, Riley. Não tenha vergonha de se mostrar e vai ser um diferencial nessa escola.

Mas não quero ser um "diferencial". Quero ser invisível.

Enquanto eles se afastam, minha mãe me dá um tchauzinho irônico de miss universo e meu pai faz chifres com a mão. Reviro os olhos, espero impacientemente a van virar a esquina e então observo ao redor para me orientar.

Estou a uns cinquenta metros da entrada da escola, onde alguns grupos de estudantes começam a se formar. Solto um longo suspiro e me ponho a andar na direção dos portões.

Uma SUV verde para na entrada. Desce uma menina loira de saia curta. Enquanto se aproxima de suas amigas, ela passa por um círculo de garotos que jogam uma bola de basquete de um para o outro. Um deles assobia para a menina e ela mostra o dedo do meio.

Então, é a minha vez de caminhar ao lado deles. Meu coração acelera enquanto me aproximo; fico de cabeça baixa e tento passar sem que me notem, perto do muro de concreto. Para o meu alívio, ninguém fala nada. Desviei da primeira bala.

Agora faltam apenas alguns metros para chegar aos portões grandes de ferro. Só preciso passar pelo grupo de garotas e estarei no pátio, onde posso desaparecer na multidão.

Mas, enquanto me aproximo, duas das meninas erguem os olhos e me notam. Desvio o olhar, porém sinto seus olhos examinando, categorizando. Enfrentei isso a minha vida toda, não devia me deixar abalar – mas hoje isso me atinge. Minha pele se enche de calafrios, coloco os braços em volta do corpo e ando mais rápido.

– Ai, meu Deus – uma das meninas fala, e viro a cabeça involuntariamente para olhar. Ela tem um longo cabelo escuro, um nariz pequeno e perfeitinho. – Puta merda, gente. – Ela baixa a cabeça e, num sussurro forçado, mas ainda audível, ela pergunta:

– É menina ou menino?

Risadas se espalham pelo grupo. Meu rosto fica quente, ando mais rápido, tentando escapar dos cochichos.

– Não – fala outra menina. – Deve ser…

– Sim, mas olha só o que aquilo está vestindo.

Aquilo. Ela me chamou de *aquilo*.



A primeira porta que encontro é a de um banheiro; entro correndo e me tranco numa cabine. Encosto na porta fria de metal por um momento, encarando um pedaço do reboco descolorido na parede de azulejos.

Aquilo.

Já me chamaram de coisa pior – muito pior –, mas não sei por que esse comentário magoa mais. Não faz nem cinco minutos que estou aqui e a tortura já começou. Até me esforcei para me vestir da maneira mais neutra que conseguia aguen-tar – mas não importa. Minha *diferença* é impossível de esconder. Sinto um calor familiar entre os olhos e o começo de um tremor no lábio inferior, mas o mordo para conter. Não posso desistir logo de cara. Não posso deixar um momento ruim estragar minha chance de recomeço. Fecho os olhos e respiro fundo três vezes. Devagar, meu coração volta a bater normalmente.

Tiro da mochila meu calendário e dou uma olhada no mapa do verso: minha primeira aula (Inglês Avançado/Sala 207) é no outro prédio. A aula começa em quinze minutos. Para evitar a correria, melhor eu sair agora.

O pátio da escola tem mais ou menos um quilômetro e meio de ponta a ponta e parece o de uma cadeia de filme antigo. Por um instante, alimento a fantasia escapista de que levo um chute na canela por trás e sangro até a morte antes do primeiro sinal tocar para não ter que enfrentar o restante do dia. Não tenho essa sorte – atravesso o pátio sem qualquer incidente, abro as portas da ala de Língua e Literatura e começo a descer o corredor. Paro diante da sala 207 e espio pela janela, uma daquelas altas e estreitas com malha de arame entre as vidraças. Não vejo ninguém, então abro a porta e entro.

As carteiras vazias estão dispostas em fileiras e paro um segundo para considerar minhas opções. As da frente não são boas, porque fico à mostra para todos que entrarem – e, depois da manhã que tive, prefiro evitar ser o centro das atenções. Mas as de trás também estão fora de cogitação, já que os professores adoram fazer perguntas para os alunos do fundão.

Escolho uma carteira no centro, deixo minha bolsa do lado e sento na cadeira. É nova; quase não tem nenhum rabisco, só a palavra "pênis" num canto. Chego a considerar escrever "vagina" no lado oposto, só para dar uma equilibrada.

Então, a porta se abre e um cara enorme entra na sala. Tem pelo menos um metro e oitenta de altura, acho que mais de cento e trinta quilos, e está usando uma camiseta preta com a estampa do Darth Vader segurando uma casquinha de sorvete. Seu cabelo preto bagunçado está amassado sob um fone de ouvido vermelho, e ele parece estar tocando um solo de guitarra imaginária enquanto atravessa as fileiras, com os olhos fechados e o rosto se contorcendo em um acesso de raiva ou de êxtase – difícil saber. Ele fica na ponta dos pés, gira um braço para tocar uma nota triunfal na guitarra imaginária, depois se joga de joelhos no chão e ergue os braços como se agradecesse os aplausos do público de um estádio.

Depois de um longo momento recuperando o fôlego, ele se levanta, senta atrás da carteira ao meu lado e começa a examinar sua mochila destruída. Limpo a garganta para chamar sua atenção, mas ele não se altera; não deve conseguir me ouvir com o fone de ouvido.

Finalmente, ele vira a cabeça para estalar o pescoço. Abre os olhos, me vê – tem um sobressalto e derruba a mochila. As coisas dele se esparramam no corredor entre nós: livros, papéis, um estojo do Yoda e uma avalanche de balinhas cor-de-rosa.

Em silêncio, ficamos nos encarando de olhos arregalados por um longo momento. E então ele fala com uma voz quarenta decibéis mais alta que o necessário:

– Pelo bolinho de Jesus! Você quase me matou de susto!

Faço um sinal para ele tirar o fone de ouvido.

– Ah, sim – ele diz alto demais. Quando os tira da cabeça, seu cabelo se espeta, como se tivesse sido eletrocutado. Ele se levanta e pega a mochila, enquanto tento ajudá-lo a recolher as coisas do chão.

Os doces são dezenas de balinhas de morango. Quando pego a última, coloco a pilha em sua carteira e encontro seu olhar penetrante. Seus olhos são grandes e

castanhos, e ele me encara por um longo tempo, sem dizer nada. Parte de mim quer dar as costas, tirar um livro da mochila e enfiar a cara dentro – mas há algo na presença desse menino, uma meiguice meio pateta, que me faz arriscar.

Hesitante, quebro o silêncio:

– Meu nome é Riley.

Ele pisca.

– Solo.

Ergo as sobrancelhas.

– É como todo mundo me chama. Vem de Jason Solomona.

Solo pega uma das balas da mesa, desembrulha habilidosamente e a enfia na boca. Depois de algumas boas mastigadas, pergunta de boca cheia:

– Quer uma? – Eu não quero, mas tenho a impressão de que dizer não seria como recusar uma oferta de paz de um diplomata estrangeiro.

– Aceito sim, valeu – respondo e pego uma. É doce demais e na mesma hora gruda em um dos meus dentes de trás como cimento. Solo me encara por um longo tempo, com as sobrancelhas franzidas.

Ele começa a falar, então hesita. Meu coração se aperta; lá vamos nós. Vai de uma vez. Vamos acabar logo com isso.

Finalmente, parece tomar uma decisão e diz:

– Você não era dessa escola.

– Não – concordo, sentindo alívio.

– De onde você veio? Espere – ele se interrompe –, não me diga. – Ele olha para minha camiseta, depois se debruça com as pernas no corredor para olhar algo no chão. Meus sapatos? Ele se empertiga. – Centro-Oeste – arrisca.

Sem entender direito, mas achando graça, viro a cabeça para o lado.

– Por que Centro-Oeste?

Ele aponta para minhas botas Doc Martens.

– Coturnos. Não muito práticos pro Sul da Califórnia.

Começo a retorquir, mas ele continua:

– Camiseta antiga original dos Ramones, não daquelas que dá pra comprar numa loja de departamentos. – Ele inclina a cabeça, esperando confirmação.

Sinto uma pontada agradável no coração; o menino não parece nada assustado com a minha aparência. Pelo contrário, parece realmente interessado.

– Continue – digo.

– Corte de cabelo diferente. Um ar rebelde.

– Por que isso faz você pensar que sou do Centro-Oeste?

Solo dá de ombros.

– Onde mais se poderia criar um desprezo tão grande pelos tradicionais valores americanos?

Isso me faz sorrir. Ele retribui o sorriso.

– Agora – ele continua, levando um dedo aos lábios numa imitação exagerada de detetive –, sua palidez irlandesa de vampiro sugere Norte de Indianápolis. – Ele se recosta na cadeira e entrelaça as mãos enormes. – Chicago. Acertei?

– Não exatamente – respondo.

– Detroit! – ele retruca.

– Não.

– Madison?

Faço que não.

Ele ergue as mãos.

– Desisto. De onde?

– Park Hills. A um quilômetro e meio daqui.

Ele se afunda de volta na cadeira, murchando como um grande balão atingido por uma pedra afiada.

– Droga. Pensei que tinha sacado você.

Encolho os ombros.

– Desculpa decepcionar.

Ele dá risada.

– Não estou decepcionado, só surpreso. Você tem uma cara…

Ele para no meio da frase e sinto outro aperto no peito. Na minha cabeça, uma enxurrada de palavras se apressa para preencher a lacuna: *estranha*; *esquisita*.

Errada.

Mas então ele fala e não diz nenhuma dessas coisas:

– Você tem uma cara… *exótica* demais pra Park Hills.

Algo dentro de mim se expande e fica mais caloroso, e me surpreendo ao soltar uma gargalhada estranha – algo entre um latido e uma risadinha. Ao ouvir, Solo também dá risada. No impulso do momento, meio que jogo a franja para trás e digo baixo:

– Exótico, o meu rosto?

O sorriso de Solo vacila, e o silêncio que se segue é tão constrangedor que tenho vontade de entrar embaixo da mesa e morrer. Solo fica corado em um tom de marrom-escuro, e abaixo o olhar para o meu colo.

Idiota, idiota, idiota. Minha vontade de ter um amigo é tão grande que no

segundo em que fico confortável com alguém, o que faço? Uma piada esquisita e constrangedora, que ele interpreta como uma paquera. Droga! Foi a coisa errada, a energia errada para emanar nesse momento. E, embora eu esteja me sentindo em um gênero neutro hoje, está claro que ele me vê como um menino; dá para ver por sua reação constrangida com meu flerte não intencional. Agora, o clima ficou estranho entre nós e quero desesperadamente aliviar, desfazer minha virada de cabelo idiota e ficar de boca fechada.

Para o meu alívio, Solo volta a falar como se nada tivesse acontecido:

– Se você é de Park Hills, por que só estou vendo você agora, no penúltimo ano?

Sem querer fazer papel de idiota de novo, dou de ombros do jeito mais indiferente na história da indiferença.

– Eu me transferi da Coração Imaculado – respondo. Assim que as palavras saem da minha boca, me arrependo. Se ele perguntar o porquê, o que vou dizer? Que sou uma peça do jogo político do meu pai? Ou que estava tentando fugir de um lugar onde me perturbavam e me perseguiam diariamente? Um assunto encantador para uma primeira conversa.

Mas Solo não pergunta nada – só olha para as minhas botas, depois para o meu cabelo, e diz:

– Uma escola católica. Claro. Isso faria qualquer um desprezar os valores americanos tradicionais.

Sorrio.

– Mas você tava certo sobre a parte irlandesa. – Ele parece ficar contente.

A porta da sala se abre e entram duas meninas. Reconheço a mais baixa: é a morena com o narizinho perfeito que especulou sobre meu gênero. A que me chamou de *aquilo*. Rapidamente, abaixo para fingir estar tirando outro livro da mochila, levantando só depois que ela e sua amiga sentam em suas cadeiras. Conforme a sala vai se enchendo, Solo começa a colocar as balas de volta na mochila e guarda o fone de ouvido. Enfio a cabeça no livro de Inglês Avançado.

Até que gosto da primeira aula. A srta. Crane tem um rosto redondo e simpático, e adora livros nerds; faz diversas re-ferências a Harry Potter e presta atenção em quem as entende. Ela me vê abafando uma risada com uma piada em que especula como uma aparição de Gina Weasley poderia ter alterado a trama de *Razão e sensibilidade*. Quando o sinal toca, demoro para guardar as coisas; não estou tão a fim de abandonar Solo nem o Santuário Nerd da srta. Crane. Sinto um alívio quando Solo me fala que tem aula de Política Avançada no

segundo período – porque eu também tenho – e vamos para a sala juntos. Ou, mais exatamente, eu o sigo pelos corredores, andando atrás de seu corpo largo.

Depois do caso do *aquilo* de manhã, esperava que todos me encarassem boquiabertos, ou até me zoassem descaradamente nos corredores – mas a maioria dos alunos passa por mim como se eu fosse uma pessoa qualquer. Mesmo assim, atraio alguns olhares: uma menina loura usando um lindo vestido verde me abre um sorriso simpático quando passo por ela. Retribuo.

Então, quando estou começando a acreditar que vou me adaptar, um baixinho de boné de beisebol azul me olha de cima a baixo. No começo, penso que está me paquerando – mas, quando fazemos contato visual, ele abana a cabeça, franzindo a testa como se estivesse com nojo. Ando mais rápido e sigo Solo escada acima para nossa próxima aula.

O sr. Brennan, professor de Política, tem um bigode enorme igual ao do Chuck Norris e faz as pessoas se sentarem em ordem alfabética – então, não tenho escolha a não ser sentar no meio da segunda fileira, enquanto Solo fica duas fileiras para trás. Quando o sr. Brennan começa a aula, não estou prestando atenção; estou lembrando os cochichos da manhã e o olhar enojado do menino no corredor.

Em algum momento, ergo os olhos e encontro o sr. Brennan parado bem na frente da minha fileira.

– Alguém arrisca um palpite? – ele diz, referindo-se a uma pergunta que, pelo jeito, não ouvi. – Estamos falando da Câmara de Representantes dos Estados Unidos. O país em que a maioria de vocês nasceu. – Abaixo os olhos para a carteira, torcendo para ele não me chamar. – Riley Cavanaugh – ele diz.

Abro a boca, com a intenção de responder, mas nada sai. Depois de um momento, o cara na minha frente – magro, com o cabelo escuro até os ombros e um casaco preto elegante que sinto uma ligeira vontade de roubar – fala com uma voz fina demais para a idade dele:

– Cinquenta?

O sr. Brennan lança o olhar para ele.

– Errado. Você deve estar pensando no Senado, que inclui dois representantes de cada um dos cinquenta estados, dando um total de cem.

O menino dá de ombros.

– Ah. Bom, foi por pouco. Mas, enfim, DeLucca, não foi você que eu chamei. – Ele se vira para mim. – Cavanaugh? Quer arriscar um palpite?

Toda a turma está olhando para mim agora e sinto meu rosto arder na hora.

Quando coro – o que acontece com uma frequência patológica –, não é uma mudança sutil de tom de pele; é quase uma pintura nova. Pensamentos de alerta correm pela minha cabeça: *Se faça de idiota! Dê a resposta errada!* Mas o hábito vence a precaução.

– Quatrocentos e trinta e cinco – digo. Meu rosto basicamente explode em chamas e abaixo os olhos para a carteira.

– Correto – responde o sr. Brennan, virando-se para andar pelo corredor central. – Pelo visto, apenas duas pessoas nesta sala estão entre nossa frágil república e a oligarquia clandestina. Vamos ver se não conseguimos aumentar nossos números este ano? – Com isso, ele continua sua aula e não presto mais atenção em nada até o fim do período.

Quando toca o sinal, todo mundo sai correndo e se atropela em direção à porta. Parece que o sr. Brennan não está concorrendo ao título de Professor Mais Popular de Park Hills High. Sigo Solo até o corredor, que está bem menos cheio.

– Qual é a próxima que você tem? – pergunto.

– *Español*, depois Álgebra I.

– Você ainda está fazendo Álgebra I?

– O primeiro filme é sempre melhor que o segundo – ele diz.

Dou risada.

– A que horas você almoça?

Solo está prestes a me responder quando um cara alto esbarra em mim, fazendo-me cair de lado. Ele tem ombros largos, o cabelo clareado pelo sol e desgrenhado, e seu braço esquerdo está envolto numa tipoia amarela. Na outra mão, segura um tablet. Depois de trombar comigo, ele vira a cabeça e me olha. Noto aquela velha vacilação de incerteza enquanto tenta me entender. Ele desiste mais rápido do que a maioria e apenas diz:

– Olha por onde anda, vadia! – Dispara um olhar repreensivo para Solo, depois volta a descer o corredor.

Um menino mais novo corre atrás dele, gritando:

– Devolve, cara!

Solo me segura com uma de suas mãos grandes.

– Você tá bem?

– Sim – respondo, recuperando o equilíbrio. – Valeu. Quem era aquele?

– Jim Vickers – Solo responde, franzindo a testa diante da perseguição que virava o corredor. – Obcecado por sacanear os outros-barra-*running back*. Mas ele tá fora nessa temporada.

– *Running back*? Tipo em futebol americano?

Solo faz que não.

– Xadrez.

Dou uma risadinha

– Ele é sempre babaca desse jeito?

Mas Solo parece não estar me ouvindo enquanto viramos o corredor e abrimos as portas duplas que dão para o pátio. O dia está claro, já chegando perto das oito e meia. O sol está gostoso, endireito as costas.

– Sabe pra onde vai depois? – Solo pergunta.

Reviro a mochila e pego o calendário.

– Pré-Cálculo, depois Francês, depois almoço.

– Bom – Solo diz –, é aqui que nos separamos então. – Ele junta as palmas das mãos e faz uma reverência irônica. – Que você sobreviva ao primeiro dia. – Sinto um pouco de náusea com a ideia de voltar a ficar sem a companhia dele; mesmo tendo sido apenas duas horas, estava me acostumando a ter um guarda-costas gigantesco. Eu me viro e imito sua reverência irônica.

– Que você suporte os terrores da Álgebra – respondo.

Solo abre um sorriso.

– Então, vejo você no almoço?

Com isso, os olhos de Solo desviam para algo à distância, atrás de mim.

– Sim. Talvez – ele responde.

Antes do terceiro período, levo quatro tentativas para acertar a combinação do meu armário porque não consigo me livrar da sensação de que tem alguém me observando. Olho para a esquerda e vejo a morena com o narizinho perfeito me encarando, a uns dez armários de distância. Eu esperava uma encarada – mas seu olhar denota mais curiosidade do que desprezo, como se estivesse observando um animal fascinante no zoológico. Quando nossos olhares se cruzam, a expressão dela não muda – então, depois de um tempo, ela sai andando. Sentindo um certo incômodo, guardo os livros de que não preciso e vou para a aula de Pré-Cálculo.

O sr. Hibbard é um velhinho maçante de dar sono. Ele é tão antiquado que usa quadros negros de verdade – e esse detalhe salva sua aula, pelo menos. O cheiro e o som do giz na lousa são reconfortantes. Ainda assim, não tenho lá muita esperança de tirar dez.

Na aula de Francês, sento atrás de uma menina loura chamada Casey Reese, que nota a costura da minha camiseta dos Ramones e pergunta onde comprei. Desconfiando dos motivos dela, digo que comprei na internet e finjo procurar algo na mochila.

No começo, até gosto da madame Bordelon – ela é franco-canadense, e seu sotaque tem um som exótico e sofisticado. Mas, no meio da aula, percebe que sou a única pessoa da classe que não escolheu um codinome francês – e me pede para escolher um na frente da sala toda. Como respondo com um silêncio boquiaberto, ela rapidamente me indica uma lista no livro e dá sequência à aula.

Evito outras interações fingindo estudar a listinha ridícula, que contém uma

coluna azul para os nomes de meninos e uma rosa para os de meninas. Ergo os olhos para olhar o relógio; por um lado, mal posso esperar para sair da sala. Por outro, estou morrendo de medo da hora do almoço.

Park Hills High é enorme; deve ter uns quatro mil alunos aqui. A ideia de que um quarto dessas pessoas me veja em um único salão gigante já me faz sentir uma contração no peito. Começa um zumbido baixo bem fundo na minha cabeça, como se vespas estivessem construindo um ninho dentro do meu crânio. É o princípio de uma crise de ansiedade. E, definitivamente, não posso ter uma agora. Não no meu primeiro dia.

Fecho os olhos e faço as três respirações lentas e profundas da dra. Ann. Meu coração palpita mais uma vez, depois sossega em seu ritmo natural. Contive a crise por enquanto e talvez consiga lutar contra ela indefinidamente – ou, pelo menos, até chegar a hora do almoço.

No Imaculado Coração, eu evitava o refeitório ao máximo. Na primeira semana do meu segundo ano lá, Ben Haskell deu um tapa na minha bandeja quando não tinha nenhum professor olhando. Manchou meu uniforme todo com sopa de tomate e me fez levar um banho de refrigerante *diet*. Dois dias depois, Patricia Shea me fez tropeçar quando passei pela mesa dela. Caí em cima do punho, que ficou do tamanho de uma bola de beisebol. Depois disso, nunca mais voltei para o refeitório. Eu almoçava na sala de aula de Inglês da srta. Kerns – mas aí ela se mudou para o Arizona e tive que comer na varanda atrás da sala de materiais de arte.

Quando o sinal toca ao fim da aula de Francês, saio da sala por último. O pátio já está lotado, todos correndo para a área externa do refeitório como formigas em cima dos restos de um pirulito. Talvez eu não precise fazer isso; talvez a srta. Crane me deixe comer na sala dela. Viro e sigo naquela direção – e então me detenho. Lembro que havia prometido que seria diferente aqui. Lembro que havia prometido que *eu* seria diferente. Que iria me entrosar, encontrar meu lugar. E não quero que esse lugar seja escondido na sala de uma professora todo dia no almoço. Nunca mais.

Dou meia-volta e começo a atravessar o pátio, sem parar até chegar ao topo da escada que desce para a área de almoço. Daqui, consigo ver tudo. O “refeitório” em Park Hills High é, na verdade, um enorme pátio coberto, da metade do tamanho de uma loja de departamentos e duas vezes mais feio. A parede de concreto cinza é pontuada por três guichês para pegar comida e um mural gigante em estilo grafite que diz: “Rujam, Leões!”. Na área aberta, os alunos se

sentam amontoados em mesas de plástico dispostas em sete longas fileiras com um corredor largo no centro.

Paro no alto da escada, observando a disposição de todos os grupinhos, em busca de um lugar seguro para me sentar. A mesa no canto esquerdo do fundo foi ocupada por um grupo de rapazes e algumas meninas, com camisetas do Seven Seize e do Bleeding Out Slow, piercings e cabelo colorido. Se não conseguir encontrar Solo no meio da multidão, aquela mesa pode ser minha melhor opção. À direita deles, tem um grupo de alunos vestindo roupas chiques de brechó. Eu nunca conseguiria me entrosar com eles. Os outros dois cantos são ocupados, respectivamente, pelo pessoal da banda, denunciado por seus enormes estojos de instrumentos musicais, e um grupo do que parecem ser alunos avançados estudando em meio a pedaços de pizza e potes de pudim.

O centro do salão é dominado por uma fileira verde e dourada, alunos com várias camisetas e uniformes de time: o pessoal do grêmio estudantil, as líderes de torcida e os membros do time de futebol americano. O problema dessa disposição é que, para ir da entrada da área de almoço até a fila para pegar comida, todos os alunos têm que passar pelo corredor central. Um corredor polonês da elite social da escola. Antes de me aproximar, examino o salão mais uma vez, em busca de Solo. Ele tem duas vezes o tamanho de um aluno normal, então imagino que não vai ser difícil encontrá-lo – mas não o vejo em lugar nenhum. Não tem problema; já elaborei meu plano B. Vou pegar comida e ir direto para o grupo de piercings e cabelo colorido que apelidei carinhosamente de “os Hard-Cores”. Tem alguns lugares na mesa deles, e meu figurino camiseta dos Ramones mais Doc Martens pode me garantir um espacinho.

Mas, primeiro, o corredor polonês.

No meio da escada, noto como estou segurando o corrimão com força. Relaxo e tento controlar a respiração, mas, quando termino de descer, acabo apertando o passo.

Os comentários começam no meio do corredor.

– Cabelo da hora, mano.

– Meu, é uma mina.

– Porra, foi mal, mano!

Explosão de gargalhadas.

Não sei quem está falando porque não estou olhando – mas não faz diferença. Se isso é tudo de ruim que pode me acontecer, eu aguento. Mantenho o olhar fixo no cardápio acima da fila do refeitório e sigo em frente. Os sussurros

continuam ao meu redor. Depois de um tempo, parece que sobrevivi ao pior. Até que:

– Mano. Aquele é o traveco novo?

Parece que alguém jogou água fria diretamente no meu estômago, congelando minhas tripas. Minha cabeça vira na direção da voz.

Reconheço na hora o cara louro com o braço enfaixado, aquele que quase me derrubou no corredor: Jim Vickers. Ele me olha com desdém e – puxa, que surpresa! – a morena abraçada a ele é a mesma que me chamou de *aquilo*. Sentados em volta do casal estão um cara de pescoço fino e cabelo viscoso com o nome "Cole" estampado nas costas do uniforme e outro menor com o cabelo ruivo e óculos de aro fino.

Finalmente encontro Solo. Ele está sentado na frente de Vickers, olhando fundo para a sua bandeja em silêncio. Não sei como não vi seu corpo enorme no meio de dois caras de uniforme de futebol americano. Então, noto que ele está sem a camiseta do Darth Vader – ele também está usando um uniforme. Paro no corredor.

Solo está no time de futebol americano?

No começo, rejeito a ideia, mas logo reconsidero. Ele definitivamente tem o corpo de um jogador de futebol americano. E, lá no corredor do prédio, não só sabia o nome de Vickers, mas também sua posição na equipe. Eu deveria ter me tocado na hora.

Como se conseguisse ler meus pensamentos, Solo ergue os olhos e faz contato visual comigo. Ele abana a cabeça uma vez, depois volta a olhar para a bandeja, como se estivesse tentando encontrar um fio de cabelo em seu purê de batatas. A sensação de água fria se espalha pelo meu peito. Dou meia-volta e caminho, o mais rápido que consigo. Alguém grita, mas não consigo entender as palavras. As batidas do meu coração bombeiam nos meus ouvidos.

Passo pela fila do almoço e viro à esquerda. Logo depois da mesa dos Hard-Cores, vejo um corredor aberto que sai do refeitório e vira à esquerda atrás do auditório. Sigo na direção dele; só mais alguns metros. Lágrimas se acumulam nos meus olhos e, dessa vez, não consigo impedir que escorram pelo rosto.

Enquanto passo pelos Hard-Cores, noto um menino de casaco preto sentado à mesa – aquele que senta à minha frente na aula de Política. Ele é pálido, com um nariz longo e fino, um piercing no lábio inferior, e está concentrado numa conversa acalorada com outro garoto. Mas, quando passo, ele vira a cabeça e me encara com os olhos de um azul intenso. Vira para me olhar e, se diz alguma

coisa, não consigo ouvir; já baixei a cabeça e comecei a correr.

4

Pego o ônibus para casa, com a cara enfiada na janela e os olhos fechados para não ter que ver ninguém olhando para mim.

É bom ter a casa vazia. Meu pai está fazendo um discurso na cerimônia de inauguração de uma nova escola em Acacia Heights, e minha mãe tirou o dia de folga do seu trabalho como professora para acompanhá-lo. Desconfio de que ela odeie tanto quanto eu estar sob os olhares do público porque, nos dias em que faz alguma aparição com meu pai, fica com uma cara inexpressiva e mastiga compulsivamente seus antiácidos sabor cereja. Não entendo como ela mantém o bom humor sob toda a pressão que vem junto com ser a mulher de um deputado. Eu só recebo uma fração da tempestade que ela precisa suportar, e mal consigo lidar.

Deve ser por isso que, desde meu surto no verão, não me pediram mais para participar de nenhum evento. No entanto, depois da minha "internação" em Pineview – tem o nome de uma pousada charmosa nas montanhas, mas é um hospital psiquiátrico a uma hora de distância daqui –, das minhas consultas semanais com a dra. Ann e do meu cuidadosamente administrado coquetel de remédios contra depressão e ansiedade, já era para eu estar melhor. Já era para eu estar bem. Então, sei que logo meus pais vão pedir que eu participe dos eventos.

Ontem à noite, depois de ficar em sessão por um mês, meu pai voltou tarde de Washington. E minha mãe planejou um jantar especial em família para hoje, só nós três. Nem quero pensar no interrogatório sobre o primeiro dia de aula que vou enfrentar daqui a algumas horas.

Fechando a porta atrás de mim, caminho até meu toca-discos – uma vitrola

antiga, Marantz, que meu pai me deu no último Natal – e pego um disco devidamente angustiante do The Police, de 1978. Eu me deleito com o silvo e o estalar da agulha que acompanha a música que escolhi, “So Lonely”. Deito na cama e fico olhando o teto, deixando as batidas e as dissonâncias do ritmo tomarem conta de mim. A letra, ao mesmo tempo desesperada e decidida, salta de um lado para o outro da minha mente, e uma ponta de dúvida repentina toma conta de mim: *eu* estou só? Tento imaginar para quem poderia ligar se quisesse sair para fazer alguma coisa – tipo, sei lá, olhar discos na Stray Cat, talvez – mas não consigo pensar em ninguém. Por um momento, durante a manhã, alimentei a esperança de que Solo poderia ocupar esse lugar – mas o comportamento dele no almoço descartou a possibilidade.

A dúvida congela em minha garganta, prendendo-se lá feito um comprimido mal engolido, e tento pensar em *uma pessoa* que eu possa chamar de amigo. O único em quem consigo pensar é no meu antigo colega de ala em Pineview, mas, por algum motivo, lembrar de Murph não me traz consolo nenhum. Penso no ano passado. Para quem eu teria ligado na época?

Tinha o Derek Yu, meu único amigo de verdade da Coração Imaculado. Antes de se mudar, ele almoçava comigo atrás da sala de materiais de arte. De vez em quando, fumávamos escondidos. Algumas vezes, quando seu pai não estava em casa, fui até a mansão deles em Acacia Heights e nadamos na piscina olímpica. Derek nadava a sério, o único segundanista no time oficial de polo aquático, mas ele nunca era cruel comigo como seus colegas.

Ele tinha músculos dorsais incríveis; pareciam asas. Lembro como a água se acumulava e escorria de sua pele quando ele saía da piscina. Era lindo.

Em algum momento durante o verão, Derek parou de me chamar para a casa dele. Suas respostas às minhas mensagens foram ficando mais frias, raras. Senti que ele estava se afastando, mas não entendia o porquê. Então, em algum momento durante a última semana de agosto, ele não respondeu a seis mensagens minhas em sequência. Joguei meu celular no piso da cozinha com toda a força. Como ele pôde me abandonar daquele jeito? O que lhe deu o direito de parar de falar comigo sem dar nenhuma explicação? Eu não sabia como, mas o havia afastado de mim.

Tiro o telefone do bolso agora e passo o dedo sobre a tela, sentindo os entalhes e ranhuras do vidro rachado em forma de teia. Lembrar daquilo provoca algo dentro de mim – raiva no começo e, depois, uma tristeza profunda que reverbera pelo meu corpo em seu próprio formato de teia de aranha.

Alguns dias depois que taquei o celular no chão, fui para Pineview e pensei que nunca mais teria notícias do Derek. Mas aí, para a minha surpresa, ele apareceu lá na minha terceira semana. Quando entrou no saguão de visitas, tinha uma cara de medo, de pegar o que quer eu tivesse. Depois de alguns minutos de conversa fiada e constrangida, Derek me contou que a empresa do pai dele estava transferindo sua família para a Índia, e que eles partiriam no dia seguinte.

Queria que ali tivesse uma piscina onde pudéssemos nadar – mas, bem, acho que tratamentos psicológicos e águas profundas não combinam muito. Essa foi a última vez em que conversamos.

Encontro uma foto do Derek. Olhar para o rosto dele na tela rachada reacende uma raiva antiga. Ele não deveria ter me largado daquele jeito. Eu não deveria ter deixado que aquelas meninas me atingissem de manhã. E Solo deveria ter me defendido na hora do almoço.

Esses pensamentos repercutem freneticamente pela minha cabeça. O zumbido de ansiedade surge alto, fazendo minha cabeça zunir como uma cerca elétrica, ameaçando se romper e me acertar com força total.

Fecho os olhos e me concentro nos três princípios – os mecanismos de enfrentamento que a dra. Ann diz que devo empregar quando começo a perder o controle. Primeiro: “respire”. Essa parte parece que já dominei. Faço uma inspiração profunda e expiro devagar. Ajuda um pouco. Dois: “pratique a aceitação”. Esse parece impossível depois do dia que eu tive. Como vou aceitar a menina que me chamou de *aquilo*? Jim Vickers, que se referiu a mim como *traveco*? Ou Solo, que ficou sentado sem fazer nada? Não. Não dá para aceitar nada disso agora.

Assim, resta o número três, aquele a que estou resistindo desde que a dra. Ann insistiu para que eu abrisse um blog, quando eu ainda estava em Pineview: “compartilhe”. Ela me falou que, antigamente, recomendava aos pacientes manterem diários; mas, pra mim, prescreveu um blog anônimo para que eu pudesse interagir com “pessoas como eu” de forma “segura”.

Então, quando saí de Pineview no meio de setembro, abri uma conta no Bloglr com o nome de usuário “Alix”, que escolhi ao acaso em um site de nomes de bebês, alterando a ortografia para ficar mais ambíguo. No último mês, li, curti e republiquei dezenas de postagens de “pessoas como eu” de todo o país. Mas ainda falta atrair seguidores, e a coisa mais próxima a que cheguei de postar pelo menos uma palavra foi a tentativa frustrada da manhã de hoje.

Mas, aqui na cama, ouvindo o lamento frenético e visceral que emana das

caixas de som, concluo que momentos desesperados pedem medidas desesperadas.

A srta. Kerns sempre disse que gostava das minhas redações. Dizia que era um dom conseguir resolver os problemas através das palavras como eu fazia. Então, talvez eu consiga dar um jeito nisso. Afinal, ninguém vai ler mesmo.

Sento-me, puxo o laptop na minha direção e abro a tela de acesso do Bloglr. O sapinho verde pisca enquanto digito a senha e, então, abro um post novo e começo a digitar.

> NOVO POST: AMBOS E NENHUM
>
> 1º de outubro, 16h45
>
> Meu nome é Alix. E a primeira coisa que você vai querer saber sobre mim é: sou menino ou menina?
>
> Não se preocupe. Já me acostumei; é a primeira coisa que todo mundo quer saber – mesmo quando estou bem na frente deles. E, mesmo se não me perguntam diretamente, posso ver que estão pensando nisso, porque estreitam os olhos ou viram um pouco a cabeça para o lado. Na melhor das hipóteses, é uma curiosidade invasiva; na pior, uma condenação descarada. Seja como for, eles querem uma resposta: Menina. Ou. Menino.

Paro para ler o que digitei até agora. Parece meio defensivo, quase como se eu tivesse raiva do meu leitor imaginário – mas, ao mesmo tempo, dá uma sensação boa colocar tudo para fora.

> Enfim, não é tão simples assim. O mundo não é binário. Nem tudo é preto e branco, sim ou não. Às vezes, não é um interruptor, mas um ponteiro. E nem é um ponteiro que você consegue controlar; ele vira sem sua permissão ou aprovação.
>
> “Certo”, as pessoas dizem, “mas você nasceu como um ou outro. Tipo, biologicamente. Anatomicamente.”
>
> Como se elas tivessem o direito de saber! Como se, já que não consegui deixar claro, eu devesse usar um símbolo.
>
> Bom, não é da conta delas, caramba.
>
> Você acha que não sei que meu gênero não é imediatamente aparente para você? Acha que não escolhi essas roupas e esse corte de cabelo especificamente para não me encaixar numa ou noutra categoria?
>
> Sou gênero fluido, mas não sou idiota.
>
> /desabafo

Certo. Foi mal. Não quero ser hostil com você, leitor imaginário. Só é difícil explicar – mas eu vou tentar.

Ai, que saco. Como vou descrever isso sem parecer um artigo da Wikipédia? Já li dezenas de posts no Bloglr e em sites como o AliançaQueer, mas nenhum acertava em cheio – pelo menos, não para mim.

Vou até a vitrola e coloco outro disco, algo mais pesado, e volto a teclar.

 OUVINDO: “Where Is My Mind?”, do Pixies

A verdade é que, às vezes, acordo me sentindo mais “menino” e, em outras, acordo me sentindo mais “menina”. E, certos dias, acordo me sentindo no meio-termo. É como se tivesse uma bússola no peito, mas, em vez de Norte e Sul, a agulha se move entre masculino e feminino. Sei que não é assim para todas as pessoas com gênero fluido – mas essa é a melhor maneira como consigo me descrever.

Mas não importa para onde minha bússola interna esteja apontando, meu corpo continua o mesmo. E, alguns dias – talvez metade do tempo –, sinto que estou no corpo errado. Como se todas as curvas e ângulos estivessem nos lugares errados. Como se eu tivesse nascido com as partes erradas. É uma sensação pesada, sufocante – minha médica chama isso de disforia –, e fica quase impossível me concentrar na aula (isso sem mencionar sobreviver nos corredores).

Nos dias em que tudo está muito difícil, me vestir da maneira como me sinto por dentro – de forma que corresponda com a direção que minha bússola de masculino-feminino esteja apontando – parece ser a única opção capaz de aliviar a disforia. Mas nem sempre posso me apresentar como quero. Se parecer feminina no primeiro dia, as pessoas vão pressupor que sou sempre menina. Então, se aparecer como menino no dia seguinte, vão reagir: provocações, zombarias, violência física. Já vi isso acontecer. Porque moro no lugar mais binário do universo em termos de gênero: Park Hills, Califórnia, Estados Unidos.

Isso sem falar dos meus pais. Se eu começar a pular de um gênero para outro, a pressão arterial do meu pai iria disparar e minha mãe arrancaria os dedos com os dentes – porque ainda não contei para eles.

Ainda não consigo.

Então, preciso me conformar em parecer de um gênero “neutro”. Minha zona de segurança no meio do contínuo masculino-feminino, algo entre uma menina mais moleca e um garoto mais afeminado. Isso significa que sempre me sinto um pouco como uma farsa, como se estivesse de fantasia. Não lembro a última vez em que me senti confortável na minha própria pele.

E, certo, eu sei; é confuso. Entendo as pessoas ficarem curiosas, e a razão de me

olharem estranho e fazerem perguntas invasivas. Mas o lance é que elas fazem muito mais do que ficar curiosas e fazer perguntas. As pessoas podem ser cruéis.

As pessoas podem ser muito cruéis.

Então, leitor imaginário, embora eu tenha certeza de que você seja um unicórnio como nenhum outro, você não é a primeira pessoa a se perguntar o que existe no meio das minhas pernas. E talvez esse blog possa ser um lugar em que eu não precise tratar dessa questão específica. Um lugar em que minha identidade não seja restringida pela minha anatomia, ou pelos limites do binarismo de gênero da minha prisão residencial de concreto e reboco. Um lugar onde eu possa ser livre para ser o que sou.

Seja lá o que significar isso.

#primeiropost #generofluido #genderfluidproblems

Continuo na cama por um minuto, com o dedo pairando sobre o teclado. Minha boca fica seca de repente. Claro, fantasiei minha identidade inventando um nome de usuário e escolhendo uma foto antiga do David Bowie como avatar. Mas, de repente, sinto como se clicar em *postar* fosse o mesmo que me assumir para a escola, para os meus pais e para toda a Câmara de Representantes dos Estados Unidos. Subo a tela, deleto “Park Hills, Califórnia” e substituo por Stucco Town, EUA.

Clico em *postar*.

Então, fico olhando para a parede por um longo tempo, sentindo algo entre euforia e pavor. Não sei se caio na cama e enfio a cabeça no travesseiro ou se saio pulando pelo quarto, gritando feito um porquinho-da-índia sob o efeito de drogas. Por um lado, é bom ter colocado para fora. Por outro, sinto que me expus demais. Como se tivesse acabado de revelar meu segredo mais sombrio pelo alto-falante da escola. É verdade, ninguém lê meu blog. Mas *podem* ler. Está publicado agora.

Solto um longo suspiro e levo a mão ao teclado para sair da sessão quando noto um iconezinho intermitente no canto superior direito da tela. O texto suspenso ao lado diz:

mija0amarel0 está seguindo você

Um sorriso de satisfação se abre em meu rosto – então noto como aquele zumbido diminuiu. Quase passou.

Puta que pariu! Escrever um blog é terapêutico *mesmo*.

Encerro a sessão e fecho o laptop. Estou quase pegando meu livro de francês quando de repente minha mãe grita lá embaixo:

– Riley!

Levo um susto e deixo o livro cair. Nem sabia que ela estava em casa.

– Você vai se esconder aí em cima a noite toda ou vai querer descer e jantar com a família?

Olho para o celular: já passa das sete. Fiquei escrevendo aquele post com tanta concentração que nem ouvi a porta da garagem. A lição de casa já era.

– Já vou! – Apago a luz e desço a escada.

Chega a ser ridícula a quantidade de pratos na mesa – e, ao ver a minha expressão incrédula, minha mãe diz:

– Não me julga, é uma ocasião especial.

Juro: ela apontou para a comida na mesa como uma apresentadora daqueles comerciais de liquidificador, com um sorriso bobo. Eu me sento e ela bota um prato gigantesco de massa na minha frente.

– Ravióli com creme vegan de castanha-de-caju! – anuncia, com a voz aguda de entusiasmo.

Dou uma mordida e reviro os olhos.

– Ai, meu Deus, mãe, está marafilhoso! – digo com a boca cheia, e é verdade.

Meu pai ataca seu bife sangrento e concorda com um grunhido. Minha mãe, depois de receber a aprovação unânime, senta em seu lugar à mesa.

Sinto um peso no ar, como se faltasse pouco para uma tempestade de trovões – uma área de baixa pressão. Querendo evitar o interrogatório sobre meu primeiro dia de aula, viro para o meu pai e executo manobras evasivas.

– Então, como foi a sessão hoje? – começo.

Minha mãe me lança um olhar de reprovação – ela sacou a tática –, mas funciona com meu pai, que na mesma hora descansa o garfo no prato e limpa a garganta.

– Foi irritante. Parece que o comitê pretende tirar todo o objetivo real do meu projeto de lei antes de ir para a Câmara. Ou estão adiando porque acham que é uma tática de reeleição.

– Deve ser muito frustrante – comenta minha mãe. Ela se esforça para parecer envolvida sem botar lenha na fogueira.

– Só espero que se toquem a tempo de evitar o colapso do ensino público – ele continua, fazendo gestos enfáti-cos com o garfo. – Duvido que alguma geração da família deles tenha frequentado uma escola pública.

Engulo minha observação de que eu também nunca tinha frequentado uma escola pública – até cinco semanas antes da eleição. Os opositores da proposta

de lei do meu pai falaram um monte da minha transferência, chamando isso de “manobra política”. Mas não é uma crítica justa. Não que meu pai nunca tenha me usado como boi de piranha em sua campanha antes – fotos com a cria adolescente em depressão o fazem parecer mais “real” para os eleitores –, porém, nesse caso, minha vontade de sair da Coração Imaculado era tão grande quanto a dos assessores do meu pai de me matricular numa escola pública. Eu queria sair por causa da forma como os outros alunos estavam me tratando – então aceitei, sob a condição de que me liberassem da obrigação de fazer Educação Física. Então, como meu pai diria, todo mundo saiu ganhando.

Com a exceção de que a escola nova está se revelando igual à Coração Imaculado. Era ingenuidade minha pensar que os alunos de Park Hills teriam a mente mais aberta por serem de escola pública.

– Mas chega de falar de trabalho – meu pai continua, virando-se para mim. – Como foi seu primeiro dia?

E aí começam as perguntas. Conforme ensaiado, dou de ombros casualmente e digo:

– Condizente com o colapso iminente do ensino público.

Meu pai sorri.

– Vejo que ainda não conseguiram controlar a ironia dos Cavanaugh.

Balanço a cabeça.

– Ainda não.

Ele volta a pegar o garfo e a faca.

– Fez algum amigo novo?

Ergo os olhos para ele, observando as mechas perfeitamente parlamentares de cabelo grisalho em suas têmporas se contraírem enquanto mastiga – e uma vontade súbita de ficar de pé e desabafar toma conta de mim. De contar tudo. Meu acesso matinal de disforia. Quando me chamaram de *aquilo* no instante em que botei os pés na escola. O corredor polonês no refeitório, a traição de Solo, o menino com o piercing no lábio e seus olhos azuis muito brilhantes.

Mas não vou fazer isso. Seria o que minha mãe chama de “abrir a caixa de Pandora”. Dar margem a uma conversa que ainda não dou conta. Porque, depois do que me aconteceu hoje, não sei o que faria se meus pais também me rejeitassem. Então só dou de ombros, olho para o prato, pego o garfo e mexo o creme de castanha-de-caju que já começou a esfriar.

– Bom. Ir com calma não é uma má estratégia. Fiz o mesmo quando entrei no Congresso.

Não respondo, e o silêncio se estende por um longo momento. Finalmente, minha mãe não se segura mais.

– Então – ela diz, voltando-se para o meu pai –, a Shelly finalizou a disposição das mesas para quinta? – A pergunta parece ensaiada; algo está para acontecer.

– O que tem na quinta? – pergunto.

Meu pai limpa a garganta.

– É um dos últimos grandes jantares no Grand Lido.

Sinto uma pontada no peito. Eles vão me pedir para ir. Tenho certeza.

Eu *odeio* eventos de arrecadação de fundos. Em meio ao barulho e à multidão e às roupas que tenho de usar, me sinto um animal à mostra no zoológico. E, na última vez em que me pediram para ir a um desses jantares, não suportei a pressão e acabei indo de ambulância para o hospital comunitário de Park Hills.

– Riley – meu pai diz. Ele não está usando a voz de deputado; mas deve ser uma escolha calculada. Todas as suas escolhas são calculadas. – Sei que esses eventos não são sua parte favorita do processo.

– Mas você está indo muito bem – diz minha mãe. – Achamos que você consegue.

Meu pai concorda.

– Esse é importante, Riley. Precisamos de você.

Não olho diretamente para nenhum deles; em vez disso, encaro o espaço entre eles e minha visão perde o foco.

– Tá bom – concordo.

Meu pai assente com a cabeça e dá um tapinha carinhoso na mão da minha mãe antes de voltar a pegar o garfo e a faca.

– Tudo vai acabar daqui a cinco semanas.

Tento sorrir, mas parece que não consigo fingir.

Quando termino de comer, me refugio na cozinha, planejando deixar meu prato na pia e escapar para o quarto – mas minha mãe me segue. É uma emboscada. Abro um sorriso rápido e tento passar por ela – uma tentativa derradeira de desviar das perguntas – mas ela me impede colocando a mão no meu ombro.

– Espera. Quero falar com você.

Paro e olho para ela.

– Tá bom. Sobre o quê?

Minha mãe suspira e tira minha franja dos olhos.

– Sei como você deve estar se sentindo – ela fala.

– Jura? – digo, erguendo a sobrancelha. – E como é? – Não queria que minha voz saísse grosseira, mas sai.

Minha mãe abre a boca, depois fecha e abre de novo. Ela fica ridícula assim, feito um peixinho-dourado fora d'água tentando respirar – e então me dou conta de que faço o mesmo quando estou sem palavras, e minha raiva se inflama ainda mais.

Minha mãe recua diante da cara que faço. A resposta sarcástica que eu tinha preparado morre antes de chegar aos meus lábios. Ela baixa os olhos.

– Você tem razão. Acho que não sei. Fui para o colé-gio em outro século. – Ela ergue os olhos para mim. – Foi muito ruim o primeiro dia?

– Foi tudo bem – digo. Consigo ver que ela não está acreditando, então continuo: – É só… o de sempre. Nervosismo com a escola nova. Só isso.

Minha mãe franze a testa; ela sabe que tem mais coisa, mas não sabe o quê nem quanto. Cogito inventar uma história – algum cenário de primeiro dia ruim, mas sem polêmicas, que alivie a preocupação dela –, no entanto, algo no seu rosto me impede. Há confusão, mas também ternura. Meu coração parece crescer e me pergunto se teria como ela entender. Se eu simplesmente falasse a verdade.

Mas tenho quase certeza de que a verdade partiria o coração dela e o do meu pai também.

Eles não têm nenhum outro filho e às vezes sinto muita culpa por ser desse jeito. Acho que talvez eles teriam sido mais felizes com um filho que jogasse bola como o meu pai. Ou, talvez, minha mãe preferisse uma filha com quem pudesse pintar as unhas e levar ao balé. Mas, em vez disso, tiveram a mim – algo que não entendem direito, e tendem a tratar como um bibelô de vidro ou um animal feroz.

Não, não posso contar para ela o que realmente está acontecendo. Mas preciso contar algo.

– É só que… – Vou perdendo a voz. Não sei o que dizer.

Minha mãe termina a frase por mim.

– Os outros alunos? – ela tenta, quase acertando em cheio. Mas não quero tratar disso, então desvio do assunto.

– É a campanha, sabe. Toda a atenção. Eu não… eu queria muito ser normal aqui. – Essa última parte meio que escapa. Não pretendia falar com tanta sinceridade, e agora sinto um nó na garganta.

– Bom – ela diz, inclinando a cabeça para o lado enquanto examina minha

aparência. – Talvez “ser normal” não seja tão importante assim.

Tento dormir, mas pequenos fragmentos do dia ficam passando pela minha cabeça feito uma sequência em *looping* de um filme ruim de colegial. Depois de ficar encarando o teto por sei lá quanto tempo, eu me sento e ligo o computador.

> NOVO POST: BLUES DA DISFORIA DE GÊNERO
> 2 de outubro, 1h04
>
> Querido seguidor (singular),
>
> Não consigo dormir. Estou na cama, odiando meu corpo. Meus braços parecem errados. Não são suaves ou esguios, mas também não são firmes ou musculosos. Meu peito é, tipo… fraco demais pra ser masculino, mas anguloso demais para ser feminino. Não me sinto “menina” nem “menino” agora, só me sinto… outra coisa. Me sinto um erro. Isso às vezes acontece depois de um longo dia me vestindo de maneira neutra; é como se eu precisasse apertar o reset ou coisa do tipo. Queria saber como se faz isso.

Preciso de algo barulhento para abafar essa sensação, então me levanto, plugo o fone de ouvido no meu toca-discos e baixo a agulha. Depois, sento na cama e volto a digitar. Releio o que escrevi. Concluo que é um monte de bobagens com autopiedade e quase deleto – mas aí lembro da dra. Ann e de como ela diz que reclamar não é terapêutico, mas *compartilhar* é. Beleza, então. Lá vou eu “compartilhar”.

> OUVINDO: “Transgender Dysphoria Blues”, do Against Me!
>
> Lembro o momento exato em que me toquei de que era diferente.
>
> Foi no meu aniversário de seis anos e meu pai me levou à loja de brinquedos para

escolher meu próprio presente. Eu tinha o direito de escolher só uma coisa e caminhei pelos corredores pelo que pareceram horas na época. Finalmente, fiquei entre duas possibilidades. A primeira era um Power Ranger azul – lembro que queria porque ele tinha um escudo que acendia quando apertava o botão no cinto. A segunda era uma boneca Bratz. Ela tinha olhos castanhos enormes e um longo cabelo escuro com uma única mecha roxa descendo por um lado. Aquela mecha roxa me hipnotizou.

Segurei as duas embalagens, olhando de uma para a outra, incapaz de decidir. Quando olhei para o meu pai para pedir sua ajuda, a expressão dele era… estranha. Eu sabia que havia algo errado, que, por algum motivo, ele não aprovava minhas opções – mas não sabia o porquê.

Então desisti dos dois brinquedos e passei para o próximo corredor.

Pensando bem, não teria sido nenhum grande problema se eu tivesse escolhido um ou outro. Mas aquele olhar hesitante no rosto do meu pai – aquele foi o momento em que eu soube que havia algo de diferente em mim.

Acabamos levando um jogo de tabuleiro sem graça do Piratas do Caribe; foi decepcionante para mim, mas pude ver pela linguagem corporal do meu pai que essa era uma escolha segura. E é isso que venho tentando fazer a minha vida toda.

Escolhas seguras.

Até os meus quinze anos. Foi quando saiu uma matéria no jornal da cidade sobre uma menina transgênera que processou a escola pelo direito de usar o vestiário feminino. Devo ter lido a matéria em cinco sites diferentes e, depois, engoli vorazmente todos os posts de blogs e respostas do YouTube que consegui encontrar. Em algum ponto da minha pesquisa, cruzei com o termo “gênero fluido”. Ler essas palavras foi uma revelação. Foi como se tirassem a neblina em volta do espelho e eu conseguisse me ver claramente pela primeira vez. Havia um nome para o que eu era. Isso existia. Gênero fluido.

Ali, em frente ao meu computador – como estou agora –, soube que nunca mais seria como antes. Eu não poderia voltar a me ver como antigamente; jamais poderia voltar a não saber o que eu era.

Mas será que esse momento glorioso de revelação mudou alguma coisa de verdade? Nem sei. Às vezes, acho que não. Agora, tenho o nome para o que sou – mas minha sensação de confusão e deslocamento continua a mesma de antes. E, se o dia de hoje é algum indício, continuo repetindo aquela cena na loja de brinquedos – tentando escolher o que cause menos drama. Sem muito sucesso. O que me deixa com a seguinte questão:

O que seria preciso para mudar tudo?

Esfrego os olhos cansados e fico encarando a pergunta que acabei de digitar.

Conforme leio, as palavras parecem perder o sentido. Observo o relógio.

> Puta merda, único seguidor, são quase duas da madrugada. Acho que vamos ter que esperar para achar uma resposta a essa pergunta.
>
> Boa noite, Bloglr.
>
> #generofluido #genderfluidproblems #disforiadegenero #AgainstMe!

Clico em *postar* e me recosto na parede. Eu não pensava sobre aquele dia na loja de brinquedos desde criança. Nem sabia que me lembrava dele até começar a digitar – mas agora os detalhes me rodeiam, vívidos na minha memória: o jeans áspero da calça do meu pai contra minha bochecha enquanto eu abraçava sua perna. As sombras escuras que se formaram entre as sobrancelhas dele quando mostrei as duas embalagens de brinquedo, buscando aprovação. Essa sensação de opressão, de estar num beco sem saída, de saber que havia algo de errado no meu querer e que precisava esconder isso de todo mundo – especialmente do meu pai.

E, então, ali na cama, é como se uma barragem se rompesse e dezenas de outras lembranças inundassem minha mente de uma só vez: encarar meu reflexo em um daqueles espelhos angulados de lojas de sapato quando tinha seis ou sete anos, pensando que havia algo de errado com meu corpo. Erguer os olhos para avaliar a expressão do meu pai enquanto escolhíamos livros na seção infantil da livraria. Voltar do salão de cabeleireiro com a minha mãe odiando o corte novo. Ver as paletas de tinta no verão em que nos mudamos para cá, observando o rosto dela em busca do sorriso de validação enquanto eu decidia as cores para o meu quarto. O esforço para escolher a eletiva “certa” no oitavo ano. Comprar roupas. Todas as minhas decisões para esconder os sentimentos que não entendia – e todas as decisões alteradas pelo medo de escolher errado e de que meus pais ou as pessoas na minha escola me rejeitassem. Minha vida toda estruturada para me esconder.

Mas hoje, mesmo com todo o planejamento cuidadoso, não consegui esconder. As pessoas na escola sabiam que havia algo de diferente.

Pego o celular e ligo a câmera frontal para me observar. Passo a mão no meu cabelo bagunçado, tirando a franja da frente dos olhos e vendo-a cair de volta no lugar. Uma imagem partida me encara de volta, e não parece nada com como eu me sinto.

O relógio no meu laptop muda de 1h59 para 2h e decido tentar dormir um

pouco a menos que queira acordar amanhã parecendo um arauto andrógino do apocalipse zumbi. Estou prestes a sair do Bloglr quando um ícone de envelope vermelho aparece no canto superior direito da tela, indicando que recebi uma mensagem nova. Clico e uma janela se abre.

> **Anônimo**: sua bixa

E, de repente, perco todo o sono.

> **Alix**: Caro Anônimo, embora eu queira muito ilustrar para você a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero, creio que seria melhor começarmos com um conceito mais básico:
>
> Ortografia.
>
> O que você quis dizer foi: “Sua bicha”. Uma das regras do uso do x é a de que ele é sempre usado depois de ditongos, como em “você é um frouxo por me ofender na internet”, enquanto o ch é usado em outras palavras como em “sua homofobia é chocante”. Espero que isso ajude a lançar alguma luz na desgraça que é sua vida.
> Com amor,
>
> Alix
>
> #generofluido #homofobia #policiadaortografiaprendaessapessoa

Eu poderia responder em mensagem privada – mas decido que esse anônimo merece uma pequena humilhação pública. Então, sentindo o ímpeto do triunfo dos justos, clico em *postar*. Fico olhando a tela por um minuto inteiro, à espera de uma resposta sarcástica, mas nada acontece. Pelo jeito, até os trolls foram dormir, e eu deveria fazer o mesmo. Assim como o ouro dos duendes, o triunfo é passageiro, e agora a exaustão toma conta de mim. Fecho o laptop, deito a cabeça no travesseiro e caio no sono.



Sonho que escolhi a boneca Bratz e acordo com o impulso quase irresistível de pintar uma mecha roxa no cabelo. Estou me sentindo absurdamente feminina – como se a agulha da bússola estivesse apontando exatamente para o F –; então, usar minha combinação neutra/ambígua de jeans e camiseta parece especialmente errado, porque o que queria mesmo era colocar um vestido.

A disforia vai ser difícil esta manhã. Já consigo ouvir o zumbido na cabeça. Atravessar o pátio parece um daqueles sonhos em que você vai para a escola sem roupas – fico imaginando as pessoas conseguindo *ver* o quanto sinto que essas roupas neutras são erradas para mim. Chego à sala da srta. Crane cedo e passo protetor labial, um truque que aprendi no blog de outra pessoa de gênero fluido. Lembra bastante um brilho labial, então me dá uma pequena sensação de feminilidade exterior sem estragar minha aparência neutra – e ninguém consegue ver. Ajuda, um pouco. Esse zumbido – ansiedade ou disforia, é difícil dizer – diminui um pouco, mas não desaparece por completo.

Sinto os olhos de Solo sobre mim quando ele entra na sala de Inglês Avançado, mas não o encaro. Por que ele se deu ao trabalho de fingir ser legal comigo ontem para depois me ignorar na frente dos amigos? Evito olhar para ele durante a aula toda – e, quando o sinal toca, sou a primeira pessoa a sair.

Dez minutos depois, em Política Avançada, o zumbido começa a se intensificar. Meus braços parecem especialmente errados – finos e angulosos demais para o quanto me sinto feminina –, então tiro um agasalho da bolsa e o visto, puxando as mangas. Não faz muita diferença. Cruzo as pernas na altura do joelho – às vezes, uma mudança de postura ajuda –, mas hoje isso não traz

nenhum alívio.

Francês passa como uma névoa. Tudo o que consigo pensar é em tentar atravessar o pátio me sentindo desse jeito – ou, pior, atravessar o corredor polonês. Fico com o coração na garganta, e um formigamento surge nas minhas bochechas e nas pontas dos meus dedos.

Está começando.

Mas sei o que preciso fazer: fechar os olhos e imaginar o quadro branco. Preciso pintá-lo de preto com a mente até não sobrar nada além de um vazio calmo e silencioso.

Fecho os olhos. Mergulho meu pincel imaginário na escuridão ao redor e começo a pintar o quadro com longas pinceladas lentas. Longas pinceladas lentas. Estou a três quartos do canto direito, quase acabando, quando uma parte branca surge no canto esquerdo. O preto está pingando, revelando mais e mais do quadro branco embaixo.

Isso sempre acontece; nunca consegui pintar o quadro todo de preto. Às vezes, o exercício consegue me acalmar mesmo assim. Dessa vez, não está dando certo.

Meu rosto está completamente dormente agora, e o formigamento se espalhou por minhas mãos até os punhos. Minha falta de ar deve ser audível, porque a menina bonita de cabelo louro e longo sentada à minha frente, Casey Reese, não para de me olhar sobre o ombro.

Quando passo por ela na saída da sala, ela pergunta:

– *Ça va?*

– Sim, valeu – respondo.

Mas não estou nada bem.

Minha visão está começando a afunilar. Não estou pensando, só colocando um pé à frente do outro – e, antes que me dê conta, estou no meio da escada para o refeitório. Quando percebo onde estou, a dez metros do corredor polonês, parte de mim quer virar e sair correndo; mas não faço isso. Continuo em frente, com os olhos fixos no chão, erguendo os ombros na direção das orelhas como se estivesse me preparando para o impacto.

Já atravessei a maior parte da distância até a fila do refeitório e não houve nenhuma provocação, não atiraram nada. Talvez a novidade de provocar alunos novos tenha passado. Ao passar pela mesa do Solo, sinto a tentação de olhar e ver se ele está observando, mas continuo de cabeça baixa. Não está muito longe. Minha cabeça ecoa contra minha caixa torácica.

E então atravesso. Chego ao corredor externo e saio correndo. A parede de

concreto do auditório se torna um borrão quando viro a esquina. Logo à frente, uma rampa de cadeira de rodas perto da porta lateral. Ela fica protegi-da por uma parede baixa de cerca de meio metro – o suficiente para eu me esconder se deitar de costas.

Chego finalmente, com um rangido das Doc Martens quando paro no concreto liso. Agacho-me, com o peito arfando, as mãos segurando as grades de proteção de alumínio. Tento acalmar a respiração.

Mas então uma mão encosta no meu ombro, e solto um grito de susto.

– Calma – diz uma voz.

Meus olhos estão borrados de lágrimas e passo a mão ainda dormente neles para clarear a visão: a figura diante de mim é o menino pálido de Política I que vi sentado com os Hard-Cores ontem – aquele com o nariz longo e o piercing labial. Ele está parado na rampa, com as mãos erguidas em gesto de rendição. Apesar do calor, está usando o mesmo casaco preto. Óculos circulares com lentes espelhadas escurecem os olhos azuis de que me lembro e não sei dizer se a expressão em seu rosto é de surpresa ou riso. Tem algo de suave na curva de seu maxilar e a gola de sua camiseta é baixa o bastante para revelar…

E é então que me dou conta: ele não é um menino. É uma menina.

– Desculpa – ela diz, baixando as mãos devagar –, mas você descobriu meu covil secreto. – Ela aponta para a rampa. – E agora, sinto muito, mas vai ter que pagar o pedágio.

Fico olhando para ela, sem voz e sem ar.

– Aceito sucos de caixinha, vale-presentes da Amazon e narcóticos – ela diz. Então, em resposta à minha cara inexpressiva, ela acrescenta: – Pelo pedágio.

Reconheço que é uma piada, mas não consigo dar risada. Meu rosto continua dormente e meu coração bate freneticamente, quase a ponto de riscar uma tatuagem no meu esterno.

A menina parece perceber que há algo de errado comigo, porque sua expressão muda levemente.

– Ei – ela diz, abaixando os óculos para me observar com os olhos de um azul brilhante. – Ei, senta aqui. – Ela se move para me ajudar a sentar na rampa… bom, é mais como se eu caísse e ela me pegasse… Então, ela tira um suco de caixinha da mochila. – Tome, beba isto. – Ela enfia o canudinho e me oferece, e eu bebo. Meu coração se acalma. O formigamento diminui um pouco.

Ela fica ali me observando. Imagino que vá achar o olhar dela invasivo – mas não há ameaça em seus olhos, só curiosidade e… algo mais. Algo estranhamente

reconfortante.

Sua voz é aguda e não combina com seu guarda-roupa de menino punk, mas, apesar do meu engano inicial, está na cara que ela se identifica como menina. Talvez seja a forma confiante como usa a camiseta decotada ou o ângulo de seu pescoço quando vira a cabeça para mim – mas, além dessas observações superficiais, só há uma forte intuição.

O que não sei é como ela me vê. Quando as meninas me veem como um cara, costumo sentir que me desprezam como alguém sem valor ou, na melhor das hipóteses, alguém inofensivo. Quando me veem como *menina*, tenho a sensação de que estão me comparando e julgando. Mas *essa* menina não está fazendo nenhuma dessas coisas. Sua postura é aberta, seu corpo relaxado. E, embora seus olhos estejam escondidos por trás das lentes espelhadas, existe uma intimidade na sua expressão que penetra minha barreira de ansiedade e me faz sentir um calafrio – mas um calafrio de quê? Isso eu não sei.

– Você tem diabetes? – ela pergunta.

Faço que não. Ela franze a testa.

– Está tendo uma visão sobrenatural?

Faço que não de novo, sentindo a sombra de um sorriso se abrir no canto da minha boca.

– Eu posso esperar – ela diz, olhando para o punho em um gesto de impaciência fingida.

O barulho do canudinho me informa que terminei a caixa de suco, o que é estranho, porque nem me lembro de sentir o gosto. A menina tira outro suco da mochila e me oferece, mas o puxa para trás.

– Eu exijo um nome – ela diz.

Eu sorrio.

– Seus pais não lhe deram um?

Ela abre a boca, fingindo surpresa, e se levanta de um salto.

– A criatura fala! – ela diz, levantando-se e gritando para o estacionamento lá embaixo. – Eu a revivi com minha poção púrpura!

Olho ao redor com nervosismo, verificando se tem alguém olhando para a gente. Essa menina está tirando sarro de mim? Não sei dizer. Mas a última coisa que quero, a última coisa que consigo *enfrentar* agora, é mais atenção.

– Escute... Por favor, não… – eu digo.

Mas a Menina do Piercing Labial está agora fazendo uma reverência, mandando beijos para uma plateia imaginária.

– Gostaria de agradecer à Academia, aos meus fãs, à equipe do suquinho Kapo que…

Nesse momento, ergo a mão, pego a manga dela e a puxo para a rampa.

– Riley – falo exasperadamente. – Meu nome é Riley. Por favor, não atraia mais atenção.

– Certo – ela diz, ajeitando a gola. – Riley Cavanaugh.

Ela sabe meu nome também?

Diante da expressão em meu rosto, a menina ergue as mãos de novo.

– Não sou *stalker*, ok? O sr. Brennan falou seu nome na aula ontem. – Ela se aproxima. – Ele chamou você e tentei livrar sua barra, lembra?

Faço que sim.

– Verdade. Valeu.

– Então, você tirou aquela informação bizarra da cartola. Acho que deveria me dar aula, como parte do pagamento. – Ela vira a cabeça e estreita os olhos como se estivesse me examinando. Depois de um momento, assente com a cabeça. – Eu sou Bec.

Pisco os olhos.

– Apelido de Rebecca?

Ela fecha os olhos por um momento e solta um suspiro exasperado.

– *Le bec* – ela diz – é "bico" em francês. – Ela aponta para o rosto dela. – Eu tenho um nariz grande. Feito um bico. Daí, *Bec*.

Franzo a sobrancelha.

– Quem daria esse nome pra você? Algum francês mala?

– Pode crer que não – ela responde. – Fui eu mesma.

Abano a cabeça, sem acreditar.

– Nem todo mundo tem a sorte de se chamar *Riley* – ela diz. E então seus lábios finos formam um sorriso lindamente torto. É contagioso. Ela me oferece o segundo suco, e eu aceito.

– Você… me seguiu?

– Sim, segui – ela admite, soando completamente impassível.

Dou um longo gole com o canudinho.

– Por quê?

– Depois de ontem, pensei que você nem chegaria perto do refeitório de novo. Falei pra mim mesma que, se viesse, era o tipo de pessoa que eu queria conhecer. – Ela inclina a cabeça como uma cortesã da renascença. – Prazer em conhecer, Riley Cavanaugh.

Ela me notou? Dois dias seguidos? Fico de boca aberta, então me dou conta do que estou fazendo e fecho o maxilar.

– Então – ela diz, ignorando meu constrangimento como se fosse algo bem comum. – Você veio de transferência?

– Sim.

– De onde?

Hesito, depois digo:

– Coração Imaculado.

Ela começa a gargalhar, um som entre uma risadinha e um cacarejo. Sinto que estou corando. Começo a me levantar, mas ela pega a minha mão. Seus dedos são frios, sua mão macia, e o toque dela faz meu braço se arrepiar.

– Não tava rindo de você, juro. Olha. – Ela abre o ca-saco preto, revelando a imagem em sua camiseta: uma grande cruz preta dentro de um círculo vermelho com uma linha diagonal atravessando, lembrando uma placa de "proibido". Em cima, está escrito: BAD RELIGION. – Estou rindo da ironia – ela diz – que estou recebendo sua deserção da escola católica vestindo uma camiseta do Bad Religion.

– Ah, certo – digo, com alívio –, a banda. – Quando ela solta minha mão, sinto uma pontada de decepção. Ela dá um tapinha no chão ao lado dela e me sento. – Pensei que você tava se referindo ao apelido infame da minha escola.

Bec se aproxima.

– Você sabe que vai ter que me contar qual é, certo?

Suspiro. Claro que vou.

– Em vez de Coração Imaculado, chamavam de "Cabeção Masturbado".

Bec dá risada. Começa como aquela risadinha baixa, mas logo se transforma em uma gargalhada com vontade. Agora, começo a rir também.

– Parece meu tipo de lugar – Bec fala, quando finalmente recupera o ar. Quando entendo o que está sugerindo, sinto-me corar pela milésima vez em dois dias. Nossas risadas vão perdendo o fôlego e noto que, embora meu coração continue batendo mais forte do que de costume, o formigamento nas mãos quase desapareceu.

– Qual é seu nome de verdade? – pergunto.

Mas Bec fala logo em seguida, como se não tivesse me ouvido:

– Então você não tem diabetes. Tava, tipo, prestes a ter uma convulsão? É epilepsia?

Abro a boca para responder e então toca o sinal, uma longa sirene barulhenta.

É como imagino o toque de recolher numa prisão.

Bec se levanta e me oferece a mão. Eu pego. Ela me ajuda a levantar e ficamos nos encarando. Finalmente, não aguento mais o silêncio.

– E assim uma pessoa é salva pelo gongo.

Ela me analisa.

– Você é melhor do que um clichê.

Meu estômago revira. Quase pergunto pra ela: *Como você pode saber?* Mas só de pensar em dizer essas palavras meu rosto fica vermelho como uma cabeça de fósforo. Sem conseguir mais encarar os olhos dela, olho para a caixa de suco fechada na minha mão e a ofereço de volta.

– Fica pra você – ela diz, depois vira e desce a rampa.



As aulas na escola da minha mãe terminaram mais cedo hoje, então já esperava ver a minivan dela na garagem ao chegar em casa, mas o que não imaginava era ver uma Mercedes vermelha estacionada ao lado. Se minha mãe está tendo alguma reunião relacionada à campanha, não quero nem chegar perto, então entro o mais silenciosamente possível. Escuto vozes vindo da cozinha. Ela definitivamente não está sozinha. Viro para subir em direção ao meu quarto – quando a porta do banheiro se abre.

De dentro, sai uma menina baixa mais ou menos da minha idade com um longo cabelo castanho. Ela ergue os olhos e minha boca se abre surpresa – é a menina que me chamou de *aquilo*. Rapidamente, ela puxa as mangas para baixo e cruza os braços – parece me reconhecer também.

– Oi – ela diz, num tom mais de ameaça do que de cumprimento.

– Oi – respondo.

Estou prestes a perguntar o que ela está fazendo na minha casa quando ouço uma voz vinda da cozinha:

– Sierra, vem cá. Quero mostrar para a sra. Cavanaugh como o óleo de melaleuca clareou aquelas suas manchas.

A menina – Sierra – fecha os olhos, abana a cabeça e volta para a cozinha. Já estou a caminho da escada quando minha mãe me chama.

– Riley? Você chegou?

Seguro o corrimão com força. Não quero ir até lá, mas agora não tenho

escolha.

– Sim, mãe.

– Vem cumprimentar as visitas.

Eu me aproximo com cuidado e espio pelo canto da porta.

Com seu vestido vermelho justo e seu longo cabelo brilhante, a mãe de Sierra parece mais uma irmã mais velha. Ela está sentada na frente da minha mãe com uma caixa de frasquinhos de vidro na mesa entre elas. A cozinha parece uma fábrica de *pot-pourri*.

– Olhe o tamanho dessas manchas – ela diz, mostrando fotos no celular. Minha mãe está tentando ser educada, mas vejo que está constrangida. A mãe de Sierra continua, com entusiasmo: – Você conhece os adolescentes, ficam comendo porcaria o dia todo e se recusam a cuidar da pele. Mas esse negócio funciona que é uma maravilha. Sierra, vira, mostra para ela como está agora.

– Mãe… – Sierra começa a reclamar, mas sua mãe faz um gesto impaciente com a mão. Relutante, Sierra se vira e sua mãe ergue a parte de trás da camiseta.

Agora *eu* é que sinto vergonha e começo a recuar para o corredor, mas já é tarde demais – Sierra fez contato visual comigo. Fico à espera de um olhar raivoso, mas ela só cerra os dentes e desvia os olhos. Quando sua mãe permite que ela se sente, dou meio passo para dentro da cozinha, tentando agir como se não estivesse lá o tempo todo.

Minha mãe faz as apresentações e cumprimento as duas do batente.

– Sierra é responsável pelo programa de tutores – minha mãe diz. – Você podia participar, talvez.

Tento esconder minha repulsa diante da ideia de trabalhar com essa menina que me odeia tão descaradamente, mas minha mãe parece ler meus pensamentos, porque me lança um olhar arrependido. Olho de esguelha para avaliar a reação de Sierra, mas ela está muito concentrada olhando feio para a mãe.

A mãe – a sra. Wells – a ignora, voltando a atenção para mim.

– Riley, você tem uma pele tão clara. Está usando algum protetor solar orgânico? – ela pergunta, pegando um dos frascos.

Abro a boca para dizer algo, não sei direito o quê, mas minha mãe intervém:

– Sei que você adoraria ficar e socializar, bebê, mas ainda tem um mês de lição de casa atrasada. Melhor ir começando.

E então, juro por Deus, ela pisca para mim. Contenho um sorriso. Minha mãe me resgatou. Perdoo o “bebê” na hora. Na verdade, meio que quero correr para dar um abraço nela, mas, em vez disso, viro e subo a escada.

Sei que deveria me sentir mal pela Sierra – está na cara que a mãe dela faz da sua vida um inferno – mas não consigo esquecer como ela me tratou ontem e é óbvio que não se sente mal por mim. Tiro minha cópia de *As bruxas de Salém* da mochila, me jogo na cama e fico lendo até o jantar.

Minha mãe me libera de lavar a louça para eu poder dedicar mais tempo à lição de casa – mas meu cérebro já está derretido depois de duas horas de Arthur Miller, então decido dar uma olhada no Bloglr. Quando abro minha página inicial, levo um susto com os números.

> MENSAGENS: 1
> SEGUIDORES: 58

Não é possível. Quando escrevi meu primeiro post ontem, tinha exatamente um seguidor. Como isso foi saltar para quase sessenta da noite para o dia?

Clico no ícone de atividade. Meu post original, “Ambos e nenhum”, que publiquei ontem, já foi curtido, comentado e republicado mais de cem vezes. Abaixo das *hashtags* tem uma série de comentários:

> **BPRanúnculo**: Nossa. Simplesmente Nossa.
> **PaulieIrlandesa**: ^^ Isso.
> **phoebe98**: Sei como é Alix!!

Preciso descer a tela para ler tudo.

Clico em *seguidores* e aparece uma lista. Tem QueerBoy1996, MiMi_Q, amazonaapaixonada e mais de cinquenta outros. Todos são usuários do Bloglr que leram minha primeira postagem e decidiram me seguir.

Eu me recosto e fico encarando a tela enquanto meu ceticismo dá lugar a uma surpreendente aceitação. Eu sei como eles me acharam – da mesma forma como descobri que existia um nome para a forma como me sentia –, procurando na internet. Pesquisando *hashtags*. E, sinceramente, não deveria ter me surpreendido que algumas dezenas de pessoas encontrassem meu primeiro post ao acaso e o curtissem – mas mais de *cem*? Em um dia?

Eu me debruço e desço o cursor para a minha segunda mensagem da história do Bloglr. Considero clicar em *excluir* sem nem abrir. Não quero estragar meu bom humor com uma repetição de “sua bixa”. Mas, depois de um instante, não resisto e clico na mensagem.

> **mija0amarel0**: Esse post é engraçado pra #@%^& e me ajudou muito. Posta mais por favor!!

Quero responder, mas não sei o que dizer. Finalmente, digito apenas “valeu ☺” e clico em *enviar*.

O fato de um estranho aleatório ter escrito para mim me comove de um jeito esquisito. A ideia de que minha escrita ajudou outra pessoa me dá vontade de escrever mais – então decido seguir o conselho de mija0amarel0. Abro um novo post e começo a digitar.

> NOVO POST: MINHA FEROZ HIPOCRISIA. SABRES DE LUZ, TAMBÉM.
> 2 de outubro, 21h47
>
> Hoje conheci um garoto.
>
> Bom… achei que era um garoto. Na verdade, conheci uma garota. Isso mesmo: pressupus o gênero dela prematuramente e… ERREI FEIO.
>
> Em minha defesa, eu estava no meio de um acesso épico de ansiedade e ela – que eu pensava ser ele – tem lindos e perturbadores olhos azuis. NINGUÉM consegue agir de maneira objetiva diante daqueles olhos. Eles eram azul da cor de um sabre de luz. Minhas tripas viram gelatina só de lembrar da cena na minha cabeça.
>
> Ah, e eu mencionei o piercing no lábio? SEXY.
>
> OUVINDO: “There She Goes”, do La’s
>
> Certo, dado o fato de que sou capaz de fazer suposições prematuras sobre o gênero de outras pessoas, vou tentar explicar isso com uma dose mais leve da minha Raiva de Fluidez de Gênero® de sempre (esse, aliás, é o nome da minha nova banda punk). O ponto aqui é que a expressão de gênero – no caso, a energia de menino gótico da Garota de Piercing no Lábio – não necessariamente indica sua identidade de gênero. Tem homens que gostam de praticar *crossdressing* (expressão), mas continuam 100% confortáveis em serem homens (identidade), e vice-versa. Por isso, mesmo se você tiver uma visão de raio X e puder ver através da minha calça jeans, o que você veria – ou não veria – não determina minha identidade de gênero. A identidade de gênero não é externa. Não é ditada pela sua anatomia. É interna. É algo que se sente, não algo que se vê – e pode ser bem mais complexa do que apenas masculino e feminino. Algumas pessoas, como eu, variam num contínuo entre os dois. Outras, como descobri com minha obsessão patológica por leitura de blogs, não se sentem como nenhum, ou se sentem como um terceiro gênero sem nome.
>
> Entendo que vocês tentem me categorizar. É um instinto humano. É o motivo por que os cientistas até hoje continuam pasmos com o ornitorrinco com bico de pato: é peludo feito

> um mamífero, mas bota ovos que nem uma ave. Ele desafia a classificação convencional.
>
> EU SOU O ORNITORRINCO (Tchubaruba!)
>
> Todos somos ensinados desde cedo que só existem duas opções: rosa ou azul, Bratz ou Power Rangers, líder de torcida ou jogador de futebol. Vemos gênero em duas dimensões porque é isso que a sociedade nos ensinou desde que nascemos. Mas você está pronto para a revelação chocante?
>
> A SOCIEDADE PRECISA MUDAR.
>
> #generofluido #pegandopesado #azulsabredeluz

Quando termino, releio, corrijo e reescrevo obsessivamen-te. Quero que o texto seja engraçado – mas, mais que isso, quero que seja sincero. Quando clico em *postar*, já passou da meia-noite. Penso que devia estar caindo de cansaço por ser tão tarde, mas não estou. Relembrar meu encontro com Bec deixou minha mente desperta. Então, em vez de dormir, navego pelo Bloglr por mais três horas. No começo, pretendo fazer um intensivão de leitura sobre questões de gênero –mas rapidamente isso se transforma em ver vídeos de gati-nhos e repostar gifs de Harry Potter. Faltando quinze minutos pras duas da manhã, meus olhos começam a pesar – e, um pouco depois disso, ainda com o laptop no colo, pego no sono.

Quando acordo na manhã de quarta, tenho certeza de que vai ser um dia feminino. Mas então, no meio da aula de inglês, sinto uma pontada de disforia – um tipo de sensação plástica, dessa vez nos quadris – e começo a me remexer na cadeira. Eu estava numa posição ereta com as pernas cruzadas, mas agora coloco os dois pés no chão e me afundo um pouco na cadeira. Deixo meu pé esquerdo relaxado no corredor. Assim me sinto melhor.

Solo praticamente me ignora a aula toda. Definitivamente continuo com raiva dele – mas maior que minha raiva é minha decepção. Ele ergue os olhos para mim uma vez, mas não consigo interpretar a expressão dele; e, quando a aula acaba, ele sai da sala antes de mim.

No caminho para a aula de Política, me sinto impaciente. Aquela leve ansiedade está começando a zumbir na minha cabeça. A sensação plástica retorna e, de repente, meu andar parece artificial e duro. Levo um segundo para perceber o que está acontecendo: estou oscilando. A agulha da minha bússola

interna está se afastando do feminino em direção ao polo oposto – e sinto dificuldade para compensar na maneira como me movo. Em vez de tentar controlar a situação com as respirações profundas ou com o exercício do quadro branco da dra. Ann, decido me deixar levar. Enfio a mão na mochila e pego o gorro que guardo para os dias em que meu cabelo não está legal. Visto o gorro, enfio os polegares no bolso da calça jeans e ando de maneira um pouco mais curvada. Começo a me sentir melhor por dentro – mas me pergunto o que as pessoas em volta pensam ou se chegam a notar.

Então, entro na sala do sr. Brennan e vejo Bec. Todas as minhas preocupações são eliminadas pelos seus olhos azuis brilhantes, enigmáticos e curiosos como os de um gato ao encontrarem os meus. Uma sombra daquele sorriso irônico perpassa os lábios dela e sinto um frio na barriga. A sensação é agradável, mas totalmente perturbadora. Quero retribuir o sorriso, mas sinto medo de que saia errado no meu rosto.

Coloco a mochila na carteira atrás dela e sento na cadeira. Quero me debruçar para a frente, dizer alguma coisa, mas, antes que tenha a oportunidade, ela se vira para mim.

– Riley Cavanaugh.

É como um ronronado a forma como a voz dela envolve meu nome e perco o ar na mesma hora.

– B… Oi – respondo e sinto meu rosto ficar vermelho. Comecei a dizer o nome dela, mas mudei de ideia tarde demais e acabei parecendo completamente idiota; mas Bec continua como se não tivesse notado:

– Quinta-feira. Sete da noite.

Pisco os olhos.

– Como é?

Sinto o sangue deixar meu rosto aos pouquinhos. Ela está me chamando para sair?

Sem romper o contato visual, Bec aponta por sobre o ombro para o quadro branco. Escritas em vermelho, estão as palavras “PROVA SEXTA”.

– Você me ajuda a gabaritar a prova e talvez possamos esquecer seu pedágio – Bec diz.

O frio agradável na barriga para de repente. Bec não quer alguém para sair, quer alguém para estudar. Como um nerd de estimação.

– Não posso – digo, me lembrando do evento de arrecadação do meu pai. – Tenho um lance na quinta.

– Ah – ela diz, erguendo as sobrancelhas. – Tudo bem.

Por um instante, noto uma decepção sincera, do tipo de quem foi rejeitada para um encontro, não do tipo de quem vai reprovar. Fico em dúvida se cometi um erro. Abro a boca para dizer algo, mas o sr. Brennan limpa a garganta e pede silêncio. Enquanto Bec vira o rosto para a frente, sinto um aroma doce (xampu de baunilha?) e todos os meus neurônios são acionados de uma só vez, apagando qualquer pensamento racional. O sr. Brennan começa a aula, mas estou longe, muito longe. Estou na casa de Bec na quinta à noite, tentando entender se a gente vai ficar ou só estudar, e me dando conta de que, pra mim, tanto faz.

Logo antes de a aula terminar, enquanto o professor gesticula enfaticamente para um diagrama dos três poderes do governo, Bec coloca a mão para trás e deixa uma folha de caderno dobrada na minha carteira. O sinal toca.



Bec não está na mesa de sempre na hora do almoço e, na manhã de quinta, nem aparece na aula. Deve ter pegado um resfriado ou coisa assim. Sento na rampa sem ninguém por perto, abro e releio o bilhete dela pela zilionésima vez. São só as palavras “Caso você mude de ideia” e um número de telefone.

Caso eu mude de ideia em relação a quê – um encontro ou um grupo de estudos? Não sei dizer se ela está sendo misteriosa de propósito ou se já me deu algum sinal óbvio e minha inaptidão social não me permite reconhecer. Tiro o celular do bolso, na intenção de mandar uma mensagem para ela dizendo “oi” ou “melhoras”, mas meus polegares ficam pairando sem fazer nada sobre a tela. O que vou dizer? E se minha mensagem parecer desesperada e ela achar estranho?

É por *isso* que não sou popular. Não consigo decodificar as sutilezas da etiqueta de mensagens de texto, menos ainda entender como agir perto de pessoas ao vivo. Meus pensamentos divagam na direção de Solo, que parece ter desistido de tentar conversar comigo. Pelo visto, eu o julguei mal, assim como pareço julgar mal todo mundo. E, em vez de manter a guarda, me permiti torcer para que nessa escola fosse diferente. Mas, até agora, a única diferença entre a Park Hills High e a Coração Imaculado é o uniforme.

Bloqueio o celular, dobro o bilhete e o enfio no bolso.

Quando chego em casa, caio na cama e pego no sono, sem nem me dar ao trabalho de abrir o laptop.

O som abafado de uma sirene de emergência me acorda. São seis da tarde; meus

pais vão chegar para me buscar para o evento de arrecadação de fundos em menos de uma hora. Saio da cama me arrastando e caminho até o guarda-roupa.

Paro ali, encarando o traje que tenho de usar hoje, ainda na embalagem plástica da lavanderia. É a roupa mais marcada por gênero que possuo, e eu a odeio.

Odeio.

Chamo de minha "fantasia de campanha". É um nome idiota, mas me ajuda a pensar nela assim porque é como meu *corpo* se sente quando a visto – como se fosse uma fantasia de Dia das Bruxas escolhida por outra pessoa.

Vesti-la é como um ritual suicida. Enquanto visto, mato qualquer possibilidade de expressar meu outro eu, menos aceitável. Basta olhar para essa roupa para disparar uma forte onda de disforia. Meus braços parecem feitos de plástico. Como membros de um manequim. O formigamento começa novamente nas minhas bochechas e na ponta dos meus dedos. Preciso acabar logo com isso.

Tiro-a do cabide e a coloco na cama. Arranco a calça jeans e a camiseta, abro o saco de celofane e começo a me vestir. O tecido dá uma sensação sufocante contra a minha pele. Eu me imagino entrando no salão do hotel com meus pais, sob os aplausos ensurdecedores e a luz ofuscante dos *flashes*. Enfio os braços nas mangas. Minhas mãos estão tremendo. Outro *flash* dispara e não consigo saber se é real ou imaginário. Coloco o tecido por sobre a cabeça e ele parece correr pelo meu corpo, prendendo-se em meu rosto como o plástico da lavanderia, cobrindo meu nariz, minha boca. Não consigo respirar.

Não posso fazer isso.

Peça por peça, vou tirando as roupas e as jogando contra a porta do guarda-roupa. Fico ali, em pé, arfando, olhando fixo para o amontoado, sem ar. E é então que me dou conta: era isso que eu estava usando na noite em que fui parar no hospital.

Havia um evento de arrecadação de fundos marcado para aquela noite, mas meu pai teve que cancelar – por minha culpa. Lembro-me de ficar pedindo desculpas para ele na ambulância e de que sua gravata azul-violácea se enrolou no tubo intravenoso enquanto ele se abaixava para me dizer que estava tudo bem. Passei a noite no hospital comunitário de Park Hills e, no dia seguinte, meus pais me levaram de carro para Pineview.

Deito de costas na cama e fico olhando para o teto. Fazia muito tempo que eu não me lembrava daquela noite.

Pineview foi terrível – mas também foi relativamente… *fácil*. Eu me sentia a

pessoa mais saudável daquele lugar, ao contrário de como me sentia na Coração Imaculado – como se fosse a única pessoa disfuncional. Era bom se sentir como alguém normal para variar, mas era horrível só ter doentes desamparados ao meu redor. Era como ficar preso com as piores versões de mim, como lembretes do que vou me tornar se não ficar melhor. Se não me curar. E, naqueles momentos em que tem certeza de que nunca vai conseguir, parece que há uma corda enrolada em todo o seu corpo, tensionando toda vez que você respira. E, depois de um tempo, nem respirar mais você consegue.

Eu me sinto assim agora, como se tivesse algo pesado em cima do meu peito, tirando meu ar. Levanto e ando pelo quarto, cerrando e abrindo os punhos, tentando recuperar o fôlego, tentando conter o formigamento que já está subindo pelos meus braços. Não posso deixar isso acontecer, não antes de um evento de arrecadação de fundos. Não de novo. Não posso fazer isso.

Não posso fazer isso.

O toque do meu pai corta o ar e levo um susto. O celular toca de novo e pego a calça, que ainda está caída no chão ao lado da cama. Enquanto tiro o celular do bolso, cai um papel no chão.

Atendo a ligação e a voz da minha mãe diz:

– Riley?

Mas não respondo imediatamente. Ainda estou tentando recuperar o fôlego. Noto que estou no viva-voz porque ouço meu pai xingando outro motorista ao fundo. Não sei como, mas isso me acalma.

– Bebê, está me ouvindo?

– Sim, mãe. Oi.

– Estamos a caminho. Já se vestiu?

– Quase. – Olho de soslaio para a pilha de roupas contra a porta do guarda-roupa, depois olho para o papel que caiu voando no chão. O bilhete de Bec.

– Bom, é melhor se apressar. Chegamos aí em quinze minutos e *não* podemos chegar atrasados. Seu pai…

Coloco minha mãe no viva-voz, deixo o celular na cama e pego o papel. Minha mãe fica falando naquela voz dela de mulher de deputado, mas já parei de prestar atenção.

Caso você mude de ideia.

– Mãe – digo, tentando interromper sua torrente nervosa de falatório. – Mãe!

– Sim, Riley, que foi?

– Não posso ir.

– Como é que é?

– Não posso ir ao evento hoje.

Há uma longa pausa do outro lado da linha. Finalmente, minha mãe fala:

– É, hum… você está… – Ela pensa que estou tendo outro surto, o que é um pouco verdade, mas ela não precisa saber.

– Não, mãe, não é nada disso. Meio que… tenho outros planos.

Ninguém fala nada por uns bons dez segundos. Ouço o trânsito. Escuto as chaves batendo no painel do carro. E então a voz do meu pai surge:

– Você tem *outros planos*? – Quase consigo *ouvir* ele erguendo as mãos para o alto. – Isso é inaceitável, Riley. Faltam cinco semanas para a eleição. A família importa pra essa gente. Temos uma respons…

– Tenho um encontro de estudo – falo sem pensar.

– Um *encontro*? – ele pergunta.

Bato a palma da mão na testa. Claro que ele reagiria. Eu não deveria ter usado essa palavra. Por que fui usar essa palavra?

– Não, não. Não é um encontro. Não sei por que falei isso. É só… estudo.

Ouço meus pais sussurrando um para o ouro, mas não consigo ouvir as palavras. Então meu pai diz:

– Estudar para o quê?

– Tenho prova de Política Avançada. – Tecnicamente, estou falando a verdade para os meus pais. Dá uma sensação estranha.

– Quando? – meu pai pergunta. Ele está perguntando os detalhes. Isso significa que está considerando me livrar dessa. Ele está considerando *mesmo*.

– Amanhã, no segundo horário – digo, e então as palavras começam a sair da minha boca feito os fios de macarrão da máquina de massas da minha mãe. – O sr. Brennan é bem durão, pai. Ele não está me dando nenhuma folga mesmo eu tendo vindo de outra escola. Além disso, acho que ele reconhece meu sobrenome. Vou me sentir idiota se a cria do deputado não gabaritar a primeira prova.

Mais sussurros.

– Aonde você vai? Vai ter algum adulto superv… – meu pai pergunta e ouço uma *pancada* do outro lado da linha. – Ai! Que foi, Sharon?

– Riley?

– Oi, mãe.

– Pode ir pro seu encontro de estudo.

– Não é um *encontro*, mãe.

– Certo, não é um encontro. Seu pai e eu achamos ótimo que você esteja fazendo novas amizades.

– Quem é? – pergunta meu pai.

– Uma pessoa da minha aula de Política.

– Menino ou m…

– *Sean!*

– Tá bom, tá bom!

Minha mãe limpa a garganta, depois diz:

– Estude bastante e a gente se vê depois do evento.

– Volte pra casa antes das dez – completa meu pai.

– Tá bom – respondo.

– Tchau, bebê.

– Tchau. – A ligação termina e fico olhando para o telefone numa mistura de fascínio e descrença. Deu certo. Não preciso ir ao evento.

Com um alívio absurdo, me deixo cair na cama. Relembro a ligação na minha mente e concluo que deve ter sido a conversa mais normal que já tive com meus pais em anos.

Exceto por um detalhe: "Menino ou menina?". Meu pai estava perguntando quando minha mãe o interrompeu.

Menino ou menina?

A pergunta ressoa na minha mente e suas implicações ecoam dentro do meu crânio feito bala perdida. Meu pai devia estar perguntando porque desconfia que sou homossexual. Isso não é tão ruim, especialmente porque ele parecia aberto para falar sobre o assunto. Mas minha mãe o interrompeu antes que ele tivesse a chance de perguntar. Por quê? Será que é porque *ela* não aceita? Ou porque desconfia de algo mais e não queria abrir uma caixa de Pandora logo antes do evento?

Tenho um ataque de riso. Não sei por quê, mas, agora, acho engraçado pensar que meus pais estão tentando me entender. Eles não fazem ideia do que realmente está se passando comigo. E, por enquanto, prefiro assim.

Desdobro o bilhete e o leio de novo. A letra de Bec é quase ilegível, um rabisco emaranhado de letras pretas.

Caso você mude de ideia.

Ela escreveu o bilhete, então devia querer que eu fosse. Mas depois sumiu.

Pode estar doente ou fora da cidade – ou pode estar em casa, esperando minha ligação. Só de pensar nisso meu rosto fica vermelho.

Viro a cabeça para olhar o laptop. Eu poderia simplesmente ficar aqui, reler os resumos dos capítulos e depois gastar cinco horas no Bloglr e dizer para os meus pais que o estudo foi ótimo. Eles nunca iriam descobrir. Daí me lembro dos olhos azuis brilhantes de Bec, e do toque frio e macio de sua mão na minha.

Respiro fundo e digito o número.

O telefone toca. Toca de novo. Cancelo a ligação. Pelo jeito, nem *isso* eu consigo fazer.

Fico olhando para a tela, tentando decidir se devo ligar de novo – e, então, o celular me surpreende: começa a tocar e, no susto, o derrubo na minha cara. Ele passa pelo meu queixo, quica no colchão, desliza pelo carpete e vai parar embaixo da cômoda. Ele toca mais três vezes enquanto levanto da cama com dificuldade e caio de joelhos para pegá-lo. Ele está lá no fundo, encostado na parede, e preciso pressionar o rosto contra a cômoda para alcançá-lo. Finalmente, toco no celular, puxo-o para fora do seu esconderijo e atendo a ligação no quinto toque.

– Alô? – atendo, um pouco sem ar.

– Você ligou bem na hora.

Ao som da voz de Bec, meu rosto se abre num sorriso.

– Como você sabia que era eu?

– É o Evan, não é?

Meu coração sobe para a boca.

– Evan? Quem…

– Estou brincando, Riley..

Meu coração desliza de volta pela garganta até seu lugar de costume, no peito.

– Sabia que você iria ligar – ela diz.

– Mesmo?

– Uhum. Eu batizei aqueles sucos de caixinha com uma substância viciante. Sabia que você não aguentaria os desejos por muito tempo. – Mesmo estando sem ninguém no quarto, meu corpo todo se aquece. É como um calafrio de febre. – Terra chamando Riley – Bec diz.

– Oi, tô aqui.

– Pensei que você tinha um compromisso.

– Eu tinha. Quer dizer, tenho. Quer dizer, não vou mais. Então. – Enfio a cabeça no travesseiro. Matem-me, por favor. Não sei falar essa língua com a raça

humana.

Bec pergunta:

– Você… ainda quer estudar pra aula do Brennan? – A forma como ela estende a palavra “você” faz soar quase como um rugido de pantera.

– Claro – respondo, tentando (sem sucesso) não demons-trar meu entusiasmo.

– Mando o endereço por mensagem.



Bec mora do outro lado da cidade, num bairro separado da parte mais rica de Park Hills pela Banyan Road, uma avenida diagonal larga marcada por bueiros e um trilho de trem desativado que desce para o centro. A maioria dos postes no quarteirão dela está apagada e preciso ligar o farol alto para ler os endereços pouco visíveis no meio-fio. Encontro o número dela e paro o carro, sentindo um acanhamento súbito pela minivan nova da minha mãe em contraste com a tinta lascada da casa térrea antiga onde Bec mora. Saio do carro, subo os degraus caindo aos pedaços e bato na porta. Ninguém atende. Vejo a luz de uma TV tremeluzindo pelas cortinas finas, então toco a campainha.

Passos pesados se aproximam e a porta se abre. Um menino alto e extremamente gordo com a cabeça raspada me olha por trás de uma porta telada. Ele está usando uma camiseta cinza suada e carrega um controle de videogame na mão. Sua respiração é chiada.

– Oi – cumprimento. – A Bec tá…

O menino me interrompe.

– Psiu! Minha mãe tá descansando. – Começo a responder, mas ele abre a porta de tela empenada com um empurrão e dou um passo para trás. O menino estreita os olhos para mim. É o olhar que antecede a pergunta, ou a provocação, ou seja lá o que for. Eu me preparo para o pior… e, então, para meu alívio, Bec aparece no batente.

– Obrigada, Erik – ela diz. – Deixa que eu assumo daqui.

Mas Erik não presta atenção nela; sua atenção continua fixada em mim.

– Você é… – ele começa, mas Bec o interrompe.

– Erik. Jogo. Vai.

Ele dispara um olhar fatal para Bec, mas ela o encara. Depois de um momento, os olhos dele se voltam para mim.

– Divirtam-se estudando – ele diz e volta para a sala.

Bec o observa ir, então vira para mim e fala com a voz sussurrada:

– Entre.

Uma TV de tubo antiga domina um lado da sala de estar. Alguém, provavelmente Erik, empurrou um sofá azul velho e uma poltrona reclinável bege bem sarnenta para um canto da sala a fim de dar espaço para uma esteira de plástico branco que está no centro do tapete remendado. Erik sobe nela e retoma o jogo. Está no mudo, mas a tela se acende enquanto ele fica de joelhos desengonçadamente e começa a fazer o que meu pai chamaria de “flexões de menina”. É algum tipo de game de atividades físicas. Na tela, um cara todo musculoso faz gestos encorajadores enquanto Erik imita seu avatar flexão por flexão.

– Meu quarto é por aqui – Bec sussurra, depois me guia pela sala de estar até o corredor. Chegamos a um quarto no fundo da casa e Bec para na frente da porta.

– Desculpa pelo Erik ser escroto – ela diz.

– Tudo bem.

– Ele teve uma semana difícil. Um cara do time de futebol americano anda enchendo o saco dele.

Na hora, penso em Jim Vickers.

– Quem?

– Não sei, algum babaca com merda na cabeça. Ele fez o Erik acreditar que tem chances de entrar pro time se perder peso e fizer alguns “favores”. O que deve significar fazer coisas que podem levá-lo à expulsão ou sabe Deus o quê. – Bec olha para trás na direção da sala de estar, com uma expressão carinhosa no rosto. – Tentei falar que só estão tirando uma com a cara dele, mas ele não me escuta. – Ela encolhe os ombros. – Enfim... Esta é minha humilde residência, sinta-se em casa. – Com um sorriso e um floreio, Bec abre a porta e me convida para entrar.

Claramente, esse é o maior dos quartos da casa, mas é minúsculo – menor do que o meu. Observo o ambiente tentando esconder minha confusão, porque a disposição do quarto não faz sentido nenhum. É dividido no meio e tem duas camas, uma em cada canto das paredes longas. Um lado do quarto é pintado de cinza-escuro, enquanto o outro é pintado de amarelo. Desenhos de carvão não

emoldurados enfeitam as paredes do lado amarelo e, num dos cantos das paredes cinza, uma guitarra elétrica surrada está encostada numa carteira escolar velha. No começo, essa disposição bipolar me parece a manifestação de alguma doença mental oculta, mas logo entendo o mais provável: duas pessoas dividem o quarto. Sobre a porta de correr do guarda-roupa embutido – também metade cinza e metade amarelo –, alguém colou um enorme decalque de arco-íris que parece fazer a ponte entre as duas metades do quarto. Não consigo imaginar Bec colando um adesivo como aquele.

– Eu tinha uma irmã. – Bec diz. Levo um susto. Tinha quase esquecido que ela estava comigo no quarto.

– Ah – digo.

– Ela morreu faz um tempo. Deixei assim pra me lembrar dela. Espero que você não ache estranho.

– Não. Nem um pouco – digo, mas meio que acho estranho, sim.

Bec está olhando para um dos desenhos em carvão, um retrato de um cavalo parado atrás de uma cerca de madeira. Ao fundo, nuvens pesadas de tempestade estão se formando.

– São seus? – pergunto.

– Nossa, não. Mal consigo desenhar bonecos de palitinho. – Ela vira e sorri para mim.

Coloco a mochila na carteira e aponto para a guitarra.

– Você toca?

– Sim. Não muito bem, mas o bastante pra rock’n’roll. – Uma imagem súbita de Bec no palco, tocando violentamente aquela guitarra vermelha e preta cheia de fita adesiva, cria uma onda de calor no meu corpo. Meus olhos encaram os dela e, por um tempo indeterminado, me perco naquele azul brilhante.

Finalmente, Bec quebra o feitiço.

– Acho que deveríamos estudar, hein?

Desvio os olhos.

– Sim. Total – respondo, colocando a mão na mochila para pegar meu laptop.

– Então, perdi alguma coisa enquanto tava fora?

– Não muito. – Coloco o computador na carteira e aperto o botão de ligar. – Na verdade, não sei. Meio que tive dificuldade em prestar atenção na aula. Tem muita coisa acontecendo.

– Sei como é – Bec diz.

– Por que você não foi pra aula nos últimos dias?

Bec desvia os olhos.

– Meu pai viaja muito a trabalho. Às vezes posso ir com ele – ela responde.

– Ah. Ele ainda tá viajando?

– Ele não mora com a gente – ela diz, cruzando o quarto para fechar uma gaveta aberta da cômoda. Ela fica parada ali por um instante, de costas para mim, e decido mudar de assunto.

– Vocês têm *Wi-Fi*? – pergunto. E então me lembro da TV de tubo antiga e dos degraus caindo aos pedaços na entrada. Sinto uma vergonha súbita de ter trazido meu Mac novinho em folha.

Mas Bec nem se abala.

– Erik rouba do vizinho. Ele é um gênio de computação. – Ela estende as mãos para pegar meu laptop. – Ele precisa ajustar suas configurações.

Relutante, entrego para ela.

Enquanto ela está fora do quarto, resisto à tentação de xeretar tudo. No entanto, ainda dou uma olhada na coleção de livros extensa e esparramada, e fico contente ao encontrar dois dos meus favoritos – *O apanhador no campo de centeio* e *Ponte para Terabítia* – entre os livros de aparência mais gasta.

Alguns minutos depois, ela volta com meu computador conectado na internet. Ela se deita na cama, repousando o queixo nas palmas das mãos, enquanto me sento na carteira e abro uma janela do navegador. Entro no site da escola, clico na página do sr. Brennan e dou uma lida.

– Então, segundo o programa do curso: “Esse teste consistirá em cinco questões dissertativas sobre como o diálogo virtual dá forma ao clima político norte-americano”.

Ao ouvir isso, Bec resmunga:

– Queria estar morta. Perguntas dissertativas? Em um teste?

Desço a tela.

– É pra a gente olhar esta lista de links pra se preparar.

– Bom, vou precisar de uma bebida. Quer alguma coisa? – ela diz, se levantando.

– O que você tem?

Ela enumera nos dedos as opções.

– Coca, suco de caixinha, xerez de cozinhar, desentupidor de ralo. Acho que vou querer o desentupidor.

Dou risada.

– Vou tomar um daqueles sucos de caixinha viciantes. Sabe, pra evitar

abstinências.

Bec sorri.

– Bem pensado. Já volto.

Bec retorna com dois sucos de caixinha. Ela me dá um, enfia o canudinho no dela e sugere um brinde.

– Ao sr. Brennan.

– À nossa frágil república – respondo, e batemos nossas caixinhas de suco uma na outra.

Bec se inclina para trás, me observando.

– Você é um sarro – ela fala.

– Mecanismo de defesa – respondo. – Tipo quando os pepinos-do-mar vomitam as tripas ao se sentirem ameaçados.

– Eles fazem isso de verdade?

– Não sei. Mas prefiro acreditar porque é uma metáfora excepcional.

Bec suga no canudinho e engole.

– Então, você me vê como uma ameaça?

Coro completamente na mesma hora.

– Ei, desculpa. Eu faço isso às vezes. Fico provocando as pessoas – ela diz, aproximando-se de mim na cama.

E então ela coloca a mão no meu joelho. É um gesto inocente… será? Sinto o calor no meu rosto se intensificar.

– Eu estou… está tudo bem – digo. – Só costumo corar com facilidade. É um…

– Mecanismo de defesa? – Bec sugere.

– Algo assim.

– Bom, é mais higiênico do que vomitar as tripas – ela diz.

Dou risada. Então, ela meio que me dá um tapinha na perna. É um gesto estranhamente maternal que apaga imediatamente o fogo que estava começando a se espalhar pelo meu corpo com uma torrente de decepção. Quando ela colocou a mão na minha perna, pensei que estava… sei lá, dando em cima de mim. Mas aí virou esse tapinha estranho e a energia mudou. Ai... é tão frustrante ser completamente incapaz de interpretar sinais – e, ainda por cima, não sei como ela me vê. Se ela vê em mim uma garota, sou, tipo, só uma amiga? Ou ela *curte* garotas? Ou, se sente mais uma vibração masculina de mim, será que sou o tipo dela? Ou só um nerd que ela pode paquerar para que eu ensine tudo?

Se nota minha reação, Bec não demonstra. Ela se recosta na parede e diz:

– Certo. Ensine os troços sobre as coisas.

Passamos a próxima hora clicando nos links do programa do curso do Brennan. Metade deles leva a sites limpos, brancos e extremamente chatos do governo, mas a outra metade leva a páginas de vários grupos políticos marginais e teorias da conspiração. A maioria são blogs completamente coloridos e mal formatados que parecem ter sido criados no mesmo ano em que *Titanic* ganhou o Oscar de Melhor Filme – mas o conteúdo é fascinante.

O blog de um cara consiste inteiramente em vídeos dele falando sem parar sobre como a Lei Patriótica era uma violação direta da Constituição. Outro cara – que meu pai chamaria de "maluquete" – fala ininterruptamente sobre como não existe nenhuma lei de verdade que exija que os cidadãos paguem imposto de renda.

– Qual é o objetivo disso tudo? – Bec pergunta, apontando para a tela com o canudinho do suco, mordido até virar um nó. – Metade deles parece legítima, mas a outra metade parece dirigida pela brigada de preparadores do fim do mundo.

– Que vai ser o nome da minha nova banda de rock – digo.

– Hein?

– Brigada de Preparadores do Fim do Mundo.

Bec revira os olhos e sinto meu rosto começar a esquentar. Se ela me achava vagamente atraente antes, estou fazendo um excelente trabalho para ela mudar de ideia.

Em uma tentativa de desviar a atenção da minha nerdice aparentemente repulsiva, retorno o foco à tela.

– Só faltam dois sites para entrar.

O próximo link leva a uma página de uma deputada democrata do Texas. Embaixo de sua biografia, tem uma série de ícones, todos logos de associações que apoiaram a reeleição dela. Um deles é um arco-íris animado cintilante.

– Qual é a do arco-íris? – pergunta Bec.

Então eu clico.

Uma página clara e bem formatada se abre. No alto, tem o logo do arco-íris novamente e o cabeçalho, que diz:

AliançaQueer.org Recursos LGBTQ

– Um apoio bem polêmico pra uma texana – Bec comenta.

– Pois é, né? – concordo.

Faço o possível para manter o rosto neutro. Eu conheço esse site. Nunca acessei a página inicial, mas já cliquei em links no Bloglr e li alguns artigos dele. Em sua maioria, o AliançaQueer.org consiste em posts de líderes da comunidade gay e trans – mas encontrei textos de uma pessoa gênero fluido de São Francisco que me ajudou muito quando eu ainda tentava entender aquilo por que estava passando. Em todo caso, nunca imaginei que ele apareceria em uma tarefa escolar.

Abaixo do menu, tem uma foto três por quatro de uma mulher de ar profissional com um sorriso largo e cabelo curto ondulado, com a legenda "Mike/Michelle Weston". Ao lado, um calendário de eventos incluindo diversos festivais de orgulho LGBTQ e o Dia da Memória Trans em novembro. Vou descendo a tela.

Em uma seção chamada "Novidades", tem uma lista de "Blogs em destaque" com fotos, descrições breves e links para cada site. Passo o olho por eles.

Quando vejo meu avatar de David Bowie, quase deixo o suco cair.

A descrição diz:

> ***Esconder-se e outras habilidades sociais***
> *O diário on-line de Alix revela a experiência de ser jovem e gênero fluido com histórias pessoais e passagens bem-humoradas*

Rapidamente, clico no botão *voltar*, torcendo para que Bec não preste atenção. Como meu blog foi parar nesse site?

– É melhor eu ir pra casa – digo, desligando o Mac.

– Como assim? Agora? Tá tudo bem? – Bec diz, sentando-se na cama.

– Sim. É só que tá ficando tarde – respondo, enfiando o laptop na mochila.

Bec olha para seu relógio de pulso.

– São, tipo, oito e quinze.

– Em dias de semana, tenho que estar em casa até as oito e meia. – É mentira, mas sai fácil.

– Tá bom, então, levo você até a porta.

Minha cabeça está a mil enquanto dirijo para longe da casa dela, com pensamentos girando: como meu blog foi parar na lição de casa do sr. Brennan? Será que Bec notou minha reação aterrorizada? E então penso no constrangimento do tapinha no joelho e quero enfiar minha cabeça no travesseiro

até sufocar. Aquilo era um flerte ou estou me iludindo?

Os pensamentos correm assim, um atrás do outro, desconexos e fora de ordem. Considero parar o carro até me acalmar, mas não consigo. Finalmente, chego em casa, fecho a garagem e vou direto para o meu quarto.

Meu pai separou meus remédios. Engulo os comprimidos, escovo os dentes e deito na cama. Tento fazer o exercício do quadro branco, mas desisto antes de chegar à metade. Não sei como, mas consigo pegar no sono. Meu último pensamento é na mão de Bec em meu joelho e no calor radiante transmitido por ela.

Tenho um misto de sonhos estranhos e agradáveis.

Na manhã de sexta, minha mãe me leva mais cedo para a escola a fim de chegar à sua reunião de pais e professores em tempo. A escola parece vazia. Entretanto, conforme vou me aproximando dos portões, uma movimentação no campo esportivo lá embaixo me chama a atenção. Estreito os olhos: é o irmão de Bec, Erik, parado no campo de futebol americano deserto com Jim Vickers.

No começo, não sei o que estão fazendo. Vickers está atrás dele com as mãos em seus quadris quase como um instrutor de dança. Ele ajusta a postura de Erik, depois posiciona seus braços e percebo que está segurando uma bola de futebol americano. Ao sinal de Vickers, Erik lança a bola, que voa por uns vinte metros antes de cair no gramado. Vickers diz alguma coisa e Erik tenta de novo. Dessa vez, a bola vai mais longe. Eles ficam conversando por um tempo e, depois, Erik põe a mão no bolso e dá algo a Vickers – um chiclete ou doce, talvez. É difícil saber a essa distância. Depois os dois saem para trás do ginásio.

Fico ali por um instante, tentando entender por que os dois estariam juntos lá embaixo. Parecia que Vickers estava ensinando Erik a fazer um lançamento – mas por quê? Bec comentou que Erik queria entrar para a equipe e talvez Vickers esteja mesmo tentando ajudar – não sei por quê, isso não me convence. Não vindo dele. Mas, enfim, Erik deu alguma coisa para ele. Talvez algo em troca das aulas. Seja o que for, não é da minha conta – então viro e atravesso o pátio.

Solo está me esperando na frente da sala de Inglês Avançado. Faz dias que a gente não se fala – desde que ele me ignorou no almoço. Ao vê-lo, meu peito se enche de raiva.

– Oi – ele diz.

Passo por ele e entro na sala vazia da srta. Crane. Ele entra atrás. Depois de escolher uma carteira no meio da sala, sento na cadeira, tiro o livro de Inglês da mochila e finjo ler.

Solo senta à carteira ao lado da minha.

– Por quanto tempo você pretende me ignorar?

Viro a página. Ele continua:

– Uma estimativa bruta já está de bom tamanho. Só queria poder planejar meu caminho pela sala pra evitar o olhar mortal de Medusa que você me lança o tempo todo.

– Não sei – digo, com os olhos ainda no livro. – Por quanto tempo você pretende fingir que não me conhece quando eu entrar no refeitório?

Solo solta um suspiro exasperado.

– Ah, vá! Não faz drama.

– Não estou fazendo drama. Você super me ignorou!

– Eu não ignorei você. Só lancei um olhar de cautela, indicando que aquela mesa em particular não seria uma boa opção para você.

– Um olhar de *cautela*?

– Estava tentando ajudar.

Abano a cabeça e volto a olhar para o livro.

– Ah, qual é. Todo mundo faz o possível pra se adaptar. Não finge que você não parou no alto da escada e olhou para todas as mesas e pensou: “Não quero sentar com aquelas pessoas. Eca! Com *aquelas* pessoas é que não vou sentar mesmo. Ah, olha só, aquele grupo gosta de esportes! Eles *nunca* vão entender minha crise existencial”.

Fecho o livro e o encaro.

– É fácil pra você dizer isso. Ninguém mexe com você. Não tem essa… cara.

Solo se levanta de repente.

– Eu sou *assim*! Você acha que não sofri na minha primeira semana aqui? – ele questiona, apontando para o próprio rosto e depois para o corpo enorme.

Estou respirando rápido e com dificuldade, pelo nariz, como meu pai faz quando está nervoso.

Solo aponta um dedo grosso para mim.

– Você anda por aí como se fosse melhor que todo mundo. Como se todo mundo ao seu redor fosse um bando de babacas superficiais e intolerantes.

Abro a boca para responder, mas, nesse momento, a porta se abre e duas

meninas entram. Uma delas é Sierra. Eu me preparo para a encarada dela, mas ela nem olha na minha direção enquanto senta em seu lugar perto da entrada. É um alívio. Olho de esguelha para Solo e fazemos um acordo silencioso: isso não acabou.

Não conversamos no caminho para a aula de Política, mas também não tento evitá-lo. Simplesmente ando atrás. É muito mais fácil percorrer os corredores na esteira dele.

E, então, entro na sala de aula do sr. Brennan e vejo a palavra "PROVA" no quadro e a noite passada volta com tudo: minha sessão de estudos com Bec. A estranha tensão sexual. Encontrar meu blog listado naquele site LGBTQ.

Assim que o sinal toca, Bec entra, com um ar esgotado. Seu cabelo está enfiado dentro de uma boina e noto que ela tem olheiras. Quando se senta à carteira na minha frente, tenho vontade de dizer algo – mas o quê? Enquanto o sr. Brennan fica falando sobre seu sistema de avaliação, quase dou uma cutucada no ombro dela, mas tiro a mão no último segundo.

Finalmente, o professor começa a entregar os testes. Quando Bec vira para me passar, ela faz com a boca um "boa sorte" e sorri para mim. Meu estômago se contorce de uma maneira agradável.

Quando o sinal toca ao fim da aula, ela é a primeira a se levantar. Deixa o teste na mesa do sr. Brennan e me faz um aceno estranho enquanto sai da sala. Considero ir atrás, mas e aí? Eu digo: "Ei, foi legal estudar com você, quer ficar comigo mais tarde?". Só de pensar, sinto meu rosto ficar quente.

Em Pré-Cálculo, não presto atenção em nada. Meus pensamentos estão voltados às questões que me atormentam. Por que Bec saiu da sala com tanta pressa – será que está me evitando? Foi por causa da esquisitice durante nosso encontro de estudo, que pode ou não ter sido um encontro *de verdade*? E, como se essa linha de pensamento não me distraísse o suficiente, a acusação de Solo continua se repetindo na minha cabeça.

Você anda por aí como se fosse melhor que todo mundo. Como se todo mundo ao seu redor fosse um bando de babacas superficiais e intolerantes.

Mas a verdade é que todo mundo ao meu redor é, sim, um bando de babacas superficiais e intolerantes. No primeiro minuto em que pus os pés nesta escola, me chamaram de *aquilo*. Mais tarde, naquele mesmo dia, meu gênero foi questionado no meio do refeitório por metade do time de futebol americano. Até um visitante anônimo no meu próprio blog, caramba, me chamou de "bixa". Como isso não qualifica todo mundo como um bando de babacas superficiais e

intolerantes?

Quando a aula de Francês acaba, estou fervilhando de raiva. Não consigo encontrar Solo e não há como resolver nossas diferenças.

Da minha posição estratégica no alto da escada, avisto Solo sentado em sua mesa de sempre. Cole está lá, com seu longo cabelo viscoso amarrado num rabo de cavalo, assim como o menino ruivo de óculos que parece estar sempre com eles.

Jim Vickers senta de frente para Solo, com seus ombros esticando o tecido da camiseta dos Leões de Park Hills. Sierra senta praticamente em seu colo. Solo faz um comentário e Vickers responde atirando uma batata frita cheia de catchup nele. A batata mancha o peito dele e se prende lá. Sierra joga a cabeça para trás e dá uma gargalhada. Solo tira a batata da camiseta e começa a limpar a mancha vermelha com um guardanapo de papel. Não entendo por que ele aceita ser tratado assim – só sei que *eu* não vou aceitar. Cerro os dentes e começo a descer a escada, dois degraus de cada vez.

E entro no corredor polonês.

Mas, dessa vez, não tento passar como se fosse invisível. Estou com a cabeça erguida e os ombros firmes. Solo ergue os olhos como se pretendesse dizer algo a Vickers mas, quando me vê, seus olhos se arregalam e ele abana a cabeça. Sierra nota e vira para olhar na minha direção. Quando ela me reconhece, sorri e diz algo que não consigo ouvir para o grupo.

Ignorando a todos, vou até a mesa e encaro Solo – mas, antes que eu possa falar, Vickers me interrompe:

– Ei, Solo, é o seu namorado. – Ele me olha de cima a baixo. – Ah, foi mal. Namorada?

Vickers e Cole dão risada. Sierra se debruça na minha direção.

– Sério, é difícil saber. Você é, tipo, um menino afeminado ou só uma mina muito feia?

Mais gargalhadas. Sinto meu rosto ficar vermelho.

– O que ela está tentando perguntar é: você é *sapatão* ou *viado*? – Vickers continua.

Com calor subindo nas bochechas, eu o ignoro e viro para Solo:

– Posso conversar com você um minuto?

Mas Solo está paralisado, com a cara fechada para Vickers.

– Não é exatamente isso, gato – Sierra diz a Vickers, com a voz melosa de uma doçura artificial. – O que quero saber é – ela aponta para a minha virilha – tem,

tipo assim, um pinto aí? Ou uma buceta?

– Ai, caramba! – Vickers diz. Cole ri.

Levo um momento para reagir, tamanha é a minha surpresa. Uma coisa é sussurrar com as amigas dela ou rir quando seu namorado me zoa – mas não esperava que Sierra fosse tão abertamente agressiva comigo.

Devagar, viro para olhar nos olhos dela.

– Não é da sua conta. E, por mais que seu interesse me lisonjeie, você não faz muito meu tipo – respondo.

O garoto ruivo urra uma gargalhada e bate palmas. Vickers lhe dá um soco no braço e ele se cala.

O rosto de Sierra fica branco de fúria. Sinto uma onda de triunfo – mas, no fundo, sinto minha adrenalina disparando.

Então, devagar, Vickers se levanta e o grupo fica em silêncio.

– Quer repetir o que acabou de dizer pra minha namorada, sua bicha?

O sangue se esvai do meu rosto. Dou um passo para trás.

E então Solo se levanta, com seu corpo imponente dominando a mesa. Ele ergue a mão enorme e segura o ombro de Vickers.

– Senta, cara. Você tá sendo escroto – ele diz.

Os olhos de Cole se arregalam de surpresa e o garoto ruivo se encolhe no banco. Vickers encara Solo – e, por um instante, acho que vai dar um soco nele. Mas, depois de um tempo, Sierra ergue a mão e toca o braço de Vickers. Ele abana a cabeça e se senta.

Solo pestaneja, pega a mochila e entra no corredor sem hesitar.

Ele não me diz uma palavra enquanto o sigo pelo corredor externo e damos a volta até os fundos do auditório. Penso que vai virar à esquerda e seguir na direção da rampa, mas, em vez disso, desce a colina na direção do estacionamento. Vou correndo atrás.

Seu carro é um *hatchback* Toyota prateado com a tinta lascada. A janela de trás tem tantos adesivos colados que não dá para ver nada. Em destaque, um adesivo da rádio KROQ FM e um logo da Aliança Rebelde.

– Ergue a porta quando abrir, senão ela cai – ele diz.

– Pra onde a gente tá indo? – pergunto.

– Matar aula.



Dez minutos depois, estamos acelerando pela estrada, com o carro tremendo feito um banheiro químico num terremoto de magnitude 5,0.

– Aonde estamos indo? – grito.

Preciso gritar porque o radiador do carro de Solo está destruído, então ele mantém o aquecedor no máximo para impedir que o carro superaqueça, o que significa que as quatro janelas têm de ficar abertas, senão o carro vira um forno de pizza.

Ele responde, mas acho que ouvi errado, porque parece que ele disse:

– Para o Anos Reagan.

Mas aí saímos da estrada para o centro de Fullerton e, dito e feito, lá está, apinhado entre um restaurante japonês minúsculo e um salão de cabeleireiro: o Anos Reagan. Solo abre a porta e entramos.

É um autêntico fliperama dos anos 1980, lotado de parede a parede com jogos antigos como *Galaga*, *Dig Dug* e *Donkey Kong*. Uma música do Oingo Boingo ressoa dos alto-falantes pequeninos e duas TVs de tubo instaladas em suportes altos exibem vídeos da MTV crepitantes com uma resolução péssima.

– Que lugar incrível – digo.

– Você ainda não viu o que tem nos fundos.

Damos a volta numa grande divisória e tem uma verdadeira lanchonete dos anos 1950, completa com piso de linóleo axadrezado e banquinhos de vinil vermelho. O cara atrás do balcão usa um daqueles chapeuzinhos de época.

– Quando fico puto, jogo *Pac-Man* – Solo diz.

Ele tira um rolo de moedas da mochila e o sigo até uma das mesas de jogo. Ele

se encaixa em uma cadeira minúscula, coloca duas moedas na máquina e começa a jogar, forçando o *joystick* como se sua força física pudesse, de alguma forma, fazer os gráficos cafonas de oito bits se moverem mais rápido. É meio fofo.

– Vou pegar bebidas – digo.

– Chocolate maltado – ele responde, sem erguer os olhos. Algo no tom como ele fala, embora ainda não tenhamos começado a resolver as coisas, me dá uma sensação de alívio, como se já estivesse subentendido que vamos superar isso e ser amigos.

Ele não está prestando atenção em mim, mas sorrio para ele mesmo assim.

– É pra já.

Quando volto com as bebidas, Solo está terminando. Ele se levanta, faz um gesto de vitória e mostra os dois dedos do meio para a tela.

– Toma essa, máquina! Eu é que não tenho medo de fantasma! – ele grita.

Coloco o chocolate dele na mesa de jogos e abro a tampa da minha garrafa d'água.

– Você não gosta de chocolate maltado? – Solo pergunta, abaixando para tomar um longo gole do canudinho.

Considero iniciar um belo discurso vegano, mas, só de pensar, já me canso, então só faço que não com a cabeça.

Solo dá de ombros.

– Sobra mais pra mim. Você pediu batata frita?

Faço que sim e arrisco:

– Posso fazer uma pergunta?

– Manda.

– Você realmente acha que ando por aí como se fosse melhor que todo mundo?

Solo dá outro longo gole em seu chocolate.

– Acho que você parte do princípio de que todo mundo vai ser seu inimigo. E, desse jeito, você meio que torna isso verdade.

– Então você acha que eu *obriguei* o Jim Vickers a me chamar de "sapatão" e "viado"?

Solo abana a cabeça.

– Não, claro que você não *obrigou*. Mas você meio que estava *pedindo*.

– Estava *pedindo*? Por favor, me explica como pedi pra alguém me atacar e me humilhar na frente de todo o refeitório.

– Viu, é disso que tô falando.

– O quê?

– Eu conheci você há quatro dias. Hoje, abandonei meus colegas de time de *três anos* pra matar aula e levar você pra maior lanchonete-dos-anos-cinquenta-barra-fliperama-dos-anos-oitenta do hemisfério ocidental, mas você me agradece? Não. Quer arranjar briga comigo.

Fico olhando para ele.

– Você estava pedindo, porque se veste de uma forma que torna quase impossível para as pessoas saberem se você é menino ou menina – ele diz.

– Não é da conta de ninguém – retruco.

Solo suspira, depois se debruça na mesa.

– Quanto você acha que eu peso?

– Como é que é?

– Quanto você acha que eu peso?

Abano a cabeça.

– Não faço ideia.

– Olha no meu olho e diz que você nunca tentou adivinhar um número.

Encaro seu olhar mas não falo nada.

– Aposto que foi a primeira coisa em que você pensou quando me viu. Talvez a segunda, depois de tentar descobrir qual é a minha etnia.

Abaixo os olhos. Solo se recosta no assento.

– Não posso me vestir como uma pessoa magra – ele diz. – Ou uma pessoa branca. Sou o que eu sou. E as pessoas vão reagir.

– É diferente – digo.

– Claro que é – ele continua. – Mas a questão é que, se eu andasse por aí esperando que as pessoas me chamassem de “gordo” para poder arranjar briga, eu *viveria* brigando o tempo todo. – Ele se debruça e termina o chocolate com um último gole ruidoso, depois empurra o copo.

Olho para ele. Ele sorri. Suas bochechas enormes meio que se dobram e escondem suas orelhas.

– As pessoas zoaram você na primeira semana? – pergunto.

– Sim – Solo responde.

– Mas você é enorme. Pensei que teriam medo.

Solo ergue as mãos.

– Pois é!

– O que elas falavam?

– O de sempre. Comentários sobre meu peso. Piadas racistas.

– “Nadou bastante de Samoa para cá, hein” – digo.

Solo aponta o dedo para mim.

– Nada me irrita mais do que um apelido étnico mal aplicado. Pessoas, conheçam suas minorias. Deviam fazer um panfleto.

Dou risada. Solo continua:

– Na minha primeira aula de Educação Física, o treinador Terrance me puxou de lado e perguntou se eu estava interessado na linha ofensiva. Eu não fazia ideia do que ele estava falando. Depois perguntou se eu gostava de videogame. Achei que ele estava tirando uma com a minha cara, mas, quando disse que sim, ele me mandou comprar *Madden* NFL e jogar por uma semana.

– O treinador de futebol americano falou pra você comprar um jogo de videogame?

– Louco, né? Mas eu comprei. E me apaixonei completamente por futebol americano.

– O que tem para se *apaixonar* em futebol americano?

– Bom, é tipo… – ele começa timidamente. – Você leu Harry Potter, certo?

– Umas sete vezes.

– Certo. Tipo, eu estava lá jogando *Madden* no PlayStation e me dei conta de que futebol americano é basicamente Xadrez Bruxo.

Inclino a cabeça.

– Você decide sua jogada, alinha sua equipe e deixa que eles joguem. Isso é um *down*. Às vezes você ganha terreno, às vezes perde. Não é só um bando de fortões suados batendo uns nos outros. Você precisa conhecer seu oponente. Precisa estar dez movimentos à frente.

O moço do balcão aparece com as nossas fritas.

– Bom apetite – ele diz e se retira.

Pego uma batata e Solo continua:

– Enfim, quando voltei na semana seguinte, o treina-dor me perguntou o que achei de *Madden* e comecei a falar um monte, dizendo que tinha adorado. Você devia ter visto o sorriso na cara dele. Parecia que tinha ganhado na loteria.

– Aí você entrou para o time.

Solo faz que não, fechando a cara. Quando ele responde, a voz dele é baixa e arrastada:

– O que fiz foi ir pra academia todo dia por quatro semanas e não comer nada além de batata assada e peito de frango cozido. Depois fui pros testes. E quase me expulsaram de tanto rir da minha cara.

– Eles riram de você? E mesmo assim você quis entrar para a equipe?

– Eles me conheciam como o garoto negro de mais de cem quilos com a mochila felpuda do Chewbacca. Eu ainda não me encaixava. Não tinha passado no teste. – Ele pega um punhado de batata. – E, sim, eu queria *mesmo assim* entrar pra equipe. Eu queria jogar.

– E aí, o que aconteceu nos testes?

Ele responde de boca cheia:

– Derrubei o Vickers no primeiro treino. Deixei o cara estatelado no chão.

– Ele ficou puto?

Solo abana a cabeça e engole.

– Não. Ficou impressionado. Relutante, mas ficou. Foi assim que consegui entrar. Provando meu valor no campo. – Ele olha para mim. – Com isso, e dando um fim na mochila do Chewbacca.

– Não acredito que você fez isso.

Ele encolhe os ombros.

– Levei um bom tempo pra perder o apelido Chewie. Mas, com o tempo, fui virando Solo. Prefiro assim.

– Puxa. Então você desistiu de uma coisa que realmente ama para se entrosar com um bando de caras que ri da sua cara e chama você de gordo – comento.

Ele cruza os braços.

– Não parei de gostar de *Star Wars* nem de falar disso. Só parei de levar a mochila felpuda para a escola. Você teria feito o mesmo.

Olho para Solo e depois abaixo os olhos.

– Acho que é aí que a analogia para de funcionar para mim.

– Explica.

– Não posso simplesmente parar de usar uma mochila.

Solo ergue os olhos.

– Pode elaborar?

Tento falar, mas desisto. É para essa pessoa que quero me assumir? E, se for, o que vou dizer?

Solo se debruça na mesa.

– Escuta. Não espero que você desabafe. Não é da minha conta. Veste as roupas que quiser. Deixa as pessoas se perguntarem. Elas que se fodam.

Abro um sorriso.

Solo ergue o dedo.

– Mas você precisa parar de procurar briga toda vez que alguém fizer um comentário. A escola é um saco pra todo mundo.

Sinto meu sorriso se fechar e me recosto na cadeira.

– Parece que você tá defendendo aqueles caras.

Solo dá de ombros.

– Sempre vai ter gente como o Jim Vickers. Mas não vou deixar que eles me impeçam de fazer o que eu quero. E você também não deveria deixar.

12

Saímos da estrada e o vento entrando pela janela se transforma em uma brisa suave. É a primeira noite fresca do outono, e o arzinho no meu rosto é arrebatador. É gostoso sair de carro numa sexta à noite depois de matar aula para jogar videogame e comer batata frita. Olho para Solo e sinto uma onda súbita de carinho por ele.

– Valeu por me defender hoje – digo.

Ele assente com a cabeça.

– Você precisava.

– Então, o que vai acontecer na segunda? – Olho através da janela, depois para Solo.

Entramos na minha rua.

– Você poderia sentar com a gente – ele sugere.

– E sofrer agressões verbais de todo o time de futebol americano? Não, valeu. – Fico esperando que ele responda, talvez até fique defensivo, mas só estaciona na frente da minha casa e puxa o freio de mão. Então ficamos em silêncio por um tempo, ouvindo o ruído irregular do carro velho.

– Você vai ouvir muito por ter matado aula? – Solo pergunta.

– Provavelmente. E você?

Ele encolhe os ombros.

– Metade das vezes em que minha mãe grita comigo, não entendo nada do que ela fala. Além disso, minha cara de cachorro arrependido é ótima. – Ele olha para mim e suas bochechonas gigantes caem para a frente. Ele parece um enorme buldogue tristonho.

– É *mesmo* uma ótima cara de cachorro arrependido.

Olho para a minha casa. Se a secretaria tiver ligado para os meus pais, acho que vou levar uma bronca quando chegarem. Enquanto isso não acontece, eu me sinto… bem. Talvez pela primeira vez desde que entrei em Park Hills.

Depois de um bom tempo, saio do carro.

– Bom fim de semana – desejo, fechando a porta instável com cuidado.

Solo faz uma reverência.

– Que a força esteja com você.

Meus pais ainda vão demorar uma hora e meia para chegar, então me isolo no quarto, ligo o laptop e entro no Bloglr. Quando aparece minha página inicial, eu me recosto na cadeira e encaro os números na tela:

MENSAGENS: 27 SEGUIDORES: 568

Quinhentos e sessenta e oito seguidores? Da última vez em que olhei, eram cinquenta e alguma coisa – e faz menos de uma semana! Clico em *atualizar*, mas os números continuam os mesmos. Como ganhei tantos seguidores tão rapidamente?

Começo a clicar nos avatares e olhar os perfis, prestan-do particular atenção às conexões em comum. Quando noto que praticamente toda a primeira dezena também segue o Bloglr da AliançaQueer, as coisas começam a fazer sentido. AliançaQueer é um site famoso, deve ter milhares de acessos diários. Todas essas pessoas devem ter me encontrado porque eu estava em destaque na seção “Novidades” da página inicial.

Levo a mão à cabeça. Esses quinhentos novos seguidores – esses desconhecidos – leram meus pensamentos mais íntimos. Meus sentimentos mais constrangedores. Meus segredos. De repente, sinto que me expus demais. Sei que é praticamente impossível… mas e se alguém ler isso e souber que sou eu? Olho para a janela para garantir que as cortinas estão fechadas. Solto um riso nervoso e sacudo a cabeça. É só paranoia. Bloglr é um site anônimo. Não há nada que alguém poderia usar para ligar o blog de Alix a Riley da família do deputado. Solto um longo suspiro e vou passando pelos comentários.

As pessoas parecem gostar mesmo do que escrevi. Mais do que isso, parecem encontrar consolo ou inspiração no meu blog e isso me faz me sentir… sei lá. Como se eu fosse importante. Como se eu talvez não estivesse tão só, afinal.

Clico em *mensagens* e começo a ler.

Anônimo: Amo seu blog! XD

mija0amarel0: +++ pufavô!
Anônimo: OMG. Agradeço. Muito. Eu me assumi pra minha mãe no fds & ela chorou & não conseguiu entender. Ficou perguntando se eu era trans, e não consegui explicar. Depois li seu post e falei pra ela a frase “não é um botão, é uma bússola”. Acho que ela finalmente sacou! Vc não faz ideia. Vlw!
Mimi_Q: Ah, Alix, não queria estar no seu lugar. Você vai conseguir. Você é uma inspiração. Continue escrevendo.

Vou descendo. Tem mais mensagens como essas. Começo a responder, agradecendo os leitores e dando boas-vindas aos novos seguidores. Depois de uns vinte minutos, encontro uma mensagem mais substancial e começo a ler.

Anônimo: Oi Alix. Super comecei a chorar quando li sua história sobre estar na loja de brinquedos com seu pai. É assim q sempre me senti a minha vida toda. Exatamente assim. Enfim vlw mesmo. Quero me assumir pra minha irmã mas não sei o que dizer. Algum conselho?

Releio a mensagem. Sinto uma dor física no peito com a ideia de que algo que escrevi ajudou essa pessoa desconhecida a entender pelo que estava passando. Começo a digitar uma resposta, hesitante a princípio, mas com cada vez mais velocidade. Logo, minhas mãos estão voando sobre o teclado. Me surpreendo com tudo que tenho a dizer.

E então, quando estou a ponto de clicar em *postar*, hesito. Como a mensagem é anônima, não dá para responder em particular. Todo mundo que segue meu blog vai conseguir ver isso. Releio o que escrevi. Parece tudo… errado. Falso. Arrogante. Quem sou eu para dar conselhos a essa pessoa? Para começo de conversa, não sei *nada* sobre se assumir. Eu também estou no armário. Como eu teria capacidade para aconselhar esse desconhecido sobre algo tão importante?

Deleto minha resposta e digito uma nova.

Alix: Oi, Anônimo. Queria poder lhe dar conselhos, mas a verdade é que sou muito, mas muito covarde. A única pessoa para quem me assumi é minha terapeuta, que é obrigada por juramento e por lei a guardar meus segredos. Nas minhas pesquisas, encontrei alguns sites que podem ajudar. Dá uma olhada em Bloglr.com/genderbender e também AliançaQueer.org. Desculpe não poder ajudar mais.

Releio minha resposta, considero deletar de novo e, finalmente, clico em *postar*. Encosto na cadeira e fecho a cara para a tela. Estou descontente, como se tivesse ignorado uma pessoa. Eu me pego duvidando de mim, desejando ter postado

minha resposta original.

Meus pensamentos são interrompidos pelo som da porta da garagem.

Meus pais chegaram.

Eles estão me esperando na sala quando desço a escada. Minha mãe está parada no longo sofá, com o rosto tenso de preocupação. Os braços e pernas cruzados como se estivesse tentando fechar o corpo todo com um nó. Meu pai anda de um lado para o outro na frente da mesa de centro, parando quando entro.

– Riley, precisamos conversar. Senta – ele diz.

Sua voz é calma, mas posso ver pela tensão em seu maxilar que ele está muito bravo. Chego perto e sento numa poltrona de frente para eles.

– Recebemos uma ligação da escola. Disseram que você não estava na aula depois do almoço – meu pai fala.

Concordo com a cabeça.

– Quer nos contar onde estava?

– Matei aula com um amigo. Fomos para Fullerton.

– Você bebeu? – pergunta minha mãe.

– Quê? Não. Bebi água. A gente ficou só conversando.

Meu pai se aproxima de mim.

– Me deixa cheirar seu hálito.

E, assim, voltamos à estaca zero. A confiança que me esforcei tanto para reconquistar no último mês desaparece em uma única tarde. E a parte idiota é: eu nunca nem gostei de beber. Foi só aquela vez. Uma única vez. Mas, mesmo depois de seis semanas em Pineview, eles nunca me perdoaram.

Meu pai se aproxima e sopro na cara dele. Ele assente, satisfeito, e vai se sentar ao lado da minha mãe.

– Desculpa. Eu não devia ter matado aula. Mas precisava sair de lá – digo.

– Isso não é explicação suficiente – diz meu pai.

Abaixo os olhos.

– Eu estava tendo um dia ruim.

Meu pai funga.

– Você não pode sair da escola só porque está “tendo um dia ruim”. Você precisa…

Mas minha mãe põe a mão no joelho dele para interrompê-lo.

– Conta o que aconteceu, bebê.

Penso em Vickers me perguntando se eu era *viado* ou *sapatão*, mas não posso contar isso para eles. Então digo:

– Tinha uma galera tirando sarro de mim.

Meu pai ergue os braços:

– E daí?!

O rosto dele fica da cor de beterraba e recuo involuntariamente. Diante da minha reação, ele entrelaça as mãos e suaviza a voz:

– Riley, escuta. Palavras podem magoar. Eu entendo. Por Deus, agora mesmo, tem assessores recebendo milhares de dólares para escrever ofensas sobre mim. Mas você não pode simplesmente fugir. Precisa ficar de cabeça erguida.

Sinto lágrimas nos olhos e cerro o maxilar. Não quero chorar. Não quero desabar na frente deles.

– O que falaram pra você? – minha mãe pergunta.

Eu me remexo na poltrona. Preciso contar alguma coisa.

– Eles estavam zoando o jeito como me visto.

Meu pai abana a cabeça e olha para o teto. Minha mãe estende o braço para colocar a mão no joelho dele de novo, depois pensa melhor e entrelaça as mãos no próprio colo.

– Estamos só preocupados. Você passa o tempo todo no computador, não sai do quarto e… – Ela me olha de cima a baixo e sei que ela está prestes a fazer um comentário sobre minhas roupas. – Quando você estava na Coração Imaculado, pensamos que… – Ela olha discretamente para o meu pai. – Quer dizer, pensamos que você estava se rebelando contra aquela estrutura. O uniforme, as regras rígidas e tudo mais.

– Mas agora não sabemos o que é – meu pai completa.

Ouço a voz da dra. Ann na minha cabeça, dizendo para eu fazer uma respiração lenta e profunda. Eu tento, mas não consigo. Meu peito está tenso demais. Meus dedos estão co-meçando a formigar.

Minha mãe cutuca as cutículas, nervosa.

– Sabe, não ter um uniforme pode ser muito libertador. É uma ótima oportunidade para usar o que você quer. Destacar-se na multidão – ela diz.

Quero gritar: é exatamente isso que *não* quero fazer.

Meu pai se levanta, enfia as mãos nos bolsos e volta a andar de um lado para o outro.

– Nós não somos dinossauros, Riley. Lembramos como é a escola.

Ele não faz ideia de como é. E continua:

– E sei que você acha que isso é superficial, mas a verdade é que a aparência importa. As pessoas julgam *sim* os livros pela capa. Faz parte da natureza humana. Elas reagem à sua aparência antes de ouvir uma única palavra da sua boca.

Não respondo. O formigamento se espalhou pelo meu rosto.

– Se você não gosta das roupas que comprei pra você, podemos fazer compras. Podemos fazer um dia só disso – minha mãe diz e abre um sorriso, que se desfaz quando ela vê a minha cara.

– Você acha que eu não gostaria de relaxar de moletom o dia todo? Olha, eu adoraria. Mas você precisa se vestir para a vida que você *quer*. É assim que você quer viver? – Meu pai fala e para, tira uma mão do bolso e faz um gesto de desprezo para mim. – É isso que você é?

Minha visão começa a se afunilar. Seguro o braço da poltrona e me levanto.

– Preciso deitar um pouco – digo. Minha voz soa distante.

– Ainda não terminamos de conversar.

– Não consigo… não consigo conversar sobre isso.

– Consegue, sim. E vai.

– Riley… – minha mãe começa, mas agora é meu pai que a interrompe.

– Deixa que eu cuido disso, Sharon. – Ele se vira na minha direção. – Não finja que somos os vilões aqui. Você quer se vestir desse jeito? Tudo bem. Mas não use as reações dos outros como desculpa para fugir das suas obrigações. – Ele ergue um dedo. – Primeiro, você cancela na última hora um evento importantíssimo de arrecadação de fundos. E nós apoiamos você porque queremos que tenha amigos. Queremos mesmo. Mas, no dia seguinte, você vira as costas e mata aula?

– Por favor, para – eu digo.

– Sean… – minha mãe diz, mas meu pai a interrompe.

– Estou tentando fazer uma campanha muito pública sobre reforma educacional. Você não acha que a mídia vai ficar sabendo se você ficar matando aula? Como acha que isso reflete na minha imagem?

E, de repente, é como se uma barragem se rompesse na minha cabeça e o formigamento me inundasse. Sinto que estou no corpo de outra pessoa. Meu pai ainda está falando, gesticulando enfaticamente, mas sua voz e seus movimentos parecem distantes.

– Para... – digo, cobrindo os ouvidos com as mãos formigantes, segurando a cabeça para ela não se partir no meio. Minha voz parece estar vindo de outra

pessoa. Alguém falando em outro cômodo. – Para de falar... – digo, mais alto. – Só… por favor, cala a boca.

– *Não* fala assim comigo…

– CALA A BOCA! – eu berro.

Minha mãe fica pálida. Meu pai, boquiaberto e, de repente, parece um garotinho. Não consigo mais olhar para ele.

Sinto meu corpo correr em direção à escada. Então entro no meu quarto e sinto o edredom no rosto e o formigamen-to em todo o resto do corpo. Enfio a cara no travesseiro e grito.

E grito.

Quando recupero os sentidos, estou de lado na cama, de cara para a parede. Ouço meus pais falando baixo atrás de mim. Começo a me virar. Minha mãe nota que estou me mexendo e tira o pano frio do meu pescoço.

– Tá tudo bem, bebê – ela diz. Meus olhos piscam lentamente.

Meu pai se move para ficar no batente.

– Você tem sua consulta regular com a dra. Ann amanhã. – Ele ainda está bravo, mas sua voz está menos irada. – Até lá, você está de castigo. – Ele ergue meu laptop.

Quero gritar e dar um soco na parede. Quero gritar de novo e pedir desculpa e chorar e empurrar minha mãe. Quero fazer todas essas coisas, mas, em vez disso, me viro e enfio a cara no edredom. Depois de um tempo, ouço a porta se fechar.

9

Não existe divã no consultório da dra. Ann, só uma grande mesa com aparência barata e duas cadeiras de couro feias que sempre me dão a sensação de estar em cima de uma vaca morta.

A dra. Ann está sentada à minha frente, usando um vestido azul, com uma perna cruzada elegantemente sobre a outra. Ela não usa um bloquinho de anotações nem nada durante nossas sessões, o que, de certa forma, me dá a sensação de estar me analisando ainda mais, porque nunca para de olhar para mim. Mas tudo em que consigo pensar enquanto encaro o papel de parede verde-claro é no olhar chocado do meu pai quando gritei para ele calar a boca, e a minha mãe se encolhendo no sofá.

– O que está se passando aí na sua cabeça? Está relembrando o confronto de ontem à noite? – dra. Ann pergunta.

Olho para ela.

– Como você sabe?

A dra. Ann aponta para a parede de diploma atrás da mesa dela.

– Tenho muitas graduações caríssimas – ela diz.

Dou risada, depois passo a mão no cabelo.

– Eu não quis gritar com eles. Foi como se… outra pessoa estivesse usando minha boca para gritar.

Ela assente.

– Meu rosto estava formigando daquele jeito e eu não conseguia respirar.

– Isso tem acontecido com frequência?

– Acho que sim. Tipo, está pior desde que as aulas começaram.

– Você está tomando seus remédios?

Esfrego o pé no carpete.

– Sim. Meu pai deixa separado.

A dra. Ann junta as mãos e toca com os dois indicadores nos lábios.

– Por que você não me conta algo de *bom* que aconteceu nessa semana?

– Algo de bom?

– Sim.

Penso por um minuto e aí começo a tagarelar. Narro o dia em que conheci Solo e a nossa briga subsequente. Descrevo meu episódio de oscilação no corredor, minha crise de pânico no dia seguinte e, finalmente, a conquista do corredor polonês. Conto sobre o dia em que faltei no evento de arrecadação de fundos para estudar com Bec e que pensei que havia uma tensão sexual, mas que devia ser tudo coisa da minha cabeça. Conto sobre a ida ao Anos Reagan com Solo e a reconciliação. Quando finalmente olho para o relógio em cima da porta, noto que falei por quase quarenta minutos ininterruptamente, então paro. A dra. Ann me observa, esperando para ver se vou continuar. Não continuo.

– Você voltou a pensar sobre abrir um blog, como sugeri?

– Ah, sim. Quase esqueci. – E a atualizo de tudo, desde o meu primeiro post ao comentário “sua bixa” e a conseguir quinhentos seguidores em uma semana.

– Nossa – ela diz, e então ri alto.

– Você está rindo de mim?

Dra. Ann se recupera, sacode a cabeça.

– Não. Os psiquiatras não podem rir dos seus pacientes. – Ela sorri. – Estou feliz que você abriu seu blog. Acho que outros jovens vão se beneficiar com as suas visões de mundo.

Solto o ar que não notei que estava segurando. Acho que queria a validação dela – não só sobre o blog, mas sobre aquilo que venho pensando e sentindo.

A dra. Ann olha para o relógio de pulso, e me sento direito. Estamos apenas começando. Não quero ir embora ainda.

– Ainda não falamos sobre minha disforia – digo.

– Você gostaria de falar sobre sua disforia?

– Não muito.

– Está bem – ela diz.

– Está bem?

A dra. Ann franze a testa.

– Estou com a impressão de que você espera alguma coisa de mim. Gostaria de

me dizer o que é?

Abro a boca, depois fecho. Então digo:

– Não sei. Sinto que você me escuta, mas não faz nada para curar o que há de errado comigo.

– Certo. Mas não acho que tenha algo de errado com você – ela diz.

– Então por que estou aqui?

– Por que você acha que está aqui?

– É um puta saco quando você faz isso – retruco.

A dra. Ann expira com força, então assente com a cabeça.

– Desculpa – eu digo.

– Riley, não sei o que você quer que eu faça por você.

Eu me inclino para a frente.

– Quero que você cure minha ansiedade. Que me faça sentir que não tem nenhum problema em ser quem eu sou. Que me ajude a entender como… como contar para os meus pais de um jeito que eles aceitem.

A dra. Ann cruza os braços.

– É muita coisa.

Ergo as mãos.

– Certo. Vamos começar pela ansiedade – ela fala.

– Tá bom.

– Então, primeiro, quero que saiba que todo mundo sofre algum nível de ansiedade. É uma resposta humana natural ao estresse. É como o alarme de fumaça do seu corpo. Se tem fogo, é bom saber para poder ligar para os bombeiros, certo?

Dou de ombros.

– Acho que sim. Mas tenho a sensação de que meu alarme dispara o tempo todo.

A dra. Ann faz que sim.

– O sistema de algumas pessoas é mais sensível do que o de outras. Para você, talvez baste queimar uma torrada e o seu alarme pensa que a casa está pegando fogo.

Concordo com a cabeça.

– Mas não há dúvida de que você está sofrendo muito estresse. Você acabou de trocar de escola. Seu pai está concorrendo à reeleição. Isso é suficiente para dar um pouquinho de ansiedade em qualquer pessoa. Mas, quando você soma o *bullying* na escola e a disforia de gênero que sente, pode ser avassalador. E, se

levarmos em conta sua sensibilidade, não é nenhuma surpresa que tenha episódios mais frequentes e intensos.

Eu me recosto. Não tinha pensado dessa forma. E ela tem razão – é *sim* avassalador.

– Então, como vou lidar com isso? – pergunto.

– Você está lidando. Está tomando remédios. Está saindo com seus amigos. Está se defendendo. Escrevendo sobre seus problemas. Gritando com seus pais.

– E isso é normal?

– Para adolescentes na sua situação? Eu diria que sim. É melhor do que – ela pausa, parecendo escolher as palavras – fazer algo extremo.

Cruzo os braços.

– Você quer dizer engolir uma cartela de Xanax com uma garrafa de uísque.

A dra. Ann fica um pouco boquiaberta, mas logo se recupera.

– Sim. É muito melhor que isso. – Ela parece estar esperando que eu fale mais alguma coisa sobre o assunto. Como não falo nada, ela se inclina para a frente e volta a falar, mais tranquila dessa vez. – Quanto a ter dúvidas se é normal ser quem você é, isso não é um sintoma de doença mental. É um sintoma de ser uma pessoa.

– E quanto aos meus pais?

– Você se preparou o bastante para contar para eles?

– Não. Mas meio que tenho medo de contar. Tipo, num momento de raiva.

– Você sabe o que quer dizer?

– Não. Não mesmo.

– Certo. Bom, vamos fazer um acordo. Você não vai contar para eles até termos a chance de conversar sobre isso primeiro. O que acha?

– Está bem – respondo. E, no mesmo instante, sinto um peso tirado das costas. Coloco o rosto entre as mãos e meus ombros começam a tremer. Ouço a dra. Ann tirar um lenço de papel da caixa na sua mesa de canto. Pego das mãos dela, assoo o nariz e ergo os olhos. – Tenho a impressão de que você deveria me dar algum conselho profundo ou coisa do tipo.

– Sobre o quê?

– Tipo, sei lá, sobre a vida. Ou como vou conseguir lidar com tudo isso.

O rosto da dra. Ann se enruga de concentração. Ela fica em silêncio por tanto tempo que me pergunto se esqueceu que estou aqui. Finalmente, diz:

– Encontre uma causa.

– Encontrar uma causa? O que isso quer dizer?

– Assuma uma posição por alguém que não seja você.

– Você quer dizer, tipo, protestar pelos direitos dos animais? – Eu me remexo na cadeira de couro.

A dra. Ann ergue a sobrancelha.

– Se for do seu interesse.

– Como isso vai ajudar?

– Talvez tire você de dentro da sua cabeça. Faça você parar de pensar tanto sobre *você*. Faça você conviver com outras pessoas.

Parar de pensar tanto sobre *mim*? O que isso significa? Quero perguntar em voz alta, retrucar. Mas, em vez disso, meio que afundo na cadeira. Ela deve estar certa – quase sempre está –, mas a última coisa que quero fazer agora é conviver com outras pessoas.

– Encontre uma causa. Esse é o seu grande conselho?

Ela encolhe os ombros.

– É o que temos para hoje.

14

NOVO POST: REBELDE, REBELDE (SEM CAUSA)

7 de outubro, 22h22

Perdoai, Bloglr, os meus pecados. Já faz dois dias desde o meu último post.

Queria agradecer por todas as mensagens e comentários carinhosos. Também queria agradecer a todos os meus novos seguidores. Sei que a maioria de vocês me encontrou pela AliançaQueer, então agradeço a eles por terem me incluído no site. Sinceramente, não sei o que fiz para merecer isso, mas vou tentar atender as expectativas.

 OUVINDO: “Rebel Rebel”, do David Bowie

Mas agora, caros leitores, preciso da ajuda de vocês. A próxima fase da minha terapia inclui uma tarefa: ENCONTRAR UMA CAUSA. Algo que “me tire de dentro da minha cabeça” e me faça “pensar sobre outra coisa além de mim”. Então, aí vão minhas ideias, sem nenhuma ordem específica:

Direitos dos animais (ativismo vegan, protestos e coisa e tal)

Serviço comunitário (do tipo que ajuda idosos, não do tipo de recolher lixo em uniforme laranja)

Clube antibullying (se tiver um na minha escola)

Eeee... é só isso que eu tenho. Sério. Preciso da ajuda de vocês. Preciso MESMO. Por favor, me mandem ideias.

#generofluido #direitosdosanimais #vegan #ansiedade #recuperacao

Clico em *postar*, depois começo a ler minha caixa de entrada. A maioria são mensagens gentis de novos seguidores, agradecendo-me por compartilhar ou me convidando para dar uma olhada em seus blogs. São poucos os anônimos com

mensagens negativas, mas nenhum é tão grosseiro quanto o “sua bixa” e os deleto sem pensar duas vezes. São quase cinco vezes mais mensagens positivas do que negativas. Depois de uma meia hora, encontro uma pergunta especialmente interessante, mas completamente inapropriada, e decido dar outro nocaute igual ao meu post a respeito do uso de “x” e “ch”.

Anônimo: Certo, então às vezes vc se sente como menino e às vezes como menina. Como vc transa?

Alix: Bom, ainda sou virgem, então, tecnicamente, não sou capaz de responder. E, embora eu entenda a sua curiosidade, saiba que “Como você transa?” é uma pergunta mal--educada e catastrófica. Por exemplo, você perguntaria ao seu amigo homem cis[1] como ele transa?

Você: Ei, Bif, você tem um pênis. Como você transa?

Bif: Como é que é? Você quer que eu descreva?

Você: Sim, por favor.

Bif: Por quê?

Você: Tenho um desprezo quase sociopata por sua privacidade e seus sentimentos.

Bif: Puxa, isso é… muito sincero. Estou estranhamente motivado a realizar seu desejo.

Você: Por favor, dê muitos detalhes anatômicos. Recursos visuais ajudariam. Talvez uma série de gifs animados.

Bif: Que complicação. Que tal se eu só usasse um eufemismo vulgar em vez de tudo isso?

Você: Fechado.

Bif: Certo. O avião pousa e depois decola de novo. E depois pousa de novo. E decola de novo…

Você: Essa é uma péssima metáfora. Parece a descrição de alguém dando comida para um bebê.

Bif: Falei que era um eufemismo vulgar.

Você: Puxa. Estou completamente arrependido por ter insistido nesse estranho questionamento.

Bif: Eu te perdoo. Fiz um filme elaborado em stop-motion usando massinha e a câmera do celular. Isso deve explicar tudo.

Você: Isso é muito informativo. Tomara que você seja indicado ao Oscar.

[1] Nota de rodapé: Para aqueles que nos seguem de fora da bolha LGBTQ: “cis” é meio que o oposto de “trans”. Mais especificamente, significa que você se identifica com o gênero que lhe foi designado ao nascimento. Em termos grosseiros: “homem cis” = “você tem um pênis e se sente um menino”; “mulher cis” = “você tem uma vagina e se sente uma menina”. Ok, estou simplificando demais, mas é o melhor que consigo fazer assim, no improviso. Fique à vontade para jogar no Google.

/Utilidade Pública.

Vou lendo mais algumas mensagens e, então, quando estou prestes a postar minha última resposta da noite, o ícone do envelope fica vermelho de novo.

> **Anônimo**: Oi, Alix. Tomara que você responda. Estou escrevendo do celular na estação de trem agora. Não sei mais aonde ir. Nem sei por onde começar então só vou dizer tudo de uma vez. Assumi pros meus pais faz duas horas que sou uma menina trans. Depois que contei pra eles, minha mãe meio que se encolheu e colocou a mão na boca e não disse nada. Meu pai começou a gritar comigo. Disse que não sou filho dele. Falei que queria poder ser filha dele. E aí ele me bateu. E eu fugi. Agora tô olhando para os trilhos de trem e pensando que devia me jogar lá embaixo de uma vez. Por favor, responde.

Solto um suspiro lento. Isso *não* é uma piada. É sério. E não me sinto capaz de responder a um problema tão intenso – talvez até de vida ou morte –, mas, ao mesmo tempo… ela buscou minha ajuda e está desesperada. Olho o registro da hora. A mensagem foi enviada há menos de três minutos. Se eu for responder, precisa ser já. Mas o que dizer? Com as mãos trêmulas, começo a digitar.

> **Alix**: Primeiro de tudo, por favor, não se mate. Mal posso imaginar a dor que você está sentindo… mas, por favor, não faça isso. Entre aqui, se quiser: translifeline.org. Eles são muito melhores nisso do que eu – não passo de uma criança na internet.

Considero só clicar em *postar*, mas não parece o bastante. Respiro fundo. O que eu gostaria de ouvir, se estivesse no lugar dessa pessoa? Depois de encarar a tela por um minuto, coloco os dedos de volta no teclado e continuo.

> Sinto muito por seus pais terem reagido dessa forma. E sei que o que vou dizer não vai fazer com que você sofra menos, mas tenho que agradecer pela sua coragem. Você tem muita garra pra ser tão sincera assim. Pra falar isso pro seu pai. Você deve ser a pessoa mais corajosa do mundo. Se eu estivesse aí com você na estação de trem, daria um abraço tão forte que você perderia o ar e depois iríamos numa lojinha comprar refrigerante e aqueles doces de minhoquinha pra comer enquanto esperamos o trem. E depois partiríamos para um lugar muito, mas muito distante, como Pensilvânia ou Praga. E encontraríamos pessoas como nós e viveríamos num apartamento fazendo e vendendo arte e com um jardim no terraço e sendo felizes.
>
> Mas sei que não podemos fazer nada disso. Então vou continuar escrevendo até encontrar algo real que possa ajudar.
>
> Você precisa saber que não existe NADA de errado com você. As reações dos seus pais não têm nada a ver com você e tudo a ver com eles. Pra você, se assumir foi finalmente entender quem é e admitir isso pras pessoas que mais importam pra você. Mas, pros

seus pais, talvez isso seja como uma mudança chocante. E não estão preparados pra lidar com isso. Pra eles, é como se, de repente, você tivesse tomado uma enorme decisão que eles não entendem.

Eu sei o que você tá pensando: não é uma decisão! É como você nasceu. É quem você é. Não está tomando uma decisão arbitrária pra facilitar sua vida e dificultar a deles – está apenas aceitando finalmente quem você já é.

Mas a verdade é que você tomou, sim, uma decisão: você decidiu SE ASSUMIR.

Sabe o que é louco? As pessoas toleram o sigilo. Vejo isso na minha vida. É como se não tivesse problema ter sentimentos gays ou trans ou de gênero fluido – desde que você guarde isso pra você. Desde que não os concretize. Seja lá o que isso signifique. As pessoas não condenam você por ser trans. Condenam por se aceitar.

Veja a situação do ponto de vista dos seus pais por um instante: eles estão ali, sentados no sofá, e você desce e, em menos de cinco minutos, vira o mundo deles de cabeça pra baixo. E eles não tiveram a chance de se preparar, então todos os sentimentos ruins vêm à tona. As piores partes deles simplesmente se desgarram e afogam seu coração.

E o lance é que eles provavelmente já devem querer retirar tudo que disseram.

Então, querida anônima, por favor, não se jogue no trilho. Porque aqui e agora é a pior parte. Se você conseguir passar por ela, tudo vai melhorar.

Se estiver lendo isso e ainda tiver bateria e sinal, acesse AliançaQueer.org. Acabei de verificar e eles têm informações de contato de abrigos em quase todas as grandes cidades. Tem um número de telefone para ligar. Eles podem ajudar.

Estamos com você.

Clico em *postar* e me recosto na poltrona. Tenho medo de ter dito as coisas erradas ou de que seja tarde demais e que a leitora anônima já tenha feito algo drástico. Queria ter dito mais. Queria ter sido mais sagaz, mais gentil.

Com um cansaço súbito e sem mais o que dizer, levo as mãos ao teclado para sair do site. Bem nessa hora, o ícone do envelope fica vermelho de novo, clico nele. Tem apenas uma mensagem, que diz:

Anônimo: volta de onde vc veio sapatão nossa escola não precisa de outro viado



Fico completamente imóvel e encaro a tela.

É como se tivesse levado um tapa na cara. Meu coração dispara. Releio a mensagem.

Não sei o que fazer.

Fico olhando com cara de idiota para a porta do meu quarto, como se meu pai pudesse entrar e me *dizer* o que fazer.

Devo deletar a mensagem? Denunciar para alguém?

Aguardo para que meu choque se transforme em raiva, mas, em vez disso, um pavor frio se espalha pelo meu corpo, como água gelada nas minhas veias. Continuo ali, olhando para a tela, e me lembro daquela voz baixa e sarcástica:

O que ela está tentando perguntar é: você é sapatão ou viado?

Quase as mesmas palavras que Jim Vickers usou há dois dias.

Eu me levanto e vou até a janela para garantir que está trancada. Está. Sento de novo na frente do computador.

Será que Vickers encontrou meu blog? Será que, de alguma forma, ele ligou Alix do Bloglr à pessoa que Solo defendeu?

Será que ele sabe quem eu sou?

Meu coração palpita uma, duas vezes. Se Vickers sabe, pode contar para todo mundo. Pode postar na internet, escrever uma mensagem viral. Todo mundo ficaria sabendo sobre mim. Eu não conseguiria voltar à escola, não depois disso. E então... alguém poderia conectar a história ao meu pai. Meu pai *deputado*. A campanha dele… chegaria ao fim. Sua carreira estaria destruída.

Ai, meu Deus.

Volto correndo para o computador, com o coração na garganta. Clico em *configurações* e desço a tela até a opção *deletar conta de usuário*. Clico no link. Uma janelinha se abre:

> Tem certeza de que deseja deletar sua conta?

Meus dedos hesitam. Basta clicar em *ok* para Vickers não conseguir me expor. É claro que ainda vai poder falar para as pessoas, mas aí vai ser a palavra dele contra a minha.

Mas, se eu deletar, vou estar abandonando a única coisa que parece aliviar minha ansiedade. E, além disso, vou perder meus novos amigos. Todos os 624. Já me escondo dos meus pais, dos meus colegas – até mesmo de Bec e Solo. Esse blog é minha parte mais verdadeira. Se eu deletar minha conta, se apagar todo o registro de quem eu sou, o que vai sobrar?

Fecho os olhos, faço três respirações lentas e clico em *cancelar*. Volto à tela da caixa de entrada e abro a mensagem de novo.

> volta de onde vc veio sapatão nossa escola não precisa de outro viado

Certo. E daí que o anônimo usou “sapatão” e “viado”, as mesmas palavras que Vickers falou no refeitório? Essas palavras são comuns. São usadas diariamente, dentro e fora da escola, e definitivamente em toda a internet. Poxa, esse não é o primeiro anônimo a me chamar assim. Não tem nada aqui que realmente aponte para Vickers.

E a segunda frase: “nossa escola não precisa de outro viado”. A pessoa não falou “Park Hills High”, mas “nossa escola”. Qualquer um poderia ter mandado essa mensagem. É só uma ameaça vazia. Ódio anônimo. Meu pânico começa a diminuir.

Considero responder – mas então, quase sem pensar, deleto a mensagem.

Fecho o laptop e deito de costas na cama, mas minha mente não para. Penso no que Solo disse sobre eu andar por aí partindo do pressuposto de que todos são babacas intolerantes. Tento conciliar sua atitude de “viva e deixe viver” com a mensagem que acabei de receber. Mas não consigo.

E então penso na menina na estação de trem. Sobre como deve ter dado medo contar a verdade para os pais olhando nos olhos deles e como deve ter sido esmagador quando a rejeitaram. Ser expulsa pelos próprios pais. E penso nela agora, querendo saber se leu minha resposta. Se ainda está sentada no banco ou

se já se jogou nos trilhos.

Durmo pouco e, quando entro na escola na manhã de segunda, meu corpo está completamente exausto. É apenas minha segunda semana em Park Hills High, mas já sinto como se fosse meu segundo ano.

Estou me sentindo supermasculino hoje, então não me dei ao trabalho de me arrumar de manhã. Estou usando uma camiseta larga e a mesma calça jeans que usei o fim de semana todo – mas levei um tempo para pentear a parte de cima do meu cabelo em um falso moicano.

Solo comenta por mensagem sobre minha aparência desgrenhada e respondo com uma foto tirada discretamente do meu dedo do meio. Quando a srta. Crane não está olhando, Solo se vinga tacando uma balinha na minha cabeça.

Bec faltou em Política – de novo.

O sinal do almoço toca e começo a atravessar o pátio rumo ao refeitório. Para falar a verdade, ainda estou com um pouco de raiva do Solo. Sim, ele me convidou para sentar com ele, mas acho que sabia que eu iria recusar. Seja como for, decido deixar para lá, por enquanto. “Escolher minhas batalhas”, como diria minha mãe.

Desço a escada e entro no corredor polonês sem hesitar. Quando chego perto da mesa de futebol americano, me preparo para um massacre – que não vem. Solo me dá um aceno curto enquanto passo, mas ninguém me dirige a palavra.

Daí, quando estou prestes a declarar vitória, Jim Vickers ergue os olhos e faz contato visual comigo. Ele abre um sorriso maldoso. De repente, o medo de ontem à noite – de que, de alguma forma, ele sabe sobre meu blog, que vai me expor – volta com tudo. Então, abaixo a cabeça e ando mais rápido.

Momentos depois, já passei pelo corredor polonês e estou na fila do almoço. Tento me acalmar, mas aquele sorriso frio parece estar gravado na minha mente. Será que vi uma mensagem mais profunda nele? Um eco daquela mensagem anônima de ódio? Ou estou imaginando coisas?

Encontrar a rampa vazia não é nenhuma surpresa, mas ainda assim é uma decepção. Bec deve estar viajando com o pai de novo. Pensei que poderia comer aqui sem ninguém, ou ver se a srta. Crane ainda está na sala dela – então olho para o burrito seco do refeitório e percebo que simplesmente perdi a fome. Solo está com os amigos dele, Bec está com o pai e eu estou só nessa rampa idiota. Sem ninguém. Pensando na minha total solidão.

E, pela primeira vez na vida, sinto repulsa da minha autopiedade. Escuto a voz da dra. Ann na minha cabeça, me mandando parar de pensar tanto em *mim*.

Conviver com outras pessoas. Encontrar uma causa. E ela está certa. Realmente preciso fazer *algo*. Relutante, enfio o burrito na mochila e vou em direção à secretaria.

Estou chegando perto do balcão quando a moça loura e bonita ergue os olhos e diz:

– *Bonjour*, Riley.

Fico a encarando por um minuto – não esperava essa saudação – até a reconhecer: é Casey Reese, a menina que senta na minha frente na aula de Francês. Como não respondo, o seu sorriso se esvai.

– Desculpa. Preciso melhorar meu sotaque – ela diz.

– Não, não. Tá muito bom – respondo rápido.

O sorriso dela volta com força total.

– Adorei seu cabelo – ela diz, passando os dedos distraidamente no próprio cabelo. – Como você deixa assim?

– Ah, sei lá. Meio que, tipo, penteio pra cima, mais ou menos, com as mãos. – Faço uma breve demonstração.

Ela inclina a cabeça.

– Você não usa spray de cabelo nem nada?

Encolho os ombros.

– Meu cabelo fica espetado naturalmente. Além disso, é mais curto que o seu.

Ela concorda com a cabeça. Penso que vai dizer mais alguma coisa, aprofundar a conversa, mas meio que se desliga. Finalmente, limpo a garganta.

– Hum... você tem, tipo, uma lista dos clubes da escola?

– Ah, claro! – Ela pega um fichário verde e coloca na minha frente. – Estão todos aqui. Me chama se precisar de mais alguma coisa. – Ela sorri de novo, depois volta para sua mesa e começa a mexer numa pilha de papéis.

Fico em pé diante do balcão, folheando os panfletos e fichas de inscrição dos clubes. Tem uma sociedade de jovens investidores, uma equipe de decatlo e uma divisão juvenil do Partido dos Republicanos. Eu poderia entrar para a Irmandade de Atletas Cristãos (se eu fosse atleta e se eles aceitassem católicos em conflito profundo), mas a verdade é que estou procurando algo mais voltado a servir. Já estou no meio do fichário e a pouca esperança que tinha já está se acabando. Não tem nenhum clube de direitos dos animais, nenhuma associação de adolescentes veganos, nenhuma aliança *antibullying*. Não tenho esperança nenhuma de encontrar um grupo transgênero – e, quando finalmente me deparo com a Aliança Gay Heterossexual de Park Hills, não é nenhuma surpresa ver apenas

dois nomes na ficha de inscrição, ambos de três anos atrás.

Estou quase fechando o fichário e saindo da secretaria quando um panfleto rosa me chama a atenção.

ENTRE PARA A "A.A.A."!ASSISTÊNCIA ACADÊMICA NA HORA DO ALMOÇO!ÀS SEGUNDAS NA BIBLIOTECA

Leio duas vezes, revirando os olhos para o nome besta. Assistência acadêmica não é empolgante ou político, mas atende à recomendação da dra. Ann de "conviver com outras pessoas". Relutante, fecho o fichário, digo *au revoir* para Casey e vou para a biblioteca.

Avisto Sierra Wells assim que entro pela porta. Ela está sentada numa das mesas longas perto da entrada, falando com uma menina mais nova que está guardando os livros na mochila vermelha. Me preparo para virar as costas e sair – mas a menina murmura alguma coisa e Sierra responde em um tom surpreendentemente gentil:

– Eu sei, sempre me confundo com *receber* também. Só lembra: "receber cinco centavos é melhor do que sofrer seis assaltos". As três primeiras são com *c*; as três últimas com *s*. – E então o rosto dela se ilumina com um sorriso sincero que não lembra em nada a garota sarcástica que perguntou se eu era um cara ou uma menina. Paro de lado na porta. A menina mais nova se levanta, se despede de Sierra e passa por mim ao sair.

Então Sierra ergue os olhos e me vê – e seu sorriso se dissolve.

– Ah – ela diz. Não resta nenhum vestígio de gentile-za em sua voz. – Toma. – Ela coloca a mão na mochila e tira uma pequena embalagem envolta em papel roxo. Ela mostra para mim e fico encarando. O que ela poderia querer me dar? – Sua mãe encomendou isso – diz, quase esfregando a embalagem na minha cara.

– Ah, certo. As essências. Valeu – digo, pegando o pacote.

– É – Sierra responde, depois fecha a agenda e começa a guardar as coisas. Ela está usando uma blusa de manga longa, mas, quando se movimenta para guardar o fichário, a manga sobe um pouco, expondo um pedaço de pele descolorida que parece uma casquinha no antebraço. Já vi marcas como essa antes, em um paciente em Pineview. As dele eram de coçar obsessivamente... era como ele lidava com o estresse. Queria saber a causa das de Sierra.

Sinto uma onda de compaixão por ela – e falo sem pensar:

– Sinto muito pelo outro dia. Na minha casa. – Sierra olha para mim, surpresa.

Eu me surpreendo também, mas continuo falando: – Odeio quando meus pais ficam me exibindo.

O rosto de Sierra fica pálido e ela desvia os olhos.

– Pois é, mas dane-se – ela diz, colocando a mochila no ombro, e sai.

Fico olhando enquanto ela vai embora, me sentindo idiota por puxar assunto. Depois da maneira como me tratou, o que me fez pensar que eu poderia fazer com que mudasse de ideia? E por que me importei? Acho que é como o meu pai fala: “a primeira impressão é a que fica”.

Quando chego em casa, encontro um bilhete da minha mãe explicando que ela e meu pai vão ficar fora até tarde em um evento. Aqueço o prato de arroz com tofu que minha mãe me deixou e como em pé na cozinha.

Considero dar uma olhada no blog, mas acho melhor não. Sinto um pressentimento ruim sobre a garota trans de ontem – aquela que me escreveu da estação de trem. Tenho medo do que possa dizer se responder. E se brigar comigo? Tipo, o que me dá o direito de dar conselhos para *ela*? Que experiência eu tenho que possa se comparar ao que ela está passando?

Ou, pior, e se aconteceu alguma coisa e ela não tiver me respondido nada?

Na terça-feira, o sr. Hibbard avisa a turma de que teremos prova de Pré-Cálculo na quinta. É a matéria de que menos gosto e não fiz nenhuma lição de casa. A notícia meio que estraga meu dia e decido que, definitivamente, não vou almoçar no refeitório do inferno. Busco Solo na saída de Álgebra e o convenço a sair escondido da escola comigo.

Como Bec não estava na aula de Política, tenho poucas es-peranças de que vá aparecer na rampa, mas convenço Solo a pas-sar por ali no caminho para o estacionamento mesmo assim. Ela não está lá.

A caminho do mexicano, peço a ajuda de Solo para ideias de trabalho voluntário.

– Minha igreja faz um sopão comunitário no primeiro domingo de todo mês – Solo diz, despreocupado. – Ou talvez você possa servir suco na doação de sangue da Associação de Futebol Americano do Ensino Médio.

Acho que eu poderia convencer minha mãe a fazer um prato para o sopão comunitário, mas isso não qualifica como se *eu* fizesse algo. E a ideia de ficar

em uma sala lotada com os colegas esportistas de Solo sangrando me dá enjoo. Vou ter que continuar procurando.

À noite, sento à escrivaninha, achando que vou ter coragem de olhar o Bloglr – mas, quando entro na tela de acesso, paro. Entre a prova iminente do sr. Hibbard e minhas tentativas fracassadas de encontrar uma "causa", o zumbido da ansiedade já anda bem constante nos últimos dias – e a ideia de receber outra mensagem de ódio tipo "volta de onde vc veio sapatão" o intensifica ainda mais.

A menina trans da estação de trem também passa pela minha cabeça – mas ignoro esse pensamento. Já estou com um atraso de um mês. Preciso estudar. Então, fecho o laptop e abro meu livro de Pré-Cálculo.

Na quarta-feira, Bec falta na aula de Política de novo e estou começando a achar que ela não volta mais. Mando uma mensagem, mas não recebo resposta. Mesmo assim, ainda me decepciono ao encontrar a rampa vazia. De qualquer forma, me sento ali e estou começando a desembrulhar meu burrito quando ouço uma voz familiar atrás de mim.

– Você não cansa de acumular pedágios, não é?

19

Viro para encontrar Bec atrás de mim. Ela está usando uma camiseta do The Cure com a gola cortada, uma *legging* preta e uma saia lisa que me faz lembrar da escola católica. Ela ficou fora por três dias e parece ter passado o tempo todo no Acampamento para Meninas Góticas Supergatas. Sua expressão é, como sempre, um mistério por trás dos óculos escuros.

– Oi – cumprimento. Bec sorri.

– Primeiro – ela diz, contando nos dedos –, tem o pedágio da semana passada e eu até *dei* dois sucos de caixinha pra você. Mais um de hoje. E imagino que você tenha vindo me procurar todos os dias da semana. Então, sinceramente, a essa altura, já passamos dos vale-presentes da Amazon e entramos no território dos narcóticos.

Contenho um sorriso.

– O que faz você pensar que vim procurar você?

Bec coloca a mochila no chão e senta ao meu lado na rampa. Ela baixa os óculos e me encara com aqueles olhos azuis.

– Riley, se eu fosse revelar pra você toda a extensão dos meus poderes, o governo das sombras estaria aqui em questão de segundos pra me levar num helicóptero preto. Você já *andou* de helicóptero?

– Não – admito.

– Bom, digamos que, se eu decidir contar meus segredos pra você, vou precisar de uma dose tripla de remédio pra enjoo que não dê sono além dos narcóticos já mencionados.

– Entendido.

Bec coloca a mão na mochila e tira um pedaço de quase um metro de *jerked beef*. Faço cara de nojo. Dou uma mordida no meu burrito de feijão sem queijo e, por um momento, ficamos comendo em silêncio.

– Então... Você estava viajando com seu pai? – pergunto.

– Não. Eu estava… resolvendo uns problemas de família.

– Ah.

É só isso que eu mereço? Quero perguntar onde ela se enfiou e por que não me ligou desde o nosso encontro, se é que aquilo foi um encontro. E então me passa pela cabeça: talvez ela estivesse esperando que *eu* ligasse. Todos esses pensamentos ficam enfiados na minha cabeça.

Bec tira um suco de caixinha da mochila.

– Fiquei sabendo que você bateu boca com o time de futebol americano.

Fico olhando, sem reação.

– Como você soube?

– Todo mundo ficou sabendo. Você estava, tipo, gritando no meio do refeitório.

– Não gritei em nenhum momento.

Bec dá de ombros.

– Bom, você causou. – Um sorriso se abre em seu rosto. – As pessoas estão falando de você.

Que ótimo. Não só não consegui ser invisível como estou *causando*. Engulo em seco.

– O que elas estão falando?

Bec tira os óculos escuros e me examina.

– Estão falando que a pessoa nova na escola super detonou o casal do inferno na frente de todo mundo na hora do almoço.

Sorrio, embora desconfie que ela esteja exagerando um pouco a história para me agradar.

– “A pessoa nova.” É assim que estão me chamando?

– Teve alguém que se referiu a você como “aquele ser andrógino”. Mas dei um tapa tão forte que o boné dele caiu.

Meu sorriso se abre ainda mais.

– Mas escuta – Bec diz, estreitando os olhos. – É melhor você tomar cuidado. Jim Vickers não é alguém que você vai querer como inimigo.

Lembro do olhar de Vickers e contenho um calafrio.

– Vou ficar bem. Fiz amizade com outra pessoa do time.

Bec faz que sim.

– Jason Solomona. Também conhecido como Chewie. Era um dos nossos até o treinador Terrance o converter.

– Converter?

Bec suspira e guarda a carne pela metade na mochila.

– Não dá para ser do time de futebol americano e continuar andando com a turma dos estranhos e dos nerds. Chewie aprendeu isso faz muito tempo.

– Bom, ele é meu amigo – digo.

– Então por que você não está comendo com ele?

Sorrio.

– Talvez eu prefira a companhia de meninas bonitas com piercing no lábio.

E então me dou conta de que falei isso em voz alta e meu estômago meio que deixa de existir, criando um grande vácuo gélido onde ficavam meus órgãos até agora há pouco.

Mas Bec não parece se abalar com o comentário. Ela volta a colocar os óculos escuros e pergunta:

– O que você vai fazer no fim de semana?

Meu estômago retorna, mas agora está dando saltos mortais.

– Nada. Quer dizer, tô de castigo – respondo.

– Quando acaba sua pena?

– No sábado.

– Perfeito. Você vai comigo pra um clube em Los Angeles.

Ai, meu Deus. Ela está me chamando para sair. De novo.

– Eu… não tenho identidade falsa.

Bec dá risada.

– É para todas as idades.

– Acho que meus pais não vão deixar.

Bec coloca a mão no meu ombro e se aproxima. Seu rosto está a poucos centímetros do meu. Sinto aquele cheiro de novo. Cheiro de… baunilha, com algo picante. Um calor se espalha pelo meu corpo.

Bec fala, com a voz suave, começando cada palavra com um ronronado:

– Se seus pais soubessem o peso esmagador de sua dívida comigo e se entendessem que sair comigo no sábado à noite é a única forma de você quitar essa dívida, a não ser que adquira quase uma tonelada de tarjas pretas, eles deixariam, Riley.

Engulo em seco. Bec não se move, só fica com o rosto perto do meu,

esperando.

Abro a boca para responder – mas alguém interrompe, quebrando o feitiço.

– Ei, Bec – diz uma voz vagamente familiar.

Bec se inclina para trás e pousa a mão no colo. Viro para encontrar Erik parado do outro lado do corrimão.

– O que posso fazer por você, Erik? – Bec pergunta, irritada.

Erik hesita, olhando para mim como se desejasse que eu não estivesse aqui. Ele puxa a barra da camiseta suada com a mão rechonchuda.

Bec limpa a garganta impaciente e Erik finalmente desembucha:

– Me dá cinco paus?

Bec revira os olhos.

– Por que eu te emprestaria cinco paus?

Ele me lança outro olhar constrangido, depois volta a olhar para a irmã.

– Almoço – ele fala baixo.

– Ah, sim – Bec diz, e seu rosto parece ficar ligeiramente pálido. Ela enfia a mão na mochila e tira uma nota amassada. – Toma dez.

Erik olha para a nota.

– Só preciso de cinco mesmo.

– Tudo bem – ela diz, mostrando os dez pra ele.

– Valeu. – Ele pega a nota e sai andando de cabeça baixa.

Volto a olhar para Bec, mas ela está concentrada reorganizando os conteúdos da mochila. Quero perguntar o que foi aquilo, por que os dois estavam tão constrangidos. Mas ela parece bem envergonhada por toda a situação e, além disso, perguntar sobre problemas de família daria margem para temas que também prefiro evitar – pelo menos por enquanto.

Bec fecha a mochila e olha pra mim.

– Então, sábado.

– Sim. Pode deixar – digo, depois mordo o lábio inferior para não ficar confirmando infinitamente.

Bec sorri, se levanta e coloca a mochila num ombro.

– Me busque às seis.

– Onde?

– Tá tudo explicadinho no bilhete – Bec diz.

– Que bilhete?

Bec tira uma folha de caderno dobrada e se abaixa para me entregar. Ao fazer isso, a gola de sua camiseta cai para a frente, revelando a linha suave de sua

clavícula no ponto onde encontra a curva de seu pescoço. Ela limpa a garganta e ergo os olhos para o seu rosto. Ela abre um sorriso malicioso enquanto pego o bilhete e, então, vira abruptamente e vai embora.

Sento à minha escrivaninha depois da aula, planejando estudar loucamente para a prova de Pré-Cálculo, mas não consigo me concentrar. Tenho um encontro no sábado à noite. Quer dizer, acho que é um encontro. Meu rosto se aquece com a ideia de ficar ao lado de Bec em um clube mal iluminado – levanto da cadeira e começo a andar pelo quarto. Será que vou ter que dançar? O que vou vestir? Solto um palavrão, desejando poder ligar para alguém que pudesse me dar conselhos sobre essas coisas.

E então me lembro dos seguidores do meu blog. Estatisticamente falando, pelo menos um deles deve ter passado por uma situação como esta.

Sento na cadeira, abro o laptop e começo a entrar no Bloglr – mas meus dedos param logo acima do teclado e lembro do porquê não entro desde domingo: a menina trans na estação de trem. Meu coração aperta. Tenho medo de meu conselho não ter ajudado – e de que, se eu entrar, vou descobrir que ela não me respondeu. E terei certeza de que pulou no trilho no final das contas.

E então me lembro da mensagem anônima de ódio e do sorriso frio de Vickers. Será que essas duas coisas estão conectadas? Será que outra mensagem – ainda pior – me espera se eu fizer login?

Fico olhando para a tela inicial do Bloglr, observando o logo do sapinho verde pegar moscas animadas com sua longa língua rosada. Será que eu sou uma dessas moscas? Se eu entrar, serei uma mosca devorada?

Não posso me esconder para sempre. Como Solo falou, sempre haverá *haters*, mas não posso deixar de fazer o que quero. E, se eu ficar com medo demais para olhar, vale mais a pena deletar o blog de uma vez.

Já sem vontade de pedir conselhos a respeito de encontros, entro no site e acesso a página inicial. Minha resposta para a garota trans viralizou. Mais de mil usuários curtiram, comentaram ou compartilharam minha resposta ao seu pedido de ajuda. Clico no post e vou lendo os comentários.

> **DZboy**: Seja forte amiga! Estamos com você.
> **Anônimo**: Fique firme, querida. Vai dar tudo certo :(
> **refugiado-tímido-do-interior**: se vc tiver em Chicago pode vir dormir c a gente. me manda uma msg!

Eles não param, uma enxurrada de amor, apoio e recursos para a menina na estação de trem. Meu coração dispara – ainda não vi nada da garota em si. Será que ela ainda está viva? Na esperança de que tenha me enviado outra mensagem, clico na caixa de entrada e começo a ler.

> **GarotaMustang96**: Por favor fala pra anônima que passei pela mesma coisa. Ela pode me mandar uma msg.
> **Expecto_Patronum**: Que coragem. Fala pra ela que a gente a ama!

Tem dezenas de mensagens como essas e, conforme vou passando por elas, meu medo se dissipa. O impacto de uma mensagem anônima de ódio parece insignificante comparado a tamanha demonstração de apoio.

Finalmente, encontro esta mensagem, enviada na madrugada de segunda-feira:

> **ac0rdand0**: Oi, Alix. Sou a menina trans que te escreveu da estação de trem. Queria só dizer muito obrigada pela sua resposta. Você me fez sentir como se não estivesse tão sozinha. Quando veio a enxurrada de respostas, comecei a chorar. Liguei para um dos telefones e me informaram sobre um abrigo nas proximidades, mas acho que vou apenas voltar pra casa mesmo. Acho que, se não voltar, só vou piorar as coisas com meus pais. Enfim, obrigada mesmo. Você meio que salvou minha vida.

Levo as mãos ao rosto. Meus ombros tremem uma vez, depois outra. Dois soluços fortes e penso que vou chorar mais, mas eles param. O alívio percorre meu corpo. Limpo os olhos e releio a mensagem antes de responder.

> **Alix**: Valeu mesmo por me responder. Estou feliz que você tenha decidido ficar. Por favor, me mande uma mensagem se quiser conversar mais. Força.

Parece que não estou falando o bastante, mas não sei mais o que dizer. Clico em *enviar*.

Tem mais uma mensagem na minha caixa de entrada.

> **MiMi_Q**: Oi, Alix. Meu nome é Mike/Michelle Weston. Sou responsável pela AliançaQueer.org e já mandei uma mensagem para você antes. Não sei de que lugar do mundo você fala, mas sempre estamos precisando de colaboradores para a AliançaQueer, ou “a Q”, como chamamos por aqui. Mande uma mensagem se tiver interesse – ou, se estiver perto de Los Angeles, fique à vontade para nos visitar. Dê uma olhada no nosso site para ver o endereço e os horários.
>
> A propósito – caso ainda não tenha notado: acredito que você já encontrou sua causa.

– Mike/Michelle

Meus ombros tremem mais uma vez – em um soluço ou gargalhada, sei lá. Eu me recosto na cadeira e encaro a tela.

Eu encontrei minha causa.



Os dois dias seguintes na escola são os melhores até agora: conversas sobre música com Solo antes da aula de Inglês, risadas com Bec na rampa na hora do almoço. Duvido de que um dia eu chegue a ser rei ou rainha do baile, mas sinto que finalmente estou me adaptando a Park Hills High. Pratico meu francês com Casey Reese e até troco cumprimentos educados com Erik. Tenho mais algumas oscilações na escola – duas só na quinta-feira –, mas elas me constrangem menos e não tenho mais nenhuma crise de pânico. Posso não conseguir ser "invisível", mas, se estou me destacando, pelo menos sinto que encontrei o meu lugar. Saber que tenho a comunidade no meu blog – embora seja anônima e virtual – me deixa à vontade, como se eu tivesse um propósito, e isso me dá confiança enquanto ando pelos corredores. Ainda recebo olhares ocasionais no caminho para o meu armário ou na fila do refeitório, mas, na maior parte do tempo, as pessoas que não gostam de mim me deixam em paz.

Na sexta, na hora do almoço, dou uma passada na secretaria para deixar meus últimos documentos de transferência. Assim que entro, vejo Jim Vickers sentado à frente da sala do orientador. Só de vê-lo meu coração acelera e quase viro para sair – mas então noto que ele está abalado, com os ombros curvados, o queixo apoiado numa mão. Ele parece derrotado. Ergue os olhos quando me aproximo do balcão e posso ver que me reconhece – mas desvia o olhar.

A porta da sala se abre e sai um homem alto de casaco esportivo bege. Sua semelhança com Jim é inconfundível – só pode ser o pai dele. Ele dispara um olhar cortante para Jim e depois se dirige à saída. Quando se vira, noto que usa um colarinho clerical, igual ao que os padres da Coração Imaculado usavam. Jim

se levanta rápido e o segue para a saída, parecendo um cachorro que acabou de ter o nariz esfregado no próprio cocô. Queria saber o que ele fez para merecer esse olhar cortante, isso sem falar do passeio para a sala do orientador. O que quer que seja, ele deve ter merecido. Enquanto espero a secretária encontrar minha pasta, outro pensamento me passa pela cabeça: tomara que meu pai nunca tenha de fazer uma aparição na escola. Ser filho de sacerdote pode ser um saco, mas não é nada perto de ter um *deputado* como pai.

Na tarde de sábado, ainda não criei coragem de perguntar para Bec se o nosso encontro é um encontro de verdade – então decido tratar como um. Por via das dúvidas.

Deito na cama e tiro seu bilhete da minha bolsa de carteiro. Desdobro o papel e leio o que está escrito pelo que me parece ser a décima vez desde quarta.

Buraco de Bala Imperial Highway, 12629 W, Loja 7K

18h. Venha do seu jeito.

Não sei direito o que é o Buraco de Bala. Considero pesquisar, mas curto o mistério e tenho a impressão de que era esse o objetivo de Bec. O endereço é na zona oeste da cidade, numa área industrial que deve ficar uns dez minutos depois dos trilhos da ferrovia. Mas a última linha do bilhete é a que releio mais vezes.

18h. Venha do seu jeito.

Passo o polegar sobre as letras, escritas com caneta esferográfica. *Venha do seu jeito*. O que isso quer dizer? Talvez seja só a maneira dela de dizer que o clube não tem um “traje recomendado”. Mas algo me faz pensar que é mais do que isso. Será que ela sabe… sobre mim? A ideia de que ela possa já ter sacado tudo me dá uma sensação fantástica de alívio; mas, por trás disso, existe o medo de que, se ela *não* tiver entendido, vai me rejeitar quando finalmente entender.

Releio o bilhete de Bec mais três vezes, tentando – em vão – encontrar um sentido oculto nas linhas escritas à mão, algum indício de que possa saber sobre mim ou sobre o que planejou para hoje à noite. Olho para o relógio: ainda são três da tarde. Tenho horas para matar antes de sair para buscá-la – e, se não me distrair, vou passar o tempo todo reexaminando o bilhete psicoticamente. Penso na dra. Ann me falando que não sou demente e me pergunto o que diria se me visse agora, apertando o bilhete contra o rosto para ver se tem o cheiro de Bec.

Não, nada de baunilha. Só uma folha de caderno. Nossa! Preciso sair da minha cabeça. Pensar em outra coisa. “Conviver”, como diria a dra. Ann. Talvez ela esteja certa sobre o lance de “ter uma causa”.

Então enfio o bilhete de volta no bolso, viro para o lado e entro no Bloglr. Tiro a sorte grande na primeira mensagem.

> **KimmieG1995**: Oi, Alix! Estou escrevendo porque acabei de encontrar uma caixa de roupas femininas no armário do meu irmão. Ele tem dezesseis. Fazia um tempo que eu achava que ele era gay e não vejo problema nenhum nisso mas queria saber como conversar com ele sobre esse assunto. Enfim, vi seu post “Ambos e nenhum” e agora acho que meu irmão pode ser gênero fluido também. O que eu faço?

Hesitante, começo a digitar uma resposta, encaminhando KimmieG a um grupo de apoio de aliados de transgênero – mas paro. Meio que já sei o que vão dizer a ela – e talvez minha perspectiva possa ajudar essa garota. Então deleto minha resposta genérica e começo a digitar o que está no meu coração. Depois de meia hora digitando, deletando e reescrevendo, é isso que tenho:

> **Alix**: Oi, Kimmie. Seu irmão tem sorte de ter uma irmã tão companheira. Dito isso: se eu fosse ele, acharia muito estranho se minha irmã mais velha admitisse que andou fuçando no meu guarda-roupa. Não comece por aí. Você não sabe como ele se sente em relação a isso tudo. Ele pode ainda estar tentando se entender. Pode não estar disposto a conversar. E, até onde sabemos, as roupas podem ser de uma namorada secreta.
>
> O lance é: provavelmente ele só quer ser aceito. Não pense nele como uma criança com algum tipo de doença ou deficiência. Só o trate como um igual. Não pise em ovos tentando entender o que está acontecendo. Não há necessidade de ter “a grande conversa”. Talvez você possa encontrar maneiras sutis de dizer a ele que tem a mente aberta sobre questões de identidade de gênero; mencione um livro ou um filme com um personagem trans. Faça comentários positivos. Ele vai sacar.
>
> Mas o mais importante é – seja o tipo de pessoa a quem ele vai querer recorrer quando ele – ou ela – estiver pronto.
>
> #generofluido #conselho

Posto e logo depois tenho um pequeno ataque de pânico em que releio a resposta três vezes e quase a deleto. Eu pareço… idiota. Nada sagaz e fascinante como sentia na minha cabeça. Mas acho o conselho certo – e dá uma boa sensação responder. Ajudar. Tão boa que passo para a próxima mensagem.

> **Anônimo**: Alix, queria agradecer por escrever a resposta do x/ch no outro dia! Eu estava passando por um dia horrível e precisava mesmo de umas risadas. Queria poder ser tão brilhante na vida real quando me zoam. Enfim, às vezes minha depressão é tão grande que só quero morrer. Ler seu post me deu vontade de continuar.

Fico encarando a última frase. É difícil acreditar que minha piada fez uma diferença tão grande. Mas tem algo tão inegavelmente sincero e puro na mensagem que ela me toca. Penso nos meus momentos de depressão e em como é difícil tentar parecer mais feliz ou menos frágil do que me sinto. É assim que essa mensagem me parece – a falsa alegria de uma pessoa desesperada. Com cuidado, digito uma resposta.

> **Alix**: Querido anônimo, por favor não pense que sou brilhante na vida real. Nunca conseguiria pensar em algo assim na hora, por isso posto aqui! Sério, eu deveria renomear o blog para “M#%%#s inteligentes que eu nunca teria dito”.
>
> Agradeço muito pela sua coragem em falar da sua depressão. Queria poder dizer que não entendo do que você está falando, mas a verdade é que entendo muito bem. Na semana passada, eu não conseguia atravessar o refeitório sem ter uma crise de ansiedade. Às vezes, nem sinto vontade de sair da cama; só quero enfiar a cabeça embaixo das cobertas e deixar o vazio me sugar para suas profundezas.
>
> Mas então comecei a compartilhar. Escrever este blog. E isso meio que me salvou. De certa forma, você me salvou – lendo e respondendo e compartilhando o que sente. Todos vocês me salvaram.
>
> Então. Tem algo a ser lembrado: estamos aqui para nos ajudar. Podemos ser estranhos na internet, mas somos reais. E estamos aqui.
>
> Seria bom se pudéssemos nos unir e formar uma Academia de Almas Perdidas.*
>
> O departamento de arte seria um arraso.
>
> *Academia de Almas Perdidas é o nome da minha nova banda de indie rock.
>
> #generofluido #depressao #ansiedade #suicidio

Clico em *postar*, sentindo uma gratidão e, para falar a verdade, meio que muito ânimo. Dar conselhos para estranhos parecia esquisito no começo, mas estou pegando gosto pela coisa. Faz com que eu sinta que minha situação não é tão desesperadora. Me dá coragem.

E, talvez porque não consiga parar de pensar no encontro com Bec hoje, a agulha da minha bússola interna está completamente travada no F. Tipo, só de pensar em usar calças, minhas pernas começam a parecer feitas de plástico. Mas

ainda não sei como Bec me vê; e, embora eu realmente queira me apresentar como uma menina hoje, tenho medo de que, se for feminina *demais*, ela perca o interesse. Então preciso me vestir de forma neutra.

Por outro lado, também não quero ir buscá-la no meio de uma espiral de disforia, porque crises de pânico não são exatamente atraentes. Por isso, decido fazer algumas coisas femininas clandestinamente. Primeiro, vou ao banheiro e desenterro uma caixa de produtos de beleza nunca usados que minha mãe comprou para mim nos últimos anos numa tentativa de me conformar a seus valores capilares repressivos do século xx. Ao misturar alguns – uma substância viscosa branca com uma pasta amarronzada –, consigo domar o redemoinho no topo da minha cabeça e pentear uma curva mais feminina na minha franja desgrenhada. Não é nenhuma tiara da Hello Kitty, mas definitivamente me faz me sentir mais menina. Depois, volto ao quarto e pego um frasco de óleo de lavanda fechado que minha mãe comprou da sra. Wells – é para ser algum tipo de produto homeopático para a ansiedade – e pingo algumas gotas nos punhos e atrás das orelhas. É supersutil, não perfumado demais, mas eu adoro. Levo os punhos ao nariz e me olho no espelho. Meu rosto se abre num sorriso. Eu me sinto cem por cento melhor. Meu coração está batendo rápido – mas num bom sentido.

Coloco “Rebel Girl”, do Bikini Kill, no celular, ponho o fone de ouvido e saio pulando pelo quarto feito uma doida pelos próximos dois minutos e trinta e sete segundos.

Às cinco e meia, desço a escada e vejo que meus pais estão saindo. Eles vão jantar com os representantes de alguma grande petrolífera. Minha mãe está na cozinha, embalando um bolo caseiro de manteiga de amendoim num pedaço enorme de papel alumínio.

Meu pai está parado na frente da grande TV, assistindo a si mesmo em um programa de entrevista. A apresentadora diz:

– Seu novo projeto de lei sobre educação pede aumentos enormes de orçamento. Mas, há dois anos, você votou contra uma iniciativa semelhante. Pode explicar isso?

Na tela, meu pai sorri. É seu sorriso de deputado, mas é impossível não acreditar nele.

– Claro, Debbie. Desde que dei aquele voto, visitei mais de cinquenta escolas em dez estados. Vi o que está acontecendo nas linhas de frente e que precisamos fazer algumas grandes mudanças – ele responde.

– Então você mudou sua posição? – ela pergunta. Meu pai faz que sim.

– Eu sei, eu sei. Meus assessores me aconselharam contra isso. Disseram que era um mau gesto político. Mas era a coisa certa a se fazer pelas nossas crianças e pelo nosso país.

Debbie entrelaça os dedos.

– Esse não é só mais um exemplo da famosa rotina de injustiça social populista de Cavanaugh?

Meu pai dá risada.

– "Rotina de injustiça social populista." Essa é boa. Queria que minha equipe tivesse inventado essa expressão.

Na verdade, foram eles que inventaram – ele e sua equipe. Ouvi sem querer esse exato termo sendo discutido durante uma das suas reuniões noturnas, e agora a imprensa está usando. Assistindo a meu pai na tela, posso ver seu charme persuadindo a entrevistadora como faz com todo mundo que entra em contato com ele. Por um lado, isso me faz questionar se ele já usou seus poderes comigo; por outro, invejo seu carisma. Por que não herdei isso?

Meu pai desliga a TV e se levanta.

– Sharon, se não sairmos agora, os Ellise vão chegar antes de nós no Angelo's.

Ao passar por mim no caminho para a garagem, minha mãe me olha e inclina a cabeça.

– Você fez alguma coisa diferente com seu cabelo?

Toco o cabelo timidamente.

– Hm. Meio que sim.

– Ficou… bom. – Ela sorri.

– Valeu – respondo, querendo saber que palavra estava na ponta da língua dela antes de mudar de ideia e dizer "bom".

Depois que o Lincoln sai da garagem e vira a esquina, entro na minivan e digito no celular o endereço que Bec me deu. Sigo as instruções até a zona industrial da cidade. Depois de dez minutos, estou mais para o Oeste de Park Hills como jamais estive. Sinto uma surpresa e certa apreensão quando meu GPS me manda virar à direita num parque industrial que parece abandonado.

Segundo as placas instaladas sobre as portas de metal, o complexo abriga uma fábrica de troféus, uma oficina de restauração de móveis, uma loja de serigrafia em camisetas e várias outras salas de escritórios/depósitos agora desertas. O último prédio é o número sete. Paro diante dele e estaciono a minivan.

Tem um logo vermelho na porta: um desenho que lembra o estilo de uma

tatuagem, com um crânio humano furado na testa, inscrito em um círculo de texto em que se lê: “Estúdios Buraco de Bala”. Ouço o barulho de bateria e guitarra elétrica saindo lá de dentro. Estou prestes a desligar o motor quando a porta da loja 7K se abre e um menino alto com a barba por fazer usando uma camisa vermelha de flanela sai e acende um cigarro. Ele me vê, depois abre a porta do estúdio e grita algo lá dentro.

Um momento depois, Bec sai, segurando um estojo de guitarra em uma mão. Ela está usando uma jaqueta jeans escura sobre uma regata decotada, e meus olhos pausam um momento sobre a pele exposta. Ela me vê pela janela de passageiro da minivan e sua boca se abre naquele sorriso malicioso de sempre, fazendo um calor irradiar pelo meu corpo. E então o cara alto estende o braço, a segura pela mão e a puxa na direção dele. Ela fica na ponta dos pés e joga o braço em torno do pescoço dele. Ele beija sua bochecha.

Levo um banho de água fria. Bec tem um namorado?

Depois de um tempo, ela se afasta e dá um soco de brincadeira na barriga dele. Ele coloca o cigarro na boca e se despede com um aceno. Ela chega perto da van, guarda a guitarra na traseira, depois dá a volta até a frente e entra.

– Oi – ela diz.

– Oi – respondo, tentando soar normal apesar do nó que acabou de se formar no fundo da minha garganta.

– Ei... Você tá bem? – Bec se aproxima, preocupada.

– Sim – digo, fingindo um sorriso. – Tudo certo. Hum... pra onde a gente vai?

– Sai pelo caminho que entrou e volta para a 57 – Bec explica, afivelando o cinto de segurança.

É só quando entramos de volta na Imperial que percebo que estou contendo a respiração, então solto o ar devagar. Há um longo silêncio.

Aquele menino – ele era tão… *masculino*. Se é isso que ela curte, tenho tantas chances quanto uma bola de neve no inferno. Mesmo nos meus dias mais masculinos. Mas isso não importa, porque não consigo escolher as oscilações; simplesmente acontece. Normalmente consigo fingir quando preciso – principalmente perto dos meus pais e por períodos curtos – mas, não sei por que, não consigo quando estou com Bec. Algo nela, algo na presença dela, parece diminuir minha capacidade de fingir.

Talvez seja por isso que gosto de estar com ela.

Eu deveria iniciar uma conversa qualquer, perguntando sobre a banda dela ou coisa assim, mas tudo em que consi-go pensar é no meu maldito cabelo

escovado, nos meus punhos com cheiro de lavanda e em Bec, na ponta dos pés, abraçada com aquele garoto.

– Ei, Riley – Bec chama, arrancando-me de meus pensamentos sombrios. Olho, e ela continua: – Estou feliz que você veio. – Noto uma insegurança em sua voz que nunca tinha sentido antes. Uma vulnerabilidade. E, antes que me dê conta, as palavras saem da minha boca.

– Aquele era seu namorado? – pergunto, sentindo o calor subir nas minhas bochechas.

Bec leva um susto e sua boca se contorce contendo uma risada ou uma careta, não sei dizer.

– Hum. Ele é meu baterista – ela responde.

– Mas vocês estão, tipo… juntos?

Bec vira a cabeça.

– As pessoas não são mercadorias, Riley. Não precisamos de rótulos.

Aperto a mão no volante. Que tipo de resposta foi essa? Quero insistir na pergunta, mas não quero parecer em desespero nem quero que ela fique assustada. Então, decido mudar de assunto.

– Qual é o nome da sua banda?

– Queimadura Fluorescente.

– Ah. O que vocês tocam?

– É, tipo, última fase do shoegaze, primeira fase do grunge. – Bec tira o celular do bolso e o conecta na abertura do console central.

– São vocês? – pergunto, apontando para o celular.

– Nossa, não. Fiz uma playlist pra você – ela responde.

Eu me remexo no banco. *Ela fez uma playlist pra mim.*

Bec continua:

– É quase só Bad Religion ao vivo, pra fins educativos, mas tem algumas do Pixies também, já que você adora pop.

Fico sem ar de tanta indignação.

– Eu não adoro pop! – respondo, mas estou dando risada ao mesmo tempo.

– Faça-me o favor – Bec diz, aumentando o volume e abrindo a janela. – Ramones, Pixies, The Police. Sua coleção de camisetas é quase um tour pelos anos oitenta. – Ela olha para mim. – Você está sexy, aliás.

A pele no meu rosto estoura em chamas.

– Meu primo tem isso – Bec diz.

– O quê?

– Esse lance de corar sem motivo – ela responde.

Olho de esguelha para ela, que contorce os lábios naquele sorriso travesso que parece botar fogo nas minhas entranhas. Todos os meus pensamentos no cara alto com a barba por fazer evaporam. Ela me fez uma playlist e acha que estou sexy. Meus olhos se demoram em Bec, seu cabelo ao vento, seus olhos azuis brilhando sob a luz dos postes, e noto novamente aquela vulnerabilidade na voz dela. Sinto uma vontade súbita de perguntar o porquê. De romper essa estranha barreira que ela parece impor ao acaso.

– Ei, olhos na estrada – Bec diz. Percebo que a estava encarando e volto a atenção ao volante bem a tempo de evitar sair da pista. Passamos embaixo da autoestrada e viro para entrar no acesso.

A conversa vem aos poucos, com interrupções frequentes de Bec, que aumenta o volume e grita que *preciso* ouvir essa faixa. Ela canta junto com tanta falta de acanhamento que, quando chega uma música que realmente conheço – "Where Is My Mind?", do Pixies –, me sinto livre para cantar junto. Quando saímos da via 101 em Hollywood, baixamos as janelas e gritamos a letra com todo fôlego.

– Vire à direita. É bem aqui. Estaciona nos fundos – Bec diz, parando de cantar.

Entramos no estacionamento atrás de um prédio de tijolinhos de três andares. Parece uma das estruturas mais antigas em Los Angeles. Talvez há uns cem anos fosse um prédio de escritórios ou uma fábrica têxtil. Estaciono a van e sigo Bec até uma porta pesada de metal, provavelmente a entrada de serviço. Não ouço nenhuma música vinda de dentro e, quando olho ao redor, tem só meia dúzia de carros estacionados. Não há marquise, nem corda de veludo, nem fila que dá a volta no quarteirão.

– Que tipo de clube é esse? – pergunto.

Ela morde o lábio, fazendo o pequeno piercing de aro prateado se contorcer.

– Não fica com raiva, tá?

Franzo a testa.

– Por que estamos entrando pelos fundos?

– A essa altura você ainda não se tocou de que curto um pouco de mistério? Vem. – Enquanto passa por mim, ela pega minha mão como se fosse a coisa mais natural do mundo, e os calafrios sobem pelo meu braço até a nuca, onde todos os pelos se eriçam. Bec abre a porta e entramos.

É um espaço aberto, como o porão de uma loja antiga. Tem um piso de concreto e colunas de madeira sustentando um forro de vigas expostas. Umas

dez cadeiras dobráveis estão dispostas em círculo no centro da sala.

A primeira pessoa que noto é uma mulher robusta em um terno azul mal ajustado. Com um olhar mais atento, vejo uma barba por fazer em suas bochechas. Ela – ou ele – está de mãos dadas com um rapaz latino que poderia ser ator de cinema. Ao lado dele, está sentada uma menina de coturno, brincando com um cigarro apagado enquanto olha nervosa de um lado para o outro da sala. Perto da parede aos fundos, alguém com um cabelo curto de um verde intenso está colocando água em uma grande cafeteira elétrica. De costas, não consigo ver se o penteado punk pertence a um menino ou menina.

Então, assim que me viro para Bec a fim de perguntar onde nos metemos, a mulher mais impressionante que já vi na vida acena e vem na nossa direção. Magra e elegante, ela tem bem mais de um metro e oitenta de altura e, mesmo sob a luz fraca, sua pele negra brilha. Ela caminha direto para Bec, a envolve em seus braços longos feito um polvo afetuoso e a ergue do chão.

– Querida, querida, querida. Por onde você andou? – ela pergunta.

O rosto de Bec está vermelho quando seus pés finalmente voltam a tocar o chão.

– Só… ocupada.

– Bom, é maravilhoso ter você de volta. – A mulher grita por sobre o ombro: – Mimi! Vem ver quem está aqui! – Então ela vira para mim: – E quem é essa pessoa nova?

Espero Bec me apresentar, mas ela não diz nada. A mulher alta flexiona os joelhos para olhar nos meus olhos, abre um sorriso largo e estende a mão.

– Eu sou Kanadá. Igual ao país, mas com K. E é um grande prazer conhecer você. – Ela aperta a minha mão com uma força surpreendente; e é então que percebo que, desse ângulo, dá para ver seu pomo de adão proeminente. Olho para Bec, que sorri ao ver o reconhecimento em minha expressão.

Kanadá vira para Bec e estala a língua.

– É uma festa surpresa?

Bec encolhe os ombros.

– Mimi! – Kanadá grita de novo, olhando para os fundos da sala. Uma mulher alta de aparência elegante, usando um vestido vermelho, se aproxima.

– Estou aqui – ela diz, pousando a mão afetuosa sobre o ombro de Kanadá. Algo nessa mulher me é vagamente familiar. Como se talvez eu a tivesse visto na TV. Quando ela reconhece Bec, abre um sorriso largo e a abraça. – Sentimos falta do seu senso de humor por aqui.

E então ela se vira para mim e me oferece a mão:
– Fique à vontade! Aqui é “a Q”. Eu sou Mike/Michelle.



O tempo parece congelar e fico em silêncio por um momento com a boca aberta. Depois de um tempo, gaguejo:

– Mike/Michelle Weston?

Ela ergue a sobrancelha.

– Nós já nos conhecemos?

De certa forma, sim. Ela me mandou mensagens pela internet – bom, tecnicamente, foi para Alix –, mas é claro que não me reconheceria. Nem teria como.

– Já entrei no seu site – respondo.

Kanadá dá risada e coloca o braço em volta dela.

– Minha namorada é *famosa*! – Ela se vira para mim. – Qual é o seu nome, coração?

– Riley – digo.

– É um grande prazer conhecer você, Riley. Logo mais vamos começar – diz Mike/Michelle.

Caminhamos para o centro da sala. Escolho um lugar entre duas cadeiras vazias e Bec se senta entre mim e a mulher de terno azul. Sentindo-me um pouco intolerante, alterno o olhar entre o pomo de adão proeminente de Kanadá e a sombra de barba no rosto da mulher alta. Esse "clube" é obviamente algum tipo de grupo de apoio LGBTQ – o que significa que Bec me trouxe aqui por um motivo: ela sabe.

Quando me dou conta disso, espero que meu coração comece a bater rápido ou que meus dedos comecem a formigar – mas, em vez disso, solto um riso

involuntário de alívio. Se Bec *sabe*, o fato de que veio comigo prova que já me aceitou. Minha risada se transforma quase imediatamente em lágrimas e seco os olhos rapidamente. Olho de esguelha para Bec, mas ela está concentrada numa conversa com o latino bonito e parece não ter visto meu pequeno ataque.

Mike/Michelle pede ordem ao grupo e todos assumem seus lugares.

– Olá, pessoal – ela diz. Algumas pessoas cumprimentam e outras batem palmas. – Sejam bem-vindos à Aliança Queer, que chamamos carinhosamente de "a Q". Somos um grupo de apoio de gênero e sexualidade, e vocês não precisam se enquadrar em nenhuma categoria específica para estar aqui. Alguns de nós são gays, outros trans e outros *genderqueer*. Alguns de nós são assumidos e outros não. Este é um espaço seguro onde compartilhamos aquilo por que estamos passando. E, hoje, temos algumas pessoas novas e velhos amigos também. – Ela aponta com a cabeça para Bec e para mim e a maioria dos rostos se vira na nossa direção. Bec abre um sorriso caloroso. Dou um aceno constrangido. Mike/Michelle continua: – Vamos começar com nossa dedicatória. – Todos dão as mãos. Pego a mão de Bec à minha direita e Kanadá estende o braço para pegar minha mão esquerda. A maioria das pessoas abaixa a cabeça e outras só fecham os olhos. Mike/Michelle ergue os olhos como se estivesse se dirigindo ao céu. – Hoje nos reunimos como uma comunidade, não para nos concentrar em nossas falhas, mas para celebrar nossa diversidade. Para compartilhar nossas dores, nossas alegrias e nosso amor, e criar um amanhã melhor.

Bec solta a minha mão quando as pessoas começam a aplaudir. Pelo jeito, esse grupo gosta de palmas. Quando acabam os aplausos, Mike/Michelle retoma.

– Vamos começar dando a volta pelo círculo. Mas não existe obrigação. – Mike/Michelle fala como se estivesse se dirigindo à sala toda, mas posso ver que está se dirigindo a mim. – Sintam-se à vontade para se apresentar, falar sobre sua semana ou só passar a bola para a próxima pessoa. Eu começo. Meu nome é Mike/Michelle, a mediadora deste grupo e administradora do AliançaQueer.org. Embora minha transição esteja completa, atendo pelo nome de Mike/Michelle, porque, quando conheço uma pessoa nova, meu nome dá abertura para a conversa e é disso que eu gosto. – Seu rosto se abre num sorriso que contagia a sala toda. – Certo. Quem vai agora?

– Eu vou. – É a menina de coturno. Ela está sentada à esquerda de Mike/Michelle e fala num tom baixo e monótono. – Meu nome é Chris. Trabalho com TI em um grande grupo financeiro. – Ela faz contato visual comigo, mas por

pouco tempo. – Para as pessoas novas, sei que pareço uma menina, mas não é assim que me identifico. Comecei minha transição há uns noventa dias. Tenho que viver sendo tratado como mulher o dia todo, então agradeceria… – A voz dela, digo, *dele* embarga e ele para.

Percebo que o estou encarando e abaixo os olhos para o colo. É a segunda vez em duas semanas que avalio mal a identidade de gênero de alguém. Sinto uma pontada de vergonha. Como todo mundo, meu instinto é colocar as pessoas em uma categoria.

Chris continua:

– Ontem, fui informado que meu seguro não vai mais cobrir minha terapia hormonal.

A mulher de terno azul resmunga, indignada.

– Você deveria processar. Eu mesma assumo o caso – ela diz.

Chris acena com a cabeça, concordando.

– As empresas não precisam financiar anticoncepcionais se for contra seus "valores morais". Eles dão o mesmo argumento para o tratamento de transição. Eu só… – Chris afunda a cabeça na dobra do braço. – Não consigo voltar lá. A maneira como me olham… – Seu discurso se dissolve em soluços.

Eu me recosto na cadeira e fico olhando para as minhas mãos. De repente, meus problemas parecem pequenos, e até ridículos, comparados ao desse homem. Olho para o grupo. Todos, incluindo Bec, observam Chris com expressões de empatia e preocupação – e começo a me sentir como se estivesse me intrometendo. Como se não devesse estar presenciando o momento vulnerável desse estranho.

Chris se recompõe e prossegue:

– Vou começar a procurar outro trabalho. E *não* vou parar a terapia. Só vou ter que dar um jeito de pagar do meu próprio bolso. – O grupo aplaude e ele recebe as palmas com um sorriso lacrimejante.

A mulher gorda de vestido azul se oferece para falar em seguida. Ela se apresenta como Bennie e diz que se identifica como uma mulher trans. Depois de vinte anos se escondendo, explica Bennie, ela finalmente se assumiu para a mulher – que pediu o divórcio na mesma hora. Agora, está passando pela terapia hormonal e lutando contra o efeito colateral de ganho de peso. Herman, o latino alto, é o namorado cis heterossexual de Bennie. Quando se conheceram em uma conferência de Direito no ano passado, Bennie ainda se apresentava como homem – mas, de alguma forma, Herman viu além disso e eles se apaixonaram.

É uma linda história e eles dão risada enquanto se alternam na narrativa.

Vez por outra, me pego olhando para a pessoa de cabelo verde curto. Ela – ou ele – parece ter cerca de 25 anos, tem traços muito delicados e não aparenta estar usando maquiagem. A jaqueta de aviação verde e larga esconde as partes mais reveladoras de sua anatomia. Em certo momento, nossos olhos se encontram, e desvio o olhar, com vergonha.

Bec é a próxima. Ela diz "oi" e fala que é bom ver todo mundo – e é então que me pergunto: por que *ela* vem aqui? Ela não parece nada ambígua sobre sua identidade de gênero ou orientação sexual. Na verdade, acho que nunca conheci alguém tão segura de si mesma – a respeito de *tudo*. Então por que parece ser íntima de todo mundo aqui? O que não fui capaz de notar até agora?

E então chega a minha vez. Mike/Michelle havia dito que não deveríamos falar nada que não quiséssemos, mas sinto uma obrigação. Depois de ouvir todo mundo compartilhar seus pensamentos mais íntimos, sinto que devo algo. Quando os olhos se voltam para mim, meu coração começa a bater mais forte e parece que a saliva evapora da minha boca. Depois de um longo silêncio constrangedor, Kanadá se compadece de mim e começa uma história sobre sua filha. Não estou prestando atenção – já dá trabalho demais controlar minha respiração –, mas agradeço o resgate.

Aos poucos, a volta formal pelo círculo se dissolve em uma discussão mais livre. Enquanto todo mundo compartilha o que está acontecendo em suas vidas, começo a me sentir mais *normal*. Sinto que tenho sorte em ter me descoberto aos dezesseis em vez de esperar até estar em um casamento com filhos. Algumas dessas pessoas cresceram sem internet. Não tiveram como procurar ajuda, nenhuma maneira de descobrir *por que* sentiam o que sentiam, nem mesmo descobrir que isso tinha um nome.

Em certo momento, Mike/Michelle convida a pessoa de cabelo verde – que aparentemente atende por Morgan – a compartilhar, mas Morgan recusa educadamente com um contralto suave. Quando Mike/Michelle anuncia o fim da reunião, lembrando aos frequentadores que a sessão da semana seguinte foi remarcada para sexta, já sei que quero voltar.

São 22h15 quando saímos do estacionamento e voltamos para a Sunset. O trânsito se move lentamente; até as calçadas estão cheias de vida, mas não vejo nada disso. Todas as partes do meu cérebro que não estão ocupadas dirigindo a

minivan estão tentando entender as últimas três horas.

Que tipo de segundo encontro foi esse? Será que foi um encontro de verdade? Além disso, como Bec sabe sobre a Q e por que parece conhecer todos os membros? Quero fazer umas cem perguntas.

– Ei. Tá tudo bem? – Bec quer saber.

– Sim. Só estou pensando.

Bec ajeita o cinto de segurança e vira para me encarar.

– Você ficou em silêncio durante a reunião toda.

Encolho os ombros.

– Não tinha me preparado para esse tipo de coisa – respondo.

– Eu sei. Desculpa. Eu não deveria ter te surpreendido dessa forma. – Ela olha para o para-brisa, dando um soquinho de leve na própria coxa. – Tenho esse jeito dramático demais.

– Até isso você fala de um jeito dramático demais.

Ela dá risada. Eu continuo:

– Tudo bem. Mesmo. Só não sabia onde estava me metendo.

– Viu? Mistério. Não é uma coisa ruim. – Ela sorri e retribuo o sorriso.

– Então, como você descobriu esse lugar? – pergunto. Bec vira para o lado, talvez para olhar a janela ou, talvez, para evitar meu olhar. – Bec?

Depois de um longo silêncio, ela volta a olhar para mim, com aquele sorriso irônico no rosto.

– Não é exatamente assunto para um segundo encontro – ela diz.

Segundo encontro? Fogos de artifício estouram dentro mim. Mil perguntas disparam na minha cabeça – mas, antes que consiga responder qualquer uma delas, Bec diz:

– Espera. Onde a gente está? Você já passou da San Vicente?

Encolho os ombros.

– Não faço ideia.

– Ah, que ótimo. Espera aí. – Ela tira o celular do bolso e olha o mapa. – Certo. Vira aqui à direita. Na Larrabee.

Quando entro no cruzamento, Bec solta um gritinho e começa a apontar freneticamente pela janela do motorista. Quase perco a direção.

– Olha! Olha! É… aimeudeus, aimeudeus! É… Olha, é ele!

Mas obviamente não consigo olhar, porque estou tentando voltar com a van para a minha faixa ao mesmo tempo que me recupero de um pequeno ataque cardíaco.

– Meu Deus! O quê? Quem?!

– Ele, com o… do… da banda!

– Quem?

– O… cara, com o… Dave! Bem na frente do Viper Room. Dave Grohl!

– Dave Grohl do Foo Fighters?

– Sim! Sim! Bem ali! – Ela desafivelou o cinto de segurança e está pendurada na janela agora.

– Quer que eu pare o caro?

Ela volta para o banco e me encara.

– Parar o carro? Ai, meu Deus, não. O que eu iria dizer pra ele? Continua dirigindo.

Olho pelo retrovisor bem a tempo de ver o brilho tênue do neon verde e, então, ele sai do meu campo de visão. Bec se afunda no banco de passageiro, respirando fundo.

– Então, Dave Grohl, hein? – Penso no baterista de camisa de flanela dando um beijo na bochecha dela. – Sério? É esse o seu tipo?

Bec volta a prender o cinto de segurança e abre a janela.

– Não fala besteira. Eu não tenho um "tipo". E, mesmo se tivesse, Dave Grohl transcende todas as fronteiras sexuais.

– Talvez – digo, sentindo uma pontada de ciúme. – Você parecia estar tendo um ataque agora há pouco.

– Afe! Eu sei. Nunca consigo falar direito quando é importante – Bec diz. – Tipo, uma vez eu estava no zoológico com a minha irmã quando a gente era criança, na frente da jaula do macaco. E ela estava só olhando pelas barras para dois macacos-aranha adultos que estavam, tipo, tirando pulgas um do outro e comendo ou sei lá o quê… mas ela não viu o filhote pendurado bem em cima dela, com um punhado de cocô na mão, prestes a atirar. E eu deveria gritar: "Mana, cuidado! Cocô de macaco vindo de cima!" ou "Tá caindo!", pelo menos.

– E daí você não avisou?

– Não! Tudo o que consegui dizer foi: "Macaco! Macaco! Macaco!". Mas já era tarde demais. *Plaft*.

– Não.

– Pois é. Ela levou bosta de macaco bem na cabeça. Eca. Não deu pra limpar tudo. Precisou cortar a maior parte do cabelo dela!

Dou risada e Bec também. Mas as risadas perdem o fôlego rapidamente, e o silêncio logo toma conta do espaço. Bec volta a olhar pela janela.

Depois de um momento, meio que solto sem pensar:

– Como ela morreu?

Bec não responde imediatamente e tenho medo de ter ido longe demais.

– Desculpa. Não precisa responder.

– Não tem problema – Bec diz, e acredito nela. – Ela teve uma reação adversa a um medicamento e não conseguiram ressuscitá-la.

– Nossa, Bec. Sinto muito. – Não é o suficiente, mas não sei mais o que dizer.

Bec agradece com a cabeça e fica em silêncio enquanto entramos na estrada. O trânsito está péssimo e vamos devagarinho pelo centro, a uns 25 quilômetros por hora. Bec estende a mão e liga o rádio. Bad Religion quebra o silêncio e, por um tempo, ficamos só ouvindo. Finalmente, estendo o braço e diminuo o volume.

– Então, por que você não se senta mais com os Hard-Cores?

Bec vira para mim.

– Os *quem*?

– Ah, sim, foi mal. Eu chamo de “Hard-Cores” os da mesa de vocês.

– Os Hard-Cores. Que engraçado. – Seu sorriso diminui um pouco. – Mas aquela não era minha mesa.

– Você disse que precisa de um dia de folga de vez em quando. Mas isso foi, tipo, uma semana atrás.

Bec vira para olhar a janela.

– As pessoas são legais individualmente. Mas, em grupos, começam a adotar uma mentalidade de colmeia. Tipo, todos precisam gostar da mesma banda e comprar a mesma marca de tinta de cabelo.

Ela não respondeu minha pergunta, nenhuma das minhas perguntas, na verdade, mas deixo para lá. Estou gostando da companhia dela e não quero estragar isso. A conversa vai e vem. Falamos sobre música – temos muitos gostos em comum –, mas, na maior parte do tempo, evitamos as grandes questões. Sexo, família, coisas do tipo. É uma conversa bem superficial, para falar a verdade, mas meio que não me importo. Com ela, até as coisas superficiais parecem… sei lá. Profundas. Vivas.

O trânsito melhora logo ao sul de Hollywood. O centro fica para trás e, quase sem perceber, já estamos de volta a Park Hills, saindo da via 57.

– Levo você para sua casa? – pergunto.

– Não precisa, só me deixa no Buraco de Bala.

Paro diante do estúdio e desligo o motor. Ficamos ali um tempo, sem falar ou nos mexer. Só respirando em silêncio. Eu mais sinto do que vejo a mão dela

pousada no painel central. Ela parece ter seu próprio campo magnético, atraindo minha mão na direção dela. Solto o volante, que estava segurando como se minha vida dependesse disso, e deixo a mão direita cair suavemente sobre o colo. Então, devagar, vou aproximando o braço do painel.

– Estou feliz que você veio – Bec diz.

– Eu também. – Respiro devagar e tento pegar a mão de Bec, mas no mesmo instante ela vira e pega a maçaneta da porta.

Tarde demais. Coloco a mão no volante e olho para o lado.

– Então, quer ir de novo semana que vem? – Bec pergunta.

Minha respiração acelera e olho para ela. Minha vontade é de gritar "SIM! SIM! SIM!". Mas, em vez disso, respondo:

– Sim, pode ser legal.

E, então, a porta da van se abre e Bec pula para fora, pega a guitarra na traseira e bate a porta de correr. Ela acena, atravessa o estacionamento e desaparece dentro do estúdio em um crescendo de pratos ruidosos.

Chego em casa meia hora antes do toque de recolher. Quando entro na garagem, a luz se apaga no gabinete do meu pai. Ele me esperou acordado. Tiro o CD da Bec do toca-discos do carro e sigo para dentro.

Já na cama e com o barulho do computador ligando, olho para o teto e respiro. Eu me sinto uma pessoa completamente diferente de quando saí de casa há algumas horas. O tipo de pessoa que viaja para Los Angeles com uma menina gata num sábado à noite. O tipo de pessoa que mente para os pais e vai a grupos de apoio e tenta avançar com a tal menina gata num estacionamento ao som estrondoso de punk rock ao vivo que sai das paredes.

Ainda sinto um suave borboletear no estômago e saboreio esse delicioso desconforto. Queria saber como teriam sido as coisas se eu tivesse encostado na mão dela. Será que teria rolado um beijo? Como seria o gosto dos lábios de Bec? Ao pensar nisso, as borboletas batem asas em um furacão. Mas, com ou sem beijo, ela ainda me chamou para um terceiro encontro. Um sorriso lento e triunfante se abre em meu rosto.

Meu laptop faz o barulho de boas-vindas, avisando que faltam apenas segundos para minha envolvente experiência virtual. Eu me viro de lado e faço login.

Quando aparece minha página inicial, meu queixo cai.

SEGUIDORES: 10.161

Fico olhando esse número por um minuto inteiro, sem mover um dedo.

De quinhentos e alguma coisa para mais de *dez mil*? Como isso foi acontecer? Deve ser um erro. Clico em *atualizar*. A página fica branca e logo volta à vida – mas o número continua igual. Aguardo uma onda de euforia surgir dentro de mim mas, em vez disso, sinto um pavor que congela todas as borboletas que me restavam.

Clico no ícone do envelope: tenho centenas de mensagens. Começo a ler uma a uma.

> **mija0amarel0**: OMG você viu o artigo?
> **QueerBoy1996**: Acho que seu blog vai ficar famoso agora! ;-)
> **Anônimo**: Alix, não acredito que você respondeu aquela pessoa. NÃO era da sua conta. Você é responsável pelo que aconteceu e tomara que metam um processo em você.

Meu pânico cresce conforme leio mensagem após mensagem com referências a uma matéria de jornal. Preciso passar por uma dezena até encontrar um que inclua o link para o artigo. Clico nele e começo a ler.

> ***Adolescente transgênera sobrevive a suposta agressão do pai***
> *Nicholas Price, colaborador especial do* The Advocate
> *NORMAN, Oklahoma. – Adolescente de Oklahoma é espancada pelo pai ao se assumir transgênera para a família no domingo, afirma a polícia.*
> *Ela passou por tratamento para uma fratura no maxilar, duas costelas quebradas e múltiplos cortes no rosto e nos braços no Centro Médico da Universidade de Oklahoma. Foi liberada na manhã de segunda.*
> *O pai, Douglas Gingham, 42, foi preso sob suspeita de agressão e está sendo mantido na Prisão do Condado de Cleveland, segundo o sargento John Harmonson do Departamento de Polícia de Norman.*
> *O suposto ataque reflete uma tendência crescente de violência contra adolescentes americanos que revelam suas identidades de gênero fora dos padrões tradicionais para família e colegas. Embora a política do* The Advocate *seja ocultar a identidade de vítimas menores de idade, Andrew "Andie" Gingham solicitou que seu nome fosse usado – com a permissão da mãe – e que sua história fosse contada para colocar um rosto humano na questão.*
> *"Quando contei pra eles, meu pai me deu um tapa na cara", afirma Gingham, 17. "Então, saí de casa."*
> *Gingham disse que, nesse momento, buscou ajuda na internet. Ela procurou o conselho de Alix, cujo blog "Esconder-se e outras habilidades sociais" (bloglr.com/alix) vem*

ganhando popularidade na comunidade LGBTQ. O blog trata da fluidez de gênero de Alix e funciona como uma coluna de conselhos.

"Esse blog salvou minha vida", declarou Gingham. "Quando saí da casa dos meus pais, fiquei perdida. Pronta para acabar com tudo. Mas então Alix me respondeu. E só o fato de saber que outra pessoa em algum lugar sabia o que eu estava passando – e se importava o bastante para me responder – me impediu." (Clique ***aqui*** *para ler a postagem no blog.)*

Gingham afirmou que só sofreu as agressões mais violentas quando voltou para casa na segunda tentativa de se reconciliar com os pais. Foi nesse momento que ocorreu o espancamento, segundo a polícia.

"Meu pai tinha bebido", Gingham afirmou. "Ele simplesmente perdeu o controle."

Depois de um tempo, a mãe de Gingham conseguiu acalmar o marido e chamar uma ambulância, segundo Harmonson.

Nenhum dos pais de Gingham aceitou comentar o ocorrido.

Apesar da gravidade de sua situação, Gingham continua esperançosa em relação ao futuro.

"Se posso sobreviver a isso, posso sobreviver a qualquer coisa", afirmou Gingham. "É hora de todos sairmos do armário. Meninos e meninas trans e todo mundo. Quanto mais nos escondermos, mais pessoas da comunidade vão sofrer diariamente. Não quero mais me omitir."

Gingham passou a noite no Centro Médico da Universidade de Oklahoma antes de ser transferida para uma unidade dos Serviços de Proteção à Criança e ao Adolescente na cidade de Oklahoma, mas afirmou que espera ser devolvida à custódia da mãe após uma audiência a ser realizada ainda esta semana.

Leio a matéria duas vezes e, quando acabo, meu rosto está formigando.

Ela me ouviu – e foi espancada por isso.

No instante seguinte, sinto uma convicção avassaladora de que o link é falso, de que isso é algum tipo de pegadinha elaborada. Rapidamente, jogo a manchete no Google – mas, dito e feito, aparece a matéria do *Advocate* como primeiro resultado da busca. Acesso o AliançaQueer. O artigo está em destaque, junto com um perfil especial sobre meu blog, incluindo meu avatar, agora famoso, do David Bowie. Finalmente, entro diretamente no site do *The Advocate*. A matéria sobre Andie Gingham não está na página inicial, mas a encontro após alguns cliques. Fico olhando para a foto dela e sinto como se alguém estivesse esmagando meu coração. Minha visão fica turva e as lágrimas caem pelo meu rosto.

Seu pai a espancou. Ela voltou e ele a *espancou*.

Eu me levanto, começo a fechar o laptop, então me sento novamente. Coloco a mão no peito como se, de alguma forma, isso acalmasse meu coração. Respiro fundo.

Eu não sou responsável pelos ferimentos dela – claro que não –, mas também não sou inocente. Eu me envolvi. Podem não ter sido meus punhos que a espancaram, mas minhas palavras deixaram marcas. Marcas muito reais. Mas Andie não me culpou... ela me *agradeceu*.

Essa não pode ser minha vida; parece que estou vendo isso acontecer com outra pessoa. E, mesmo assim, sei que é real. Sei que é verdade. E o que começou como uma tentativa meia-boca de obedecer minha médica afetou a vida de uma pessoa – e talvez as vidas de dez mil outras que leram o que escrevi.

É muita coisa. É grande demais. Não consigo entender tudo isso.

Clico na caixa de entrada e começo a ler tudo de novo. Muitas das mensagens são de pessoas transgêneras – adultas e adolescentes – expressando sua solidariedade à Andie e elogiando sua coragem. As outras são direcionadas a mim, e estão divididas mais ou menos igualmente entre mensagens de apoio e de crítica. DraMamae82 me fala em furiosas letras maiúsculas que não tenho qualificação para dar conselhos a ninguém, enquanto Assumido-em-Denver diz que eu deveria seguir carreira de terapeuta. Um anônimo afirma que Andie não teria sido espancada se não fosse por mim – mas outro insiste que evitei o suicídio dela.

Mas a mensagem de DanielD87 é a que mais me pega.

> **DanielD87**: Nossa. Quase me assumi pro meu pai por causa do que você escreveu praquela menina – mas mudei de ideia no último segundo, e agora agradeço por isso. Não tenho vergonha de ser quem eu sou, mas, desculpa, se me assumir vai me fazer levar uma surra ou ser expulso de casa, então não vale a pena. É melhor ficar no armário.

Lágrimas turvam minha visão novamente. Sinto ódio do pai de Andie por machucá-la e raiva de DanielD87 por deixar que seu medo o mantenha no armário –, mas, principalmente, sinto vergonha. Vergonha porque, assim como Daniel, tenho medo demais para me assumir. Vergonha de estar me escondendo sob esse nome falso, fingindo ser algum tipo de terapeuta, algum tipo de ativista – quando a verdade é que sou incapaz de enfrentar meus próprios problemas. Sou só uma criança assustada, assim como Andie era.

Leio o restante das mensagens – todas elas. Sinto uma satisfação especial nas

mensagens de ódio. Lê-las me faz sofrer e esse sofrimento parece um castigo. Um castigo que devo merecer.

Finalmente, chego à última mensagem na caixa de entrada. Clico e congelo de medo.

> **Anônimo**: vejo vc no almoço. traveco do caralho



Os dias seguintes vêm como uma neblina obscura. A sensação que eu tinha de ter encontrado meu lugar parece desaparecer, levando com ela minha confiança. Sierra Wells me olha feio quando entro em Inglês Avançado, e Cole, o colega de equipe de Vickers de cabelo viscoso, pega nas próprias "partes" quando passo por ele no caminho para meu armário, antes de Pré-Cálculo. Procuro não me afetar, mas me afeto mesmo assim. No quarto horário, Casey Reese tenta me animar, mas me esquivo dela. Só quero ficar em paz.

Tenho conversas vagas e sem graça com Solo e, quando me pergunta o que há de errado, só abano a cabeça. Bec me lança olhares preocupados, mas não fala nada. Talvez ela esteja tentando me dar espaço. É difícil saber, porque me sinto distante, como se nada fosse real, e pareço incapaz de aliviar a pressão que se instalou em meu peito.

vejo vc no almoço. traveco do caralho

A mensagem se repete na minha mente – e, em vez de prestar atenção na aula, tento compulsivamente resolver o enigma de quem a mandou e por quê. Chego a duas possibilidades.

Uma: a mensagem é só uma ameaça vazia de um estranho. Não contém nome, lugar ou especificação – só um vago "vejo vc no almoço". Mas *todo mundo* almoça – então, embora faça sentido pensar imediatamente em Vickers e sua gangue porque me provocam no refeitório, não existe nenhuma evidência que sugira que eles estejam de fato envolvidos. Qualquer pessoa poderia ter mandado aquela mensagem – na verdade, é provável que seja o mesmo anônimo que escreveu "sua bixa" e "nossa escola não precisa de outro viado". Em outras

palavras, é só um *troll* aleatório tentando me meter medo. Essa é a possibilidade mais provável, mas não é a que me pego repetindo mentalmente. A segunda possibilidade é que é *sim* alguém da escola – muito provavelmente Vickers. Se for, significa que, de alguma forma, ele conseguiu fazer a conexão entre mim e meu blog – o que quer dizer que pode fazer coisa muito pior do que me atormentar: ele pode me *expor*. Só de pensar nisso, sinto um balde de água fria jorrar na minha barriga.

Mas, se ele quisesse me arrancar do armário, por que simplesmente não posta um link na internet ou manda um e-mail para todos os amigos dele? Está na cara que isso não aconteceu, porque os olhares e comentários que recebo teriam ficado piores em vez de irem amenizando aos poucos, como parece estar acontecendo.

Mesmo assim, embora não exista absolutamente nenhuma evidência a favor – não consigo deixar de lado a sensação de que é *sim* alguém da escola. Esse alguém sabe. E, se não é Jim Vickers, então quem?

Só consigo pensar em duas possibilidades: Bec e Solo. E a ideia de que algum deles me exponha, mesmo que por acidente, que dirá me *ameace*, é tão devastadora que nem quero pensar nela.

Mas penso.

Eu sei que Bec sabe de algo. Ela parece entender alguma coisa sobre mim que nunca consegui falar em voz alta. É quase como se lesse meu diário. Afinal, ela me chamou para a Q. Mas ela sempre me apoiou. Ela teria de estar escondendo sérios problemas mentais para ser capaz de mandar uma mensagem como aquela e francamente não acho que seja o caso. Será que ela deixou escapar minha identidade enquanto falava com um dos seus amigos Hard-Cores? É possível – mas ela tem faltado muito na escola e, quando vem, parece que fica só comigo. Simplesmente não consigo acreditar que seja ela.

Com isso, resta Solo. Só de pensar, meu coração se aperta. Ele foi o primeiro amigo que fiz em Park Hills e, mesmo quando tivemos aquele grande desentendimento, sempre foi direto comigo. Não consigo imaginá-lo digitando uma mensagem como aquela. Porém, se tiver sacado que sou gênero fluido, será que teria contado para alguém sobre mim? Deixado escapar para um dos caras do futebol americano? É possível – mas não parece provável. Não é muito a cara dele.

Mesmo assim, me pego repensando em todas essas possibilidades.

Para piorar a situação, ainda na tarde de segunda os principais blogs de direitos

gays e trans do país já tinham dado a notícia sobre Andie Gingham. O *Huffington Post* faz um editorial na terça e o número de seguidores do meu blog vai para quinze mil. Na quarta, a CNN.com retoma a história e o número chega a trinta mil.

O foco da matéria na comunidade LGBTQ é o apelo de Andie para que pessoas transgêneras se assumam, enquanto a mídia tradicional vende o drama como um crime de ódio familiar. Mas, independentemente do foco, a maioria das maté-rias menciona Alix – especialmente as matérias on-line. Algumas me tratam como uma criança irresponsável que colocou Andie em risco; outras têm uma visão mais positiva de mim, como algum tipo de celebridade *genderqueer* anônima.

No meio disso tudo, não postei absolutamente nada no Bloglr – toda vez que entro, o aumento gigantesco no número de seguidores me intimida, e saio sem nem olhar a caixa de entrada. Sinto um pouco de culpa por abandonar meus seguidores e por não entrar em contato com Andie quando ela mais deve estar precisando – mas morro de medo das mensagens que me esperam. Não apenas das reações à notícia, mas de outras ameaças enviadas pelo anônimo que passei a ver como meu *stalker*. Cheguei a sentar diante do laptop duas vezes com o objetivo de deletar o blog completamente, mas desisti no último segundo. A ansiedade que me esforcei tanto para eliminar nas duas últimas semanas está voltando e, agora, ando por aí com o zumbido constante dela, um formigamento difuso nas bochechas, uma pressão incessante atrás dos olhos. Durmo pouco. Minha mãe me pergunta várias vezes se estou me sentindo bem, e preciso mentir e sorrir. Estou fazendo o possível para disfarçar na escola, mas sei que não dá para lutar contra essa pressão por muito tempo. Algo precisa ser sacrificado.

Na quinta, Bec e eu almoçamos na rampa como sempre. Eu me recuso a chegar perto do refeitório, então estou comendo o sanduíche de manteiga de amendoim com banana que embalei, enquanto Bec sobrevive à base de sua alimentação tradicional de *jerked beef* e sucos de caixinha. Entre uma e outra mordida, ela é a mesma pessoa espirituosa de sempre, mas hoje não estou conseguindo acompanhar. Tento me ligar e rir nos momentos certos, mas minha cabeça está em outro lugar. Fico pensando na mensagem. Pensando que deveria contar para alguém.

Coloco o sanduíche de lado, limpo as mãos num guardanapo e olho pra ela.

– Eu queria… – começo a dizer.

Na mesma hora, Bec pergunta:

– Então, o que tá rolando…?

E paramos ao mesmo tempo. Ninguém dá risada.

– Fala você primeiro – ela diz.

Eu me remexo na rampa desconfortável de concreto.

– Queria… contar uma coisa pra você.

Bec faz que sim como se estivesse esperando por esse momento.

– Tá bom.

Respiro fundo, abro a boca, fecho. Bec espera com paciência. Quero continuar, mas parece que toda a saliva na minha boca se transformou em cola, e preciso engolir em seco antes de voltar a falar.

– Eu tenho esse… Quer dizer, comecei a escrever. Na internet. E…

Paro, porque os olhos de Bec vagaram desfocados por sobre meu ombro. Ela não está mais ouvindo. Limpo a garganta.

– Bec, tô tentando contar uma coisa importante.

– Tá bom – ela diz, ainda olhando para trás de mim e franzindo um pouco a testa. – Mas acho melhor esperar um pouco.

Algo aperta dentro de mim e, de repente, tenho certeza de que Bec pensa que estou prestes a confessar meus sentimentos por ela. Tenho certeza de que interpretou meu comportamento estranho nos últimos dias como um sinal de que tenho uma queda monstruosa por ela e não quer ouvir. Mesmo através da névoa de confusão e paranoia, a rejeição dói feito um tapa na cara.

E então ouço um movimento atrás de mim, passos pesados no concreto áspero, e me viro.

Solo está andando a passos ruidosos na nossa direção, com uma caixa de pizza na mão, uma expressão determinada no rosto. Ele caminha até o pé do rampa e para olhando para nós.

– Erik disse que eu encontraria vocês aqui – ele diz.

Bec olha para ele.

– Chewie – ela diz.

Solo fecha a cara. Bec continua:

– Que surpresa. A Liga dos Babacas deve manter você bem ocupado brincando com bolas porque não vejo você na nossa mesa faz, ah, um ano e meio.

Solo olha de relance para mim, depois volta-se para Bec:

– Não tenho visto você muito por lá também, Francesca.

Bec fica tensa. Seu rosto pálido arde vermelho e o piercing em seu lábio se contorce.

– Não me chama assim – ela diz. É quase um silvo.

– Não me chama de Chewie, e teremos um acordo.

Eles ficam se encarando. Finalmente, Bec diz:

– Tanto faz.

Solo se vira para mim.

– Posso sentar com vocês?

– Claro. – Me arrasto para trás e abro espaço para ele.

Ele se senta e nós três formamos um triângulo desigual na rampa. Solo dobra sua pizza em um grotesco sanduíche de *pepperoni* e quatro queijos em forma de meia-lua, depois dá uma mordida enorme.

– Que nojo – Bec diz.

– Que delícia – Solo retruca com a boca cheia de pizza.

Dou uma mordida no meu sanduíche, Bec arranca um pedaço de seu *jerked beef* e, por um minuto, tudo parece normal. Apenas três amigos almoçando na rampa atrás do auditório. Nesse momento, sinto-me idiota por ter pensado que algum deles poderia ser meu *hater* anônimo. Solo engole uma mordida enorme de pizza, depois fixa os olhos em mim e sinto vir a pergunta iminente.

– Então. Você anda em outra galáxia ultimamente. Qual é o problema?

Coloco o sanduíche de lado e limpo as mãos num guardanapo, matando tempo. Ao meu lado, Bec se remexe na rampa.

– Desculpa. Tem muita coisa acontecendo – respondo.

– Isso eu imaginei. A questão é que – Solo aponta para Bec com seu sanduíche de pizza e uma rodela de *pepperoni* escorrega e cai dentro da caixa; ele a ignora –, você deveria conversar com a gente. Nós somos seus amigos.

Bec cruza os braços.

– Não se coloca no mesmo grupo que eu. Faz quase dois anos que você não conversa comigo fora da aula.

Solo sorri, pega o *pepperoni* caído e o enfia na boca.

– Sabe que até senti falta de discutir com você, Bec?

Bec revira os olhos.

– É claro que sentiu falta. Você passa a vida num vestiário, batendo bunda com uma manada de machos suados estúpidos. Você deve estar louco por um estímulo intelectual.

Solo abana a cabeça, mas continua sorrindo.

– Você é inacreditável. – Ele diz isso e se vira para mim. – E você anda com a cabeça nas nuvens. Nem ri das minhas piadas engraçadíssimas. – Ele pausa, como se esperasse um sorriso ou uma risada, que não dou. – Anda agindo de um

jeito estranho. Até para os seus padrões.

Olho para Bec, esperando que ela me defenda, mas ela só encolhe os ombros e diz:

– Ele tem razão.

– E aí, o que tá rolando? – Solo continua.

Então os dois me encaram, esperando que eu fale. Olho para baixo e espero o formigamento começar.

Como se sentisse minha perturbação, Solo se compadece de mim.

– Ei, não quero pressionar. Fale quando puder. Só saiba que estamos aqui pro que precisar.

Bec inclina a cabeça para ele feito um predador curioso. Solo pestaneja.

– Certo, *eu* estou aqui pra você. Não posso falar pela Bec.

Bec se inclina para trás e segura o corrimão casualmente. Eu me preparo para outra discussão.

– Estou aqui pra Riley de maneiras que você nunca entenderia – Bec diz.

A ferocidade na voz dela me dá uma sensação calorosa; mas, agora, é a vez de Solo ficar tenso.

– Por que você me odeia tanto? Porque decidi jogar futebol americano?

– Porque você abandonou seus amigos pra se juntar a um bando de babacas que fodem com as pessoas com quem você andava antes.

– Eu não fodo com ninguém – Solo retruca, hostil.

– Mas também não defende ninguém dos seus "amigos" – Bec diz, fazendo aspas com as mãos. – Ou tá me dizendo que você e sua gangue de macacos estão realmente preparando o Erik para um lugar no time?

Solo cruza os braços.

– Ninguém me preparou. Se Erik quiser, ele precisa lutar para entrar, assim como eu fiz.

Bec ergue as mãos.

– Viu? É disso que tô falando. "Lutar para entrar"? Não é assim que amigos se tratam. Quem iria querer lutar pra entrar *naquilo*? – Ela abana cabeça. – Você não entende. Parece que virou outra pessoa.

Solo a observa com o olhar mais frio que já vi.

– É assim mesmo que você vê?

– É assim que é – Bec responde.

Solo desvia o olhar, assente com a cabeça.

– Então entendo porque você tá irritada. – Ele encara o olhar de Bec. – Mas

você não acha estranho que as duas primeiras pessoas que Riley conheceu em menos de uma semana depois de entrar para uma escola nova foram você e eu?

Bec solta a mão do corrimão. Ela alterna o olhar entre mim e Solo, e dá de ombros.

– Tenho uma proposta – Solo diz, limpando as mãos na calça jeans. – Vocês vêm pro jogo no sábado.

Bec e eu nos entreolhamos. Imagino subir a arquibancada ao lado dela sob os gritos de "*bicha!*" e "*sapatão!*". Bec pestaneja, olha para Solo e solta um grunhido de desprezo.

– Escuta – Solo diz, erguendo a mão defensivamente. – Vocês podem sentar perto da saída. Podem ir embora no intervalo se quiserem. Mas venham ao jogo. – Ele abaixa a mão. – Sei que vocês acham futebol americano idiota. Mas eu gosto muito. Não adoro todas as pessoas envolvidas, mas, enfim, também não adoro todos os fãs de *Star Wars* ou *Doctor Who*. – Bec e eu nos entreolhamos. Solo continua: – Acho que, se você me vir jogar, talvez entenda. E, se não pensar diferente depois, não precisa mais falar comigo.

– Eu *já* não preciso nunca mais falar com você – Bec diz.

Solo abre a boca, depois fecha.

– Tem razão. Então, o que você quer em troca?

Bec observa Solo com frieza, como se o estivesse medindo. Depois de um instante, ela se debruça e diz:

– Nós vamos ao jogo mas, antes, você tem que ir a um clube com a gente. Amanhã à noite.

Viro a cabeça para Bec. O que ela está fazendo? Concordar em ir ao jogo já é ruim o bastante, mas convidar Solo à Q? Meus olhos se arregalam em protesto, mas os olhos de Bec estão fixos em Solo.

Ele aponta para o próprio peito.

– Você quer soltar tudo *isto aqui* num clube? Tem ideia do tipo de comoção que essa beleza pode causar?

Considero dizer a Solo que não é esse tipo de clube, mas Bec responde antes que eu tenha chance:

– Esses são os meus termos.

Solo olha de relance para mim, depois de volta para Bec.

– Fechado. – Ele estende uma mão. Ela é enorme. Bec olha por um instante, depois, devagar, estende a mão. De repente, os braços deles giram em um movimento em que os punhos e cotovelos voam em uma dança complexa e

ridícula. Eles terminam tocando os indicadores um do outro e proferindo, em uníssono, um “ai”. Solo sorri. Bec tenta não sorrir, mas vejo a contração reveladora no canto de seu lábio.

Solo enfia o restante de seu almoço na boca, limpa as mãos e se levanta.

– Até amanhã – ele diz, embora quase não dê para entender com sua boca cheia do sanduíche de pizza, e sai andando.

20

Na sexta, no caminho para a escola, noto que minha mãe está roendo as cutículas de novo. Meu pai viajou para Washington de manhã, em cima da hora – algo a respeito de seu projeto de lei envolvendo educação –, e minha mãe sempre fica preocupada quando ele anda de avião. Começo a estender o braço para tirar a mão dela da boca, mas penso melhor e desisto.

– Quando ele volta? – pergunto.

Minha mãe, dando-se conta de repente do que estava fazendo, coloca a mão de volta no volante e olha de lado para mim, envergonhada. Olho fixamente para o para-brisa e finjo não notar.

– No máximo segunda à noite, dependendo de como forem as reuniões. Ele está muito tenso com esse projeto. – Ela volta a mordiscar o polegar. O afeto faz seu rosto parecer mais jovem, um estranho contraste com as rugas de preocupação que se formam na testa. Queria saber se, secretamente, ela odeia tanto quanto eu toda essa história de eleição.

Tem outro evento de arrecadação de fundos na quinta-feira, um dos grandes, e minha presença é obrigatória. Pensar em ficar num enorme salão de hotel com duzentas pessoas, sorrindo meu sorriso de campanha e vestindo o que tenho de vestir, costuma ser o suficiente para me fazer entrar num redemoinho de ansiedade – mas, agora, tenho outros problemas para me distrair.

Não sei por que me incomoda tanto o fato de Bec ter convidado Solo à Q. Ele já sabe que sou diferente, então não tenho medo que me rejeite. É só que… eu pensava que a Q fosse o *nosso* lugar. Meu e de Bec. E também tem o fato de que era para ser nosso terceiro encontro. Pelo menos, era na minha cabeça.

Mas não é só isso. Quando estou com Solo, tendo a me comportar mais como um menino, porque acho que é como ele me vê. Mas, perto de Bec, costumo ser mais… não sei. *Feminina* é a palavra que me vem à mente, mas é uma palavra simples demais para o que sinto, porque todas as palavras foram feitas por pessoas que não sentem coisas desse tipo.

Como se esse dilema não bastasse, vou estar numa sala cheia de pessoas que esperam que eu me abra sobre mi-nha identidade de gênero. Seja qual for a direção em que minha bússola aponte hoje à noite, como vou satisfazer a todas essas expectativas sem agir feito uma pessoa maluca?

Por trás de tudo isso, zumbindo como um ninho de vespas invisíveis, está a ameaça do meu *stalker* anônimo. Começo a rever as possibilidades pela milionésima vez – e meus pensamentos são interrompidos quando minha mãe se aproxima da entrada e para no meio-fio.

– E você? Morrendo de medo do evento, não está? – ela pergunta, me observando.

Abro a boca, mas fecho de novo, sem dizer nada. O que minha mãe diz não tem nada a ver com o que eu estava pensando, mas ela tem razão. Estou morrendo de medo. Ela continua:

– Eu entendo. As únicas coisas que você pode comer nesses eventos são pão e catchup.

Solto uma gargalhada sincera.

– Vamos passar na Beira dos Veganos antes, para você não morrer de fome, tá bom?

– Tá – respondo.

E, então, ela estende o braço e não sei se pretende bagunçar meu cabelo ou acariciar minha bochecha. No final, acaba meio que apertando meu ombro e me dando um estranho sorriso de preocupação maternal.

Quando vai embora, aceno um “tchau” e ela volta a morder o polegar.

Estava esperando que a sala da srta. Crane estivesse vazia, como de costume quando chego cedo na escola – por isso, é uma surpresa quando abro a porta e me deparo com Sierra Wells em pé no último corredor, olhando para uma das janelas. Ela está com a cabeça baixa, o celular encostado na orelha.

– Não – ela diz. – Mãe. O pai tá… Certo, não estou dizendo que ele *está*. Só estou… você tá… certo. Tudo bem.

Ela termina a ligação abruptamente, joga o celular na carteira mais próxima e leva as mãos ao rosto. Não escutei o suficiente para entender sobre o que estava falando, mas fica claro pela maneira como seus ombros estão tremendo que ela está mal. Por um momento, considero sair pela porta, e então Sierra se vira. Seus olhos estão vermelhos e inchados. Ao me ver, ela se empertiga na mesma hora e fecha a cara. É a segunda vez que presencio um momento constrangedor dela – a terceira, se considerar a vez em que respondi para ela no refeitório – e me arrependo imediatamente.

– Desculpa – digo, dando um passo para trás. Ela funga, desvia os olhos. – Você tá… bem? – Por um segundo, penso que ela pode até responder, mas então ela pega o celular, o joga dentro da bolsa e caminha para a porta.

– Cuida da sua vida – ela diz. Depois, murmura: – Aberração maldita.

Quando sai batendo os pés, noto que está arranhando o punho com força.

Eu me sento no lugar de sempre e não demora muito para a sala começar a encher. Solo entra e começa a tentar extrair informações sobre o "clube" aonde vamos à noite. Eu me esquivo das perguntas com algumas piadas,mas estou com a cabeça longe; ainda pensando no telefonema de Sierra e na maneira como ela se coçava obsessivamente. Quase conto para Solo – quero contar –, mas algo me impede. Talvez só esteja sendo gentil ou talvez tenha medo do que Sierra possa fazer se descobrir, mas acho que é outra coisa. Eu meio que entendo como é ter um puta segredo e não quero ser responsável por revelar o de outra pessoa. Nem mesmo o dela.

Quando volto para casa, ainda tenho algumas horas antes de ter que me arrumar para sair, então vou direto para o andar de cima e ligo o laptop.

Não postei nada desde que recebi a mensagem "vejo vc no almoço". Não tive coragem. Mas, ao longo da última semana, a história do que ocorreu com a menina trans da estação de trem – Andie Gingham – virou notícia nacional. E, com toda a atenção que levou minha contagem de seguidores à estratosfera, sinto a pressão de responder. De voltar ao Bloglr e falar do meu papel no acontecido.

Ainda é difícil acreditar que algo escrito por mim teve tanta repercussão – repercussões enormes –, mas, acreditando ou não, preciso lidar com as consequências. Pelo menos, é o que acho que a dra. Ann diria.

Meu computador emite o som de boas-vindas. Acesso o Bloglr e digito meu nome de usuário e minha senha embaixo do logo do sapo sorridente. Meu dedo

pausa sobre o teclado e sinto meu coração saltar. Respiro fundo e aperto *enter*.

MENSAGENS: 500 SEGUIDORES: 35.144

Eu tinha me preparado para os números ridiculamente altos. Consigo conter meu jeitinho dramático demais, como Bec diz, a ponto de não ficar encarando de boca aberta ou coisa assim.

Meu dedo se move para clicar na caixa de entrada, mas me detenho. O que quer que esteja lá dentro – ódio, ameaças ou gratidão –, não influencia o que tenho a dizer.

Clico em *Novo post*.

> NOVO POST: AJUSTE DE CONTAS
> 19 de outubro, 16h46
>
> Oi.
>
> Primeiro, gostaria que soubessem que não abri nenhuma mensagem desde a noite em que li a matéria sobre Andie no *The Advocate*. Sequer fiz login até agora. Peço desculpas pelo silêncio. A enorme repercussão, somada a pequenas coisas na minha vida pessoal, foi avassaladora para mim.
>
> É fácil demonstrar sabedoria em um blog, é fácil cativar com piadas espertas e dar conselhos a desconhecidos. Não me custa nada.
>
> Já o posicionamento de Andie lhe custou muito. Quase a vida dela.
>
> OUVINDO: “Low Point”, do Trespassers William
>
> Andie, sinto muito por você ter se machucado. E sinto muito se algo que eu disse colocou você em situação de risco. Eu só queria ajudar. E estou muito feliz que você vai ficar bem.
>
> Não sei de que outro jeito responder ou o que mais dizer. Aceito sua gratidão com humildade, mas não sei o que fazer com ela. Sua bravura é uma inspiração, não sei como fazer jus. Me sinto covarde, me escondendo na internet por trás de um avatar e um nome que não são meus. Mas não estou me escondendo apenas neste blog – estou me escondendo na vida real também. Não tenho coragem de me assumir como você fez. Tenho medo.
>
> Por isso, hoje, ninguém sabe quem eu sou. Ninguém além de desconhecidos.
>
> Mas, quando chegar o momento, vou tentar ter o tipo de coragem que você mostrou.

Clico em *postar* e fecho o laptop. Penso em como Andie foi corajosa de se assumir para o mundo e a compensação por esse ato de bravura: uma multidão de aliados. Uma família de pessoas que acreditam nela, até a admiram. Eu

também sinto isso, nos seguidores do meu blog – mas de uma maneira artificial e anônima, como Alix. Se eu quiser a coisa em si – o apoio, a admiração –, precisaria fazer o que Andie fez. E não sei se sou capaz.

Sinto um frio se instalar no meu peito. A única pessoa na minha vida que sabe quem eu sou de verdade é a dra. Ann, e meus pais pagam para ela se importar comigo.

Pela primeira vez, considero as consequências de me assumir. A escola seria insuportável, obviamente. As provocações que sofro só por *parecer* diferente são uma gota no oceano comparadas à torrente de discriminação que sofreria por assumir minha fluidez de gênero. Bec continuaria minha amiga – tenho quase certeza. Mas e Solo? Não sei. Ele tolera minha estranheza, mas, se eu me assumisse, será que estaria disposto a suportar a pressão de seu time?

Minha mãe me aceitaria, acho. Ela levaria um tempo para conseguir entender por sua mentalidade meio antiquada, mas entenderia. Meu pai, por outro lado – o que isso faria com ele? Ele se esforçou tanto para firmar seu lugar neste condado ultraconservador... uma notí-cia sobre fluidez de gênero na família poderia lhe custar a reeleição.

Então, penso no meu *stalker* e um calafrio perpassa meu corpo. A ideia de me exporem, de me arrancarem do armário antes que eu consiga me preparar, me aterroriza. Faz com que eu sinta vontade de deletar o blog e simplesmente voltar a tentar ser imperceptível.

Mas existe outra voz na minha cabeça – talvez seja a voz de Andie Gingham ou da dra. Ann. Ou talvez seja a minha. A voz me diz que todas essas coisas não são motivos, só desculpas.

E talvez tudo isso não seja mais apenas sobre mim.

21

Mesmo reclamando que vou sentir enjoo, vou parar no banco de trás do carro de Solo no caminho para Los Angeles – com as janelas abertas, a música alta e o aquecedor ligado no máximo. Nos primeiros dez minutos, Solo e Bec disputam o controle do rádio. Solo quer tocar XTC, mas Bec acabou de comprar um CD pirata do Against Me! que insiste ser "a trilha sonora ideal para as festividades de hoje". Isso leva Solo a retrucar que ainda não sabe quais são as "festividades de hoje", o que gera uma discussão a respeito de Solo dever ou não saber aonde está nos levando. Eu tinha quase esquecido que ele não sabe o que é a Q.

É então que o vago enjoo do movimento do carro dá lugar a um pavor opressivo. Mesmo se eu não disser uma palavra – mesmo se sentar em silêncio e só ouvir a todos no grupo –, Solo vai saber. Talvez não os detalhes, mas vai saber de algo. Claro, ele já deve desconfiar de alguma coisa. Nossa conversa no Anos Reagan é prova disso. Mas, quando vir o quadro completo – quando descobrir o que eu sou –, e se ele sentir repulsa? Meu estômago se revira novamente.

Solo baixa o volume da música e me olha pelo retrovisor.

– O que você tem?

– Nada. Só cansaço – respondo.

– Estamos quase na saída. Precisa que eu pare o carro? Quer tomar um refrigerante ou coisa assim?

Faço que não.

– Beleza. – Solo volta a aumentar o volume, mas não tão alto dessa vez. Um momento depois, sinto uma mão tocar meu ombro.

É Bec.

Eu me empertigo quando entramos no estacionamento. Minhas têmporas e meu lábio superior estão úmidos de suor – pelo nervoso ou pelo ar-condicionado, não sei –, mas o ar frio me faz bem quando saio do carro e meu estômago se acalma um pouco.

– Caramba, onde é que a gente tá? – Solo pergunta, olhando para os prédios vazios ao redor.

– Oeste de Hollywood – Bec responde. – Quase Beverly Hills.

– Tem certeza? Não parece muito seguro. – Ele olha para a viela, depois franze a testa para Bec.

Bec o olha de cima a baixo.

– Eu protejo você.

Solo dá risada. Bec sorri.

Atravessamos o estacionamento, com Bec à minha esquerda, dando seus passos curtos e rápidos, e Solo andando a passos lentos à minha direita. De repente, não sei mais andar. Quase dezesseis anos fazendo isso sem pensar parecem desaparecer em questão de instantes e, agora, estou só colocando um passo à frente do outro em uma série de avanços estranhos e robóticos. Parte de mim quer se aproximar de Bec e pegar na mão dela, e outra quer enfiar as mãos nos bolsos e dar passadas longas com Solo. Em vez disso, meus braços balançam inertes ao lado do corpo, fazendo-me sentir como um macaquinho vestido de bailarina. Estou tão distante e sem jeito que a ponta do meu All Star se prende num bueiro e por pouco não caio de cara no asfalto.

– Tá tudo bem? – Solo pergunta.

– De boa – respondo. Minha voz sai estranhamente grave, como se estivesse imitando algum rapper. Bec me lança um olhar perplexo. Coro e olho para o outro lado.

Era disso que eu tinha medo: ficar no meio de algum tipo de limbo entre masculino e feminino. Fecho os olhos por um segundo e tento sentir em que direção minha bússola interna está apontando, só que é como se houvesse interferência demais, e não consigo fazer uma leitura clara. Então, em vez disso, me concentro em andar e tento fingir que nada está acontecendo.

Kanadá nos recebe na porta. Ela faz um elaborado ritual de beijos nas bochechas de Bec, depois me dá um abraço apertado como se me conhecesse há anos, com seus longos braços magros quase tirando meu ar. No começo, é esmagador e tenho um instinto claustrofóbico de recuar; mas, depois de um momento, percebo que estou abraçando de volta. Não consigo me lembrar da

última vez em que me abraçaram dessa forma e não quero mais largar. Sinto uma pontada de decepção quando ela me solta e se volta para Solo, com seu sorriso se abrindo ainda mais.

– Uau, que pedaço de mau caminho – ela diz, estendendo a mão. – Sou Kanadá.

– Solo – ele diz. E, então, em vez de apertar a mão dela, se curva com destreza e dá um beijo em sua mão. – Encantado.

Kanadá solta um gritinho de alegria e joga o braço em volta do pescoço de Solo.

– Queridas, acho melhor se afastarem. Sua Majestade já tomou este daqui para ela.

Solo sorri e tenho a impressão de ver um tom de vermelho em suas bochechas marrons.

Kanadá nos leva para dentro e ficamos em volta da mesa nos fundos enquanto o resto do grupo começa a aparecer. Bec recebe membro por membro, trocando abraços e travando conversas leves – ela é quase outra pessoa aqui, muito mais sociável e extrovertida do que na escola. Solo e eu ficamos perto da mesa de refrescos, ele mordiscando um biscoito velho e eu bebendo café de uma xícara de isopor. Quando a sala começa a encher, Bec volta e nos chama para o círculo de cadeiras no centro, e nós nos sentamos.

Mike/Michelle está vestida de forma masculina hoje, com uma calça social cinza e uma camisa branca, e o cabelo partido no meio, penteado para trás.

– Sejam bem-vindos, todos – ela diz. – Caso nunca tenham me visto me apresentar como homem antes, isto é o que *Mike* usava para trabalhar. – Ela faz uma pose elegante, à qual o grupo responde com gargalhadas e aplausos dispersos. Mike/Michelle sorri. – Temos alguns rostos novos hoje, mas não se preocupem, não vou pressionar ninguém. Então, se quiserem se apresentar, basta levantar a mão e dizer “oi”.

Olho para Solo, querendo saber como ele se sente neste momento. Ele está em silêncio, observando os membros do grupo e claramente fazendo o possível para não encarar. Eu devia estar exatamente igual na semana passada.

A disposição é basicamente a mesma: Kanadá está sentada ao lado de Mike/Michelle e depois vem Chris, o homem trans de coturno. Ao lado dele está Herman, o latino bonito que estava de mãos dadas com Bennie na semana passada – mas não há sinal de Bennie hoje. Morgan – o membro do grupo com o cabelo verde incrível – está na cadeira à minha esquerda. Reconheço o rosto

delicado e a jaqueta de aviação larga da semana passada, mas, dessa vez, apenas alguns fios daquele cabelo verde brilhante estão visíveis, aparecendo por trás de um boné de beisebol com um "T" bordado em cima da aba. Tento não encarar como fiz na primeira reunião, mas tenho a impressão de notar um resquício de brilho labial, como se Morgan tivesse passado um pouco mais cedo.

Mike/Michelle esfrega as mãos.

– Certo, então. Vamos fazer nossas palavras de abertura. – Ela estende a mão para Kanadá e depois todos dão as mãos. É meio cafona e olho para o lado para fazer uma careta para Solo, mas ele está solene feito um coroinha. Bec também está, aliás. Tiro o sorriso sarcástico do rosto e viro para olhar para Mike/Michelle. Ela fecha os olhos e inclina a cabeça para o teto.

– Hoje nos reunimos como uma comunidade, não para nos concentrar em nossas falhas, mas para celebrar nossa diversidade. Para compartilhar nossas dores, nossas alegrias e nosso amor, e criar um amanhã melhor.

Há um momento de silêncio e preciso segurar a vontade de dizer "amém". Então, Mike/Michele abre os olhos e há uma leve salva de palmas.

– Primeiro, alguns avisos. – Ela aponta com a cabeça para o latino bonito. – Herman me contou que Bennie não pôde vir hoje porque foi encontrar a futura ex-esposa e o advo-gado de divórcio. Então vamos ficar um momento em silêncio para mandar nossos pensamentos de carinho para ela.

Damos as mãos e o grupo fica em silêncio por um momento.

– Também queremos parabenizar Kanadá, cuja filha foi aceita na prestigiosíssima Orquestra Sulista Jovem! – Mais aplausos. Kanadá limpa as lágrimas dos olhos e acena para o grupo parar. Mike/Michelle continua: – Tem mais uma pessoa que eu gostaria de agradecer, mas ela não é oficialmente membra do grupo. Tenho certeza de que todos já ficaram sabendo sobre Andie Gingham a essa altura? A menina trans de Oklahoma?

Um calafrio percorre minha espinha. Todos fazem que sim.

– Que bom. Porque queria agradecer Andie. Ela não recuou nem se escondeu, mesmo diante da rejeição da família. Mesmo diante da violência. Ela poderia ter deixado que isso a impedisse, o que todo mundo nessa sala entenderia.

– Claro – Kanadá diz. Há murmúrios de concordância.

– Mas não deixou – Mike/Michelle continua. – Ela foi espancada e depois se assumiu *de novo*, para o mundo. Isso sim é coragem. Ela assumiu uma posição não apenas por si mesma, mas por todos nós. E quero agradecê-la por isso.

Embora tenha menos de dez pessoas nessa pequena sala, o som de aplausos

que ecoa nas paredes de concreto é quase ensurdecedor.

– E, finalmente – Mike/Michelle diz quando acabam os aplausos –, quero agradecer a vocês por concordarem em mudar a noite nesta semana. Como vocês sabem, a Conferência de Saúde Trans é daqui a algumas semanas. Podem me lembrar quem vai? Levante a mão quem pretende ir.

Mike/Michelle, Kanadá, Herman e Chris erguem as mãos.

– Bennie também vai – Herman diz.

– Ah, que bom – diz Mike/Michelle. – Para aqueles que não se inscreveram, ainda há vagas. Tenho certeza de que vocês vão achar a conferência inspiradora. De todo modo, o motivo por que mudei de noite é que tenho uma reunião amanhã. Vão fazer uma mesa sobre a formação da comunidade virtual na conferência e a presidente pediu que *eu* fosse a mediadora!

Dessa vez, há gritos de alegria misturados aos aplausos.

Mike/Michelle abre um sorriso largo e ergue a mão para acalmar o grupo.

– Certo, gente, obrigada! – Ela ri. – Agora, se ninguém se opuser, vou começar a compartilhar.

– Fique à vontade, meu amor – diz Kanadá.

– Como vocês podem ver, não tive tempo de me trocar antes do encontro de hoje. Fui à competição de debate do meu filho e tenho um acordo com ele de me apresentar como homem quando estamos juntos em público.

Todo mundo na sala assente. Até Solo. Queria saber em que ele está pensando.

– Bom, eu só… queria compartilhar que estou incomodada com isso. Agora. – Ela leva o punho à boca, como se fosse tossir. Kanadá segura a outra mão dela e Mike/Michelle continua: – Sou assumida há quinze anos, mas ainda é uma luta. E eu estava muito ansiosa para usar a blusa violeta que Kanadá me deu de presente.

– E vocês deveriam ver como ela ficou – diz Kanadá. – Assim... ô, lá em casa!

Damos risada.

Mike/Michele sorri.

– Meu filho ficou em terceiro, aliás. Certo. Quem é o próximo?

Por um momento, todos olham ao redor – e, então, Morgan quebra o silêncio.

– Sei que não sou de falar muito – Morgan diz, e ouço o sotaque arrastado em sua voz de contralto. – Mas acho que hoje vou falar.

– Que ótimo – diz Mike/Michelle. – Em que você está pensando?

– Bom – Morgan diz, olhando para o grupo ao redor –, vocês tudo sabem que vim do Texas pra fugir da minha família.

A maior parte do grupo faz que sim com a cabeça.

– Quando fui embora, meu pai praticamente me renegou. Eu não me assumi de verdade, não com muitas palavras, mas, pra minha família, se mudar para Cáli e ser *genderqueer* são praticamente a mesma coisa.

Algumas pessoas dão risada, mas eu não; estou em choque. *Genderqueer*. Eu me dou conta de que essa pode ser a primeira pessoa como eu – ou *perto* disso – que já conheci. Olho para o vestígio de brilho labial, para o cabelo verde saindo de trás do boné de beisebol – e, de repente, entendo como deve ser para alguém *me* ver pela primeira vez. Quando vi Morgan, meu primeiro instinto foi perguntar: menino ou menina? E se eu *me* visse com meu cabelo bagunçado de comprimento médio e minhas roupas ambíguas, é provável que questionasse o mesmo. Penso em todos os olhares da minha mãe, todos os sermões sobre aparência que aturei do meu pai. Será que realmente estavam me julgando – ou só tentando me entender? A ideia reverbera na minha mente feito um gongo grave, abafando todos os outros pensamentos.

– Enfim – Morgan continua –, tô aqui há três meses. Não tive notícias da minha família até semana passada. – Morgan para. Quando ele, ou ela, volta a falar, fico esperando que sua voz de contralto embargue, mas isso não acontece. – Recebi uma carta da minha mãe. Ela me mandou parar de ser besta e ir pra igreja rezar pra Jesus pra não ser corrompido por vocês tudo.

Dessa vez dou risada, junto com todos os outros.

– Não foi a melhor coisa, mas… bom, ela me escreveu. E isso é bom. Né?

– É, sim, coração – concorda Kanadá.

Morgan olha ao redor.

– Enfim. Só queria agradecer por vocês tudo estarem aqui.

Herman é o próximo a compartilhar, algo sobre Bennie e o turbilhão causado pelo divórcio, mas não estou prestando muita atenção – estou observando Morgan ouvir. Mesmo depois de escutar a fala dele – ou dela –, não tenho ideia de que pronome usar, que rótulo de gênero aplicar. E percebo que, embora eu tenda a me ver variando entre dois polos de masculino e feminino, essa é a minha percepção individual – e, em certos sentidos, é binária demais para uma pessoa como Morgan, que parece pairar mais ou menos no meio ou talvez sequer veja o gênero como um espectro. Dou risada de pensar que, agora, sou *eu* quem está se apegando a ideias antiquadas. Morgan nota minha risada, e me abre um sorriso breve e tenso. Retribuo o sorriso.

Quando acabam os aplausos depois da fala de Herman, noto que

Mike/Michelle está olhando na minha direção.

– Riley – ela diz. – É bom ter você de volta. Como você está hoje?

Meu coração pulsa em protesto e sobe pela garganta. Mike/Michelle deve sentir minha perturbação porque seu sorriso se fecha e tenho a impressão de que está buscando uma maneira de desviar a atenção para outra pessoa. Pela minha visão periférica, vejo Solo virar a cabeça na minha direção.

– Estou bem – digo.

Mais rostos se viram e agora todos estão voltados para mim. Mas não é como o corredor polonês, não é como andar pelos corredores da escola, em que os olhos são invasivos e penetrantes. Estes são curiosos e pacientes. Essas pessoas realmente querem ouvir o que tenho a dizer.

Mike/Michelle se recosta na cadeira como se para me dar mais espaço para respirar.

– Gostaria de compartilhar algo?

Faço que sim.

– Oi, pessoal, meu nome é Riley.

A sala responde com acenos e olás. Meu coração já virou um nó na garganta e minha respiração é superficial. Continuo falando mesmo assim:

– Meio que estou… lutando contra um miniataque de ansiedade agora.

– Quer dar um tempinho? – Mike/Michele pergunta. –Kanadá pode levar você lá fora para tomar um pouco de ar fresco se ajudar.

– Não. – Eu me surpreendo com a firmeza da minha voz. – Acho que só preciso meio que continuar, se não tiver problema.

– Claro que não tem problema – diz Kanadá. – Estamos aqui para você.

O grupo concorda aos murmúrios. Fecho os olhos e dou três longas respirações. Abro e me viro para Bec. Ela acena com a cabeça para me encorajar.

– Foi uma inspiração para mim o que Mike/Michelle disse, sobre ter que se vestir de determinada forma perto da família. É uma coisa tão normal para nós, sentir que estamos deslocados. Eu sinto isso o tempo todo. Como se fosse de outro planeta, sabe? Como se minha alma fosse enfiada no corpo errado e viesse parar aqui por engano.

O grupo concorda aos murmúrios e Morgan faz que sim. Mas Mike/Michelle estreita os olhos apenas um pouco. Seu olhar é curioso, mas intenso. Engulo em seco. Por que ela está me olhando dessa forma? Desvio os olhos e tento retomar o fio da meada.

– Acho que todo mundo tem momentos assim. Não apenas nós. Todo mundo

se sente perdido. Todo mundo está… à procura. À procura de um lugar para ficar. Alguém para estar do seu lado. – Olho para Bec. – E, mesmo estando fora de tudo, talvez tenhamos sorte. Porque já temos isto.

Bec concorda devagar com a cabeça, mas não sorri. Olho em volta do círculo. Kanadá também faz que sim, com a boca tensa. Chris limpa o canto dos olhos com a manga.

Então olho para Solo. Sua cabeça está inclinada, a testa franzida. Percebo que estou segurando o ar.

– Eu tenho gênero fluido.

Ouço as palavras ecoarem do concreto antes de perceber que as falei. A sala toda parece congelar.

Por um longo momento, Solo continua imóvel. Finalmente, ele olha ao redor da sala e depois se debruça para perto de mim, como se fosse uma simples conversa entre nós dois.

– Imaginei que fosse algo assim – ele diz. – Meio que andei fazendo minha lição de casa sobre coisas de gênero. – Ele abana a cabeça. – Meu Deus, tomara que minha mãe nunca olhe o histórico do meu navegador.

Dou risada e isso parece permitir que todos riam, e eles riem. Bec sorri dessa vez, depois vira e dá um soquinho no braço de Solo. Algumas pessoas aplaudem e Herman me manda um beijo. Kanadá se levanta e me dá um abraço com seu braço longo. Retribuo o abraço com toda a minha força e lágrimas surgem no canto dos meus olhos. Nunca um grupo de estranhos – ou mesmo de amigos – foi tão acolhedor comigo. Nunca me senti tão… normal. E, tirando alguns nervos em frangalhos – normal depois de compartilhar algo tão pessoal –, meu corpo parece incrível. Inteiro. Como se eu me encaixasse nele. É a primeira vez, de que consigo me lembrar, em que não sinto nenhum traço de disforia; mas, em vez de isso me animar, essa percepção me entristece, porque penso em todo o tempo que passei sentindo meu corpo *errado*.

Quando a reunião chega ao fim, algumas pessoas vêm até mim e me parabenizam por me assumir. Sorrio e tento responder com educação, mas sinto uma certa exaustão emocional e tenho certeza de que pareço distante. Kanadá está parada perto da mesa de refrescos com Herman e Solo, tendo uma conversa animada que não consigo ouvir. Procuro Morgan, mas ele ou ela deve ter saído logo depois da reunião. Queria poder fazer o mesmo. Bec parece sentir meu

cansaço, porque se aproxima de mim e sussurra:

– Vou buscar Solo. – Depois atravessa a sala para chamá-lo.

– Oi, Riley.

A voz surge atrás de mim e viro para encontrar Mike/Michelle vindo na minha direção.

– Oi – respondo.

– A gente pode conversar um minuto?

– Claro.

Ela me guia para longe do círculo de cadeiras.

– Quero perguntar uma coisa para você. Mas, se não quiser responder, não precisa. Prometo que não vou revelar essa informação para ninguém a menos que você me peça. Está bem?

Não sei o que ela quer... mas a maneira como está perguntando me dá apreensão. Olho pela sala para ter certeza de que ninguém pode ouvir.

– Tudo bem.

– O que você falou hoje, sobre ter a alma colocada no corpo errado. Foi… muito comovente. Me lembrou de algo que Alix escreveu naquele texto *Esconder-se e outras habilidades sociais.* Você conhece esse blog?

Perco o ar. Então, foi *por isso* que ela inclinou a cabeça quando falei. Ela reconheceu a frase do meu blog. Ela sabe.

Depois de um momento, ela continua:

– Acho que você é Alix. Acho que foi você quem respondeu a Andie Gingham. E queria muito saber se estou certa.

Não digo nada, mas o calor que sinto subir pelo meu pescoço e pelos meus vasos sanguíneos já falou por mim.

Mike/Michelle assente.

– Certo – ela diz. – Você não precisa dizer nada. Isso fica aqui entre nós. Não é da minha conta revelar os segredos dos outros. Mas tenho um convite pra você. Ou, melhor, uma solicitação. Você não precisa decidir hoje, mas preciso da resposta logo, porque é daqui a duas semanas.

Engulo em seco.

– O que é daqui a duas semanas?

Mike/Michelle junta as mãos, como se estivesse rezando.

– Queria você na minha mesa da Conferência de Saúde Trans.

No começo, confundo a sensação que corre pelo meu corpo com ansiedade – mas há uma pontada de esperança no que sinto, uma leveza em vez da escuridão

de sempre. Percebo que não é pânico; é euforia.

– Riley, você tem o dom da palavra. O jeito como você escreve e como fala… você tem a capacidade de comover as pessoas. Você viu hoje como o grupo reagiu. Como eu reagi. Como Andie Gingham reagiu. – Ela leva a mão ao peito. – Sei que ainda não se assumiu para os seus pais e imagino que queira fazer isso antes da conferência. Sei que só tem dezesseis anos e que parece que estou pedindo muito. Mas, Riley… tem muitas outras Andie Gingham pelo mundo. E elas precisam ouvir alguém como você.

Emudeço. O sangue que corre pelas minhas orelhas soa como um exército marchando. Minha boca está seca.

Me assumir para os meus pais. Falar em público. Daqui a duas semanas.

– Por favor, pensa a respeito.

Sinto minha cabeça assentir como se alguém puxasse um barbante invisível.

– Vou pensar.

22

Na manhã de sábado, acordo ao som de batidas na porta do quarto. Pego o celular e olho a hora: são quase nove e meia.

– Riley, já acordou? – É a voz do meu pai.

– Agora sim – respondo, sentando-me e tirando remela dos olhos. – Entra.

Ele abre a porta e dá um passo para dentro. Parado ali de pijama azul e roupão de banho, ele parece o pai de alguma série de TV antiga. Está bebendo de sua caneca de café da Universidade de Notre Dame e observa meu guarda-roupa por sobre o aro dos óculos de leitura como se nunca tivesse entrado aqui antes.

– Não sabia que você estava em casa – digo.

– Cheguei tarde, achei melhor ir direto pra cama. – Ele caminha até meus discos e começa a remexer os álbuns.

– Como foram as reuniões? – pergunto.

Ele abre um enorme sorriso.

– Melhor do que eu esperava. O sindicato dos professores está dentro, e isso faz uma enorme diferença. Ainda falta muito, mas é bem possível que dê para aprovar o projeto.

– E isso é bom pra campanha?

– É bom pra tudo.

– Que da hora. – Sorrio e ele retribui o sorriso. Ele pega o *London Calling*, do The Clash, vira e começa a ler a contracapa.

Fazia muito tempo que meu pai não entrava no meu quarto enquanto eu ainda estava na cama – e muito mais que eu não me sentia tão… sei lá, *normal* com isso. Geralmente, sinto muita insegurança de manhã, pelo menos até ter a chance

de ler minha bússola interna e entender como quero me apresentar. Mas, agora, não está tão ruim assim. Já estou me sentindo extremamente masculino – como se a agulha estivesse toda no M – e tendo a me sentir menos vulnerável nos meus dias de garoto.

– Então – diz meu pai, guardando o disco no lugar –, sua mãe e a Shelly saíram para algum tipo de exposição de bolos e depois vão para um spa. – Ele coloca o dedo no prato giratório e o faz rodar. – E eu vou largar a preguiça e ir para o gabinete. Tenho uns mil e-mails para pôr em dia, depois umas reuniões à tarde. – Ele olha para mim. – Quer vir comigo? A gente pode comprar rosquinhas.

Dá para ver que ele quer muito que eu vá, mas nunca passei muito tempo a sós com meu pai. Não sei o que conversaríamos.

– Sem pressão – ele diz, dando um gole intencionalmente despreocupado no café. – Só pensei que você poderia me fazer companhia. Levar seu laptop. Fazer lição de casa. Quando cansar, o Elias pode trazer você para casa. – Fico considerando. O jogo é só às cinco e meia, e eu pretendia ler um pouco de qualquer maneira. Meu pai fica olhando para a caneca de café já vazia. – Queria escolher uma nova música de campanha. Alguma coisa… diferente. Poderia usar seu conhecimento.

Como sempre, ele reservou um incentivo para o final –tenho enchido o saco dele para me deixar escolher sua música de campanha desde que ele anunciou a candidatura no ano passado.

– A gente pode passar na Beira dos Veganos em vez de comprar rosquinhas?

Ele olha para mim e noto que ficou contente.

– Fechado.

Uma hora depois, Elias, o chefe de segurança careca e robusto do meu pai, nos pega na SUV preta. Quando entro no carro, ele me entrega um saco de papel ornado com o logo da Beira dos Veganos. Tem um cheiro incrível.

– Valeu! – agradeço.

– É bom ver você, Riley. Como vai a escola?

– Precisando de reformas drásticas, Elias.

Ele dá risada.

– Para o gabinete, deputado?

Meu pai faz que sim.

– Para o gabinete.

Meu pai passa a manhã atrás de sua mesa gigante de mogno, colocando os e-mails em dia. Sento na pequena mesa de conferência perto da janela, tentando passar pelo segundo ato de *As bruxas de Salém*. Mas, depois de reler a mesma página três vezes, desisto e começo a navegar pela internet.

Logo antes do meio-dia, meu pai se levanta, tira os óculos de leitura e esfrega os olhos.

– Se eu ler mais um e-mail, meus olhos vão explodir para fora da cabeça. – Ele vem até onde estou, se joga na cadeira ao meu lado e põe os pés em cima da mesa de conferência.

– Você está com um humor estranho – digo.

– Estou de *bom* humor. Você só não tem o costume de ver isso. – Ele sorri. – Então, o que sugere para minha música de campanha?

Pego minha lista.

– Imaginei que você quisesse algo com o tema de educação.

– Bem pensado.

– Que tal "Another Brick in the Wall"?

Meu pai franze a testa.

– Essa não é aquela que diz "não precisamos de sua educação"?

Sorrio.

– Ah, que engraçado.

– Muito arriscada? Certo. Que tal… "ABC", do Jackson Five?

Ele torce o nariz.

– Ah, vá, não. Essa é muito… eu sou, sei lá, mais ousado que isso – ele reclama.

– *Ousado?* – pergunto, sem conseguir conter o sarcasmo na voz.

– Pois é. Ousado. – Meu pai faz sua melhor cara de TV, vira a cabeça para um ângulo e diz: – Está na hora de um Condado de Orange mais *ousado*. Eu sou Sean Cavanaugh e aprovo esta mensagem.

Reviro os olhos. E então meu pai solta uma estranha gargalhada que mais parece um latido.

– Sean Cavanaugh – ele diz, em uma caricatura de sua voz de deputado –, seu candidato da educação-*ousada*.

E ele começa a rir, uma risadinha grave e retumbante, até seus olhos ficarem úmidos. No começo, só abano a cabeça, mas sinto um sorriso se formando. Isso parece incentivar meu pai, porque agora ele está debruçado para a frente,

batendo na mesa com uma mão, rindo tanto que fica sem ar.

– Liga pra Shelly! – Ele aponta fracamente para o telefone. – Vamos trocar os pôsteres!

Agora também estou rindo – não uma gargalhada tão profunda, mas o mais próximo que tive disso em muito tempo. É gostoso – como se algo que vinha se acumulando dentro de mim encontrasse uma saída e a pressão diminuísse.

Finalmente, meu pai consegue recuperar o controle.

– Certo – ele diz, secando as lágrimas e recolocando os óculos. – Sério. Próxima sugestão?

– Que tal "School's Out", do Alice Cooper? É da sua geração.

– Mensagem errada – ele diz. Então, ele se ajeita na cadeira. – Espera… Ramones!

Franzo a testa.

– Qual música?

– Você sabe… – E aí ele canta em uma péssima imitação de Joey Ramone. – *Rock, rock, rock, rock, rockin' the high school*!

– Ai, meu Deus, pai. Por favor, nunca faça isso de novo.

Ele finge um olhar magoado.

– Agora sei de quem herdei minha falta de talento musical.

– Certo, certo. Mas, sério, é uma música animada. É meio boba, mas é chiclete e tem a ver com educação.

– Hum, você já prestou atenção na letra? – Abro a letra em uma nova aba do navegador e viro o laptop para ele poder ler. Ele dá uma olhada e franze a testa.

– Nossa – ele diz, voltando a se recostar na cadeira. – Quase dei uma de Reagan.

Estranhamente, lembro na hora de Solo tomando seu chocolate maltado.

– Do presidente Reagan?

Meu pai faz que sim.

– Ele usou "Born in the USA" na campanha. Springsteen fazia um enorme sucesso e ele achou a música patrióti-ca, mas na verdade é uma música de protesto. Fez papel de idiota na frente do país inteiro. – Meu pai se recosta e olha pela janela, batendo o indicador distraidamente no tampo da mesa. – Acho que ando muito desligado de tudo. – Sua voz é suave e insegura, completamente diferente dele, pelo menos de tudo que me permite ver. Ele tira os olhos da janela e me observa, e é como se fosse a primeira vez que me visse desde que eu era criança. Ficamos parados por um tempo, olhando um para o outro. Então ele

abaixa os olhos e limpa a garganta, mas, antes que possa dizer algo, o telefone toca. Ele pega a extensão na mesa de conferência. – Cavanaugh. – Ele olha para mim, faz com a boca *ousado* e me dá um joinha. Abano a cabeça para ele. – Sim, OK – ele diz, olhando para o relógio de pulso. – Vou estar aqui. ok. – Ele desliga. – A superintendente Clemente vai chegar em cinco minutos. Você quer ficar ou…

– Não, tudo bem. Preciso ir pra casa. Vou ao jogo de futebol à noite.

Meu pai ergue as sobrancelhas.

– Jura?

– Sim, pai, juro.

– Com quem?

– Com Bec. Vamos assistir ao jogo do Solo.

Meu pai franze a testa, cruza os braços.

– Bec é um menino?

Viro o laptop de volta para mim.

– Bec é uma menina, pai.

– Ah, certo. Então, vocês…

– Não sei ainda – digo, sentindo meu rosto ficar vermelho. Meu pai inclina a cabeça e quase consigo ver as engrenagens girando.

Minha respiração se acelera. Será essa a minha chance? Meu momento de contar? Sinto que não me preparei o bastante – e, no entanto, faz muito tempo que sei a verdade. Estou na terapia há meses. Já me assumi para dois amigos, meia dúzia de estranhos e para toda a internet. Pelo amor de Deus, até me convidaram para falar em público sobre isso daqui a duas semanas. Se isso não é preparação, então o que é?

Abro a boca para falar – e, de repente, mudo de assunto.

– Quer terminar de escolher a música?

– Sim. Claro – meu pai fala. Ele parece tão aliviado quanto eu. – O que mais você tem?

– Bom – digo, voltando-me para a tela e engolindo o nó na garganta –, essa não é sobre educação, nem um pouco, na verdade, e é meio estranha. Mas pode funcionar.

– Qual é?

Acho a letra e viro o laptop de volta para ele.

– “Changes”. David Bowie.

Ele puxa o computador para perto e desce a tela, lendo. Um leve sorriso se

abre em seu rosto – é o mesmo sorriso que tenho – e ele assente.

– É perfeita.

O telefone toca e a voz de Elias surge pelo viva-voz.

– Deputado, a superintendente Clemente está aqui.

– Já vou sair – ele diz e aperta o botão de desligar. Ele se vira para mim, entrelaçando as mãos. – Certo, então. Obrigado pela música.

– Não me agradeça. Agradeça ao sr. Bowie.

Nós nos levantamos e ele espera até eu guardar o laptop e jogar minha cópia de *As bruxas de Salém* dentro da mochila. Depois, sigo-o pela porta até o escritório externo.

– Felicia – ele diz, atravessando o pequeno saguão e estendendo a mão. Ando atrás dele.

– Bom ver você de volta no condado, deputado – ela diz. Ela é alta e os saltos que está usando a deixam ainda mais alta que o meu pai; só consigo ver seu cabelo preto brilhante sobre o topo da sua cabeça. Saio de trás do meu pai e a superintendente se vira para mim com um sorriso reluzente. – E esse deve ser o seu… a sua… – Ela pausa por uma fração de segundo, mas, nesse meio-tempo, vejo seu sorriso hesitar um pouco.

Meu pai, perfeito político que é, intervém um milissegundo depois, diluindo o momento constrangedor com seu charme de sempre.

– Riley – ele diz –, essa é a superintendente Clemente. Ela está aqui para me fazer prestar contas de todas as minhas promessas de campanha.

Ela recupera o sorriso imediatamente, mas tenho certeza de que meu pai notou.

– É um prazer conhecer você, superintendente Clemente – digo. Apertamos as mãos. Seu punho é fraco.

Meu pai se vira para mim. Ele está sorrindo, mas é aquele sorriso sem dentes, e seus olhos estão distantes. É como se eu já tivesse saído da sala ou quisesse que eu não estivesse mais ali. O carinho dos últimos minutos se evapora.

– Divirta-se no jogo, Riley. E se cuida. Manda mensagem antes de ir pra casa.

– Tá bom – digo, e Elias me acompanha até a saída do escritório e fecha a porta atrás de nós.

23

À tarde, tento esquecer o encontro constrangedor com a superintendente Clemente para conseguir estudar, mas não dá. Meu Deus, porque não poderíamos ter encontrado um dos estagiários dele ou o zelador do prédio? Por que tinha de ser a maldita superintendente?

Repenso no momento logo antes de Elias me levar para casa, lembrando o tom frio e distante na voz do meu pai; era como se ele quisesse se distanciar de mim. Como se, em vez de ser parte da família dele, eu fosse alguma *coisa* politicamente perigosa da qual precisava se dissociar.

Fecho o livro com força, saio da cama e me visto para o jogo.

Para o meu alívio, não há sinal do baterista desgrenhado quando busco Bec de carro no Buraco de Bala. Vamos até a escola – o que parece estranho em pleno sábado. O estacionamento está quase cheio quando chegamos e preciso estacionar a minivan no canto, perto das quadras de tênis. Desligo o motor e ficamos ali por um momento, sem nenhuma vontade de sair e enfrentar o caos do jogo.

– Precisamos mesmo ir? – pergunto.

Bec olha pela janela, depois de volta para mim.

– Se sairmos agora, podemos chegar ao México antes do fim do jogo. Ninguém vai saber que fomos embora.

– Poderíamos usar nomes falsos.

– Poderíamos usar sombreiros.

– E pistolas. – Sorrio. Bec retribui o sorriso. Depois leva a mão à maçaneta da porta.

Saímos do carro e caminhamos devagar na direção do campo, adiando o momento em que teremos de nos misturar à multidão barulhenta do outro lado da arquibancada. Estamos passando por uma caminhonete verde e velha quando Bec para.

– Eu só… – ela começa, depois para e continua. – Só queria dizer que não vejo problema nenhum. Em você ter o gênero fluido, digo.

Solto o ar pelos pulmões em um tipo de soluço seco e silencioso – e é como se estivesse segurando o ar desde que me conheço por gente e agora finalmente pudesse respirar.

Bec continua:

– Tipo, acho que nem precisava dizer. Mas eu queria…

– Não, fico feliz que você tenha dito. Fico… feliz. – Dou risada. – Feliz-feliz-feliz-feliz. Acho que peguei sua doença de fala.

– Macaco, macaco, macaco? – pergunta Bec.

– É, essa mesma.

Ela abana a cabeça.

– Pelo contrário. O que falou ontem, sobre ter um lugar e ter alguém do seu lado… você tem uma coisa com as palavras.

Meu rosto fica tão vermelho que dá para ver no reflexo da janela da caminhonete.

– *Eu* tenho uma coisa?

– Você tem uma coisa.

– É um enorme elogio vindo da menina que cunhou a frase “batendo bunda com uma manada de machos suados estúpidos”.

Bec sorri.

– Eu tenho meus momentos.

Bem nessa hora, surge uma voz do alto-falante, anunciando:

– Início da partida em cinco minutos!

Mas não sinto muita vontade de me mover; gosto de ficar aqui no estacionamento, conversando com essa menina estranha e atraente. Tento pensar em algo a dizer para adiar o fim inevitável desse nosso momento, seja lá o que for.

– Falei de você para o meu pai hoje – eu disse.

– Ah, é?

Faço que sim.

– Ele quis saber se você era menino ou menina.

Ela inclina a cabeça para mim.

– Acho que estava querendo saber se isso era um encontro. – Sinto meu rosto ficar vermelho de novo.

Bec estende o braço, pega a minha mão e entrelaça os dedos nos meus.

– Vamos.

Ainda estamos de mãos dadas quando entramos na fila para comprar ingresso e alguns olhares se voltam na nossa direção. Sinto uma estranha pontada de orgulho e aperto a mão de Bec com mais firmeza; seu toque é ao mesmo tempo reconfortante e arrebatador. Compramos as entradas, paramos no balcão de lanches, onde Bec compra um refrigerante que é quase do tamanho de uma banheira. Sorrio quando ela pega dois canudinhos.

As primeiras fileiras da arquibancada estão completamente lotadas, então subimos as escadas e vamos para o alto. A multidão é barulhenta e o alto-falante, ensurdecedor; não é nenhuma surpresa quando sinto o zumbido começar no fundo da minha cabeça.

Estamos no meio da subida quando as provocações têm início.

– Quem é o homem da relação?

Viro a cabeça e sinto um frio na barriga. Jim Vickers está sentado a um metro e meio de mim, com um braço ainda na atadura amarela e o outro em volta dos ombros de Sierra. Ela não fala nada, mas não tira os olhos de mim.

Sentado entre nós e Vickers está o ruivo de óculos e Cole, o jogador de futebol americano de ombros largos e cabelo longo e viscoso. Ele deveria estar no campo; queria saber o que fez para ser suspenso.

Vickers aponta para mim.

– Aquele deve ser o cara. Não tem peitos.

Cole dá risada.

– A outra também não tem peitos. – O ruivo ajeita os óculos e olha para o outro lado.

Bec aperta a minha mão com mais firmeza e começamos a passar.

– É isso aí. Continuem andando, suas bichas – Vickers diz.

Bec para, se vira e olha para ele.

Vicker diz:

– O que você tá olhando?

Bec sorri e responde:

– Um cara muito molhado.

O sorriso de Vickers vacila. Bec aperta o copo de refrigerante até a tampa

pular – e então dá um passo à frente e o derrama em cima de Jim Vickers, jogando quase dois litros de líquido roxo e gelado no colo dele.

Ele se levanta de um salto, gritando:

– Que porra é essa?

– Ops – Bec diz e derruba o copo.

Sierra se levanta. Tem uma mancha roxa que respingou na altura da coxa de sua calça jeans e seu rosto está vermelho de fúria.

– Sua vadia – ela diz, dando um passo na direção de Bec, mas Vickers segura o braço dela e a puxa de volta para o banco.

– O que está acontecendo? – diz uma voz grave atrás de nós. Bec e eu nos viramos. O sr. Brennan está alguns degraus abaixo, usando uma calça jeans e o moletom de Park Hills High, com a boca franzida de desaprovação sob o bigode. – Sr. Vickers – ele diz –, algum problema?

Vickers olha de relance para Bec, depois de volta para Brennan.

– Não. Estamos de boa.

– Tudo bem, então. – Sr. Brennan se volta para nós. – Sugiro que procurem seus lugares.

– Estamos indo – diz Bec. Brennan lança um olhar de advertência para Vickers e volta a descer a escada.

Algumas fileiras acima, um grupo de meninas se levanta e começa a aplaudir. Uma delas grita na direção de Vickers:

– Curtiu essa, panaca?

Sierra me olha feio.

Bec pega meu braço, puxando-me para longe, e passamos por elas, subindo até chegarmos à parte mais alta da arquibancada. Sento, respirando fundo, tentando mitigar o formigamento que se espalha rápido pelas minhas bochechas até o resto do meu rosto. Bec aperta minha mão.

– Você tá tremendo – ela diz. – Tá tudo bem?

– Sim – respondo.

Um ruído agudo sai do alto-falante em cima de nós e uma voz começa a apresentar os jogadores. A lista é longa e praticamente desconhecida até o locutor dizer “Jason Solomona!”. Não reajo a princípio, mas, quando Bec se levanta e começa a aplaudir, faço o mesmo. O locutor diz algo depois do nome dele, mas é uma série de palavras e frases tão estranhas para mim que poderiam muito bem ser de uma língua extraterrestre.

– Do que ele estava falando? – pergunto.

– Um dos *linebackers* da defensiva sofreu uma lesão, então o Solo vai entrar no lugar dele.

Começo a perguntar o que afinal isso quer dizer, mas então o locutor anuncia o *quarterback* principal e a plateia se levanta com tudo. O barulho é ensurdecedor – e é então que minha visão começa a se afunilar. Sento rapidamente e puxo as pernas junto ao peito. Bec põe a mão atrás de mim e acaricia minhas costas.

– Sei que é barulhento – ela diz –, mas vai ficar tudo bem daqui de cima.

Concordo com a cabeça.

– E podemos sair se ficar muito ruim.

Fecho os olhos e tento pintar o quadro branco de preto. Chego a três quartos do quadro quando a tinta preta começa a pingar, mas, junto com o toque de Bec, isso basta para me acalmar. O torpor diminui, deixando apenas o zumbido frenético no fundo da minha mente. Começo a assistir ao jogo.

Para mim, futebol americano parece uma guerra mal organizada em que dois grupos de homens se enfrentam em uma linha traçada ao acaso. Alguém grita "vai" e todos tentam se matar enquanto outros quatro ou cinco caçam uma bola feito gatos atrás de lasers.

Solo não é um dos gatos – ele parece passar a maior parte do tempo lutando contra o único cara do outro time que chega perto de igualar seu tamanho. No intervalo, o placar diz:

Leões: 0
Visitantes: 14

O outro time é da escola Luteranos de Anaheim, e entendo o bastante de futebol americano para sacar que, hoje, é a vez dos cristãos comerem os leões.

Quando começa o quarto tempo, o outro time já está no que Bec chama de "zona vermelha". Eles se alinham a apenas poucos metros do grande logo dos Leões pintado de spray no gramado. O público está em silêncio, o clima tenso. Fico observando Solo. Quando o *quarterback* do outro time grita "vai", Solo dispara à frente com uma velocidade inesperada, derrubando seu rival de sumô de costas no chão. Dois outros caras de uniforme dos Luteranos correm para bloqueá-lo, mas são menores do que ele, que os empurra como se fossem pinos de boliche. Agora, o *quarterback* dos Luteranos – que, por algum motivo, não está lançando a bola – começa a desviar de um lado para o outro, tentando fugir, mas Solo o persegue incansavelmente. Finalmente, o cara se vira e tenta correr

pelo campo na direção oposta, mas já é tarde demais. Solo pula em cima dele, jogando-o estatelado no chão sobre um grande número ٣٠ pintado de branco no gramado.

E, então, todos os jogadores correm e se empilham em cima deles. Até os outros Luteranos. É como se Solo e o *quarterback* oposto tivessem cometido algum tipo de crime e sua punição fosse serem esmagados até a morte.

De repente, um cara de uniforme verde surge do emaranhado de pernas e capacetes; ele está com a bola nas mãos. Olha para a bola, incrédulo, e começa a correr.

Alguém na plateia grita: "*Fumble!*". E todo mundo se levanta, incluindo Bec, gritando: "Vai! Vai! Vai!". Até eu me levanto e ergo os punhos.

Isso parece virar a maré do jogo e, quando acaba, o placar está:

Leões: 17
Visitantes: 14

Bec se levanta, pronta para ir embora, mas a puxo para baixo pela barra da jaqueta.

– Vamos esperar até a multidão dispersar um pouco.

– Está bem.

– Além disso, você precisa me explicar o que aconteceu para eu poder elogiar Solo sem fazer papel de idiota.

Bec dá risada.

– O que aconteceu é que, na primeira vez em que Solo joga na defesa, ele derrubou o *quarterback* rival e causou um *fumble* que foi o motivo do *touchdown* que virou o jogo. Isso é épico. Eles teriam perdido sem Solo.

– Como você sabe tanto sobre futebol americano?

Ela dá de ombros.

– Sou misteriosa e imprevisível.

Ficamos olhando as arquibancadas se esvaziarem. O zumbindo ainda está no fundo da minha cabeça, como se a ansiedade só estivesse tirando um cochilo, e o excesso de barulho ou euforia pudesse acordá-la de novo. Faço algumas respirações profundas da dra. Ann. Ajuda, mas não acaba com a ansiedade.

Está ficando escuro quando finalmente saímos do campo. Os pais estão saindo do estacionamento em suas SUV, os jogadores do time rival estão entrando em fila no ônibus e grupos de alunos se reúnem, conversando sobre o jogo ou

decidindo o que fazer agora. Estamos descendo do meio-fio para o estacionamento quando avisto Jim Vickers e seu grupinho reunido perto de uma velha caminhonete verde. É aquela em que Bec estava encostada antes do jogo, há algumas horas. Vickers olha para mim, vira para Bec e diz algo para os amigos. Todos nos olham. No mesmo instante, o zumbido na minha mente fica mais alto. Quero pegar a mão de Bec, mas não consigo me mexer.

– Ei – Vickers diz, vindo na nossa direção. Quero sair andando, fugir *correndo*, mas Bec se mantém firme. Dois dos amigos de Vickers o seguem. Sierra fica encostada na traseira da caminhonete, observando com uma cara de metida a besta.

O zumbido na minha cabeça se espalha até todo o meu corpo estar vibrando.

Vickers para a um metro de distância e aponta para Bec.

– Se você fosse um cara, eu te daria uma surra.

Bec inclina a cabeça.

– Isso é meio sexista, não acha?

Vickers dá de ombros.

– Não bato em mulher. Nem em belezinhas sem peito feito você.

Sinto meu maxilar ficar tenso.

– Mas não vê problema em comentar sobre nossos corpos? – Bec retruca.

– Só comento aquilo que vejo – Vickers diz. O cara de cabelo viscoso dá risada.

– Hum – diz Bec. – Vou tentar então. – Ela aponta para a mancha roxa na virilha dele. – Com base na falta de volume, mesmo se considerarmos o encolhimento causado pelo frio, eu diria que você também tem uma certa desvantagem anatômica.

Vickers franze a testa.

– Estou falando que você tem pau pequeno – Bec explica.

Vickers fecha a cara e cerra o punho bom. Ele dá um passo à frente e fica com o rosto bem na cara de Bec.

Meu peito se aperta, meu coração acelera. Minha cabeça lateja de adrenalina.

– É melhor você dar o fora daqui antes que eu decida que você é, *sim*, um cara. Sua sapatão.

As narinas de Bec se alargam, mas ela não diz nada nem se mexe.

É uma surpresa quando ouço minha voz cortar o silêncio:

– Sai você daqui.

Vickers olha para Bec, depois de volta para mim.

– Vai se foder, aberração. Isso não é…

Mas não ouço mais nada depois da palavra “aberração”. Ele não tem o direito de me chamar assim.

Pulo em cima dele, debatendo os braços. Minha visão embaça. Minha cabeça parece cheia de algodão em chamas. Vickers tenta me empurrar, mas jogo seu braço saudável para o lado e avanço. Instintivamente, pego sua atadura com ambas as mãos e puxo com força. Algo estala. Ele solta um grunhido de dor e cambaleia para trás – e então sinto mãos sobre mim. São as mãos de Bec, me puxando para longe. Vickers cai duro no chão, segurando o braço e gemendo. Sierra grita um palavrão e corre na direção dele.

Não me movo, olhando para Vickers estatelado no asfalto, sem conseguir acreditar no que está acontecendo.

Seus amigos se ajoelham para ajudá-lo. Um deles, o ruivo, olha para Bec.

– É melhor vocês saírem daqui – ele diz.

Ela pega meu braço e vamos embora.

24

Ainda estou respirando com dificuldade quando Bec me guia até o banco de passageiro. Ela entra no lado do motorista, bate a porta e liga o motor.

– Você tá bem? – ela pergunta.

Meu coração bate forte – mas no meu peito, não na minha garganta. O bramido da multidão ainda ecoa nos meus ouvidos e o brilho forte das luzes do campo são uma mancha vermelha quando fecho os olhos. Mas não é ansiedade; é adrenalina.

– Sim – respondo. Acho que sim. É só… muita agitação.

– Então, coloca o cinto de segurança, Bruce Lee. Vamos vazar.

Um riso agudo e levemente histérico me escapa da garganta quando ela sai de ré da vaga.

– Espera – digo. – Você sabe dirigir?

– Mais ou menos – Bec responde.

Quando estamos saindo do estacionamento, olho para trás na direção da caminhonete verde. Vickers está em pé agora. Sierra tenta colocar o braço em volta dele, mas ele a empurra. Por um instante, tenho a impressão de ver o irmão de Bec, Erik, parado perto do para-choque dianteiro da caminhonete. Então viramos a esquina e ele sai do meu campo de visão.

– Seu irmão veio pro jogo hoje?

Bec olha para mim.

– Duvido.

– Ele ainda tá tentando entrar no time?

Ela dá de ombros.

– Sinceramente, não ando prestando muita atenção nele. Tem tantas outras coisas… – Bec para, abana a cabeça. – Enfim.

– Que outras coisas?

– Um monte de bostas de família... não tô muito a fim de falar disso – ela retruca. Eu me encolho um pouco no banco. Bec olha para mim. – Desculpa. Vamos mudar de assunto.

– Tá bom – digo, ainda com certa mágoa.

– Eu começo – Bec diz, fingindo uma voz animada. – Quer ir ao cinema?

Sorrio.

– Sim, quero.

Bec dirige com se estivesse fugindo da polícia; ela corre em zigue-zague pelo trânsito, excedendo o limite de velocidade em mais de vinte quilômetros por hora. No começo, fico apenas segurando a maçaneta da porta e olhando fixo para a frente – mas, então, Bec abre as janelas e liga o som e algo dentro de mim se solta. Ela começa a cantar junto com “Anesthesia” e faço coro à sua voz potente com meus berros atonais.

Descemos a East Imperial Highway e passamos direto pelo Cineplex.

– Aonde estamos indo? – grito mais alto do que a música.

– Você vai ver.

Viramos ao sul na Richfield Avenue e continuamos em frente até cruzarmos a fronteira entre Park Hills e Fullerton. Bec desliga o som e solta um longo suspiro lento.

– Que foi? – pergunto.

– Acho que ainda tô meio abalada. Pensei que meu coração fosse sair do peito naquela hora.

– Bem-vinda ao meu mundo – digo.

Viro e fico olhando pela janela. Passamos por uma loja de ferramentas que meu pai frequentava e por uma de eletrodomésticos com um cartaz que diz: LIQUIDAÇÃO TOTAL! Nas tábuas de madeira compensada cobrindo as janelas quebradas, alguém pichou: TÁ TUDO LIQUIDADO.

– Desculpa ter pirado naquela hora – digo, ainda sem olhar para Bec. – Não sei o que deu em mim.

– Ei – ela diz, e viro para olhar. – Tá tudo bem. Você é um ser humano. Não aguentava mais. Vickers ultrapassou todos os limites.

Concordo com a cabeça.

– Acho que devo ter quebrado o braço dele de novo.

Bec considera.

– Bom, ele e os amigos não estavam exatamente facilitando a sua vida. E, hoje, ele falou umas bostas bem horríveis. E depois ainda ficou me encarando.

– Pois é – digo.

– Pois é – Bec repete enfaticamente.

Ela vira à esquerda, para em uma loja de conveniência e puxa o freio de mão.

– Fica no carro – ela diz, depois sai, deixando a chave na ignição e o motor ligado. – Vou buscar uns lanchinhos.

Observo-a pela janela enquanto ela examina o corredor de lanches. Ela tem uma confiança em seu andar – como se nada de ruim jamais fosse acontecer – e tento guardar na memória sua aparência na loja, sob a luz forte das lâmpadas fluorescentes e através das duas camadas de vidro. Sinto algo dentro de mim torcer e se retorcer, como um pano úmido sendo enxaguado. É uma sensação boa.

Quando ela volta para o carro, me entrega um saco plástico contendo *jerked beef*, uma garrafa de refrigerante de uva e um pacote de Oreo.

– Sem querer escolhi esse pacote vegano aí – ela brinca, e a agradável sensação de torção fica mais intensa.

Seguimos rumo ao Leste por mais três quarteirões e paramos atrás de um prédio de escritórios de três andares com a fachada de tijolinhos. Apesar do estacionamento lotado, não dá para ver nenhuma alma viva – e, em algum lugar do outro lado do prédio, uma estranha luz elétrica está apontada para o céu, crescendo e diminuindo ao acaso, como o raio de um trovão em miniatura.

– É aqui – Bec diz.

– O que é aqui? – pergunto.

Bec apenas sorri e sai da van. Eu a sigo enquanto ela ziguezagueia entre os carros estacionados, em direção ao fundo do prédio. Ela para embaixo de uma escada de saída de emergência enferrujada e olha para cima.

– Você não vai subir nesse troço – digo.

– Vou sim, e você também – ela responde, com os olhos fixos na escada de ferro forjado cuja ponta sai saliente da parte debaixo da saída de incêndio.

– Isso é loucura.

Bec olha para mim e meu estômago se contorce mais uma vez.

– Combina com a gente – ela diz, me dando a sacola da loja de conveniência.

Então, sem avisar, ela flexiona os joelhos e salta em pleno ar, segurando-se no degrau de baixo. A lingueta cede sob o peso dela e a escada desce com um

enorme estrondo. Bec limpa os flocos de ferrugem da mão e aponta para a escada, que agora está uns trinta centímetros acima das nossas cabeças.

– Vai você na frente – ela diz. Fico encarando a escada com desconfiança. Bec dá um passo para trás. – Eu ajudo.

Dou um passo à frente e Bec coloca as mãos na minha cintura. Mesmo com as camadas de camiseta e jaqueta entre nós, minha pele se aquece onde ela toca e o calor se espalha por todo meu corpo. Fico feliz de ter apenas uma lâmpada de sódio tremeluzindo no alto – porque tenho certeza de que meu rosto acabou de ficar completamente vermelho. Dou um pulo e Bec me ergue, depois seguro na escada e começo a subir.

Quando chego ao alto, estou ardendo, sem fôlego, mas a exaustão parece ter expulsado o resquício do zumbido da minha cabeça. Com a sacola da loja de conveniência entre os dentes, Bec sobe a escada como uma bombeira, pula para o telhado e me chama.

– Vamos lá.

Eu a sigo pelo terraço, com cuidado para não tropeçar na superfície arqueada e descamada, que está cheia de bitucas de cigarro, embalagens de doce e latas vazias de cerveja. Quando alcanço Bec, ela está parada na beira do prédio, olhando para o pátio de um shopping center abandonado lá embaixo. Tem pessoas lá – umas vinte ou trinta – sentadas na grama, em lençóis e cadeiras de jardim. Alguém montou um projetor e estão passando um filme antigo na lateral do prédio de quatro andares à nossa frente.

– O que é isso?

– Noite de cinema – ela diz. – Acho que uma das igrejas da região organiza. – Ela aponta para a torre de sino antiga em estilo adobe do outro lado do pátio. Quando volta a falar, sua voz é tão baixa que preciso chegar mais perto para ouvir. – Eu vinha muito aqui, até os caras do futebol americano descobrirem e arruinarem o lugar. Deve ser culpa do Chewie. Mas, como teve jogo hoje, devem estar ocupados com outra coisa.

Então, ela fica quietinha por um bom tempo – pensando, acho, ou talvez se lembrando de algo. De qualquer forma, não quero quebrar o silêncio, então apenas observo seu rosto, iluminado intermitentemente pela projeção cintilante na parede oposta. Depois, ela me leva para outra parte do terraço, onde coloca o braço atrás de um duto de ventilação exposto e tira duas cadeiras de jardim corroídas. Ela as coloca perto da beirada e faz sinal para sentarmos. O diálogo do filme antigo ecoa de leve pelos tijolos, misturando-se ao som de grilos e ao

murmúrio distante do trânsito na estrada. Por um momento, sinto que estamos a sós no mundo.

– Eu vinha muito aqui com minha irmã antes de ela morrer – Bec diz. Sua voz fica miúda de repente, como a de uma criança pequena. – Hoje seria o aniversário dela de quinze anos.

– Ai, meu Deus, Bec. Sinto muito.

Ela agradece com a cabeça.

– Eu achava que aguentaria vir aqui, se você viesse comigo, mas… – Ela para, engole em seco e então volta a falar: – Ela era transgênera, Riley. Foi assim que fiquei sabendo sobre a Q. Como conheci Mike/Michelle e todo o pessoal. Por causa da minha irmã.

Fico encarando Bec por um segundo, depois aceno distraidamente com a cabeça e olho para o outro lado. Para falar a verdade, não é nenhuma surpresa. De que outro jeito Bec estaria tão sintonizada com o que estou passando? Sinto uma onda de tristeza profunda por ela e pela irmã.

E então essa tristeza é dominada por outro tipo de angústia, um nó de dúvida que deixa um gosto amargo no fundo da minha garganta: e se Bec nunca se atraiu por mim? E se apenas me seguiu até a rampa naquele dia porque eu a fazia lembrar de sua falecida irmã? Faria sentido; quer dizer, passamos o que pensei ser nosso primeiro encontro no quarto que elas dividiam. E depois ela me levou à Q, um lugar aonde iam juntas. E, agora, estamos em mais um dos lugares delas. Em pleno aniversário da irmã.

Viro e olho para Bec, com medo de que ela esteja lendo meus pensamentos de alguma forma – mas a distância em seus olhos me diz que ela está a milhões de quilômetros, lembrando uma dor insuportável. É uma surpresa quando volta a falar:

– Acho que eu soube desde que ela tinha uns seis anos. A gente tava pintando e ela trocou comigo os dinossauros pelas princesas. Ela sempre queria as princesas. A gente brincava de se fantasiar e ela implorava para usar meus tamancos de couro envernizado, mesmo parecendo sapatos de palhaço nela. – Ela solta uma risada que logo se desfaz. Arranca um floco do metal enferrujado. – Quando finalmente me contou como se sentia, eu tentei ajudar. Pesquisei na internet com ela. Encontramos a Q. Mas, depois que ela se assumiu para a família… as coisas pioraram. Meus pais começaram a brigar. Erik se retraiu. Quando ela morreu… – Bec desvia os olhos. – Não foi um acidente. – Ela fica em silêncio.

– O que aconteceu?

– Nossos pais estavam dormindo. Eu ainda estava acordada, lendo, e ouvi quando ela se levantou para ir ao banheiro, deu descarga e voltou para a cama. Nunca vou esquecer aqueles sons e… – Ela abana a cabeça quase na defensiva, como se uma voz em sua mente a estivesse interrogando. Quando volta a falar, sua voz é categórica: – Foi culpa minha. Fui eu quem a encorajou a se assumir. Mas a maneira como a família reagiu… Gabi achava que ficaríamos melhor sem ela. Ela até escreveu isso na carta. – Bec olha para mim. – Ela não acordou. Encontrei quatro frascos de remédios vazios, todos fechadinhos e arrumadinhos no armário de remédios. Ela tinha treze anos.

Bec vira os olhos desfocados de volta para o filme. Estendo o braço e pego sua mão. Está gelada. Quero dizer alguma coisa, falar que sinto muito, que isso é terrível, mas essas palavras parecem estúpidas e vazias. Então fico apenas segurando a mão dela até ela conseguir falar novamente:

– Essa história destruiu minha mãe. Ela desistiu da porra toda. Depois meu pai foi embora. Eu entendo, eu também teria ido, se pudesse. Nós também estávamos sofrendo, sabe? Que direito ela tinha de simplesmente *largar mão*? – Bec respira fundo. – Enfim. É lá que estou quando falto na escola. Em casa, cuidando da minha – ela parece engolir uma palavra cruel – mãe. Ela não consegue manter um emprego. Meu pai manda dinheiro, mas eu basicamente tenho que ser a adulta da casa desde quando chego da escola até a hora em que saio no dia seguinte. E, nos dias mais difíceis, preciso… – Bec perde a voz. – E, como é o mês do aniversário da Gabi, quase todos os dias são difíceis. Então. – Bec olha para mim, insegura.

– Gabi – digo. – Era esse o nome dela?

Bec faz que sim.

– É bonito. É por causa do anjo, né?

– Sim – ela responde. – Foi escolha da minha mãe. Deram o nome de Gabriel para ela e ela encurtou para Gabi. – Bec tira a mão da minha e cruza os braços. Ela olha para o filme projetado nos tijolos, depois de volta para mim. – Você deve me odiar.

– Odiar você? Por quê?

– Por usar você. Por tratar você como uma espécie de muleta emocional em vez de simplesmente estar ao seu lado.

– Não – respondo.

Bec funga, seca os olhos na jaqueta e me fita.

– Fala a verdade.

Puxo um fio desfiado na altura do joelho da minha calça.

– Certo – digo. – Eu odiei você, um pouco, mas foi só por, tipo, um segundo.

– Justo.

E ficamos ali por um minuto, sem dizer nada, mas também sem assistir de verdade ao filme. Pela primeira vez, noto que é em preto e branco.

– Que filme é esse? – pergunto.

– *Casablanca*, acho – Bec responde.

Ficamos em silêncio por alguns instantes e depois pergunto:

– Quer ir embora?

Bec abana a cabeça.

– Não. Vamos só… vamos só ver o filme. Pode ser?

– Pode.

– Desculpa – ela diz.

– Pelo quê?

Ela segura minha mão.

– Por estragar nosso encontro.

25

Nem mesmo tento dormir.

As últimas cinco horas pareceram mais longas do que todo o meu último ano. As imagens e sensações se repetem na minha cabeça como uma apresentação de slides. O rosto de Sierra Wells, vermelho de fúria. O estalo do braço de Vickers quando o puxei e o latejar de sangue correndo pelos meus ouvidos. O sorriso irônico de Bec. O toque de seus dedos nos meus.

O zumbido voltou ao meu peito. Queria que meu pai não estivesse guardando meus remédios. Não sentia vontade de pegar um a mais desde a minha pequena crise, porém seria bom tomar um agora. Mas, se não posso tomar meus remédios, preciso de uma distração. Puxo o laptop na minha direção e o ligo.

Só fiz uma postagem desde que a história de Andie Gingham veio a público e ainda não li todas as centenas de mensagens que lotam minha caixa de entrada. Se essa é minha nova causa – ajudar os outros a lidar com suas questões de identidade de gênero –, estou fazendo um péssimo trabalho. Sinto culpa por abandonar meu blog, por não responder aos meus seguidores – mas demorei uma semana para superar uma mensagem anônima de ódio e tenho medo de que, se entrar, só encontrar mais insultos.

Mas agora, no meu quarto, sem ninguém, a necessidade de distração vence o medo. Não, não distração... – contato. Preciso de *alguém*... alguém anônimo. Alguém que não possa me julgar. Ou me ver.

Ou me conhecer.

Minha contagem de seguidores subiu para mais de 48 mil, mas minhas mensagens atingiram o limite de quinhentos. Respiro fundo, então vou lendo

algumas. Tem alguns elogios aleatórios e um número bem maior de críticas, mas a maioria das mensagens são pedidos de conselho. No momento, não me sinto capaz de ajudar ninguém. Então começo a clicar em *delete*.

Nas primeiras vezes, vejo o contador de mensagens no meu painel cair: 499, 498, 497, e assim por diante. Mas depois que já deletei umas dez mensagens, o número volta a subir. Será que podem estar chegando novas mensagens tão rapidamente?

Desço a tela até a parte mais inferior da minha caixa de entrada e vejo seis – não, sete novas mensagens, todas enviadas no último minuto. Clico na primeira.

> **Anônimo**: acho que 50.000 fãs não podem estar errados

Eu me recosto na cabeceira e fico olhando a tela. O que isso quer dizer? Uma sensação vaga de pavor se instala, apertando meu peito. Abro a próxima:

> **Anônimo**: mas acho que vc só quer atenção

Meu nariz começa a formigar, depois minhas bochechas. Eu deveria simplesmente fazer logout, mas algo nessa mensagem me compele a ler a próxima.

> **Anônimo**: aproveita enquanto pode. pq ngn vai te amar qdo descobrirem q
> **Anônimo**: vc. é. uma. aberração.

Quero sentir raiva. Quero sentir fúria, mas, em vez disso, um calor se acumula atrás dos meus olhos e sinto as lágrimas chegarem. Me lembro dos olhos de Bec, tão distantes quando saiu da van. E, por um instante, considero que esse anônimo possa ter razão.

Sem conseguir parar, clico na próxima mensagem. E na próxima.

> **Anônimo**: quem quer amar um traveco sapatão viado sem pinto e com a xoxota costurada
> **Anônimo**: pq vc não vai pro banheiro agora
> **Anônimo**: e toma todas suas pílulas e se mata

Penso nos frascos vazios de Gabi arrumados com cuidado no armário de remédios. As primeiras lágrimas escorrem pelo meu rosto.

> **Anônimo**: vc sabe q é isso q vc quer
> **Anônimo**: tão fácil. + fácil do que encarar o q vc é

Meu peito arfa num soluço.

Chega. Clico em *delete*. Apago as mensagens de ódio uma a uma, o mais rapidamente possível. Mas novas vão surgindo, uma após a outra, acumulando-se mais rápido do que consigo clicar nelas.

Anônimo: sua escola vai ficar feliz
Anônimo: seus falsos amigos vão ficar felizes
Anônimo: seu pai vai ficar feliz

Meu corpo treme sob os soluços. Bato no teclado, tentando impedir a cascata de mensagens que se abrem, mas elas não param.

Anônimo: ninguém vai chorar por vc
Anônimo: ninguém.
Anônimo: liga.
Anônimo: RILEY

As mensagens param. Fico encarando a tela. Encarando meu nome escrito em maiúsculas garrafais.

Meu nome real.

RILEY.

Sem noção do que estou fazendo, com o rosto latejante, formigando, dormente, corro para o banheiro. Sinto a bile ardente subir na minha garganta. Abro a torneira, me debruço no gabinete e quase vomito na pia enquanto a água gelada escorre pela minha nuca. De repente, o formigamento no meu rosto se espalha como um incêndio sob um vento quente, da cabeça ao peito aos braços e aos pés. Tento respirar fundo, mas meu peito está apertado demais. Meus pulmões não inflam. Não consigo respirar.

Meu coração bate no peito, para, bate de novo. Minha visão fica escura nos cantos.

ninguém.

liga.

RILEY.

Um gemido baixo e contínuo sobe dentro de mim, e, quando chega à minha garganta, se transforma num grito. O tempo e minha visão se desfazem, e me sinto debater, violentamente, gritando no vácuo.

Ouço um estrondo distante, como de uma janela se quebrando. Um lampejo de

dor dispara pela minha mão e sobe até meu braço, e ouço a voz do meu pai no batente.

– Riley, o que está acontecendo?

O susto me traz de volta à realidade quando meu pai caminha até a pia e segura meu braço. Sem perceber, soquei o espelho do banheiro.

Gotas vermelhas caem dos meus dedos manchando a pia de mármore branco e escorrendo rosadas pelo ralo. Olho para o espelho. Uma teia de aranha se espalha do lugar onde o acertei feito ondas num lago congelado. Uma dezena de reflexos escuros me encaram de volta.

E então minha mãe entra no banheiro, envolvendo-me em seus braços.

– Qual é o problema, Riley? O que há de errado?

Tento responder, mas não consigo fazer as palavras saírem com minha respiração ofegante e irregular.

Alguém sabe quem eu sou.

26

Estacionamos no consultório da dra. Ann. Quando vou sair do carro, minha mãe põe a mão sobre meu braço.

– Espera – ela diz. Olho para trás e ela parece… velha. As rugas em volta dos seus olhos parecem ter ficado mais profundas, encontro alguns fios grisalhos entre os castanho-avermelhados. Eu me pergunto se é o estresse da eleição ou se sou eu. Fecho a porta e volto a me acomodar no banco. – Riley, estou… – Ela para, erguendo o braço como se fosse roer a cutícula, mas percebe e desce a mão para o colo. – Seu pai e eu conversamos. Você não precisa ir ao evento de arrecadação de fundos na terça se não quiser.

Viro para ela, sem entender.

– Você acha que quebrei o espelho para fugir do evento?

– Não sei – ela diz. Mas ela não parece brava; sua voz é preocupada. Começo a responder, mas não consigo pensar no que dizer. Minha mãe olha fixamente para o para-brisa. – Quando me casei com seu pai, sabia onde estava me metendo. A agenda maluca, a mídia. – Ela solta uma risada irônica. – Achei que seria romântico. Nem tudo foram flores, mas eu o amo. Então aguento tudo isso. – Ela olha para mim, sorri com tristeza. – Mas você não suporta, né? Todos os eventos, toda a atenção e toda a parte de se vestir. Você odeia.

Considero por um momento antes de responder.

– Odeio me sentir um fardo.

Minha mãe abana a cabeça.

– Isso é… – Ela para e entrelaça as mãos no colo novamente. – Você nunca foi um fardo. Você é mais importante para nós do que essa eleição. Mais importante

do que qualquer outra coisa.

Viro a cabeça para olhar pela janela e então ela solta um som estranho – algo entre uma risada e um soluço – e volto a olhar para ela.

– Seu pai é melhor nesse tipo de coisa – ela diz. – É ele quem tem jeito com as palavras. Nunca sei o que dizer para as pessoas. Para você. – Ela arruma o cabelo atrás da orelha. – Só vou sentindo tudo e guardo aqui dentro. Boas maneiras, mas não muita coragem. – Ela olha para mim. – Acho que você pegou um pouco dos dois nesse aspecto.

Meu coração se contrai como estivesse sendo apertado. Sempre achei que minha mãe não fazia a menor ideia sobre mim – mas o que ela acabou de falar é tão… verdadeiro. Fico me perguntando se ela sabe mais do que penso. Antes que eu tenha a chance de falar alguma coisa, ela continua:

– Riley, essa… coisa por que você está passando. Você pode me contar. Tá bom? Pode simplesmente me contar. Quando quiser. – Ela olha para mim. Morde o lábio. Seus olhos estão úmidos. Nunca a vi tão descomposta; é comovente, e um pouco assustador também.

– Eu vou contar – digo. – Vou contar quando souber o que dizer.

Quando a dra. Ann finalmente me chama para o consultório, está sentada na cadeira de sempre, com as pernas cruzadas na altura do joelho. Eu me afundo em uma das cadeiras de vaca.

– Foi mal te fazer trabalhar num domingo – digo.

– Ninguém está me *fazendo* trabalhar, Riley.

– Sim, mas quando um deputado liga, você meio que precisa vir. Certo?

O sorriso da dra. Ann diminui um pouco.

– Você está me testando?

– Como assim?

– Bom – diz a dra. Ann, tirando um fio de cabelo solto que grudou no batom passado às pressas –, às vezes a gente testa as pessoas. Queremos ter certeza de que se importam e de que estamos seguros com elas. Queremos descobrir suas motivações para podermos prever seu comportamento.

– Então você acha que não confio em você porque veio trabalhar num domingo?

– Acho que você quer que eu diga que estou aqui por algum motivo além do meu trabalho.

Fico olhando para ela.

– Você é tão sincera assim com seus outros pacientes?

Ela pensa antes de responder.

– Sou tão sincera assim antes da minha segunda xícara de café. – Solto uma risada breve. Ela continua: – Quer me contar o que aconteceu ontem à noite?

Eu me remexo na cadeira e, de repente, as palavras meio que escapam por conta própria:

– Me meti numa briga no jogo de futebol americano e depois saí com uma garota.

A dra. Ann ergue as sobrancelhas.

– Você foi a um jogo de futebol americano?

Abro um sorriso e conto sobre a última noite. Começo com a parte em que Bec segurou minha mão enquanto entrávamos no estádio, e depois reconto a briga com Vickers. Falo até sobre o suicídio da irmã de Bec, mas paro por aí. Quando termino, a dra. Ann fica em silêncio por um bom tempo, só olhando para mim. Eu me pego puxando a faixa na minha mão e cruzo os braços.

Por fim, ela pergunta:

– Vai me contar o resto?

– Não foi o suficiente?

A dra. Ann tira os óculos e começa a limpá-los.

– Para algumas pessoas, existe um intervalo entre passar por uma situação de estresse e ter uma reação de ansiedade. Elas sofrem um acidente de carro e ficam bem depois. Mas aí, três dias mais tarde, na segurança de seus cubículos no trabalho, sofrem um ataque de pânico enorme. – Ela volta a colocar os óculos e me observa. – Esse não é o seu caso. Seus episódios costumam ter uma causa imediata.

Respiro fundo e expiro pelo nariz. Por onde começar?

– Você ouviu falar sobre a menina trans de Oklahoma? – pergunto. – Aquela que foi espancada pelo pai quando se assumiu?

A dra. Ann faz que sim.

– Andie Gingham.

– Sim. Bom, eu sou… – Cerro o punho não machucado, querendo que os dedos não fiquem dormentes. – Eu sou Alix.

Ela franze a testa.

– Não entendi.

– O blog que você me fez começar? Meu nome virtual é Alix. Foi a minha

ajuda que Andie pediu na internet. Fui eu quem disse para ela tentar entender seus pais abusivos. Foi a mim que ela agradeceu em todas aquelas entrevistas.

A ficha vai caindo devagar para a dra. Ann: primeiro confusão, depois compreensão e então penso ver uma sombra de medo antes de ela voltar a assumir sua expressão formal.

– Entendi.

E então conto tudo.

Começo com meu primeiro post e a reação descomunal que causou, sobre Mike/Michelle dar destaque ao meu blog no AliançaQueer.org. Descrevo aquela primeira mensagem de ódio – "sua bixa"– e minha resposta furiosa. Meu conselho a Andie, as reportagens que vieram depois e a consequente explosão de seguidores. Com o máximo de detalhes possível, conto a ela sobre as ameaças anônimas – e, finalmente, sobre o *stalker* que me identificou pelo nome.

Quando termino, a dra. Ann caminha até a cafeteira, se serve de uma segunda xícara e depois se recosta na beira da sua mesa.

– Então. O que você está pensando em fazer?

Hesito.

– Como assim?

– O que você está pensando em fazer?

– Sobre o quê?

– Sobre tudo isso.

Inclino a cabeça sem acreditar no que estou ouvindo.

– É isso que você me pergunta? Conto todos os meus segredos pra você, que tenho um *stalker* na vida real, e você me pergunta "o que você está pensando em fazer?", como se não fosse porra nenhuma?

O rosto da dra. Ann continua impassível. Ela dá um gole no café. Minha vontade é de gritar. Derrubar a xícara da mão dela. Qualquer coisa para conseguir uma reação. Mas ela fica simplesmente parada, me esperando. Quando o silêncio fica constrangedor demais, limpo a garganta e falo com a voz embargada.

– Não sei. O que você sugere que eu faça?

A dra. Ann olha para baixo – algo que nunca a vi fazer. Penso que vai levantar os olhos depois de alguns segundos, mas não. Ela fica fitando suas sapatilhas beges, segurando a xícara de café com o punho tão cerrado que seus dedos ficam brancos. Depois de um longo intervalo constrangedor, quando tenho certeza de que ela vai se levantar e me dispensar com um tom profissional, ela fala baixo:

– Já agitou uma garrafa de dois litros de refrigerante?

Abro a boca, fecho de novo, depois respondo:

– Já.

Ela olha para mim.

– Ela é você. Agora. Você é a garrafa. E o mundo não para de sacudir você. Mudar de escola: sacode, sacode, sacode. Alunos incomodando na hora do almoço: sacode, sacode, sacode. Receber uma mensagem ameaçadora: sacode, sacode, sacode. Toda essa pressão se acumulando. Você sente que precisa soltar parte dela, senão vai explodir. Então, de tempos em tempos, abre a tampa, só um pouquinho. Só o bastante para soltar um pouco dessa pressão. Você mata aula. Grita com seus pais. Dá um soco no espelho. – Ela dá de ombros. – Mas, por mais que se desafogue, a vida não para de sacudir. E, mais cedo ou mais tarde, se não tirar a tampa toda e cuidar dessa bagunça, a garrafa vai explodir.

– O que isso significa? – pergunto.

– O que você acha que significa?

– Odeio quando você faz isso – digo, levantando-me para andar de um lado para o outro atrás da minha cadeira. – Tipo, do que você tá falando? Está falando sobre me assumir?

– Me diga você.

Uma estaca de medo trespassa meu peito, faço que não.

– Não me preparei ainda.

A dra. Ann me examina por sobre o aro dos óculos.

– Sabe quando você me manda parar de fazer “perguntas de terapeuta” e dar conselhos de verdade?

Paro de andar de um lado para o outro e seguro no assento da cadeira.

– Sei.

– Fale com seus pais sobre o que você está passando.

– Você quer que eu me assuma para eles?

– Quero que você fale sobre o que está passando. Fale como está a escola. Como é para você se vestir de manhã.

Faço que não.

– De jeito nenhum. Não duas semanas antes da eleição. Ele teria um ataque.

– Você não sabe.

– Pode acreditar.

– Certo. Mas e se essa pessoa anônima tirar você do armário antes? Não seria pior?

– Eu deleto meu blog. Apago tudo.

– É possível – ela diz. – Mas, depois de toda a visibilidade do artigo sobre Andie Gingham, não sei se vai fazer diferença. Além disso – ela diz, descruzando as pernas e se inclinando na minha direção, não acho que você queira deletar seu blog. Acho que sente orgulho. Orgulho de você por escrever esse blog. – Coro ferozmente. Ela está zombando de mim? Mas então a dra. Ann se recosta na cadeira e diz: – Sei que *eu* tenho orgulho de você.

Meu rosto fica ainda mais vermelho, só que, dessa vez, é de vergonha, não de raiva.

Engulo em seco, depois volto a cair na cadeira.

– Então. O que eu faço?

A dra. Ann solta outro suspiro.

– Todo terapeuta morre de medo dessa pergunta.

– Como assim? Por quê?

– Porque, se der tudo errado, nos sentimos responsáveis.

– Você não está fazendo eu me sentir muito bem.

– Certo, certo. Três coisas – ela diz, contando nos dedos. – Primeiro, prepare o que quer dizer. Escreva num papel, deixe tudo claro. Essa parte deve ser fácil. – Sorrio. – Segundo, encontre o momento certo, não logo antes de algum grande evento e nem logo depois de uma briga. Escolha um momento calmo. Terceiro, tenha a conversa em um terreno neutro.

– O que é um terreno neutro?

– Não em púbico. Algum lugar em que sinta segurança. Pode até ser aqui se quiser.

Concordo com a cabeça, depois solto um longo suspiro. Vou voltando a sentir meus dedos.

– Como vou saber que chegou a hora?

A dra. Ana entrelaça os dedos, sorri.

– Você vai saber.

27

Chega a terça-feira com o tipo de velocidade impiedosa normalmente reservada para a última semana de verão. A eleição é daqui a apenas duas semanas, e o jantar de hoje é o mais importante da campanha do meu pai, talvez até de toda a sua carreira. O dia todo, sinto o leve zumbido de ansiedade no fundo da cabeça, mas, graças a uma ligeira alteração nos meus remédios – sem falar do apoio de Solo e Bec, que ficam em contato comigo o dia todo por mensagens de texto –, eu aguento firme. Consigo até prestar atenção em Pré-Cálculo.

Ajuda o fato de que não tive mais notícias do *stalker* anônimo. Quem quer que seja, deve estar só tentando me assustar. Talvez tenha invadido minha conta e descoberto meu nome verdadeiro, não quer dizer que saiba quem eu sou. Dei uma pesquisada no Google e encontrei literalmente dezenas de Riley Cavanaugh nos EUA e no Canadá. Saber disso ajuda a acalmar meus nervos.

Mesmo assim, não estou no clima para mais drama – então evito o refeitório, refugiando-me na sala da srta. Crane. Solo e Bec vão comigo, e ficamos conversando com a professora sobre livros e animação japonesa enquanto comemos.

No caminho de volta para a aula, passo pelo meu armário quando um brilho de algo prateado na porta me chama a atenção. Paro para olhar e sinto um nó frio se formar no peito. Alguém cobriu o armário com fita adesiva. Dou um passo à frente. O cadeado foi removido.

Alguém arrombou meu armário.

Olho ao redor, com uma certeza súbita de que tem alguém me observando, mas o corredor está vazio. Está todo mundo almoçando ou na sala. Volto a me virar

para o armário, tiro a fita e abro.

Sai um odor forte e pungente quando a porta se abre. Vinagre? Fico pensando se o menino do armário ao lado deixou sua marmita ali por tempo demais. No começo, não parece estar faltando nada. Posso ver meus livros didáticos na pilha bagunçada de sempre. Coloco a mão para pegar *As bruxas de Salém* no alto, mas tiro imediatamente quando toco em algo gosmento. Limpo a mão no moletom, pego o celular e o uso para iluminar o lado de dentro do armário.

Meus livros – todos – estão manchados com sangue coagulado. Cambaleio para trás e levo a mão à boca. Quando olho mais de perto, sinto o cheiro de vinagre mais uma vez e me dou conta de que não é sangue, mas catchup. Também tem uns pingos de algo ligeiramente dourado – parece mel. A gosma toda escorre pelas laterais do meu armário. Coloco a mão e abro com cuidado a capa do meu livro de Francês: as páginas estão encharcadas, grudadas.

Fico olhando para a pilha de livros destruídos por um bom tempo, sentindo meu coração subir pela garganta, e o calor e a pressão se acumulam nos meus olhos. Não vou deixar que as lágrimas caiam. Não vou. Começo a fechar o armário, mas paro quando noto que tem algo colado do lado de dentro da porta.

São letras de revista recortadas:



Meu coração pulsa na garganta. Sinto vontade de vomitar. Quero gritar, mas não sai nada. Olho ao redor para ver se tem alguém olhando – não sei direito por que –, atravesso o corredor e arrasto uma lata de lixo na direção do armário. Puxando a manga do moletom para cobrir a mão como uma luva, coloco o braço lá dentro e jogo a pilha de livros dentro da lata de lixo. Eles caem no fundo com um baque, fazendo agitar uma nuvem de insetos. Então, me viro para a porta do armário e vou cutucando a colagem até sair. Jogo os pedaços de papel no lixo, depois tiro o moletom e o jogo em cima, cobrindo tudo.

Fico olhando com cara de idiota para a lata de lixo enquanto o zumbido na cabeça cresce, abafando todos os outros sons. Eu tinha pensado – com *muita* esperança – que meu *stalker* fosse apenas um estranho aleatório na internet tentando me assustar. Mas isso prova que não é o caso. O *stalker* está aqui, na minha escola. E sabe exatamente quem eu sou.

O sinal toca e levo um susto tão grande que solto um grunhido surpreso. Os alunos começam a encher o corredor. Rapidamente, fecho o armário e arrasto a

lata de lixo de volta ao lugar, deixando-a perto da porta do banheiro.

Depois entro, me tranco numa cabine e vomito.

Falta uma hora para sairmos. Estou em frente ao meu guarda-roupa, lutando contra o acesso mais intenso de disforia que já sofri. Meu corpo todo parece falso. Meu estômago se revira em náusea. Minhas mãos estão suando.

Ainda sinto o cheiro forte de vinagre. Não consigo tirar da cabeça as letras recortadas. Sacudo a cabeça com força, mas não adianta. Dou um tapa na cara, como as pessoas fazem quando pegam no sono ao volante. Dói, mas ajuda.

Fico olhando para a roupa que minha mãe separou pendurada no guarda-roupa. Finalmente, crio coragem para co-locá-la. Visto-me o mais rápido possível, só para acabar com isso logo. Depois que me visto, paro na frente do espelho novo do banheiro e me obrigo a olhar. Abro o armário de remédios só um pouquinho, lançando uma série infinita de reflexos meus no fundo do vidro. Olho para eles, torcendo para que, como uma palavra repetida várias e várias vezes, minha imagem perca sentido.

– Riley?

Levo um susto e me viro. É meu pai.

– Desculpa – ele diz, rindo um pouco. – Não queria assustar. – Ele estende a mão: está com três comprimidos alongados na mão. – A dra. Ann disse que você poderia tomar três hoje. Se quiser. – Ele sacode os comprimidos na mão como se fossem amendoins e estivéssemos em um jogo. Olho para o rosto dele e encontro um desconforto genuíno em seus olhos. – Escuta – ele diz, desviando o olhar –, sua mãe contou o que você disse e eu… bom, queria agradecer.

Inclino a cabeça.

– Agradecer pelo quê?

– Eu sei que você… não gosta desses eventos. Sei que são difíceis pra você, com a ansiedade e… tudo mais. – Ele limpa a garganta. – E fico feliz por você ir. Não só pelas aparências, sabe, mas porque é bom ter você lá. Apoiando seu pai. – Ele encolhe os ombros. – É só isso.

Seu lábio treme um pouco. Nunca o ouvi se atrapalhar com as palavras assim antes – e, pela primeira vez, sinto que é hora de contar para ele. Agora. Está na hora de dizer como me sinto com essas roupas. Como queria ser “um dos caras” com Solo e como quero que Bec me deseje. Está na hora de contar de quando Sierra me chamou de “aquilo” e Vickers perguntou “aquele é o traveco novo?”.

Sobre o catchup – *o sangue* – em cima de todos os meus livros. A mensagem no meu armário. O *stalker* que conhece meu nome.

Estou carregando essa pressão dentro de mim por tanto tempo – não só desde que entrei em Park Hills nem mes-mo desde que saí de Pineview, mas talvez desde criança. E, depois de tudo o que aconteceu nas últimas semanas, foi ficando insuportável. Quero desabafar. Preciso desabafar. Preciso que meus pais saibam quem eu sou.

Está na hora de me assumir.

Mas, então, olho para o meu pai e vejo como as rugas em sua testa ficaram mais fundas e seus cabelos grisalhos não se limitam mais apenas às têmporas. Sob seus olhos, vejo os semicírculos escuros que ele se esforça tanto para esconder das câmeras.

Daqui a uma hora, ele vai entrar em um salão de baile repleto de câmeras e vou estar logo atrás. Então, não, talvez agora não seja a hora. Vou contar depois do evento. Hoje, quando voltarmos para casa.

Vou contar para os dois.

Estendo a mão. Ele joga os comprimidos na minha mão e os engulo.

Fico em silêncio na limusine, só olhando pela janela e fazendo as respirações profundas da dra. Ann. Meu pai me lança olhares de preocupação. Ele acha que não percebo, mas percebo sim. Minha mãe, por outro lado, nem se esforça para esconder a inquietação. De tantos em tantos minutos, olha para trás para ver como estou. Em certo momento, ela pergunta:

– Como está se sentindo, bebê?

Finjo um sorriso breve.

– Vou ficar bem quando nos sentarmos.

A “entrada triunfal” é sempre a pior parte. Esses eventos de arrecadação de fundos são basicamente jantares extravagantes que o candidato dá para si mesmo, fingindo o tempo todo que foi ideia de seus correligionários, como se ele e sua equipe não tivessem passado o último mês decidindo o cardápio e alterando a disposição dos assentos. Para alimentar a tensão teatral, o candidato e sua família têm de chegar atrasados, conforme a tradição – o que significa que fazemos um desfile através de um salão de baile de hotel lotado em meio a flashes de câmera e aplausos ensurdecedores. Em resumo, mesmo sem a disforia, é uma perfeita tempestade de gatilhos de ansiedade. O que é o motivo por que a

dra. Ann aumentou minha dosagem para esta noite. Por si só, o remédio não diminui realmente a ansiedade. Apenas faz com que eu me importe menos em me sentir assim. Como se estivesse distante da ansiedade. Como se estivesse me observando *de cima*, vendo-me desviar de um ataque iminente.

A limusine para nos fundos do hotel e um valete abre a porta para mim. Saio e sigo meus pais por um pequeno lance de escadas, atravessamos uma porta de aço e entramos no corredor de serviço. A equipe do meu pai nos cerca, com o eco dos saltos de Shelly no piso branco, Elias erguendo as mãos à lapela para ajustar o microfone do rádio. Ele abre um grande sorriso e me fala algo, mas não escuto. Apenas aceno com a cabeça.

Eles nos guiam pela cozinha, passando por entre fileiras de prateleiras de aço inoxidável e enormes tampos de fogão a gás. Penso vagamente em como essa é a parte da política que glamorizam na TV. Na vida real, tudo se resume a cheiro de banha frita e lixo de restaurante.

Estamos na porta do salão, e minha mãe vira para mim para o que chama de "últimos ajustes". Ela arruma um fio solto do meu cabelo, depois tenta em vão alisar um vinco na minha roupa.

– Vamos? – ela pergunta.

Olho para ela. Em algum lugar distante, consigo sentir meu coração batendo contra o esterno. Com um riso contido, imagino-o quebrando o esterno e deslizando pelo piso de borracha da cozinha rumo à liberdade. Agradeço em silêncio à miligrama e meia de Xanax passeando pela minha corrente sanguínea.

– Vamos – respondo.

O sistema de alto-falantes do salão de baile ganha vida e uma voz abafada nos anuncia. A porta se abre, e somos levados para o meio do caos de luzes brilhantes e gritos altos de viva. Elias está atrás de mim, garantindo que eu não leve um tombo enquanto subimos os degraus para o palco onde meu pai vai apresentar a família e dizer algumas palavras antes de servirem o jantar.

Enquanto atravesso o palco atrás do meu pai, sinto trezentos e cinquenta rostos se voltarem na nossa direção e percebo de repente que não sei mais como andar. Minhas pernas titubeiam, meus joelhos cedem. Olho para meus pés, tropeço e tombo para a frente.

Elias me segura, mas não antes de uma exclamação audível surgir da multidão. Meu pai vira para olhar, com uma mistura de preocupação e vergonha no rosto, enquanto Elias me coloca em pé. Minha mãe dá um passo na minha direção. Levanto as mãos para mostrar que estou bem.

Viro para o público e murmuro:

– Já era aquela bolsa de atleta. – Um dos microfones no palanque capta minha voz, amplificando-a e fazendo-a ecoar pelas paredes cobertas de papel de seda para dentro dos ouvidos dos constituintes que lotam o salão. No começo, há um silêncio e então uma senhora no fundo solta uma gargalhada aguda. Um momento depois, o salão irrompe em risos e aplausos, e faço uma reverência irônica.

Na hora da sobremesa, o efeito do Xanax está começando a passar, mas não tem problema. O pior já foi, agora tudo que preciso fazer é acenar e sorrir e fingir que estou comendo o pedação de laticínio gelatinoso que colocaram na minha frente. Minha mãe me vê mexendo no *cheesecake* com o garfo e tira um quadrado de chocolate amargo da bolsa. Aceito, agradeço e ela sorri.

Depois de um tempo, alguém anuncia meu pai e ele pede licença para subir ao palanque para o discurso. Ouço minha voz lhe desejando boa sorte.

Quando ele termina, o público explode em aplausos e vivas. O barulho é bem forte e queria poder cobrir as orelhas, mas sei que, se apenas sorrir e bater palmas com os outros, logo mais vou estar na segurança do carro.

Minha mãe faz com a boca:

– Tudo bem?

Faço que sim e sorrio.

E então termina, e Elias e Shelly nos guiam pelo caminho por que entramos, através do salão de baile até a cozinha. Está menos cheio aqui; meu coração bate mais devagar. Vamos atravessando o labirinto de aço inoxidável até o corredor de serviço. Faltam só alguns passos e estaremos no carro. Minha respiração fica mais regular e solto um riso de alívio; vou conseguir. O pior já passou. Viramos à direita no corredor e chegamos à saída. Elias leva a mão à porta.

Ela se abre para uma rajada de luzes tão fortes quanto uma explosão nuclear. Ergo as mãos para cobrir o rosto. O estalo dos obturadores de câmera e o som dos sapatos sobre o concreto crescem em uma muralha de sons, misturando-se às vozes berradas de repórteres à nossa frente, deixando suas pala-vras indistinguíveis.

É comum sermos parados pela mídia após um evento, mas a energia aqui está frenética demais, aguda demais, como uma matilha de coiotes pulando em cima da presa.

Algo está errado.

Elias para na minha frente, abrindo os braços como uma cerca.

Meu pai ergue as mãos.

– Certo, pessoal, por favor, abram espaço para a minha família.

Uma loura alta acotovela todo mundo para chegar à frente e enfia um microfone na cara do meu pai.

– Deputado Cavanaugh! Como essa revelação vai afetar sua campanha para a reeleição?

Mas, antes que meu pai possa responder, um homem de terno cinza grita:

– Como seus constituintes conservadores vão reagir?

E então todos começam a se empurrar para a frente, chamando nossos nomes e gritando perguntas, uma multidão ondulante de rostos e microfones.

– Deputado Cavanaugh!

– Há quanto tempo o senhor sabe sobre Riley?

– Você apoia a opção por esse estilo de vida?

Olho para o meu pai. Ele está boquiaberto. Seu rosto é uma máscara de confusão. Elias me segura e me enfia entre meus pais, depois avança na frente para abrir caminho rumo ao carro. Damos alguns passos, mas a multidão de repórteres só avança mais.

E então uma mulher baixa de terno rosa irrompe pela linha e aponta o microfone para mim.

– Riley – ela pergunta –, como seus pais reagiram quando você lhes contou sobre sua identidade de gênero?

28

Quando saímos do estacionamento do hotel, fico esperando que meu pai comece o interrogatório; mas ele apenas olha para mim e diz:

– Conversamos sobre isso em casa.

Quando viramos a esquina, ela está entupida por repórteres e vans de jornalistas. Elias abre caminho, andando devagar com a SUV, e vamos seguindo atrás na limusine até chegarmos à saída. Mais tarde, saímos do carro, lutando contra outra multidão de jornalistas. Finalmente, Elias nos empurra pela porta da frente e a fecha atrás de nós. A campainha toca duas vezes e alguém bate na porta – então ouço Elias erguer a voz e as batidas cessam.

Ficamos paralisados no vestíbulo escuro, esperando que o tumulto lá fora diminua. Olho fixamente para o piso, evitando contato visual com meus pais enquanto Elias tira o pessoal da entrada e insiste para que saiam do terreno. Ouvimos as vozes se afastarem. Duas vans dão partida e vão embora.

Por fim, Elias coloca a cabeça pela porta.

– Eles estão se dispersando.

– Obrigado, Elias – diz meu pai.

– Deve ser melhor vocês ficarem em casa hoje. Liguem se precisarem de alguma coisa.

Meu pai faz que sim e Elias fecha a porta.

Depois só restamos nós três, em pé, na casa escura. Ainda não consigo olhar para nenhum dos meus pais, então fico encarando o piso e tentando respirar. Agradeço mentalmente quando minha mãe coloca a mão sobre meu ombro e acende a luz do corredor.

– Vamos sentar – ela chama e se volta rumo à sala de estar. Seguimos atrás.

Sento no longo sofá marrom. Minha mãe se senta ao meu lado, deixando um espaço pequeno mas perceptível entre nós. Meu pai se senta na grande poltrona em frente.

Meu pai expira, afrouxa a gravata e a retira.

– Riley – ele diz –, do que eles estavam falando lá fora?

Não respondo.

Ele dobra a gravata uma, depois duas vezes.

– Você precisa conversar com a gente.

Não era para ser assim nossa conversa. Era para acontecer em terreno neutro, não sinto nem um pouco de calma ou segurança e esse não foi o plano que elaborei com a dra. Ann. Não é justo. Sinto meus olhos se encherem de lágrimas, mas me contenho. Queria outro Xanax. Queria que isso acabasse logo. Queria poder simplesmente apertar o botão de avançar o tempo e pular essa parte como se fosse um comercial chato.

Mas não posso. Tem de ser agora.

Minha boca está seca e, quando falo, minha voz parece de outra pessoa.

– Eu sou… – As palavras parecem estranhas e desajeitadas. Eu as obrigo a sair. – Sou gênero fluido.

Não há resposta. Nenhuma surpresa ou pigarreio. Apenas silêncio.

Sem saber o que mais dizer, repito:

– Sou gênero fluido.

Minha mãe se remexe no sofá.

– Isso quer dizer… – Sua voz embarga e, quando ela volta a falar, está mais suave: – Você é homossexual?

Faço que não, procurando uma maneira de explicar.

– Não. Quer dizer que eu… É como se… a maioria das pessoas acorda e sabe quem é. Como você sabe que é mulher. Você se sente assim, se *sente* uma mulher. Faz sentido pra você.

Ela me encara como se eu estivesse falando grego.

– Desculpa – digo. Lágrimas de frustração turvam minha visão e as seco. – Eu tinha tudo isso organizado, como explicar, mas é só meio que… – Abro as mãos. Elas estão ardendo e formigando. Respiro fundo. – Gênero fluido quer dizer que às vezes me sinto como uma menina. E, às vezes, como um menino. Então o… – Perco a voz.

O silêncio reina por um bom tempo. Finalmente, olho para minha mãe. Ela

está olhando para além de mim, para algum ponto invisível na parede.

– Ah – ela diz. Seu tom é gentil, distante. – Então é… você é transexual.

Ouço uma leve veia de desprezo nessa última palavra e sinto um choque cortar meu peito. Minha mãe percebe minha reação e abana a cabeça. Ela abre a boca para dizer algo, mas não sai nada.

– Não – respondo. – É parecido, só que mais complicado.

Devagar, morrendo de medo do que posso encontrar em seu rosto, mas sabendo que preciso olhar, viro para meu pai.Seu maxilar está rígido, suas bochechas pálidas.

– Há quanto tempo você sabe disso? – ele pergunta.

– Fui entender no ano passado – digo; as palavras saem mais facilmente. Como se precisassem sair. – Logo antes do grande jantar, lembra? Eu me tranquei no quarto?

Ele vai lembrando aos poucos. Meu coração pula; ele entende.

– Mas acho que sempre soube que era diferente. Só não tinha uma palavra pra isso.

Ele me dá um aceno compreensivo.

– Mas o que não entendo – minha mãe diz, olhando para o meu pai e se voltando para mim – é como a mídia foi descobrir antes de nós.

Tento engolir em seco, mas minha garganta está tensa demais. Olho de volta para meu pai, na esperança de que ele intervenha no meu lugar, mas ele apenas me olha com expectativa. Umedeço os lábios.

– Eu abri um… um blog. Era anônimo e aí…

Fecho a boca quando meu pai se levanta abruptamente. Seu rosto está vermelho, a veia em sua têmpora pulsa. Ele abre e fecha a boca como um peixe fora d’água, mas parece incapaz de falar.

Minha mãe o interrompe, com a voz trêmula:

– Você colocou isso na internet?

– Eu não… eu usei um nome falso, mas alguém descobriu…

– Bom, é claro que descobriram! – A voz do meu pai é quase um berro. – Sou um deputado dos Estados Unidos disputando a reeleição, Riley. Pelo amor de Deus, você não acha que está cheio de gente lá fora tentando descobrir todos os podres da minha família? – Seu olhar é febril, as veias em seu pescoço tensas de fúria.

Tentando descobrir *podres*?

Engulo em seco.

– Pai, desculpa. Nunca quis que isso…

– Um mês fora de Pineview, Riley. Nem acabamos de lidar com *aquela* bagunça e agora você fica espalhando sua fase bissexual na maldita internet?

No momento em que suas palavras saem, seu rosto fica pálido. Ele olha para minha mãe, depois de volta para mim. Quando volta a falar, sua voz é baixa e trêmula:

– Riley. Não queria…

Mas não me importo. Levanto, tremendo de fúria.

– Você acha que não sinto a pressão da sua campanha todos os minutos do meu dia? Acha que não sei que não passo de um problema de relações públicas pra você? Troquei de escola por você. Visto *isto* por você. Escondo quem eu sou por você. Vou ao médico e tomo os remédios certos e não fico espalhando nada disso! Compartilhei o que sinto anonimamente e algum filho da puta me expôs!

Fico em pé, tremendo, fora de mim. Meu coração está na garganta. Prestes a explodir. Meu pai me olha fixo, com a boca tensa, os olhos vermelhos e arregalados. Viro tão subitamente para minha mãe que ela recua.

Passo o braço pelos olhos, fungo e me volto para o meu pai.

– E essa não é uma *fase*, deputado. É quem eu sou.

Viro e corro para a porta de entrada, pegando as chaves da minha mãe no pote sobre a mesa do corredor. Ouço vozes atrás de mim, me chamando de volta, mandando que não saia de casa, mas não me importo. Abro a porta com tudo, entro na minivan e parto rumo à escuridão.

29

Dirijo sem rumo.

Meu corpo está em chamas de tanto que formiga. Meu peito está tenso, minha visão tão afunilada que pareço estar olhando pelo lado errado de um telescópio. Não sei dizer se estou dirigindo a oito ou oitenta quilômetros por hora.

Eles sabem. *Todo mundo* sabe. Meu pai… ainda escuto a fúria em sua voz; sinto-a no meu corpo como um golpe físico. Um soco no estômago, tirando meu ar.

Então dirijo sem rumo.

Dirijo sem pensar, disparando pela Imperial Highway. Em cima dos trilhos de trem. Em direção à casa de Bec? Não faço ideia. Procuro o celular no porta-copos, pensando em ligar para ela, ligar para alguém – mas estou sem celular. Deixei em casa. Não trouxe nem minha identidade.

As luzes estão apagadas no Buraco de Bala e o estacionamento está em silêncio. Sacudo a porta trancada, depois olho ao redor em busca de algo para quebrar o vidro. E então me dou conta de como isso é idiota; afinal, não tem ninguém lá dentro. Volto correndo para a minivan.

O relógio no painel diz que faltam dez para a meia-noite. É terça-feira. É claro que Bec não está aqui; ela está em casa. E deve estar dormindo – mas não tenho mais aonde ir. Volto para a Imperial e acelero rumo à casa dela.

Os postes no quarteirão dela continuam apagados e sua casa está escura quando estaciono. Tem uma caminhonete verde velha na entrada. É do Erik? Não sei. Levo a mão às chaves para desligar a van, pensando em sair e bater na janela de Bec – e é então que a caminhonete na entrada ganha vida. Levo um

susto com o ronco do motor. Um único farol ilumina a porta da garagem com uma mancha laranja.

– Ei! – grita uma voz dentro da caminhonete.

O pânico dispara dentro de mim.

Saio do meio-fio cantando pneu, faço uma curva abrupta à direita e piso no acelerador. Estou descendo a Imperial no sentido oposto, a mil, sem saber aonde estou indo, sem me importar. As ruas estão quase vazias; não passo por ninguém. Olho pelo retrovisor, em busca da caminhonete, mas só avisto um farol, talvez de uma motocicleta, muito atrás de mim.

O zumbido na minha cabeça fica mais alto. Meus ouvidos se enchem do som de estática, como água corrente; o pânico cresce. E, junto com ele, cresce um frio no fundo da minha barriga – uma certeza leve e desesperada: tudo que eu estava escondendo, tudo que eu estava protegendo, não importa mais.

Os pneus dão um solavanco quando a minivan passa pelos trilhos de trem de novo. Lembro de Andie Gingham…

E, de repente, é tão claro para mim por que ela queria pular.

Sinto que a água está me envolvendo, subindo pela minha boca. Estou arfando sem ar. Freneticamente, abro a jane-la para respirar um pouco. O zumbido do motor ecoa contra a passagem subterrânea de concreto da estrada. Meu corpo vibra com agulhadas elétricas. Minha visão está borrada. Preciso fazer alguma coisa. Preciso ir a algum lugar.

Em algum momento, faço uma curva. Passo pela antiga loja de ferramentas. Passo pela loja de móveis interditada com a mensagem pichada: TÁ TUDO LIQUIDADO.

Nem sei direito o que estou fazendo quando estaciono atrás do prédio em ruínas de três andares sem janelas – o cinema a céu aberto em que Bec vinha com Gabi antes da galera do futebol americano tomar conta –, desligo o carro e saio. Bate um vento forte de outono, espalhando as folhas mortas amontoadas ao lado da lixeira, depois sobe em um redemoinho que chacoalha a frágil saída de incêndio.

O estacionamento está vazio. Não há nenhuma luz brilhando no pátio. Bec não está aqui; ninguém está. Estou só.

Penso nas mãos do meu pai dobrando a gravata. No espaço que minha mãe deixou entre nós no sofá. Escuto o sangue bombear pelos meus ouvidos. Uma nova onda fria de palpitação toma conta de mim. Sacudo a cabeça. Não posso pensar nisso. Preciso fazer alguma coisa.

Qualquer coisa.

Olho para cima. Lá no alto, a lâmpada do poste pisca intermitente, e vejo o brilho do metal novo contra a estrutura enferrujada da saída de incêndio. A escada foi recolhida e colocaram uma corrente nova de aço em volta dela, travando-a longe do alcance.

E, de repente, quero subir naquele terraço. *Preciso* subir naquele terraço. Caminho até a lixeira e começo a arrastá-la na direção da escada, mas ela para no meio, quase distendendo meus braços; também está acorrentada. Olho ao redor em busca de alguma coisa onde pisar – um engradado, um caixote, qualquer coisa –, mas não há nada.

O pânico cresce dentro de mim como uma bile fria, ameaçando me afogar.

Corro de volta para o carro, entro e ligo o motor. Vou me aproximando devagar do prédio até o para-choque encostar nos tijolos, depois desligo o motor e saio.

Com o coração a mil, subo no capô plano do carro e tento alcançar a escada. Ela continua quase um metro acima da minha cabeça. Respiro fundo, flexiono os joelhos e pulo.

Meus dedos mal tocam a superfície fendida e enferru-jada do degrau mais baixo, e caio. Meu pé desce em um ângulo torto e escorrego, caindo de lado, com o quadril batendo no capô logo antes de a minha cabeça acertar o para-brisa.

Minha visão escurece.

Quando recupero a consciência, posso jurar que ouço risos. O som do motor velho de um carro parado. Portas se abrindo e se fechando. Portas pesadas. A caminhonete que estava na casa de Bec – deve ter me seguido até aqui. Abro os olhos e minha visão fica ofuscada por um mar de luz laranja.

Uma voz diz:

– Olha só quem tá aqui.

Estreito os olhos. Minha visão está turva, mas vejo duas, talvez três silhuetas vindo na minha direção, lançando longas sombras fracas no feixe de um único farol.

– Procurando a namoradinha, bicha maldita?

Sinto um nó no estômago; reconheço a voz. Ergo a mão para proteger os olhos da luz. São três pessoas. Um rapaz alto de ombros largos com o cabelo viscoso é o que está mais perto de mim. Ao lado dele, um menino menor. A luz forte do farol lança um brilho avermelhado em volta de sua cabeça e embranquece as lentes de seu óculos de aro fino. Atrás dos dois, ainda perto da caminhonete, está

o mais alto dos três. Vejo sua silhueta, seu braço em uma postura estranhamente formal.

– Eu fiz uma pergunta – ele diz. Ele fica sob o feixe do farol e vejo seu braço engessado. O pânico toma conta de mim.

É Jim Vickers.

Tento engolir, mas minha garganta está seca. Talvez só tenham vindo aqui para beber. Talvez vão só me provocar e depois me deixar ir embora.

– Já vou… já vou embora – viro, pretendendo descer do capô e me proteger atrás da van.

– Espera – Vickers diz, com a voz estranhamente suave, e então uma mão agarra meu tornozelo. Meu coração dá um espasmo no peito. Viro de barriga para baixo, tentando me livrar, mas ele puxa meu pé em sua direção. Prendo os dedos das mãos no espaço entre o capô e a lateral do carro. Não posso deixar ele me encurralar. Preciso me soltar.

Vickers resmunga, puxa minha perna com mais força. Uma das minhas mãos escapa, mas consigo voltar a me segurar.

– Cole – Vickers diz. – Me ajuda aqui.

Sinto uma mão segurar meu outro tornozelo. Eu me esforço para chutar, mas são mãos fortes demais.

– Ah, vem logo – Vickers diz, quase dando risada. Eles puxam com força e minhas palmas fazem um ruído agudo enquanto me arrastam para trás pelo capô. Meus pés tocam o asfalto e então alguém bate minha cara contra o metal quente, prendendo-me contra o capô.

– Você tem o direito de permanecer em silêncio – diz o cabeludo.

Eles dão risada. Eu me esforço para levantar, mas as mãos me empurram de volta para baixo.

– Vamos logo, gente – diz uma terceira voz. – Não quero ser pego aqui.

– Cala a boca, Grady – Vickers diz. – Alguém quer apostar no que temos aqui? Aposto dez pilas que é menina.

– Essa coisa é feia demais pra ter buceta.

Outra gargalhada. Então Vickers fala:

– Só tem um jeito de descobrir.

Sinto uma mão segurar minha coxa e grito. Outra mão cobre minha boca. Eu me debato no capô, esperneando freneticamente.

– Grady, vem aqui.

O terceiro menino avança.

– Segura os braços.

Meus braços são afastados e segurados de maneira que meu corpo fica estatelado sobre o capô. Alguém agarra um punhado do meu cabelo.

E então seu rosto toca no meu pescoço. Seus lábios secos estão na minha pele. Seu hálito fede a cerveja.

Ele sussurra:

– Não é tão forte agora, é? Sua aberração do cacete. – Batem minha cabeça contra o capô de novo. Vejo estrelas. Sinto meu corpo todo ficar mole.

Ele se pressiona contra mim com mais força. A barba por fazer raspa na minha bochecha, sinto seu bafo na minha cara. Sua mão segura minha coxa, depois sobe por entre minhas pernas.

– O que você tem aqui embaixo, hein? O que você tem pra mim?

Encontro só duas palavras.

– Por favor – digo. Minha voz soa fraca, frágil. – Por favor.

Ele vira a cabeça.

– Apaga as luzes.

Alguém solta meu braço, mas não me debato. Não grito. Só continuo imóvel. O farol se apaga.

O polegar dele se prende na minha roupa de baixo.

Sinto o ar frio da noite contra a minha pele. Eu me concentro no metal liso e quente sob as minhas bochechas. Fico olhando para o para-brisa, observando o reflexo da lâmpada bruxuleante se acender e desaparecer.

E então, de repente, tudo se ilumina. *Flashes de câmera*, penso, vagamente. *Eles vieram para tirar fotos*. Mas a luz não se apaga.

E então ele sai de cima de mim. As mãos me soltam, e ouço passos se afastando. Portas batendo, a caminhonete dar ré, depois sair cantando pneu no asfalto esburacado. Quero me mover, mas meu corpo está todo dormente. Bate o vento e sinto o ar frio da noite nas minhas nádegas. Continuo imóvel por um momento, com o corpo caído sobre o capô, e então sinto meus ombros começarem a tremer. Mas não sou eu quem está chorando. É outra pessoa chamada Riley. Rolo para o lado, levanto a calça jeans e desço escorregando pela lateral do carro até a calçada.

E então uma mão enorme toca meu ombro. E solto um berro.

– Riley, tá tudo bem. Tá tudo bem. – É a voz de Solo.

Ergo os olhos. Solo e Bec estão na minha frente.

– Vai ficar tudo bem.



Sento no banco de passageiro do carro de Solo abraçan-do meus joelhos. Mesmo no banco de trás, Bec tenta segurar minha mão, mas não quero soltar as pernas. Solo me diz que estão me levando para o Hospital Comunitário de Park Hills.

Pensei que tivesse um lugar especial em hospitais para coisas desse tipo. Não tem. Sento na sala de espera do pronto-socorro. Solo conversa com a mulher atrás do balcão enquanto Bec segura minha mão. Tem um senhor de idade com um tanque de oxigênio sentado à minha frente. Do outro lado, um bebê berrando. Uma mulher de moletom marrom tenta fazer com que ele fique quieto. Solto a mão de Bec para tapar os ouvidos e fecho os olhos.

Estou numa sala grande com dez outras camas. Uma fina cortina azul me separa dos outros pacientes – mas as sombras dispersas que se movem atrás fazem eu me sentir ainda mais visível. Finalmente, a cortina se abre e uma mulher alta entra. Ela tem um longo rabo de cavalo castanho-escuro e uma blusa vermelha sob o jaleco branco. Ela se apresenta, dra. Amala, e pede permissão para me examinar. Faço que sim com a cabeça. Ela veste um par de luvas azuis de silicone.

Franze a testa enquanto trabalha, como se estivesse arrumando uma bagunça desagradável.

Minha mãe chega antes da polícia. Não quero falar com ela.

O oficial Dinning é educado e gentil, mas isso não importa. Mal sinto qualquer coisa. Eu me sinto um manequim, como se as partes sendo cutucadas e examinadas não pertencessem a mim.

Preciso me deitar para os exames. Sinto um frio na barriga.

Corre tudo bem até o policial começar a tirar fotografias. Quando o primeiro *flash* dispara, tenho um sobressalto, espalhando o kit de exames sobre o carrinho de metal pelo chão.

A dra. Amala repete algumas frases tranquilizadoras. Uma enfermeira solta um suspiro exasperado enquanto recolhe os conteúdos derrubados e sai para buscar um novo kit.

O oficial Dinning espera até eu me recompor.

– Você está bem?

Faço que sim, mas fico de olhos fechados durante o restante das fotos.

Acho que converso com a minha mãe. Nem lembro o quê.

Finalmente, me oferecem algo para dormir. Eu aceito.

Ouço a voz do meu pai e abro os olhos. Ele está debruçado sobre mim, com o rosto inchado. Quando nossos olhos se encontram, solta o ar como se estivesse prendendo a respiração há muito tempo. Ele aperta minha mão, mas não diz nada. Volto a dormir.

Quando acordo de novo, estou em outra parte do hospital. As luzes apagadas e o quarto vazio. Tem uma janela, mas as persianas estão fechadas. Posso ouvir o zumbido de máquinas e o som de vozes no corredor. Tento me sentar, mas uma dor aguda no abdome me impede – então volto a deitar e procuro o controle remoto da cama. Então ergo a cama até uma posição sentada. Minha cabeça dói e levanto o braço para tocar o rosto. Tem um grande curativo quadrado na minha têmpora esquerda e outro na bochecha. Meus lábios estão rachados, a língua inchada. Viro a cabeça para procurar água e percebo que minha *cabeça* toda está inchada. Seja lá o que tenham me dado para dormir me deixou extremamente

grogue.

Tem um copo plástico na mesa ao lado da cama. Tento pegá-lo e erro, derrubando-o no chão e fazendo barulho. A porta se abre. Meu pai e uma enfermeira entram correndo no quarto. Estreito os olhos quando a luz invade.

Meu pai se debruça sobre mim e pega minha mão enquanto a enfermeira me serve outro copo d'água, que bebo com a ajuda de um canudinho.

– Ei, Riley – meu pai diz.

Não consigo olhar para ele.

– Vou estar lá fora caso precisem de alguma coisa – a enfermeira diz, depois sai, fechando a porta atrás de si.

– Como está se sentindo? – meu pai pergunta.

Faço menção de responder, mas não consigo encontrar as palavras. Ele assente.

– Sua mãe está aqui. Ela foi sedada. Quando ficamos sabendo, ela… bom, nós dois… – Seu rosto fica rígido. – Jason Solomona conversou com a polícia. Eles nos contaram o que aconteceu. Quer dizer, tudo o que podiam contar. – Meu pai franze a testa, abana a cabeça. – Riley, eu sinto muito.

Quero agradecer com a cabeça. Dizer que está tudo bem. *Quase* digo isso. Mas algo me impede e simplesmente olho para ele e tomo outro gole d'água. Seus olhos se entristecem e perdem o brilho.

– O que posso fazer por você? – ele pergunta. A frase é um sussurro, quase uma oração. Nunca ouvi a voz do meu pai assim antes, tão frágil, tão desamparada. A raiva dispara pelo meu corpo, aquecendo meu rosto e fazendo minha cabeça inteira latejar. Que direito ele tem de ser fraco? De não saber o que fazer?

Mas não posso dizer nada disso. Não em voz alta. Então apenas balanço a cabeça e fecho os olhos. Depois de um tempo, uma enfermeira entra para me dar outro sedativo.

Quando acordo no dia seguinte, o torpor passou, mas sinto dores no corpo todo. Minha cabeça lateja, minhas per-nas doem e sinto um calor profundo no meu abdome, como se tivesse engolido um carvão em brasa.

Abro os olhos, pisco e minha mãe logo aparece ao meu lado, alisando os lençóis e tirando meu cabelo da testa e afofando meu travesseiro e uma centena de outras coisas ao mesmo tempo. O roçar de suas roupas lembra o bater de asas

de mariposa. Não parece cuidado, parece uma correção, como se eu devesse ter alisado os lençóis por conta própria e arrumado meu próprio cabelo e ficado apresentável para que ela não fosse obrigada a me ver assim. Quando recua para me observar, ela me encara com uma expressão suave de compaixão e remorso, e contenho uma vontade súbita de erguer a mão e dar um tapa na cara dela.

Ela se inclina para a frente e pressiona os lábios na minha testa. É como fazia para ver se eu estava com febre quando eu era criança. Agora, seus lábios parecem frios e estranhos na minha pele, e fico simplesmente imóvel até ela acabar. Quando volta a se sentar, sua expressão não muda, mas algo sob as aparências desapareceu. O olhar é mais vazio de alguma forma.

– Como você está se sentindo, bebê? – ela pergunta.

– Bem – digo, procurando o controle remoto. Minha mãe o encontra e o estende para mim. Tiro da mão dela com mais força do que pretendia.

Ela tem um sobressalto.

– Desculpa não estar aqui quando você acordou.

Dou de ombros.

– Nem lembro, mesmo. Tinham me enchido de remédios.

Ela sorri. Contenho a vontade de dizer que é mentira.

– Está com meu celular?

Ela faz que não.

– Desculpa, na pressa de vir para cá, a gente só… – Então, diante do meu olhar de decepção: – Vou pedir para o seu pai trazer.

Respondo com a cabeça.

– Bec e Solo ainda estão aqui?

– O Solo ficou até umas duas ou três, mas finalmente o convencemos a ir para casa e dormir um pouco. Ele prometeu que voltaria hoje.

– Tá. E a Bec?

Ela abana a cabeça.

– Sinto muito, bebê. Nem a vi. Mas não estavam deixando nenhum visitante entrar, só a família. Tenho certeza de que ela vem mais tarde.

Faço que sim, mas não tenho essa certeza. Algo na maneira como Bec agiu quando chegamos ao hospital, na maneira como evitou meu olhar, me faz pensar que ela não virá.

– Posso tomar mais um pouco de água? – pergunto.

Minha mãe sorri e volta a encher meu copo, depois conversamos. Não sobre mim, sobre o que aconteceu nem sobre nada importante. Conversamos sobre a

comida do hospital e que choveu ontem à noite pela primeira vez desde junho, e ela promete trazer meu laptop e alguns filmes já que é provável que eu passe mais uma noite aqui. É tudo tão artificial que mal consigo suportar, como comer um punhado de arroz e descobrir que a boca está cheia de plástico quente. Minha vontade é de cuspir tudo, jogar tudo para o alto e berrar com ela.

Então ela olha para mim, e seu rosto se contorce todo, como se estivesse levando uma punhalada. E não sei se é por mim, por ela ou só porque não suporta mais conter tudo que está sentindo dentro dela. Mas, por essa fração de segundo, ela volta a ser minha mãe. Como era antes da eleição. Antes de Pineview. Antes de tudo. E paro de falar. E ela sorri para mim. E começo a chorar.

Ela vem até mim e derrubo o copo d'água na cama e simplesmente deixo as lágrimas caírem. Ela me abraça e sinto a água morna se espalhar pelo lençol, molhando minha perna e encharcando minha blusa. Sinto sua bochecha maquiada contra a minha, seu brinco pressionando meu rosto. O choro vai crescendo e crescendo até virar um tremor frenético e, antes que eu me dê conta, uma enfermeira nos separa e injeta algo em mim, e o mundo fica difuso, depois branco.

Acordo de novo no fim da tarde. Minha mãe está encolhida numa cadeira de plástico, dormindo profundamente com a cabeça inclinada para o lado numa posição desconfortável. Quando meu pai nota que meus olhos se abriram, ele a cutuca e os dois puxam suas cadeiras para perto da cama.

– Você dormiu bastante – diz minha mãe.

– Eles devem estar te dando da boa – meu pai diz. Ele se debruça como se fosse desconectar minha veia. – Posso usar um teco?

Não sinto vontade de sorrir, mas me esforço. O efeito nos meus pais é visível. Minha mãe solta uma mistura de riso com soluço e cobre a boca. Os ombros do meu pai relaxam.

– Como você se sente? – ele pergunta.

– Sinto que, se alguém me fizer essa pergunta de novo, vou começar a atirar coisas.

Meus pais se entreolham. Minha mãe prende os lábios e meu pai limpa a garganta.

– Riley, queremos só que você saiba…

Eu os interrompo:

– A gente pode não… não agora? Não aqui?

O rosto da minha mãe se fecha. Meu pai parece aliviado.

– Está bem – diz meu pai. – Sim, claro. – Ele olha para a porta. – Riley, a polícia quer registrar seu depoimento.

– Não – eu digo.

– Riley, amor, quanto mais você esperar, mais chances eles têm…

– Não! – É quase um grito.

Minha mãe coloca a mão no joelho do meu pai.

– Está bem, bebê. Quando quiser – ela diz.

– Valeu.

Meu pai olha para a porta.

– Não sei se você está no clima de visita, mas Jason Solomona está lá fora esperando pra te ver. Se você quiser.

– Sim. Quero ver o Solo. – Passo a mão no cabelo e toco o curativo na minha bochecha. Viro para a minha mãe. – Mãe, você pode…

– Claro, bebê.

Meu pai sai e minha mãe pega um punhado de toalhas de papel do banheiro, as molha e limpa meu rosto. Depois de ficar mexendo no meu cabelo por alguns minutos, ela dá de ombros e sorri como se dissesse que não tem jeito. Ela me ajuda a ajustar a cama para uma posição sentada, me dá um antiácido com sabor de cereja da sua bolsa e beija minha testa antes de sair e fechar a porta.

Solo coloca a cabeça para dentro do quarto. Quando seus olhos recaem sobre mim, eles se arregalam por um segundo, mas ele logo se recupera e abre a porta. Está carregando uma sacola de compras marrom.

– Tudo bem se eu entrar? – ele pergunta.

– Sim. Mas pode apagar algumas lâmpadas?

Solo encontra os interruptores e apaga um dos conjuntos de lâmpadas fluorescentes.

– Melhor assim?

– Sim, valeu.

Ele puxa uma das cadeiras, coloca a sacola de compras e apoia os cotovelos na cama. Levo um pequeno sobressalto e ele recua.

– Foi mal – ele diz, com o rosto empalidecendo.

– Não, tudo bem. Só tô me assustando fácil hoje.

Com cuidado, ele se encosta na cama e, dessa vez, não me assusto. Ele começa a dizer algo, mas o interrompo.

– Por favor, não me pergunta como estou me sentindo.

Ele enfia a mão no bolso.

– Na verdade, eu ia perguntar se você quer bala. – Ele estende um punhado de balinhas cor-de-rosa e abre seu sorriso mais pateta.

– Sim – respondo.

Nos calamos desconfortáveis enquanto mastigamos as balas. Finalmente, quebro o silêncio.

– Bec veio com você?

Solo começa a falar, depois para e abana a cabeça.

– Que foi?

– Ontem à noite, depois que internaram você aqui, ela… ela pediu desculpa e disse que precisava ir.

– Você conversou com ela hoje?

– Liguei e mandei mensagem umas mil vezes. Ela não responde. – Ele encolhe os ombros. – Não sei o que tá rolando. Talvez tenha sido tudo muito intenso pra ela. Quer dizer… – Ele perde a voz, parecendo constrangido.

Uma dor fria e sinistra entra na minha cabeça. *Ela está com nojo*. É o primeiro pensamento que passa pela minha cabeça. Sei que deve ser errado, mas penso mesmo assim. *Ela sabe o que aconteceu e está com nojo de mim.*

– Não quero falar sobre isso – digo de repente e com mais firmeza do que pretendia.

Solo ergue as sobrancelhas.

– Tá bom. – Ele se remexe na cadeira, depois olha ao redor. – Só vim pra ter certeza se a cozinha do hospital está atendendo suas necessidades alimentares vegan.

Reviro os olhos.

– Acho que a cozinha do hospital não atende as necessidades alimentares de ninguém.

Solo dá risada, depois coloca a mão na sacola de mercado e tira uma pilha de DVDs.

– Trouxe todos os *Harry Potter*, os quatro primeiros discos de *Battlestar Galactica* e a sétima temporada de *Doctor Who*.

– Como assim, nenhum *Star Wars*?

Solo suspira.

– Queria trazer o original, o *Episódio IV* sem alterações, em que meu xará atira primeiro, como nosso senhor e salvador pretendia.

– Por que não trouxe?

– Só tenho em VHS e o videocassete velho do meu pai quebrou.

– Bom, nunca assisti a *Doctor Who*.

Solo fica boquiaberto, fingindo preocupação, como se eu tivesse acabado de contar que tenho uma doença terminal.

– Vamos passar por isso juntos – ele diz, colocando a mão grande sobre meu braço.

Eu sei que é uma brincadeira por eu não ter visto *Doctor Who*, mas isso meio que me pega – e, de repente, estou chorando de novo. Puxo meu braço e cubro o rosto.

Solo não me toca, mas se aproxima. Fala baixo, mas sua voz não é de pena ou tristeza, é apenas realista:

– Acho que isso vai acontecer por um tempo. As coisas fazerem você chorar sem motivo. Não tem nada de errado com isso. Minha mãe diz que chorar é só o jeito do corpo de expulsar coisas ruins. Tipo um espirro. Tipo um espirro da alma.

E, de repente, meu soluço vira uma risada. É um tipo de risada horrível e histérica, mas é melhor do que chorar.

– Espirro… Espirro da Alma – digo, tomando ar – é o nome da minha nova banda punk.

Comemos quase uma tonelada de balas e assistimos a cinco episódios seguidos de *Doctor Who*. Meu pai entra depois de uma hora e diz que precisa sair, mas que volta antes do jantar. Falo para minha mãe que ela pode ir com ele, mas ela insiste em ficar. Mesmo assim, não entra. Fica na sala de espera, “colocando as leituras em dia”.

Mando uma mensagem para Bec, mas ela não responde.

Quando chega o jantar, meu pai entra para dizer “oi”, depois nos deixa sozinhos de novo. Antes de fechar a porta, lança um olhar para Solo que deixa completamente óbvio que agora acha que Solo é meu namorado. Fico me perguntando em silêncio se meus pais vão entender algum dia. As enfermeiras entram duas vezes para me dar os remédios e checar meus sinais vitais. Solo

come minha gelatina.

Por fim, entra uma enfermeira e fala que ele só tem mais dez minutos antes do fim do horário de visita. Quando ela sai, Solo volta-se para mim, com os olhos sérios.

– Quero falar uma coisa.

Faço que tudo bem, mas não sei direito se quero ouvir.

Solo abaixa os olhos e morde os lábios, como faz quando está jogando videogame, depois olha para mim.

– Desculpa pelo que eu falei.

Franzo a testa, sem entender.

– O que você falou sobre o quê?

– Lá no Anos Reagan. – Sua voz está mais grave do que o normal. – Eu disse que você… que você *estava pedindo*. Pela maneira como se veste. Lembra? Falei que você estava pedindo por uma briga. Chamando as pessoas para… – Ele limpa a garganta. – E eu queria que você soubesse… que isso é baboseira. E não foi legal eu falar aquilo.

Olho para ele. Seu rosto, normalmente alegre – até meio palhaço –, está sério.

– Valeu por dizer isso. Mesmo. E por estar aqui.

Solo sorri. Depois se abaixa para pegar a sacola aos seus pés. Quando volta a se levantar, está segurando um pacote marrom felpudo. Por um instante, penso que trouxe um animal para o hospital. Depois me dou conta do que é: sua mochila do Chewbacca.

– Quero que você fique com ela – ele diz, mas parece segurar a mochila com mais força.

Estendo o braço e acaricio a pelúcia macia, lembrando de como Solo fez parecer que não era nada demais ter parado de usá-la. Mas ele a guardou. Depois de todas as provocações, ele a guardou.

– De jeito nenhum – digo, abanando a cabeça. – Esse é o seu símbolo de esquisitão. Já tenho os meus, ok?

Ele franze a testa, depois olha para o rosto do Chewbacca de pelúcia. Sua expressão relaxa e, devagar, os cantos de sua boca sobem em um sorriso aliviado. Ele estava disposto a dar a mochila para mim, mas acho que, na verdade, ele queria ficar com ela.

– Solo – digo. Ele ergue os olhos. – Como vocês… vocês chegaram lá bem na hora… Como…

– Como a gente sabia onde te encontrar? – ele pergunta.

– Isso. Como vocês sabiam que tinha alguma coisa acontecendo?

– Bec me ligou. Ela viu na internet o que tinha acontecido no evento do seu pai. Ela estava meio que pirando. Disse que você não atendia o celular. Falou para eu passar e pegar ela, daí eu fui.

– E vocês foram direto até mim?

Solo faz que não.

– Fomos para a sua casa, mas seus pais disseram que você já tinha saído. Ficamos muito preocupados. Eu queria tentar ir para a casa da Bec de novo. Imaginei que você estaria lá.

– Eu estava. Mas fui para o Buraco de Bala primeiro – explico.

– Olhamos lá também. A gente deve ter passado lá logo depois de você. Mas, como você não estava, Bec parecia ter certeza de onde ir. – Solo engole em seco. – Ela estava agindo estranho. Tipo, eu também estava preocupado… mas ela estava pirando, como se soubesse que alguma coisa ruim iria acontecer. – Ele olha para o suporte de medicação que vai até o meu braço. – Ela estava certa.

Olho para o lençol verde-claro me cobrindo. Como ela poderia saber?

– Você sabia que ela teve uma irmã transgênera? – pergunto. Solo faz que sim. – Talvez tenha algo a ver com o jeito como ela reagiu.

Solo olha para mim, piscando, como se estivesse processando a informação.

– Talvez – ele diz. Ficamos em silêncio por um minuto e depois ele coloca a mão na sacola de novo. – Última bala?

Nós a dividimos no meio e Solo promete passar na minha casa para assistir a mais *Doctor Who* quando eu estiver de alta.

Quando sai cinco minutos depois, Solo está com a mochila nas costas.



Finalmente, tenho alta na manhã de quinta. Minha mãe arruma um substituto para assumir as aulas dela enquanto fica em casa comigo. Toda vez que vem ver como estou, insiste em abrir as cortinas para deixar o sol entrar e, depois que sai, preciso me levantar para fechá-las; a luz incomoda meus olhos. Finalmente, mando que ela pare, e ela obedece.

Tenho medo de assistir à TV ou entrar na internet. Não quero ouvir o que estão falando sobre mim e não quero saber como minha situação afetou negativamente a campanha do meu pai. Em vez disso, termino a sétima temporada de *Doctor Who* e depois Solo traz as próximas duas quando passa em casa depois da aula com minha tarefa de Política. Pergunto sobre Bec, mas ele não teve notícias dela. Ele fala isso com indiferença – afinal, ela já deu esse chá de sumiço antes –, mas algo em seus olhos me diz que ele acha que dessa vez é diferente. Eu também.

Naquela noite, demoro uma eternidade para pegar no sono – e depois, tenho pesadelos terríveis. São sombrios e intensos e vívidos, mas os detalhes desaparecem quando acordo, e me resta apenas a sensação ameaçadora de que algo terrível vai acontecer. A certa altura, acordo com meus próprios gritos, e meu pai entra e me dá um sonífero.

Na sexta, dois detetives aparecem em casa, mas me recuso a falar com eles. Meu pai discute comigo – até me dá um sermão sobre evitar futuros incidentes –, mas simplesmente travo e fico olhando para a parede. Depois de um tempo, eles vão embora.

No sábado, consigo descer e tomar café da manhã com meus pais. Quero que seja normal, mas não é. Meu pai sempre assiste ao jornal de manhã,

especialmente tão perto da eleição. Mas a TV está desligada – por minha causa, tenho certeza –, e o silêncio é insuportável. Além de tudo, meus pais estão agindo de maneira estranha, evitando chegar perto um do outro quando se cruzam no corredor. À noite, escuto os dois brigando.

Tenho certeza de que é por minha causa.

Não consigo evitar a sensação de que tudo isso é culpa minha. Que eu causei isso. Que, de alguma forma, provoquei que *ele* fizesse isso – não quero pensar no nome dele – quando o humilhei na frente dos seus amigos, quando quebrei seu braço de novo. Quando me recusei a ser simplesmente normal.

Meu pai estava certo; eu não deveria ter colocado meus pensamentos mais íntimos em público, onde podiam ser lidos por qualquer pessoa. Eu me sinto muito idiota por não ter me dado conta de que isso era um enorme risco – não só para mim, mas para ele e sua campanha. Tenho certeza de que prejudiquei suas chances de reeleição. Tenho vergonha também dos meus pais terem que ficar cuidando de mim; sou um fardo, algo quebrado, um peso puxando-os à beira de um precipício. E eles não conseguem me largar, então os puxo para baixo comigo.

A dra. Ann diz que culpa e vergonha são reações normais ao que eu passei. Ela me incentiva a fazer minha própria pesquisa na internet e conversar com os meus pais, mas é difícil para mim. O mais importante, diz ela, é interromper meus pensamentos quando sentir essas coisas e identificar que não são verdades – que são apenas uma reação ao que aconteceu. Estresse pós-traumático.

É difícil acreditar nela.

Vejo a dra. Ann no sábado, depois de novo na segunda. Não me sinto melhor, na verdade, só com a mente mais *clara*. Na minha cabeça, entendo o que está acontecendo e consigo ver os passos para superar. Mas, nas minhas entranhas, no meu coração, estou sem rumo. Como se estivesse no meio do oceano, nadando o máximo que consigo sem esperança de terra à vista ou sinal de progresso. Não vejo nenhuma praia, só um horizonte infinito e contínuo.

E a água escura, escura, sob mim.

No jantar de quinta, o silêncio é insuportável. Não era para o meu pai estar em casa. Ele deveria estar em eventos e coletivas de imprensa, e minha mãe deveria estar lá com ele. Não sou capaz de enfrentar tudo aquilo, não ainda – mas isso não deveria impedi-los.

Meu pai come devagar, sem dizer nada. Minha mãe vira as cenouras cozidas no prato com o garfo. Preciso fazer alguma coisa, dizer alguma coisa, ou isso vai ficar pior. Finalmente, limpo a garganta.

Eles olham para mim, surpresos e com expectativa.

– Como estão as pesquisas? – pergunto.

Meu pai olha para minha mãe, depois de volta para mim.

– Riley, essa deveria ser a última coisa na sua mente agora.

– Prefiro não pensar na primeira coisa na minha mente.

Meu pai pisca, engole em seco.

Pouso o garfo no prato.

– Quero conversar sobre outra coisa, alguma coisa real. Quero saber.

Nervosa, minha mãe passa o polegar na taça de vinho.

– Bebê, o que está acontecendo… não é culpa sua.

– Só me fala – retruco. – Não sou criança. Eu aguento. – Depois, com a voz mais suave: – Por favor.

Eles trocam outro olhar. Finalmente, meu pai me olha nos olhos e fala:

– Gutierrez subiu doze pontos. Os especialistas estão dizendo que vai ser apertado.

Faço que sim. Isso eu imaginei. Então, ainda olhando nos olhos do meu pai, pergunto:

– É por minha causa?

Meu pai fica ligeiramente boquiaberto, mas se recupera rápido.

– Não, é… – Ele abana a cabeça. – É assim que essas coisas funcionam. É um condado conservador. Qualquer tipo de história como essa… – Ele perde a voz, procurando o apoio da minha mãe. Parte de mim entende que ele está tentando me proteger… mas outra parte fica com raiva por ele pensar que sou frágil demais para suportar a verdade.

Minha mãe tenta pegar minha mão, mas recuo. A mágoa em seus olhos só aumenta minha fúria; ela também me acha frágil.

– Você é mais importante pra nós do que tudo isso – minha mãe fala.

– Muito mais importante – meu pai concorda.

Aceno com a cabeça, sentindo o calor se acumular atrás dos seus olhos.

Meu pai limpa a garganta.

– Sei que você ainda está processando tudo isso. E não quero pressionar você. Mas, se não conversar com aquele detetive logo, eles não vão conseguir…

Levanto abruptamente, interrompendo-o no meio.

– Não vou fazer isso agora.

O rosto do meu pai fica vermelho.

– Você não pode simplesmente desistir.

– Ah – digo, com a voz embargada –, e você? Não tem problema você desistir?

– Como assim? – ele pergunta.

– Você deveria estar fazendo campanha, não sentado aqui, me fazendo um interrogatório sobre coisas que não pode consertar.

Seu rosto fica pálido e, quando responde, suas palavras saem cortadas:

– Riley, o que quer que você esteja pensando, eu… eu não desisti.

Cerro os punhos.

– Bom, eu também não.

– Para – ela intervém, segurando o braço do meu pai com tanta força que ele se encolhe um pouco. Ela olha para mim e há uma ferocidade em seus olhos que nunca vi antes. – Certo. Você não precisa falar com a polícia. Mas precisa falar com *a gente*.

Olho para os dois sentados ali: meu pai confuso, minha mãe assustada. Penso que deveria me sentir triste ou com vergonha, mas tudo que sinto é o calor no rosto e a tensão na mandíbula. Faço três respirações profundas. Quando abro a boca para falar, as palavras não saem, então só abano a cabeça.

Minha mãe se levanta da cadeira, caminha até onde estou e coloca o braço em volta de mim. Meu pai se levanta também e põe a mão nas minhas costas. Ficamos assim por um bom tempo, sem dizer nada.

Finalmente, recuo.

– Preciso ficar só – digo. E, então, fingindo não ver o olhar derrotado no rosto da minha mãe, viro e subo para o quarto.

Coloco um disco antigo dos Trespassers William na vitrola, deito na cama e tento me perder no oceano de guitarras ecoantes. Só que meu cérebro não se aquieta. Meu pai está perdendo terreno nas pesquisas por minha culpa. Minha melhor amiga – namorada? – não retorna minhas ligações. E o cara que fez isso comigo está em liberdade, enquanto não saio desse quarto, escondendo-me de repórteres e da polícia, isolando-me do mundo. Considero ligar para Solo, mas ele só vai tentar me animar e não é isso que quero. Queria poder escrever no blog – mas isso está fora de questão. Mesmo se não tivessem roubado meu anonimato, bastaria uma mensagem cruel para me destruir. E não posso me deixar cair. Não de novo. Então desligo o celular, guardo o laptop embaixo da cama e enfio a cabeça no travesseiro.

Reconheço o que está acontecendo: estou me isolando, como a dra. Ann me falou para não fazer. Estou me retraindo, me fechando. Agindo como uma vítima – e odeio essa palavra. Odeio.

Preciso fazer algo.

Mas não tenho coragem de sair do quarto, muito menos de enfrentar meu blog – e a ideia de acidentalmente me deparar com alguma notícia me faz passar mal. Mesmo assim, não consigo ficar na cama; preciso fazer *alguma coisa*. Então, mais por raiva e desespero do que por uma vontade real de me curar, levo a mão embaixo da cama, pego o laptop e ligo. E, com algumas frases escritas com cuidado no Google, começo a fazer a pesquisa que a dra. Ann prescreveu.

Encontro dezenas de sites sobre violência contra pessoas trans e *genderqueer* – mas, depois de meia hora de pesquisa, vou parar de volta no AliançaQueer.org, lendo histórias pessoais escritas por sobreviventes. Assim como a dra. Ann disse, muitos passaram pelas mesmas coisas que estou passando: o torpor, o isolamento, os pesadelos. A culpa, a vergonha, a falta de apetite. É estranho; parte de mim sente consolo por essa informação, mas outra parte fica furiosa pela ideia de que passei por essa experiência… *impensável* só para sair como uma vítima estereotipada. Uma estatística que se encaixa perfeitamente no perfil.

E então encontro uma história datada de junho deste ano – um mês antes de ir para Pineview. É sobre um homens trans de dezoito anos chamado Eduardo que foi sufocado pelo ex em um quarto de hotel no condado de Orange. Quando leio o nome do hotel, um calafrio percorre minha espinha; fica a três quarteirões da velha loja de ferramentas onde meu pai me levava quando eu era criança, já passei por lá dezenas – talvez *centenas* de vezes.

Passei por lá naquela noite.

Levo a mão à cabeça, sentindo o ponto sensível onde acertei o para-brisa e depois o capô da minivan. E é então que me dou conta: sou uma das pessoas que tiveram *sorte*. Porque sobrevivi.

É uma surpresa quando sinto uma onda quente de fúria subindo na garganta. *Eu* sobrevivi – e, por causa do meu pai famoso, minha história está estampada em todos os jornais. Mas e a história de Eduardo? Como é possível que um assassinato como esse tenha acontecido tão perto daqui e nunca ouvi falar dele no noticiário? Por que não virou manchete?

Existem outras dezenas, mas a história que mais me afeta é a de uma menina trans de oito anos em Ohio que foi espancada até a morte com uma cadeira pelo pai depois que falou para ele: “Você sabe que sou uma menina por dentro, né?”.

Preciso secar as lágrimas para continuar lendo.

Segundo um site, mais de trezentos atos de violência foram cometidos contra pessoas trans e *genderqueer* neste ano só nos EUA – e trinta das vítimas eram crianças e adolescentes. Só consigo presumir que Andie Gingham seja uma delas – isto é, uma das trinta que chegaram a denunciar.

A ideia de que eu possa ser o número 31 faz disparar um raio frio pelo meu corpo.

Mas a sensação dura apenas um momento e, então, é vencida novamente pela raiva. Uma fúria profunda e ardente – de Jim Vickers e seus cúmplices, sim –, mas é mais do que isso. Ela inclui o ex de Eduardo. Os pais de Andie Gingham. O pai daquela menina de oito anos. E, de alguma forma, me inclui também. Por estar aqui, incapaz – ou sem vontade – de fazer algo a respeito.

Mas o que posso fazer? Eu, que sequer consigo falar com meus pais, que dirá com a polícia. Cogito o convite de Mike/Michelle para discursar na Conferência de Saúde Trans neste fim de semana e abano a cabeça. Não tenho coragem de sair do quarto. Como conseguiria ficar na frente de uma plateia de adultos *genderqueer* assumidos e corajosos e dizer que, de alguma forma, "construí uma comunidade virtual"? É absurdo.

Mas, então, penso no meu blog e nos meus cinquenta mil seguidores – por mais que tenha sido involuntário, é um número irrefutável. E, mesmo sendo apenas uma multidão virtual, quando imagino esses cinquenta mil rostos olhando para mim, sinto faixas invisíveis se apertarem em volta do meu peito. Lembro vividamente da multidão *real* de repórteres fora do hotel naquela noite – todos aqueles rostos, todos os microfones e câmeras – e a pressão cresce até eu não conseguir mais respirar... até querer simplesmente desaparecer.

Levo um susto quando meu telefone vibra na mesa de cabeceira. A tela mostra o departamento de polícia de Park Hills me ligando pela quarta vez hoje; eu nunca deveria ter dado meu número de celular para aquele policial. Ignorando a ligação, saio da cama e vou até a janela. Olho pelas cortinas e vejo uma van de noticiários ainda parada no meio-fio do outro lado da rua.

Bem quando quero ficar só – em isolamento, como diria a dra. Ann –, todos me cercam: a polícia, a mídia, os meus pais, e os pensamentos opressivos que rodeiam minha cabeça. Não posso continuar assim. Preciso conversar com alguém – alguém que não seja a dra. Ann. E, embora Solo esteja sendo incrível vindo me ver todos os dias, não é dele que preciso. Preciso de Bec. Agora. E, como ela não retorna minhas ligações, vou ter que ir até ela.

32

O relógio no painel diz que é 22h42 quando estaciono na frente da casa de Bec, e todas as luzes estão apagadas. Tento ligar para ela mais uma vez. Vai direto para a caixa postal. Está tarde demais para bater na porta, então, usando o celular como lanterna, dou a volta pelo lado da casa, consigo abrir o trinco do portão e entro pelo quintal pequeno e coberto de mato. As luzes estão acesas na janela dos fundos, e tem uma pequena abertura entre as cortinas. Eu me aproximo do vidro e olho lá dentro.

É o quarto de Bec, sim, mas está uma bagunça total: cama desfeita, gavetas da cômoda abertas, livros empilhados em todas as superfícies. E lá está Bec, sentada no chão de costas para a janela, olhando para um porta-retratos cercado por velas acesas.

Devagar, bato no vidro e ela se vira, surpresa. Quando nossos olhares se encontram, dou um passo para trás; seu rosto está carregado, seus olhos fundos. Seu cabelo está curto e arrepiado, como se tivesse sido cortado com tesoura cega. Finalmente, ela cruza o quarto até a janela e a abre.

– Oi – eu digo.

– Oi. – Sua voz sai rouca, como se não a tivesse usado o dia todo.

– Posso entrar?

Ela olha para mim, olha para a porta atrás dela e então começa a remover a tela da janela. Eu entro e ela a fecha atrás de mim.

– Desculpa se te assustei – digo. Bec joga uma pilha de roupas para o lado e se deixa cair em cima da cama. – Mas você não estava atendendo o celular e pensei que era tarde demais para tocar a campainha.

Bec dá de ombros.

– O Erik tá na casa do meu pai e minha mãe tomou, tipo, uns três soníferos. Ela nem teria acordado.

Eu me recosto na parede ao lado da mesa dela.

– Você parece pior do que eu – digo. Minha esperança é de tirar um sorriso dela, mas ela só concorda com a cabeça. – Por que não respondeu minhas mensagens?

Bec aponta vagamente para a porta.

– Joguei o celular na privada. Não queria falar com ninguém. – Ela lambe os lábios rachados e olha para mim. – Como vai a cabeça?

– Melhor do que parece. – Eu me aproximo da cama e sento ao lado dela. Torço para ela pegar minha mão, mas ela não faz nenhum movimento para tocar em mim. Limpo a garganta. – Queria perguntar o que aconteceu naquela noite.

Como se estivesse temendo isso, Bec fecha os olhos e assente.

– Você sabia que era ele? Vickers?

– Sim.

– Você contou para a polícia?

Ela faz que sim de novo.

– Então por que ele não foi preso?

Ela bate com o punho na coxa.

– Eu *sabia* que era ele, mas… naquela noite, o Solo e eu não conseguimos ver nada. Uns caras correndo. Uma caminhonete fugindo. Não conseguimos ver os rostos, muito menos a placa do carro. Quando o detetive registrou nossos depoimentos no hospital, ele agiu como se estivéssemos desperdiçando o tempo dele. – Bec enfia a cabeça entre as mãos. – É culpa minha.

– Do que você tá falando?

– De tudo. É tudo culpa minha. Foi por isso que não consegui falar com você.

Meu estômago se contorce, parecendo entender algo que minha mente ainda não compreendeu.

Quando Bec volta a falar, sua voz é baixa e ela não me olha nos olhos:

– Erik haqueou seu computador. Ele descobriu sobre seu blog.

Meu coração começa a bater mais forte.

– Como é que é?

– Na noite em que você veio estudar. Quando ele configurou o *Wi-Fi* no seu laptop, ele roubou seu histórico de navegação.

Fico olhando para ela.

– Não tô entendendo. Você quer dizer que foi o Erik quem me expôs? Que ele chamou os repórteres?

– Não – Bec diz. – É mais complicado. – Ela solta um longo suspiro. – Erik tinha essa fantasia de entrar para o time de futebol americano. Você viu como ele estava com aquele videogame. Acho que ele já sabia quem você era quando entrou pela porta, porque tinha ouvido Vickers falando a seu respeito. Então, quando dei seu laptop para ele naquela noite, ele viu uma chance de se dar bem com o time. Haqueou tudo que podia e deu para o Vickers como uma espécie de suborno.

Fico encarando o carpete marrom manchado, tentando processar o que estou ouvindo. Lembro-me de ter visto os dois no campo naquele dia. O Vickers aparentemente ensinando Erik a lançar. O Erik tirando algo do bolso e dando para ele.

– E aí – Bec continua –, quando humilhamos Vickers no jogo de futebol americano, acho que ele surtou. Ele tinha seu blog, tinha seu nome. Deve ter jogado você no Google, des-coberto quem era seu pai. Lido sobre o evento de arrecadação de fundos e depois feito planos pra se vingar.

Minha mente está girando, meu rosto começando a formigar; Erik sabia sobre meu blog e deu as informações para Vickers, que esperou o momento certo para me arrancar do armário. O momento em que causaria mais estrago.

– Então… – começo, depois paro. É tanta coisa que não consigo enfiar tudo na cabeça. – Como você sabe de tudo isso?

– O Erik me contou – ela diz. Mas algo em seus olhos me diz que essa não é toda a verdade.

– Ele admitiu?

Ela faz que sim.

– Quando você descobriu?

Bec começa a responder, depois abaixa a cabeça.

– *Quando*? – Minha voz é dura e Bec parece recuar. Ela olha de esguelha para a porta, depois de volta para mim.

– Na noite em que você veio estudar. Logo depois que você foi embora, eu vi o Erik olhando seu blog. E briguei com ele.

Meu peito se aperta.

– Então… você leu? – pergunto.

Bec não responde.

– Você *leu*?

Ela faz que sim.

– *Tudo?*

Ela faz que sim de novo e, de repente, não consigo mais respirar.

– Mas mandei que ele apagasse tudo que roubou – ela diz. – Eu jurava que estava apagado, mas ele deve, sei lá, ter mandado por e-mail para ele mesmo antes de eu ver.

Coloco a mão em cima da cabeça como se para me segurar; o quarto começa a girar.

– Mas ele não me contou o resto… só *depois* que… depois que aconteceu. Eu juro, Riley, tô falando a verdade.

Mas não estou ouvindo; não consigo ouvir. Ela leu meu blog. Ela sabia de tudo, o tempo todo. Seu convite para a Q, nossos "encontros", o que eu pensava que era uma paquera – alguma parte foi real?

Meu coração pesa feito chumbo no peito.

– Desculpa – ela diz. – Eu deveria ter contado antes. Não achei que…

– Então – interrompo, com a voz trêmula –, eu era só um projeto para você?

Bec levanta a cabeça de repente.

– Do que você tá falando?

– Você ficou com pena de mim. – O calor sobe para o meu rosto. – Achou que podia me "consertar".

– Como assim? Não, Riley, você sabe que não era desse jeito. Eu não…

Eu me levanto, cortando a fala dela:

– Sabe o que eu acho? Que você invadiu minha privacidade. Que você mentiu pra mim.

Bec abre a boca como se fosse responder, mas só faz que não com a cabeça.

– E, quando realmente importava, quando eu realmente precisava de você… você não aguentou, daí fugiu. – Abano a cabeça; agora sou eu que estou com nojo. – Você nunca gostou de mim por quem eu era. Não conseguiu salvar sua irmã das merdas dela, então achou que poderia tentar me salvar das minhas pra compensar.

Bec fica pálida.

Viro e ando até o armário. Enfio as unhas sob o canto do grande adesivo de arco-íris na porta do guarda-roupa – o adesivo de Gabi – e o arranco, puxando-o em tiras, despedaçando-o. Algo explode na minha cabeça – feito um ba-lão de água que estoura – e começo a gritar. Minha visão fica turva. O som de sangue bombeando pelos meus ouvidos é ensurdecedor. Empurro a porta do guarda-

roupa e cambaleio de volta na direção de Bec, gritando incoerentemente. Bato os calcanhares na cadeira da escrivaninha e solto um berro. Cambaleio para trás e chuto a cadeira o mais forte que posso, fazendo os livros voarem para tudo quanto é lado.

E então Bec está de pé, envolvendo-me em seus braços, me abraçando. Eu me debato contra ela, estapeando suas costas, tentando chutá-la, mas ela só me abraça mais forte e meus gritos vão virando lamentos. Minhas pernas cedem e caio feito uma boneca de pano. Bec se senta ao meu lado, sem dizer nada, só me abraçando. Me abraçando.

Ouvimos uma batida na porta, e uma voz enrolada e grogue grita:

– Francesca? O que tá acontecendo aí dentro?

– Nada, mãe – Bec responde. – Só tive um pesadelo. Volta pra cama.

– É você gritando?

– Volta pra cama, mãe!

Sua mãe murmura mais alguns protestos incoerentes, depois vai embora. Bec me segura o tempo todo.

Aos poucos, minha respiração vai se acalmando. Meu coração bate mais devagar. Pisco quando o rosto de Bec ressurge na minha visão. Ela voltou a ser ela mesma – ainda está com olheiras e seu cabelo curto continua espetado ao acaso, mas está no controle.

– Preciso ver como minha mãe está – ela diz. – Fica aqui. Já volto. – Ela se levanta e sai do quarto sem fazer barulho.

Vou para a cama e meus olhos encontram o porta-retratos que Bec estava fitando quando bati na janela. É uma foto de uma linda criança morena de traços delicados de uns seis anos de idade, usando um par de tamancos de couro preto uns cinco números maior. É Gabi.

Meu celular vibra e olho para a tela. É minha mãe. Eles devem ter descoberto que saí. Com uma pontada de culpa, ignoro a ligação e mando uma mensagem.

Tô bem. Precisava ver Bec. Volto em uma hora. Desculpa.

Bec volta com um pano frio e úmido, e o uso para limpar o rosto enquanto voltamos a sentar na cama.

– Ela tá bem? – pergunto.

– Sim – Bec responde. – E você?

Olho para ela.

– Não. Não tô nada bem.

Bec assente e desvia o olhar.

– Mas tô melhor que seu cabelo.

Ela resmunga e passa a mão no couro cabeludo quase raspado.

– Tô tão puta por ter feito isso.

– Até que tá legal, na verdade – digo.

Ela passa a mão de novo.

– Tô me sentindo um menino.

Sorrio.

– Sei como é. Às vezes.

Bec sorri de novo, aquele sorriso irônico, e meu corpo todo se aquece. Coloco o pano frio na nuca.

– Desculpa ter falado aquilo. Sobre sua irmã. E sobre você.

Bec encolhe os ombros.

– Você estava com raiva. – Há um longo silêncio entre nós. Depois ela continua: – Quando vi as imagens de vocês na internet, sendo atacados por repórteres na saída daquele hotel, eu sabia que ia acontecer alguma coisa. Liguei para o Solo. Fomos atrás de você.

– Ele me contou.

Bec abaixa os olhos e morde o piercing no lábio.

– Não sabia que Vickers faria o que ele fez. Mas… achei que *você* pudesse fazer alguma coisa.

– Como Gabi fez.

– Sim.

Olho para a foto da irmã de Bec e um nó se forma na minha garganta. Não falo do motivo por que fui parar em Pineview desde a minha primeira sessão com a dra. Ann quase dois meses atrás. Engulo em seco e olho para Bec.

– Eu já fiz – digo. Ela inclina a cabeça. – Nas férias, virei um frasco de Xanax com um copo do uísque irlandês favorito do meu pai.

– Por quê?

– Vários motivos, acho. – Olho para o teto. – Eu curtia um cara, o Derek. Ele era meu amigo, e deixei nossa relação estranha e ele simplesmente… cortou relações comigo. Eu ainda não tomava remédios nem estava na terapia nem nada, e isso meio que acabou comigo. Não joguei meu celular na privada, mas o taquei com bastante força. Quebrei a tela toda. – Mostro, ela faz que sim. – Enfim. Eu estava me preparando para um dos grandes eventos do meu pai, como o de arrecadação de fundos da semana passada. – Meu Deus, passou *só uma*

semana? – Quando eu estava me vestindo… minha disforia atacou. Foi especialmente ruim naquela noite e foi crescen-do até virar um ataque de pânico completo. E eu só… sentia que não acabaria nunca. Como se não houvesse outra saída.

Bec assente. Respiro fundo e aí continuo falando. Conto para Bec sobre Pineview. Conto sobre a dra. Ann. Quando acabo, Bec faz menção de falar, mas para no meio.

– Que foi? – pergunto.

– Você nunca me contou por que se transferiu.

– Você não vai querer ouvir esse drama.

Bec arqueia a sobrancelha.

– Você me deve pelo menos um ou vai rolar um desequilíbrio aqui.

Sorrio.

– Justo. – Eu me recosto na parede. – Na Coração Imaculado, eu tinha que fazer Educação Física… em Park Hills não, usei a influência do meu pai pra me livrar. – Olho de lado para Bec. – Acho que isso me torna hipócrita, né?

– Não – ela responde. – Torna você inteligente.

– Talvez. Enfim, eu precisava me trocar no vestiário na frente das outras pessoas. Foi aí que comecei a ter uma ansiedade muito ruim. Não conseguia comer. Perdi muito peso. No fim do segundo ano, estava tendo ataques de pânico duas, três vezes por semana.

– Nossa – Bec diz.

– Pois é – respondo. – É difícil… me trocar na frente dos outros. Especialmente nos dias em que não me sinto no gênero que me designaram no nascimento, sabe? – Bec faz que sim e me pergunto em silêncio se ela já teve essa conversa com Gabi. – Então eu usava um short e uma regata embaixo do uniforme da escola todo dia por dois anos. Você não imagina a zoeira. Tipo, eu ouvia o coro de sempre de “bicha” e “sapatão” pela escola, mas a minha turma de Educação Física era a mais criativa. Perguntavam se eu era mórmon e se aquela roupa por baixo era mágica. Gente católica, sabe? Obcecada por sexo e religião. – Bec sorri. – Enfim. Um dia… foi durante a última semana do meu segundo ano… eu estava me trocando no vestiário e entraram três colegas. Disseram que as aulas estavam quase acabando e que, antes de começarem as férias de verão, queriam ver o que tinha sob a minha roupa de baixo mágica. – Engulo em seco. – Não bastava ter que usar aquela bosta de uniforme todo dia. Não bastava me trocar na frente de todo mundo, no vestiário. O pessoal queria

ver meus genitais. – Minha voz embarga e levo alguns momentos para conseguir continuar: – Eu me recusei. Então duas pessoas me seguraram enquanto a outra arrancava meu short pra todo mundo ver. Havia outras três pessoas no vestiário, mas ninguém tentou impedir; ficaram só assistindo. Teve até alguém que esta-va prestes a tirar uma foto quando um funcionário da escola finalmente entrou e mandou parar com aquilo tudo.

Espero que Bec demonstre surpresa ou tente me consolar, mas ela não faz nada, e acho melhor assim. Não quero a piedade dela, só que me escute. E ela parece saber disso.

– Na época, achei que era a pior coisa que poderia me acontecer.

Vejo o maxilar de Bec ficar tenso. Ela assente. Ela entende. Olho pela janela para a grande figueira depois da cerca. Os galhos estão balançando sob o forte vento de outono, as folhas caindo como paraquedistas saltando de um avião.

– Pensei que, se eu trocasse de escola, as coisas fossem melhorar. Pensei que poderia fugir de gente assim. – Viro para Bec. – Mas tem gente assim em tudo quanto é canto. Assim como tem gente como eu em todo lugar. Como Andie Gingham. Como sua irmã.

Os olhos de Bec se voltam para a foto de Gabi. Ela se remexe em cima da cama, passa a mão na cabeça.

Olho para o adesivo de arco-íris na porta do guarda-roupa. Quero contar para Bec tudo o que aconteceu comigo: a perseguição na internet, o vandalismo no meu armário. Me assumir para os meus pais. E, se eu pudesse contar para alguém o que aconteceu naquela noite – como me seguraram, como foi a sensação da barba dele na minha bochecha –, seria para a Bec. Mas agora não é o momento. Agora, eu só a quero de volta para mim. Quero a nossa relação de volta.

– Riley – Bec diz. Ergo os olhos para ela. – Desculpa não ter ficado no hospital. Desculpa ter saído. Eu só…

– Não – digo. – Não precisa pedir desculpa. Não devia ter falado aquilo. Sobre você ter fugido. Você estava lá quando importava.

Por um momento, penso que Bec vai chorar; mas ela não chora. Apenas segura minha mão.

Quando chego em casa, meus pais estão na cozinha esperando por mim. Minha mãe atravessa o cômodo corren-do para me abraçar.

– Ai, meu Deus, Riley, ficamos preocupados. – Ela dá um passo para trás, segurando-me pelo braço. Seu cabelo está uma bagunça desgrenhada e seus olhos, inchados. – *Nunca* faça isso de novo. Você está me entendendo?

– Desculpa, mãe. Não vou fazer. – Olho para o meu pai, esperando ver seu rosto vermelho de raiva, mas ele parece calmo. – Eu só… precisava ver a Bec. E não queria conver-sar com vocês sobre isso antes.

Meu pai vem até nós e coloca o braço em volta do ombro da minha mãe.

– Bom, acho que agora é a hora de nós conversarmos.

Minha mãe faz chá e sentamos em volta da mesa da cozinha com ela no meio, segurando as nossas mãos como se tivesse medo de que a casa fosse virar e afundar.

Meu pai olha para mim.

– Quer começar?

– Certo – digo. Mas então fico olhando fixamente para a mesa, tentando pensar no que dizer. Finalmente, levanto a voz: – Não sei o que vocês pensam sobre mim.

Minha mãe inspira fundo e aperta minha mão com mais força.

– Nós amamos você. Você sabe que amamos.

– Eu sei – digo. – Mas não é disso que tô falando.

Ela olha para o meu pai. Ele parece profundamente desconfortável e limpa a garganta como sempre faz antes de falar.

– Bom – ele diz. – Tivemos só alguns dias para processar isso tudo. E, obviamente, as circunstâncias não eram nada ideais quando nos contou.

– Eu sei – concordo.

Meu pai continua:

– E aconteceu tanta coisa desde então que não tivemos muito tempo para tratar da sua… das suas questões de identidade de gênero. – Ele morde os lábios.

– Certo. Mas vocês devem ter alguma reação, não?

Meu pai pensa um pouco , então volta os olhos suplicantes para minha mãe.

– Bom, bebê – ela diz –, isso tudo é novo pra nós. Quer dizer, nós entendemos homossexual e heterossexual. E sabemos que tem pessoas transgêneras. Mas, até você falar em voz alta, nenhum de nós tinha ouvido falar de “gênero fluido”. – Ela olha para o meu pai. – Tivemos que pesquisar.

Meu pai aperta a caneca.

– Sinceramente, tem um monte de informações por aí e muitas se contradizem. Os pronomes e a… terminologia, é tudo muito complexo e…

Minha mãe o interrompe:

– Mas nós amamos você de qualquer forma. Você é nossa família.

Meu pai olha para ela e concorda com a cabeça.

– Sua mãe está certa. – Seus olhos encontram os meus e ele diz: – Mas você vai ter que nos ajudar a navegar por esse mundo todo. Somos velhos e temos ideias bipolares muito arraigadas.

– Bi*nárias*, pai – corrijo.

– Certo. Binárias.

E então minha mãe meio que dá um salto e me envolve num abraço constrangedor e sufocante. Depois de um momento, retribuo o abraço. Espero que meus ombros comecem a tremer, meus olhos comecem a derramar lágrimas, que eu tenha alguma catarse profunda, mas, pelo visto, já chorei demais por essa noite. Finalmente, nós nos soltamos. Meu pai abre um leve sorriso.

Digo:

– Acho que está na hora de falar com a polícia.

Meu pai ergue as sobrancelhas.

– Tem certeza?

– Sim – confirmo. – Mas, vocês vão… vão ficar comigo enquanto ligo?

– Claro que vamos – ele diz.

A ligação é atendida no terceiro toque e a voz de um homem pergunta com que ramal desejo falar.

Respondo:

– Policial Dinning, por favor.



– Essa é a parte em que não pergunto como você está se sentindo – a dra. Ann diz, sentando em sua cadeira de sempre.

– E essa é a parte em que digo para você que não sei.

Ela faz um gesto raro de indiferença com uma mão.

– Inventa alguma coisa.

Franzo a testa; será alguma tática nova para me fazer falar?

– Inventar alguma coisa… você quer dizer, mentir?

A dra. Ann olha para o relógio de pulso.

– Bom, é uma sessão de cinquenta minutos. Se você não vai falar sobre seus sentimentos, precisa dizer *alguma coisa*.

Fico olhando para ela e repito:

– Alguma coisa.

A dra. Ann dá risada – e rio junto. É a primeira vez que rio sem chorar desde o ataque. É a primeira vez que penso naquilo como *o ataque*. Hoje é quinta, faz mais de uma semana.

– O que está acontecendo na sua vida? – a dra. Ann pergunta.

Cruzo os braços diante do peito e olho para os pés. Sei que é uma postura defensiva, mas preciso de uma pequena defesa agora.

– Prenderam o Jim Vickers – digo.

A dra. Ann ergue a sobrancelha.

– Quando?

– Ontem.

Ela se recosta na cadeira.

– Então você falou com a polícia.

Faço que sim.

– Na terça à noite. Não queria ir pra delegacia, mas, com os repórteres acampados na frente de casa, não podíamos exatamente ter viaturas aparecendo… então os policiais pegaram um de seus carros particulares e entraram à paisana no meio da noite.

– Foi muito gentil da parte deles – diz a dra. Ann.

– Vantagens de deputado – digo.

– O que você sentiu? Alívio?

– Um pouco. Não tanto quanto eu esperava.

– Entendo – ela diz. Ficamos nos olhando por um momento, e tenho a impressão de que ela *realmente* entende. Não sei, talvez tenha passado por algo parecido. Mas, antes que eu possa perguntar, ela continua: – Então você contou para eles o que aconteceu e ele foi preso?

– Não exatamente. Disseram que precisavam interrogar o Vickers antes, mas precisavam de mais do que apenas a minha palavra. Mas devem ter conseguido alguma coisa, porque meu pai fez algumas ligações hoje de manhã e descobriu que ele estava detido. Meu palpite é de que um dos cúmplices dele finalmente falou a verdade. Cole, talvez. Ou o menino ruivo, Grady. Não sei. Respondi todas as perguntas dos policiais, mas eles ficaram super-relutantes de me contar qualquer coisa.

A dra. Ann abana a cabeça.

– Quando os envolvidos são menores de idade, eles não podem. Mesmo quando querem.

– Eu sei, eles me explicaram isso umas nove vezes. E o que me falaram foi só depois que meu pai pressionou.

– Você descobriu alguma coisa sobre seu *stalker*?

– Sim e não.

– Como assim?

– Bom, depois que Vickers fez o que fez… imaginei que tivesse sido ele desde o começo.

A dra. Ann concorda com a cabeça.

– Eu pensaria o mesmo.

– Mas eles verificaram todas as coisas dele… o celular, o laptop… e não encontraram nenhuma evidência. Então, é possível que ele estivesse me mandando aquelas mensagens do computador de um amigo, ou da biblioteca ou

coisa assim… mas pode ser outra pessoa. Ainda estão procurando.

Ela assente.

– Você está com raiva? Achou isso frustrante?

Olho para a dra. Ann; é sempre um espanto como ela consegue saber o que sinto.

– Os dois, acho. A verdade é que, se não era Vickers que estava me mandando as mensagens, quer dizer que ele está menos encrencado. Porque esse tipo de perseguição é uma acusação separada, que teria ajudado a provar que ele tava planejando o… o ataque com antecedência. – Quase não digo a palavra e, quando digo, não faz sentido para mim.

– Você se pegou perguntando o *porquê*?

Franzo a testa.

– Por que o quê? Por que alguém me perseguiu? Por que Vickers fez o que fez?

Ela faz que sim.

– Qualquer uma. As duas coisas.

– Não sei. Os policiais me contaram que o pai de Vickers é pastor numa igreja bem rígida. Então, talvez tenha a ver com isso. Ou talvez ele só estivesse se vingando de mim por quebrar o braço dele, e tava bêbado e foi longe demais. – Fungo, percebendo de repente que meu nariz está escorrendo. A dra. Ann me oferece um lenço. Limpo o nariz e olho para ela. – Não sei. Não sei se quero saber nem se isso importa.

Parece que a dra. Ann vai discordar, talvez corrigir algo que acabei de falar, mas a interrompo:

– Me dá um copo d'água?

– Claro – ela diz e vai até a geladeira do outro lado do consultório. Depois de um momento, volta com um copinho plástico. Dou um gole e a água fria me dá uma sensação boa na garganta.

– Eles estão tratando isso como um crime de ódio – digo. – É meio surreal. Parece coisa tirada do jornal.

– Sim – diz a dra. Ann –, aposto que parece estranho.

– Solo falou que eles fizeram todo um lance de CSI no meu armário. Mas, enfim, a polícia não contou nada pra eles… nem quando meu pai deu a carteirada de representante eleito da justiça… porque estão "protegendo a identidade de menores". O que é bem irônico.

– E frustrante.

– Sim. Então, enfim. A primeira parte do interrogatório foi ok, mas depois foi ficando difícil.

– O que foi difícil?

– Prestar meu depoimento. Eles queriam me gravar falando do ataque.

– Tem alguma coisa que você gostaria de compartilhar?

Faço que não.

– A gente já falou de tudo, e repetir só vai acabar comigo ainda mais.

– Justo – ela diz. Ficamos nos encarando por um momento, quase como oponentes num jogo de xadrez. Então a dra. Ann diz: – Como vai a ansiedade?

E, como se nada tivesse acontecido, seguimos em frente.

– Acalmou um pouco – respondo. – Mas nunca vai embora de verdade. Tipo, tem esse zumbido constante no fundo. Meu rosto praticamente começa a formigar quando acordo e só para quando vou dormir. Deve ficar formigando enquanto durmo. Não sei.

– Que mais?

– A luz forte me incomoda. Bec me comprou esse par de óculos amarelos pra usar dentro de casa. Ela diz que fico parecendo o Bono Vox.

Então, a dra. Ann finalmente pega o bloquinho da mesa. Faz uma anotação e depois volta a se recostar.

– Vou ajustar seus remédios. – Antes que eu tenha a chance de reclamar, ela me lança um olhar severo. – Só um pouco. E temporariamente. Você precisa do alívio.

– Quando você aumenta minha dosagem, eu me sinto numa névoa.

– Você está prestando vestibular ou coisa assim? – Ela coloca o bloquinho na mesa. – Vamos tentar a névoa em vez do zumbido por um mês. Só para variar. Tudo bem?

– Tudo.

– Como está com seus pais?

– A gente conversou. Não sobre o que aconteceu naquela noite… quer dizer, eles estavam lá quando a polícia me interrogou… mas a gente falou sobre mim. Sobre a fluidez de gênero. – Faço uma pausa, mas a dra. Ann não diz nada, então continuo: – Meu pai está levando numa boa. Mas acho que talvez ele não acredite que isso exista de verdade. Ou, talvez, pense que é só uma fase e que vai passar.

– Isso incomoda?

Dou de ombros.

– Tipo, ele é um deputado católico. Pode demorar um pouco para enfiar na cabeça que eu sou gênero fluido. Estou dando um voto de confiança.

Com isso, a dra. Ann sorri, mas logo recupera a expressão clínica.

– Vocês conversaram sobre a campanha?

– Sim. Ele diz que não me culpa, mas acho que me culpa, sim, um pouco. Ao mesmo tempo, acho que me perdoa também. – Fico encarando a estampa abstrata no carpete. – Não sabia que era possível culpar alguém e perdoar essa pessoa ao mesmo tempo. Mas acho que é.

– E a sua mãe?

– Acho que minha mãe aceita sem entender muito bem. Depois que a gente conversou… fiquei com a impressão de que ela só estava aliviada por eu ter me aberto. Mas sei lá. – Passo o dedo para a frente e para trás sobre os botões de cobre da cadeira. A textura é reconfortante. – Acho que ela está… decepcionada. Minha mãe gosta de planejar coisas… de escolher cores e flores e roupas. Acho que a ideia de que não pode me levar para comprar um smoking ou um vestido de gala faz com que se sinta meio… enganada.

– Você pode sair com ela para comprar os dois – a dra. Ann sugere.

Olho para ela.

– Sabe, por mais insuportável que isso pareça, acho que ela adoraria.

A dra. Ann faz um aceno.

– Não precisa agradecer.

Dou risada. Já é a segunda vez.

Ela me abre um sorriso leve.

– Você pensou sobre quando quer voltar para a escola?

– Sim – respondo. – Amanhã.

Ela ergue as sobrancelhas.

– Você sente que está na hora?

– Não. Estou formigando da cabeça aos pés só de pensar. – Mas, apesar do nervosismo, minha voz soa clara, calma. É uma surpresa para mim. – Mas não posso me esconder pra sempre.

– Mais uma semana não seria nenhuma eternidade.

– Eu sei. Mas já perdi tempo demais me escondendo. E sinto que, quanto mais esperar, mais difícil vai ser voltar. Sabe?

A dra. Ann se recosta na cadeira e solta um longo suspiro dramático que não tem nada a ver com ela.

– Bom. Você não precisa da minha aprovação.

Franzo a testa.

– Eu sei. Mas meio que quero.

Ela inspira pelo nariz e abana a cabeça.

– Riley, não sei o que dizer. Você já passou por muita coisa. Eu odiaria ver você se esforçar demais e ter um retrocesso. Mas cada pessoa se cura de uma maneira diferente e em velocidades diferentes. E, se sente essa vontade vindo de dentro de você então acho que deve seguir seus instintos.

Um calafrio de alívio percorre meu corpo.

– Valeu – digo.

– Tem algum plano de como superar o dia de amanhã?

– Metade do dia – digo. – Mas, sim, tenho um plano.

– Por que metade do dia?

Sorrio.

– Tenho a impressão de que vou sair da escola na hora do almoço.

34

– A escola foi um saco sem você aqui – Solo diz quando entramos na Imperial Highway. É sexta de manhã, dez dias depois do ataque, e meus ânimos não estão nada calmos com a volta às aulas.

Sorrio para ele. Quase digo “que fofo”, mas me parece feminino demais. Então, digo apenas:

– Pode crer – com uma terrível imitação do Matthew McConaughey. Solo me lança um olhar estranho, como se eu tivesse acabado de falar algo em klingon; pelo jeito, tentando mirar em “menos menininha”, fui parar em “constrangedor”. Acho que certas coisas não mudam. Faço uma nota mental para escrever sobre isso no blog.

– Então, recebi uma mensagem hoje – Solo diz. – Parece que a polícia apareceu na casa da Sierra Wells ontem à noite.

Viro para ele.

– Por quê? Pra interrogar sobre o Vickers?

– Foi o meu primeiro palpite também… mas estão dizendo que foi ela que destruiu seu armário.

Fico olhando para ele de boca aberta.

– *Como é que é?*

– Pois é. Alguns calouros estão falando que viram a Sierra tentando arrombar a fechadura enquanto estava todo mundo na aula.

Fico olhando estupidamente para o para-brisa, em choque. Fecho os olhos e consigo ver a frase colada no meu armário.

Levo a mão à boca.

– Ai, meu Deus.

Solo se vira para mim.

– Que foi?

– Sierra.

– O que tem ela?

Não respondo; levo um momento para processar isso tudo.

Quando Vickers descobriu sobre o meu blog, é *claro* que teria mostrado para a namorada. Me lembro daquela primeira mensagem de ódio – não o "sua bixa", essa não tinha o mesmo tom ameaçador que as outras. Não, a primeira que me atingiu com força foi: *volta pra onde vc veio sapatão nossa escola não precisa de outro viado*.

Tento lembrar *quando* a recebi – apenas um dia ou dois depois que envergonhei Sierra na frente dos seus amigos com meu comentário de "você não faz muito meu tipo". Será que ela mandou essa primeira mensagem como uma vingança?

Depois saiu a história de Andie Gingham e recebi *vejo vc no almoço. traveco do caralho*. Deve ter sido ela também. E, depois que acabei com seu namorado quebrando o braço dele no jogo de futebol americano, ela escreveu: *ninguém. liga.* RILEY. A mesma mensagem que o vândalo tinha colado no meu armário. Se Sierra foi responsável pelo armário, também foi ela quem enviou as mensagens.

Era ela esse tempo todo.

– Riley – Solo diz, tirando-me do transe –, do que você tá falando?

– Alguém estava me perseguindo no blog – explico, não muito consciente das palavras que saem da minha boca.

– Como assim? – Solo pergunta.

E, então, o mais rápido que consigo, conto toda a história para ele, desde a primeira mensagem anônima de ódio à última mensagem colada no armário.

Quando termino, afundo no banco, em choque, com um bocado de medo.

– Ai, merda – digo.

– Não entendi. Você não tá feliz de pelo menos ela estar sendo interrogada?

– Estou, mas… se o que ela fez com meu armário foi uma vingança por humilhar o namorado dela, o que vai fazer quando descobrir que fiz com que ele

fosse preso?

– Eu não me preocuparia – Solo diz. Sua voz é baixa, quase um grunhido.

– O que isso significa?

– Significa que eu e o resto dos caras do time vamos te proteger. Se alguém tentar mexer com você, vai desejar estar bem seguro na cadeia.

Viro para Solo, para a ferocidade súbita em seus olhos.

Ele olha de soslaio para mim.

– Que foi?

– Só nunca vi você ficar todo papai urso desse jeito. Até que é sexy.

As bochechas de Solo ficam vermelhas e ele ajusta a mão no volante. Ele faz sinal que vai virar e o *hatchback* treme enquanto diminui a marcha para subir a colina para a escola.

– E aí, o que as pessoas andam falando?

– Ah, o vômito de merda preconceituosa de sempre – ele diz, recuperando-se. – A maioria está só confusa ou ignorante. Ou os dois. Alguns resultados são até engraçados.

– Engraçados?

– Por exemplo. A Irmandade de Atletas Cristãos se juntou e fez tatuagens temporárias daquele versículo do Levítico. Sabe? "Não te deitarás a menos de quatro cúbitos de outro pênis para não ser castigado" ou sei lá o quê. Eles entregaram as tatuagens no almoço como braçadeiras pretas. E aí, em resposta, a turma do teatro fez uns adesivos que diziam "Levítico 19:28" e os colou pela escola toda.

– Qual é o Levítico 19:28?

– É o versículo que proíbe tatuagens.

Dou risada.

Solo continua:

– Então, a má notícia é que a maioria das pessoas tá interpretando muito errado o que tá rolando. Mas a boa notícia é que as pessoas estão conversando abertamente sobre o assunto.

Paramos em uma vaga no canto do estacionamento e Solo desliga o carro.

– E aí – ele diz, batendo os dedos distraidamente no volante –, Bec vai encontrar a gente antes?

– Sim.

– Tem certeza de que quer fazer isso?

Olho para as paredes de concreto de Park Hills High e solto um longo suspiro.

– Absoluta.

Todo mundo levanta os olhos das carteiras quando Solo e eu entramos em Inglês Avançado cinco minutos atrasados. Paro, como se o tempo congelasse por um momento enquanto a porta se fecha ruidosamente atrás de mim em sua dobradiça pneumática.

Estou fora da escola há mais de uma semana e, durante esse período, minha história dominou o noticiário; é claro que ficariam olhando. Meu coração dá uma batida frenética na garganta e depois se acomoda em um ritmo elevado mas constante enquanto me movo em direção à carteira. Olho para a carteira em que Sierra costuma sentar – está vazia – e solto um suspiro de alívio antes de seguir o corredor em direção à minha. Quando sento, olho para Solo em busca de apoio moral. Ele obedece revirando os olhos para trás e me mostrando o dedo do meio. Abro um sorriso largo involuntariamente.

A srta. Crane continua a aula, sem hesitar com a nossa entrada; mas, quando me sento, a pego olhando para mim. Ela sorri, mas é um sorriso triste e sinto uma surpresa ao ver não piedade, mas uma compreensão sincera em seus olhos. Eu me pergunto pelo que ela já passou.

Em seguida, ela prossegue batendo o recorde mundial de Maior Quantidade de Referências a Harry Potter em um Período de Cinquenta Minutos.

Quando estou chegando perto da porta da sala do sr. Hibbard, uma voz atrás de mim me detém.

– Riley, me espera.

Eu me viro e fico de queixo caído. É Casey Reese – mas não é a garota bonitinha de cabelo longo que conheço da aula de Francês. Essa Casey Reese tem o cabelo curto tingido de castanho cuidadosamente penteado para o lado. Ela – *ele*, acho – está usando uma gravata-borboleta e parece ter saído de um anúncio de roupas chiques. Mas os olhos e a voz de Casey são os mesmos.

– Caramba… – digo, levando a mão à boca.

O rosto de Casey se abre em um enorme sorriso brilhante.

– É uma surpresa?

– Desculpa, não quis ser rude. É só que… levei um minuto para… você tá *incrível*.

– Obrigado. – O sorriso de Casey se fecha em uma expressão mais séria. – Fiquei sabendo do que aconteceu. Tipo, todo mundo ficou, mas… – Ele abana cabeça. – Foi mal. Não tá dando certo, vamos começar de novo. – Ele estende a mão. – Oi, meu nome é Casey.

Sorrio e aperto a mão dele.

– Riley.

– Bom, Riley, eu sou um menino. E você me deu coragem pra dizer isso em voz alta.

Minha boca fica seca e emudeço.

– Não precisa falar nada – Casey diz. – Só queria que você soubesse que… eu não teria me assumido se não fosse por você. Então, obrigado.

Olho ao redor pelo corredor. Duas meninas nos encaram ao passar. Eu nem reajo. Volto a olhar para Casey.

– As pessoas estão te enchendo? – pergunto.

Ele dá de ombros.

– Não muito. Quer dizer, sim. Mas… e daí? Eu sou quem sou, sabe? Dá uma boa sensação não se esconder mais.

Concordo com a cabeça.

– Acho que não cheguei a essa parte ainda.

Bem nessa hora, o sinal toca. Casey abre a boca como se fosse dizer mais alguma coisa, algo importante, mas, em vez disso, apenas sorri.

– Vejo você na aula de Francês? – ele pergunta.

– Com certeza – digo. E, então, observo Casey se virar e sair para a sala. Cheio de charme. Sua confiança é magnética. Sinto uma onda de orgulho... e uma pontinha de inveja também.

Quando o sinal toca, eu me afasto da sala do sr. Hibbard. Encontro um lugar escondido na escadaria dos fundos, pego o celular e faço uma ligação.

– Oi, Mike/Michelle? Aqui é Riley.

Depois da aula de Francês, Solo “me busca” na frente da sala da madame Bordelon. Ele insistiu em ser meu guarda-costa enquanto cruzamos a escola para encontrar Bec. É um alívio, porque o zumbido de ansiedade vem piorando cada vez mais a manhã toda e estar com ele por perto me ajuda. Quando estamos passando pelos armários, viramos e avisto uma baixinha morena vindo na nossa direção. Ela ergue os olhos e a reconheço na hora: Sierra Wells.

Paro e ela para também. Ficamos assim por um longo momento, nos encarando com caras de idiota. O zumbido na minha cabeça fica mais alto. Meu peito fica tenso. Solo coloca uma mão protetora sobre meu ombro.

Sierra olha de mim para Solo e de volta para mim, como se estivesse nos medindo para uma briga – é uma total surpresa quando ela começa a falar.

– Não tive nada a ver com o que o Jimmy fez – ela diz, com um tom de voz que me desafia a discordar. No começo, sinto um choque tão grande que não respondo, e então Solo dá um passo à frente.

– Você já fez demais. Deveria estar na cadeia.

Eu me surpreendo estendendo os dedos formigantes para tocar no braço dele.

– Tá tudo bem, Solo – digo. Ele olha para mim, preocupado, e lhe dou um aceno tranquilizador. Ele dá um passo para trás e viro para encarar Sierra.

Sua expressão é dura – não raivosa, mas fechada. Retraída. Qualquer que seja a vulnerabilidade que ainda exista nela, vi pela última vez na sala da srta. Crane quando a flagrei chorando. Agora, o escudo dela está erguido e duvido que qualquer coisa que eu diga vá tocá-la. Mas o que tenho a dizer não é mesmo para ela. É para mim.

Engulo em seco e me esforço para manter a voz firme:

– Não vou parar de ser quem eu sou porque você não gosta. – Sierra olha ao redor constrangida, como se não quisesse ser vista conversando comigo. Limpo a garganta, no melhor estilo do deputado Cavanaugh, e ela volta a atenção para mim. – E não vou parar de falar sobre isso só porque você é incapaz de entender. – Com os joelhos trêmulos, dou um pequeno passo à frente. – Só vou falar *mais alto*.

Elevo o tom de voz na última palavra e Sierra me encara. Bem quando penso que ela vai retrucar, seu lábio inferior treme e seu rosto se suaviza. Ela olha para baixo e sussurra algo – pode ser “desculpa”, mas sua voz é baixa demais para eu ter certeza – e então ela ajeita a mochila no ombro e sai andando.

Assim que vira a esquina, preciso me firmar, segurando-me no braço enorme de Solo.

– Você tá bem? – ele pergunta.

– Vou ficar – respondo.

Bec está nos esperando atrás da ala de Língua e Literatura, e, quando a vejo, coloco os braços em volta dela e afundo o rosto no seu pescoço. A gola da

jaqueta de couro é áspera e real contra minha bochecha.

– O que houve? – ela pergunta. Bec segura minha mão enquanto Solo a atualiza do nosso encontro com Sierra.

– Sabe – Bec diz, abanando a cabeça –, esse tempo todo, pensei que era eu. Mas parece que é você que tem.

Franzo a testa.

– Tenho o quê?

– O jeitinho dramático demais.

Abro um sorriso.

– Coloca o óculos de volta, Bono – Bec diz. – Temos uma entrada triunfal a fazer.

Meu coração parece acelerar a cada passo em direção ao refeitório e, quando paramos no alto da escada, o sangue está bombeando pelos meus ouvidos e minha visão está completamente afunilada.

– Tudo bem? – Bec pergunta.

– Não – respondo, tomando ar com dificuldade. – Estou tendo um… ataque de pânico total.

– Quer voltar?

Abano a cabeça.

– Não. Vamos andar… o caminho todo. Aconteça… o que acontecer.

Bec olha para Solo, depois de volta para mim.

– Certo – ela diz.

E algo parece estalar dentro de mim, como um feitiço se quebrando. Como aquela sensação quando os ouvidos estalam quando o avião aterrissa – e, de repente, a gente consegue ouvir de novo.

Pisco. Minha visão volta ao normal. Meu coração bate mil vezes por segundo, ainda é difícil tomar ar, mas não me importo. Dou um passo, depois outro. Depois outro.

E então entramos no corredor polonês, os três juntos, andando bem no centro. Olho para uma mesa cheia de alunos comendo enquanto estudam, e faço contato visual com um menino alto e magro de camiseta vermelha. Ele sorri e acena, mas não há nenhum reconhecimento especial nele; só está sendo educado. Passamos pelo pessoal da banda, mas ninguém ergue os olhos. Quando passamos pela mesa de futebol americano, alguém chama Solo. Ele acena em resposta.

Vickers não está ali – ainda está detido – e não há sinal de Sierra também. Nem de Cole nem de ninguém daquele grupo.

Paro bem no meio do refeitório e olho ao redor. Alguns rostos se viram na minha direção e acho que meia dúzia de pessoas se debruça para cochichar com os amigos. Um menino olha para mim e abana a cabeça com repulsa, depois volta a comer. Um grupo de líderes de torcida estoura em um coro de risadinhas que tenho quase certeza de que é por minha causa. Mas, no geral, nada acontece.

Os alunos não entram em rebuliço.

Ninguém grita “bicha” ou “sapatão”, nem atira comida.

Por outro lado, ninguém grita meu nome em triunfo também. Não existe nenhuma salva de palmas em pé.

É só um bando de gente almoçando.

Solto uma gargalhada e Bec me olha, com o rosto tenso.

– Você tá bem? – ela pergunta.

– Sim – respondo. – Só estava pensando… se eu tiver que comer mais um desses burritos secos do refeitório, é bem provável que tenha um ataque de nervos.

Bec concorda.

– Então, Beira do Vegano?

– Com certeza.

Saímos do refeitório e descemos o declive para o estacionamento.

– Preciso de carne – Solo diz. – Vamos pro Anos Reagan.

– Quer me ver em coma induzido por laticínio? – retruco.

– Você gosta da batata frita de lá.

– Adolescentes de gênero indeterminado não podem viver apenas à base de batatas fritas.

– Espera – Solo diz. – Então a gente já pode fazer piada?

– *Eu* posso fazer piada. Vocês devem continuar neutros e respeitosos o tempo todo – respondo.

Bec bufa.

– Isso é muito injusto – Solo diz. – Você é de uma família branca e rica, por que não posso te zoar?

– Não sou eu quem faz as regras, Solo. Eu só as represento. – Bato no peito com o punho.

Solo dá risada.

– Que seja então.



Meu pai chega em casa cedo, comentando sobre o longo dia de campanha que vai ter pela frente amanhã – ele parece completamente acabado. Minha mãe, que tirou o dia de folga para ir de um evento a outro com ele, também parece exausta. É *certeza* que ela está cansada quando avisa que Shelly vai deixar comida tailandesa às seis.

A conversa do jantar é leve e só fico remexendo meu *phat si-io*; não consigo comer de tanta agitação. Finalmente, empurro o isopor para o lado.

– Mãe, pai? – Eles olham para mim. Respiro fundo. – Tem uma coisa que eu queria fazer. Mas é meio que im-portante e queria saber se tudo bem por vocês.

Eles trocam olhares interessados.

– Está bem – meu pai diz. – Conte.

Então eu falo sobre o convite de Mike/Michelle para discursar na mesa da Conferência de Saúde Trans amanhã e como Casey saindo do armário hoje me inspirou a fazer mais do que apenas blogar sobre o que tenho passado.

Meu pai afrouxa a gravata e limpa a garganta.

– Riley, não sei, não. Você estaria destruindo sua privacidade.

Olho nos olhos dele.

– Pai, passei a última semana sem sair do quarto, evitando a TV, mal entrando na internet. Nós desligamos o telefone fixo. Tem repórteres de tocaia na frente de casa. Você precisa sair escondido pelo quintal lateral e ser buscado em um carro de aluguel. Nossa "privacidade" meio que já acabou. – Ele troca um olhar sombrio com a minha mãe. Continuo antes que eles possam me interromper: – Você sempre diz que os melhores líderes descobriram uma maneira de voltar

uma situação ruim a favor deles. Quando a vida lhe dá limões, faça uma limonada. Lembra?

Fico olhando seu rosto em busca de algum sinal – e, depois de um momento, juro que ele está tentando conter um sorriso. Acho que talvez eu o tenha convencido. O rosto da minha mãe, por outro lado, está tenso de preocupação, então volto a atenção para ela.

– Acho que, se posso falar sobre esse assunto… sobre me assumir e sobre a minha situação… talvez isso me ajude a processar tudo. E dar um sentido positivo, em vez de ser apenas mais uma história triste sobre algo que aconteceu comigo.

Minha mãe solta um longo suspiro, ergue o braço como se fosse roer a unha, depois entrelaça as mãos. Continuo:

– Penso no que Bec vai dizer se eu ficar me escondendo de tudo isso. E os meus amigos na Q. Andie Gingham. Casey Reese. As cinquenta mil pessoas que seguem meu blog.

Meu pai fala:

– Sei que você se sente responsável pela sua comunidade. E isso é admirável. Mas você não deve nada a eles. Não deve nada a ninguém.

Ergo os olhos para ele.

– Eu devo isso a mim.

Finalmente, minha mãe fala, com a voz carregada de preocupação:

– É só que é muito *cedo*.

Faço que não.

– É o momento certo. A eleição, o ataque, está tudo nos noticiários. Tenho esse intervalo pequeno de tempo em que posso falar em um grande microfone. Essa é minha chance de defender outras pessoas como eu.

Minha mãe olha para mim. Seus olhos estão se umedecendo. Meu pai pousa a mão sobre a dela e pergunta:

– Sharon? O que você acha?

Ela sacode a cabeça.

– Você puxou ao seu pai, Riley.

Na manhã de sábado – o dia da conferência –, paro na frente do guarda-roupa, olhando para a paleta de roupas pretas e azuis desbotadas penduradas. A única roupa colorida é uma camiseta amarela que nunca usei, amarrotada lá no fundo.

Pela primeira vez, entendo o que minha mãe reclama tanto desde que eu era criança: meu guarda-roupa é da cor de um hematoma da semana passada.

Ela está sentada no sofá da sala lendo um dos seus prazeres secretos: um romance vagabundo de banca de jornal. Quando entro, ela tira os olhos do livro, envergonhada como uma criança que é pega assistindo a um filme proibido para menores.

– Você me assustou – ela diz, fechando o livro. – Tudo bem?

– Sim – digo. – Tudo ótimo. Só tava pensando… será que você poderia me levar pra fazer compras?

Nunca vi minha mãe entrar no carro tão rapidamente na minha vida.

Quando saímos da loja, estamos sorrindo como se tivéssemos ganhado na loteria. A roupa que escolhi, como disse minha mãe, é muito *eu*: uma camisa social branca simples com uma gravata azul – mais escura que o azul-violáceo do meu pai, mas não muito. Para a parte de baixo, escolhi um tecido tartan verde-escuro com linha azuis correndo pelo axadrezado. Chega até pouco acima do joelho e fica no meio-termo entre uma saia e um kilt. Nos pés: um par novinho de Doc Martens azuis de cano alto. O conjunto é parte punk rock, parte estudante de escola católica, parte atleta de lacrosse.

Estou adorando essa roupa. É o amor da minha vida. Quero casar e ter filhos com ela.

Solo e Bec se atrasam para me buscar para a conferência.

– Não estava conseguindo achar o Cabeça de Bala – Solo diz.

– Você já tinha ido lá – Bec diz. – E é *Buraco* de Bala.

Solo joga as mãos para o alto.

– É por isso, então. Estava procurando uma placa com uma cabeça desenhada.

– A placa tem uma cabeça desenhada, seu energúmeno. Uma cabeça com um *buraco de bala*.

Solo franze a testa.

– Você acabou de usar a palavra “energúmeno”?

– Estou revivendo o movimento de insultos clássicos.

– Não existe movimento de insultos clássicos.

– Então estou criando um.

– Ei, gente – digo –, preciso interromper. Mas, Bec, pode me deixar ir de copiloto? Não quero vomitar no Solomóvel todo. – Meu estômago já está agitado com a ideia de entrar na conferência. E, para falar a verdade, o formigamento dessa manhã não passou totalmente. Não bastasse isso, apesar da dosagem aumentada, o zumbido no fundo da minha cabeça não para de ficar mais alto. Resumindo: estou só o pó da rabiola.

Solo passa o braço em cima do colo de Bec para destrancar a porta. Ele a encara com um olhar triunfante.

– Ide embora, ó pastora de Nerf desleixada.

Bec lhe lança um olhar magoado.

– Isso nem é… quem é você? – Com cuidado, ela abre a porta do carro velho.

Ela nivelou seu cabelo desigual em um corte raspado liso que até que ficou bem nela. Está com jaqueta jeans sobre uma camiseta estampada com um unicórnio empinado brilhante. Não sei se está usando por ironia ou se é uma tentativa de equilibrar o corte novo com algo mais feminino.

Quando sai do carro, ela me olha de cima a baixo sem acreditar nos próprios olhos.

– Nossa – ela diz. – Você tá… extremamente sexy.

Enrubesço com o fogo de mil sóis.

O estacionamento está cheio quando chegamos alguns minutos depois das duas, então Solo nos deixa na frente e diz que vai nos encontrar lá dentro. Bec e eu abaixamos a cabeça contra o vento forte de outono e andamos lado a lado até a entrada.

O centro de convenções é uma estrutura de vidro gigantesca e ameaçadora do tamanho de um estádio de futebol. Quanto mais nos aproximamos das portas da frente, mais difícil fica respirar; nem consigo imaginar todas as pessoas lá dentro. Todos aqueles olhos voltados para mim. O formigamento nas minhas mãos se espalha para os braços. Faço as respirações profundas da dra. Ann – preciso enfrentar isso. Preciso estar no meu melhor hoje. É importante.

Mas as respirações não ajudam. O formigamento se espalha pelo corpo e minha visão começa a se afunilar; estou perdendo o controle. Meus pés ficam dormentes. Tropeço em uma fenda no concreto e cambaleio.

Bec me pega antes que eu caia, segurando-me pelos ombros com uma força surpreendente, dando-me firmeza. Ela me guia na direção de um círculo de

árvores na lateral; tem um banco verde de metal no centro. Meu coração está martelando no peito; minha visão, turva.

Bec não pergunta se estou bem. Não me fala que não preciso ter medo de nada. Apenas me guia para o banco, coloca a mão nas minhas costas e diz:

– Respira. – Ela segura minhas mãos e me olha nos olhos, mas não consigo me focar nela. O vento bate e divide a cobertura de árvores lá no alto. Por uma fração de segundo, o sol entra, ardendo em meus olhos, forte e furioso. Como um flash de câmera. Como uma lâmpada de poste.

Como o farol de uma caminhonete.

E, de repente, estou lá de novo. Sinto as mãos deles me segurando, sinto a pressão nas costas.

Em algum lugar ao longe, a voz de Bec diz:

– Fica aqui comigo.

Mas não consigo. Não consigo ficar. Preciso ir. Meu rosto está dormente. Meu rosto está dormente. O mundo se encolhe do tamanho de um alfinete.

Ao longe, sinto Bec apertar meus ombros. Ela me puxa para seus braços.

Sinto suas mãos nas minhas costas, me segurando, e começo a me debater, mas ela apenas me segura com mais firmeza. Luto por um momento – mas, quando vejo que ela não vai me soltar, paro. Sinto meu corpo ficar mole.

Ela me abraça. Sem forçar; me segurando. Me acalmando.

Meu coração bate mais devagar. Minha respiração fica mais regular. Meu rosto está pressionado contra o ombro de Bec. Está úmido.

Depois de um longo tempo, ela se afasta e olha para mim. Vou me focando devagar em seu rosto: orelhas pontudas, maxilar alto, nariz forte – e aqueles olhos. Aqueles olhos azuis-de-sabre-de-luz. Ela pega minha mão, acaricia a ponta dos meus dedos com os seus.

O formigamento passa.

Sinto algo no meu estômago – não o contorcer desconfortável de antes, mas um friozinho gostoso. O rosto de Bec é forte, firme. Existe preocupação em seus olhos, mas não pânico. O gelo sobe em meu estômago. Eu me aproximo. Meus olhos descem para sua boca, ela morde os lábios finos. O piercing de metal em seu lábio inferior estremece.

– Riley, é muito cedo.

– Tudo bem – sussurro.

Estou a poucos centímetros quando ela me impede com a mão no meu peito e sinto meu coração afundar no estômago. Bec vê a expressão em meu rosto e

abana a cabeça.

– Não é bem assim – ela diz.

Vergonha e confusão brotam dentro de mim.

– Não estou parando você porque não quero que a gente se beije.

Quero responder, mas não sai nenhuma palavra.

– Estou parando você porque quero que seja *assim*.

Ela pega minha mão, a coloca sobre seu coração. O dela também está batendo rápido e consigo sentir sua respiração acelerar com meu toque. E, então, ela abre aquele sorriso irônico, aperta minha mão com o punho cerrado e me puxa para um beijo.

Seus lábios são firmes. O metal de seu piercing labial é frio e sólido contra minha pele. Ela coloca a mão na minha face, acariciando minha bochecha com o polegar. Uma tontura rodopiante substitui o formigamento na minha cabeça, depois se espalha por todo o resto do meu corpo. Então, é como se um holofote de estádio se acendesse por trás das minhas pálpebras – mas é uma luz boa. Uma luz quente. E não me assusto com ela.

Ouço um som suave e nossos lábios se abrem. Bec encosta a testa na minha.

– Faz muito tempo que estou esperando por isso – ela diz.

Continuo de olhos fechados. Não quero que essa luz vá embora.

– Pensei que você curtisse mais o tipo lenhador desgrenhado. Como seu baterista.

Bec dá risada.

– Não seja besta. Não tenho um tipo. Tenho critérios.

Abro os olhos e encaro os dela.

– E eu atendo seus critérios?

– Você é os meus critérios.

Começo a responder, mas ela coloca o dedo nos meus lábios.

– Podemos conversar sobre isso mais tarde. Agora, seu público está esperando.

30

Mike/Michelle e Kanadá estão esperando por nós nas portas do salão de conferência. Kanadá chega a me levantar do chão quando me abraça e Mike/Michelle vem em seguida com um abraço mais contido. Solo e Bec me desejam boa sorte, depois vão procurar seus lugares.

Quando passamos pela porta, começa a falar:

– Riley, escuta, tem…

– Não se preocupa comigo – interrompo. – Eu me preparei bastante.

– Não duvido disso nem por um momento. Mas preciso que saiba que o salão está cheios de repórteres e fotógrafos.

– Eu sei – digo –, fui eu quem os convidou.

Mike/Michelle franze a testa. Por um momento, penso que ela vai ficar brava, mas então diz:

– Você não tem como ter chamado todos os canais de notícias da região de Los Angeles por conta própria.

Encolho os ombros.

– Não precisei. Imaginei que estavam seguindo meu blog, então só postei a hora e o local.

Kanadá joga a cabeça para trás e dá risada.

– Ora, ora. Alguém acabou de dar uma de Mike/Michelle.

Sorrio.

– Desculpa pela surpresa.

– Não precisa se desculpar – Mike/Michelle diz. – Toda atenção é bem-vinda. – Seu sorriso vacila e ela segura meu braço com carinho. – Vou fazer o possível

para manter a situação civilizada lá dentro. Mas, depois que abrir para perguntas, não vou conseguir controlá-los.

Me lembro da tempestade de repórteres na porta do hotel na semana passada – faz só uma semana aquilo? Os flashes de câmera, o ruído das vozes levantadas, a pressão dos braços e cotoveladas, os microfones enfiados na minha cara enquanto eu tentava abrir caminho. Meu coração bate na garganta só de pensar.

Alterno o olhar entre Kanadá e Mike/Michelle e caminho até as portas e as abro.

Estou olhando para um dos maiores salões de conferên-cia que já vi na vida. Dava para pousar um Boeing 747 aqui dentro – e, no entanto, um pavor claustrofóbico se insta-la dentro de mim quando quinhentas pessoas se viram em seus lugares como convidados em um casamento de celebridade. Há uma pausa enquanto repórteres e o público da conferência tentam me identificar. Finalmente, alguém grita:

– Alix!

E então os flashes começam a disparar.

Kanadá me segura por um braço, Mike/Michelle pelo outro. Os repórteres gritam perguntas enquanto abrimos caminho pelo corredor – mas existe um público legítimo também, gritando incentivos. Avisto uma pessoa de cabelo verde com um cartaz que diz: “Amamos você, Alix!”. Outra lança um colar de flores de plástico na minha direção.

O grupo todo da Q está aqui – até mesmo Morgan, usando a mesma jaqueta de aviação verde. Avisto Casey Reese também, em pé logo do outro lado do corredor. Ele faz questão de apontar para o cabelo, que modelou em um falso moicano, e me dá dois joinhas com as mãos. Sorrio.

Bec e Solo estão sentados na quinta fileira. Bec acena, mas Solo parece preocupado, meio levantado como se pudesse dar um salto para o corredor e começar a esvaziar a multidão. Então Bec o puxa de volta para o lugar dele.

Tem um palco na frente do salão com uma longa mesa de banquete e um púlpito com microfones. Assumo meu lugar entre dois outros conferencistas: um homem alto com uma camisa verde gritante e uma mulher mais velha com um rabo de cavalo grisalho e ralo. Kanadá encontra um lugar na fileira da frente e Mike/Michelle assume o púlpito.

– Boa tarde a todos e sejam bem-vindos à “Construção de Comunidades LGBTQ On-Line”. Hoje vamos explorar… – Mas ela é interrompida quando os primeiros repórteres levantam a voz.

– Riley, você acha que se assumir afetou a campanha do seu pai?

– Você se sente responsável pela…

Mike/Michelle bate o punho no púlpito, o que ressoa pelo auto-falante com um som agudo.

– Senhoras e senhores, essa é uma mesa-redonda, não uma coletiva de imprensa. Gostaria que fizessem a gentileza de guardar suas perguntas para o final.

Com o passar da mesa-redonda, luto para manter minha respiração sob controle. Toda vez que um flash dispara, levo um sobressalto na cadeira, queria ter pensado em pedir um Xanax extra para a dra. Ann. Mike/Michelle está mediando, e fico contente por ela fazer a maior parte das perguntas para os outros dois conferencistas: o homem de camisa brilhante é um lobista profissional e a mulher mais velha dirige a maior *newsletter* de gays e lésbicas dos Estados Unidos. Recebo algumas perguntas, tentando responder o melhor que posso, mas me sinto como uma criança perto desses dois especialistas mais velhos e mais qualificados. Mas, finalmente, chega a minha vez.

– Como você começou a construir sua comunidade virtual? – Mike/Michele pergunta e olha para mim como se eu tivesse algum conhecimento a compartilhar.

– Hum, meio que aconteceu por acaso – digo. Falo a sério, mas o pessoal dá uma grande gargalhada, lembrando-me vagamente do momento da “bolsa de atleta” no evento do meu pai. – Minha médica sugeriu que eu abrisse um blog anônimo como parte da terapia. E aí saiu a história de Andie Gingham, então a maior parte ficou fora do meu controle. Acho que eu só tentava falar com sinceridade e dar conselhos que queria que alguém tivesse me dado. – Mike/Michelle me abre um sorriso terno, depois os dois outros conferencistas intervém com um monte de jargões sobre otimização para mecanismos de busca e outras coisas que não entendo direito.

Faltando dez minutos – não tiro o olho do relógio do meu celular, contando os segundos –, Mike/Michelle desvia do assunto. Ela olha para os seus cartões, parece considerar, e então os coloca de lado e olha para mim.

– O que você diria para alguém que afirma que iden-tidades de gênero não binárias não existem? O que você pensa de pessoas que falam: homem ou mulher, só tem essas opções, escolha uma?

Olho de relance para o público. Alguns flashes disparam.

– Não sei – respondo. – As pessoas são complicadas. E bagunçadas. Parece muito conveniente que todos pudéssemos nos encaixar dentro de uma pergunta de múltipla escolha.

Finalmente, Mike/Michelle nos convida a fazer nossas considerações finais. A mulher da *newsletter* vai primeiro, depois o lobista de camisa brilhante, e então chega a minha vez. Com as mãos trêmulas, desdobro o papel impresso que escrevi na última madrugada. Não era para sentir tanto nervosismo – é quase um post de blog –, mas a ideia de lê-lo em voz alta faz meu rosto formigar. Enquanto leio, evito fazer contato visual e tropeço em algumas palavras, mas acho que sai razoavelmente bem.

– Queria ter alguma sabedoria abrangente para oferecer a vocês. Ou a mim. Sabem? Porque passei por muita coisa, e sofri com isso. Quero que tudo por que eu passei faça sentido. Quero que a dor tenha um significado. Quero transformá-la em outra coisa. – Olho para a multidão e encontro Bec. Seus olhos estão sérios e arregalados, e ela não os tira de mim. – Mas a verdade é que os sentimentos não mudam nada. Para mudar alguma coisa, você precisa falá-los em voz alta. Fazer coisas. Correr riscos. Tomar uma posição. – Faço uma pausa e, quando limpo a garganta, o som ecoa pelo alto-falante. – Então, é essa a posição que estou tomando: não vou mais me esconder.

O salão fica em silêncio por um segundo e, então, a multidão começa a aplaudir. Preciso secar os olhos com a manga da camisa.

Quando Mike/Michelle finalmente abre a mesa para as perguntas do público, o salão ecoa com uma cacofonia. Os jornalistas, que conseguiram manter silêncio durante os últimos trinta minutos, começam a gritar perguntas ao mesmo tempo. Mike/Michelle bate no púlpito como uma juíza de tribunal, mas eles a ignoram.

No meio de toda a gritaria, uma das portas no fundo se abre e entra um homem. Ele é alto e está usando um boné azul de beisebol sobre os óculos escuros de aviação. Evitando o corredor central, desce pela lateral do salão e encontra um lugar vazio na sexta ou sétima fileira. Olho com mais atenção e vejo que tem palavras douradas escritas no seu boné azul: é o logo da Universidade de Notre Dame.

É meu pai.

Meu coração incha no peito e não consigo impedir as lágrimas de caírem. Eu as seco rapidamente e sorrio para ele. Ele acena em resposta, depois se afunda na cadeira para disfarçar sua altura.

Olho ao redor para ver se mais alguém notou sua chegada, mas, se notaram, não parecem tê-lo reconhecido. Mike/Michelle caminha até minha cadeira e se abaixa para falar no meu ouvido:

– Devíamos acabar agora e levar você para fora daqui. Eles estão fazendo uma palhaçada. Não vão parar de berrar.

Abano a cabeça.

– Deixa que eu falo com eles.

Para a minha surpresa, Mike/Michelle assente e dá um passo para o lado. Levanto-me e vou até o púlpito.

No começo, o barulho cresce e um show de flashes estala pela minha visão. Ergo uma mão para proteger os olhos.

– Ei – digo no amontoado de microfones. – Ei, pode todo mundo se acalmar?

Devagar, o estrondo da gritaria diminui. Olho para Mike/Michelle e ela faz sinal para eu continuar. Viro e olho para as centenas de rostos agrupados no salão do tamanho de um hangar. Aqui e ali, dispara um flash. Eu me seguro nas laterais do púlpito. Olho para Morgan e o grupo dos membros da Q sentados à frente da plateia. Meus olhos passam para a presença enorme de Solo algumas cadeiras trás. Para Bec, com aquele seu sorriso irônico, seus olhos azuis ardendo em mim. Olho para meu pai, encolhido na cadeira, observando-me com atenção. Ele ergue a mão na altura do peito, depois estende o mindinho e o indicador, fazendo um chifrinho com a mão. Sorrio para ele. Depois faço uma longa respiração profunda da dra. Ann e fecho os olhos.

Para a minha surpresa, não é um vácuo negro que surge atrás dos meus olhos, mas uma luz familiar e reconfortante. Imagino um quadro negro suspenso nela. Mergulho meu pincel na luz circundante e começo a pintar, apagando a escuridão fria parte por parte, substituindo-a por uma luz forte e calorosa. Chego até o canto, até haver apenas um pedaço de preto restante…

E ergo o pincel e o pinto de branco.

Nota do autor

Eu estava a caminho de um jantar com amigos, apertado no banco de trás de um carro não tão acabado quanto o Solomóvel, quando uma pessoa do nosso grupo – vamos chamá-la de Jane – comentou sobre um processo judicial pendente no meu condado. Uma menina transgênera (designada como menino no nascimento, mas que se identifica como menina) estava processando o distrito escolar pelo direito de usar o vestiário feminino na escola. Jane nos resumiu a história e depois disse: "Deve ser só um moleque tarado tentando ver uns peitos".

Fiquei esperando algum dos meus amigos discordar – ou, pelo menos, defender a menina trans –, mas ninguém disse nada.

Acordei na manhã seguinte pensando na garota – e na outra manhã também. Então, sentei e comecei a escrever, e o que saiu foi o post de abertura do blog de Riley:

A primeira coisa que você vai querer saber sobre mim é: sou menino ou menina?

Assim que digitei a pergunta, percebi que não sabia a resposta. Então, para poupar tempo enquanto pensava, adiei a decisão sobre o gênero designado no nascimento de Riley e continuei escrevendo. Imaginei que viria a mim em algum momento – e, além disso, não achei que conseguiria escrever mais do que cinquenta páginas sem que a questão dos pronomes me obrigasse a uma ou outra opção.

Mas então algo inesperado me aconteceu. Passei a conhecer Riley não como um personagem "masculino", "feminino" ou "transgênero", mas como um ser humano – e sabia que era essa experiência que eu queria passar para os meus leitores. Então descobri, mais do que decidi, que Riley era gênero fluido e que, talvez, eu não precisasse revelar – nem mesmo saber – o gênero que lhe designaram no nascimento para poder contar a história.

Tive sérias dúvidas, porém. Não apenas sobre a plausibilidade de sustentar uma história com um "segredo" tão grande, mas sobre minha capacidade de criar de maneira autêntica alguém que estava lutando com sua identidade de gênero. No entanto, a compulsão para escrever essa história era avassaladora. E, quando

entreguei minhas primeiras cinquenta páginas para meu grupo de escrita, eles me aconselharam entusiasmadamente a continuar. Antes, no entanto, me perguntaram se fluidez de gênero “existia mesmo”.

Foi aí que soube que *precisava* escrever este livro.

Todos, nenhum: simplesmente humano levou mais de um ano de pesquisa, escrita e revisão. Tive algumas conversas importantíssimas cara a cara e li muita coisa – principalmente relatos pessoais de pessoas trans e não binárias, mas estudos acadêmicos também. Parte do que aprendi me chocou: 64% das pessoas transgêneras e não binárias nos EUA sofrem violência sexual em sua vida – 12% antes de se graduar do Ensino Médio. Quarenta e um por cento tentam o suicídio. Pessoas *genderqueer* e transgêneras têm quatro vezes mais chances de viver abaixo da linha de pobreza.

Riley passa por muita coisa nesta narrativa, mas tem a sorte de ter pais compreensivos, o apoio dos amigos, uma terapeuta profissional e uma grande rede de apoio, on-line e na vida real, de pessoas que lidam com as mesmas questões. Pouquíssimos adolescentes trans ou *genderqueer* têm essa sorte, e quase nenhum tem acesso aos tipos de recursos e plataformas midiáticas que Riley tem.

Se estiver tendo problemas com sua identidade de gênero, ansiedade ou depressão, você não está sozinho.

OBRIGADO:

A Ami por iluminar até mesmo os lugares mais sombrios para que eu pudesse ver e continuar escrevendo.

A Rachel Ekstrom por entregar meu sonho e depois ficar para me ajudar a tirar da caixa. A Kristin Rens por sua dedicação generosa e incansável em fazer deste um livro melhor e de mim um escritor melhor. A Mike/Michelle Dennis por seu tempo, dedicação e por me lembrar de quem Riley realmente é.

A Kelsey Murphy, Caroline Sun, Nellie Kurtzman, Alexei Eiskoff, Alessandra Balzer, Dronna Bray e a todo mundo na B+B/HarperCollins, por tornarem este livro possível. A Sarah Kaufman pela capa perfeita.

A Don Haus, MD; Diane Chen, PhD; Todd Harmonson; e Melanie Schlotterbeck, CMP, por me ajudarem a acertar nos detalhes. A Sean Francis, por dar realidade a Fullerton, e a Anna-Lynne Williams e Dean Dinning, pela trilha sonora.

Aos meus mentores, Cameron Thor, Barbara Deutsch, padre Coughlin e Graysen Harnwell, por me incentivarem. Aos professores que me influenciaram: Julia Crain, Heidi Burns, George Baratta, Norman Cohen, Vicki Silva, Pam Ezell, Everett Lewis e Mark Axelrod.

A Riki, por me ensinar o amor pelos livros (e, como ele sempre diz, “não usar citações demais”). À minha equipe da D&D por acreditarem e, especialmente, a Dan, por apostar em mim. A Lissa Price, por sua orientação altruísta e sua generosidade. A Brian Perry e Derek Rogers, por me tornarem um escritor melhor. A Tara Sonin, por me encontrar e insistir que eu era capaz. Aos meus irmãos, Corey e David, por todo aquele tempo no ônibus e no meu coração. A Scott Satenspiel, por ser *muito bom* (balança os braços) e estar sempre lá. A Corey, Adam e Zander, pelo apoio incondicional. A Jasmine & Pete, por me darem um lar em Nova York.

A J. K. Rowling e Stephen King, pois, sem o trabalho deles, talvez eu nunca tivesse me sentado diante do teclado depois de tanto tempo longe.

À comunidade LGBTQ por sua coragem, amor e apoio.

E a você, caro leitor, por me dar meu emprego dos sonhos. Vejo você no trabalho amanhã.

Jeff Garvin

Saiba mais

Sexo, gênero e identidade de gênero: *sexo* é biológico e se refere às diferenças anatômicas e genéticas entre as pessoas. *Gênero*, em contrapartida, é uma construção cultural que estabelece as expectativas que a sociedade tem em relação à masculinidade e à feminilidade. Por exemplo, espera-se que os homens sejam fortes e corajosos, enquanto, em oposição, espera-se das mulheres sensibilidade e delicadeza. Quando alguém não cumpre essas expectativas, corre o risco de ser reprimido pelos demais, como acontece com Riley, protagonista desta história. O gênero de uma pessoa pode ser feminino, masculino, não binário (ver **Gênero não binário**) ou simplesmente nenhum (não se identificar com nenhum gênero). O *gênero* e o *sexo* são absolutamente independentes um do outro. A *identidade de gênero* se refere à percepção que uma pessoa tem sobre seu gênero e a forma como o manifesta. Ou seja, se pertence ao gênero feminino, masculino, a um gênero não binário ou se não se identifica com nenhum destes.

Orientação sexual: atração sexual, física, romântica e/ou emocional por outras pessoas. É independente do sexo biológico e da identidade de gênero. Atualmente, essas são as orientações sexuais mais conhecidas:

Heterossexualidade: atração sexual, física, román-tica e/ou emocional por pessoas de gênero diferente do próprio.

Homossexualidade: atração sexual, física, romântica e/ou emocional por pessoas do mesmo gênero.

Bissexualidade: atração sexual, física, romântica e/ou emocional por mais de um gênero. Originalmente, referia-se apenas ao binarismo masculino/feminino, mas nas representações mais atuais compreende-se que pode incluir outros gêneros.

Demissexualidade: atração sexual que só ocorre quando foi construído um forte vínculo emocional.

Pansexualidade: atração romântica, física e sexual por muitos/quaisquer gêneros. Esse termo é cada vez mais usado à medida que as pessoas compreendem que gênero não é algo binário.

Assexualidade: não atração sexual, o que não implica a falta de atração emocional e/ou romântica (a possibilidade de se apaixonar e estabelecer um forte laço afetivo com outra pessoa).

Binarismo de gênero: modelo de representação dos gêneros que pressupõe que as pessoas pertencem a um único gênero: o feminino ou o masculino.

Gênero designado: gênero atribuído a uma pessoa em seu nascimento, de acordo com seus órgãos genitais.

Gênero fluido ou genderfluid: pessoa que se identifica gênero fluido é aquela que não pertence exclusivamente a um único gênero (modelo binário). Às vezes se identifica com o feminino, outras vezes com o masculino, e outras, ainda, com uma combinação de ambos.

Gênero não binário ou genderqueer: todas as identidades que não se enquadram no modelo binário de gênero (masculino e feminino).

Cisgênero: pessoa que se identifica com o gênero (feminino ou masculino) que lhe designaram ao nascer.

Cissexual: pessoa que se identifica com o sexo (biológico) que lhe designaram ao nascer.

Disforia de gênero: mal-estar que uma pessoa sofre ao sentir que seu sexo designado ao nascer não corresponde com sua identidade de gênero. A psiquiatria define como um transtorno de identidade de gênero, ou seja, como uma enfermidade. Por conta disso, existe um grande movimento internacional (*Stop Trans Pathologization*) que luta contra a patologização das identidades trans.

Diversidade: enfoque que celebra a pluralidade e as diferenças de identidades entre as pessoas. O objetivo é acabar com a discriminação para, dessa forma, alcançar a igualdade.

AFAB: sigla de *Assigned Female at Birth*. Trata-se de uma pessoa cujo gênero feminino lhe foi designado ao nascer.

AMAB: sigla de *Assigned Male at Birth*. Trata-se de uma pessoa cujo gênero masculino lhe foi designado ao nascer.

Genderbender: refere-se a uma pessoa que não se identifica com o modelo binário de gêneros.

Heteronormatividade: regime social, político, econômico e cultural que mantém a heterossexualidade e o modelo binário de gêneros como as únicas possibilidades. Cabe destacar que a heterossexualidade e o modelo binário de gêneros não são “naturais” (não provêm da natureza), e que foram construídos

pelo ser humano ao longo da história da humanidade.

Heterossexismo: modelo de discriminação baseado no pressuposto de que todas as pessoas são heterossexuais, e que as sexualidades e identidades que não estão dentro desta regra são anormais, patológicas e pecaminosas.

Intersexualidade: algumas pessoas nascem com anatomia reprodutiva ou sexual designada como feminina, outros designada como masculina ou ainda com uma anatomia que não se enquadra em nenhuma delas. Neste caso, trata-se de pessoas intersexuais. Antigamente, a intersexualidade era denominada *hermafroditismo* (termo não mais utilizado e considerado pejorativo pela comunidade LGBTQI).

LGBTQ: sigla que designa o conjunto de lésbicas, gays, bissexuais, trans e *queer*. Seu uso data dos anos 1990. Essa sigla pode variar, dependendo do país. Em determinados lugares se agrega a letra "I" de *intersexuais*, o "A", de *assexuais* ou simplesmente o símbolo "+" para incluir simbolicamente todas as identidades existentes ou não binárias possíveis. Lembrando que algumas pessoas rejeitam o uso da letra "Q", de *queer* (ver **Queer**).

Queer: trata-se de um termo muito difundido e utilizado para englobar as pessoas que não são heterossexuais ou que não se identificam com o modelo binário de gêneros. Do inglês, essa palavra significa *esquisito*/*estranho* e já foi bastante usada como um insulto às pessoas homossexuais e trans. Com o tempo, e com sua utilização por parte da comunidade LGBTQI, o significado tem se transformado, diminuindo a conotação ofensiva. Ainda assim, é um termo polêmico.

Os termos apresentados a seguir variam de significado de acordo com a fonte consultada, já que a maioria provém da psiquiatria e/ou medicina e algumas pessoas os consideram patologizantes e ofensivos. Assim, recorremos às definições mais aceitas e, quando necessário, incluímos alguma observação pertinente.

Trans: prefixo que engloba pessoas intersexuais, travestis e transgêneros.

Transgênero: pessoa que não se identifica com o gênero designado em seu nascimento.

Transexual: pessoa que não se identifica com o gênero nem com o sexo designado em seu nascimento. Assim, uma pessoa transexual também é transgênero, mas uma pessoa transgênero não é necessariamente transexual.

Transfobia: temor, ódio ou desprezo às pessoas trans (transgênero, transexuais, travestis).

Travesti: pessoa designada como homem ao nascer e que se veste de forma socialmente designada ao gênero feminino. Os movimentos organizados na América do Sul, em geral, consideram que se trata de pessoas que se sentem confortáveis apresentando-se socialmente como mulheres. Porém, no que se refere à identidade de gênero, não se denominam homens ou mulheres, mas simplesmente travestis – como um terceiro gênero, um não gênero ou um não binarismo.

Fontes

Campanha Internacional *Stop Trans Pathologization* (www.stp2012.info).
Centro Latino-Americano em Sexualidade e Direitos Humanos (www.clam.org.br)
Comissão Interamericana de Direitos Humanos
(www.oas.org)
Trans Student Educational Resources
(www.transstudent.org)

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opiniao@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, fev. 2017

fonte Chaparral Pro 12/15,5 pt; Dharma Gothic M Bold 64 pt